

ALEXANDRINO MONTEIRO S.J.

O

HOMEM

DE

DEUS



MENSAGEIRO DA FÉ



P. ALEXANDRINO MONTEIRO, S. J.

O HOMEM DE DEUS

Conferências para o Clero

1953

Editora MENSAGEIRO DA FÉ Ltda.
Caixa Postal, 708 Salvador-Bahia

PODE IMPRIMIR-SE

P. Pedro de Melo,
Vice-Provincial dos Jesuitas do Norte do Brasil
22 de Março de 1953.

NIHIL OBSTAT

Frei Osvaldo Linn, ofm.
Censor Diocesano
Salvador — Bahia, 12 de Maio de 1953

IMPRIMATUR

† **Antonio, B. A. e V. G.**
Salvador — Bahia, 12 de Maio de 1953

Advertência

Ainda que dediquei as Conferências seguintes ao Clero, aplicam-se também a Religiosos e Religiosas, a Seminaristas e Escolas Apostólicas, a seculares, a todas as pessoas, enfim, que tendem à perfeição.

Como as ditas Conferências são dedicadas ao Clero conhecedor da língua latina, inseri no texto várias citações bíblicas, que ajudam a autorizar as sentenças em língua vernácula e são de fácil inteligência.

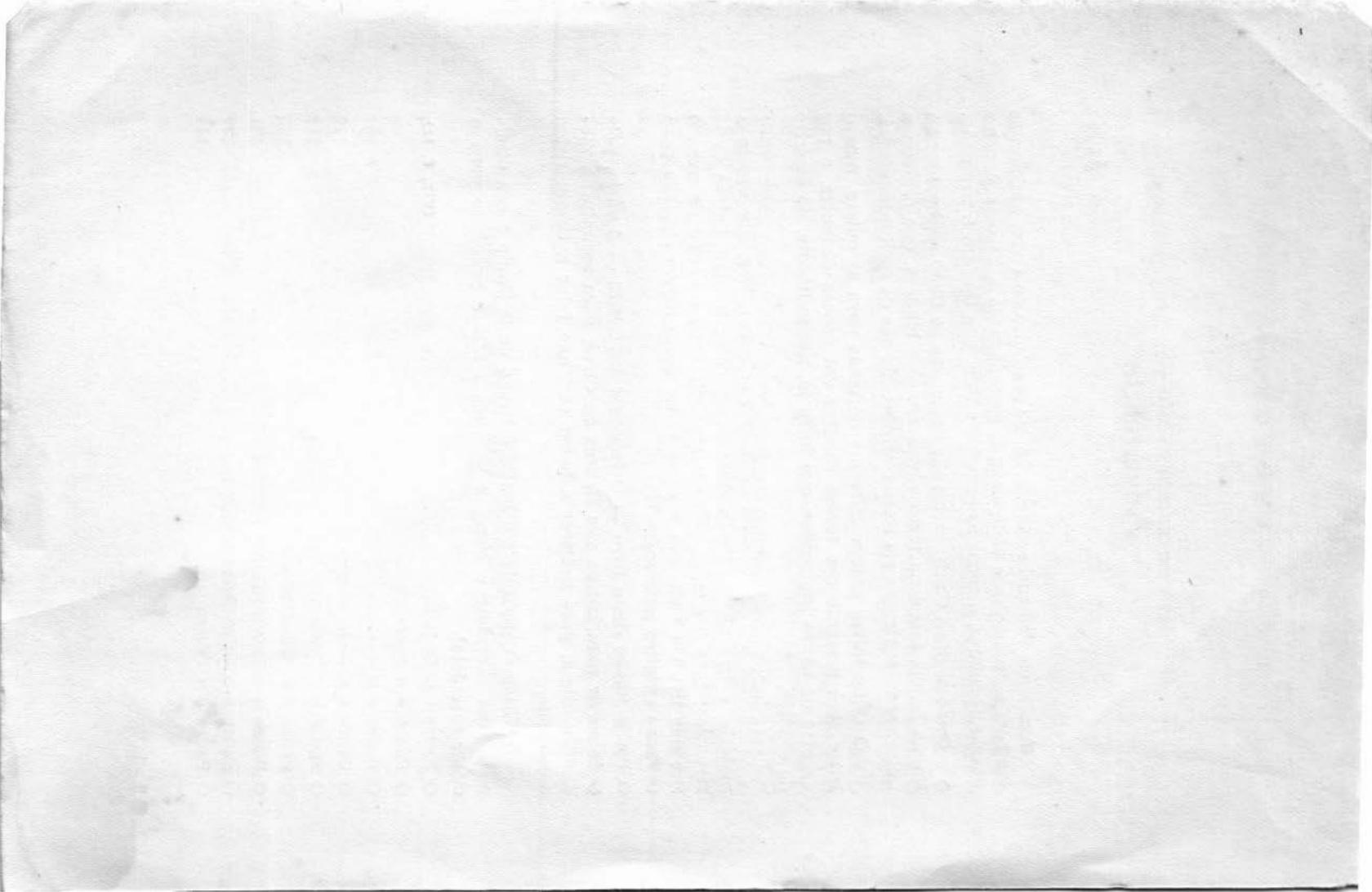
O estilo talvez pareça diferente de umas para as outras, mas o leitor terá presente que foram escritas em épocas distantes, e por debaixo de várias impressões, que influem, naturalmente, no espírito do escritor.

Não digo que O HOMEM DE DEUS seja um livro, que esgote a matéria, e que não se lhe possam acrescentar muitas outras Conferências; mas o que fica dito nesta Coletânea é suficiente para o fim que tive em vista, que é oferecer ao Clero algum subsídio para os dias de Retiro espiritual.

A utilidade deste livro — O HOMEM DE DEUS — é vária, pois pode servir para leitura nos Retiros ao Clero, para assunto da meditação diária, para práticas a quem tem que falar a Seminaristas e colegiais.

O Título O HOMEM DE DEUS é tirado de S. Paulo a seu discípulo Tito, sacerdote e bispo, e por isso muito a propósito para a classe sacerdotal.

(Tit., 6, 11)



Í N D I C E

I. O Padre no cumprimento dos seus deveres

	Págs.
Dignidade do Sacerdócio	11
A Missa	18
O Padre na Preparação para a Missa	22
O Padre em ação de graças	26
O Padre e o Breviário	30
O Padre e o Genuflexório	33
O Padre no Confessionário	37
O Padre no Púlpito	42
O Padre instruído	45
O Padre Diretor espiritual	49
O Padre e o bom Exemplo	53
O Padre organizador	57
O Padre e o Apostolado social	65
O Padre em sua casa	72
O Padre apóstolo pelo sacrifício	74
O Padre Pastor das almas	80
O Padre extremista	86

II. O Padre na luta contra os vícios

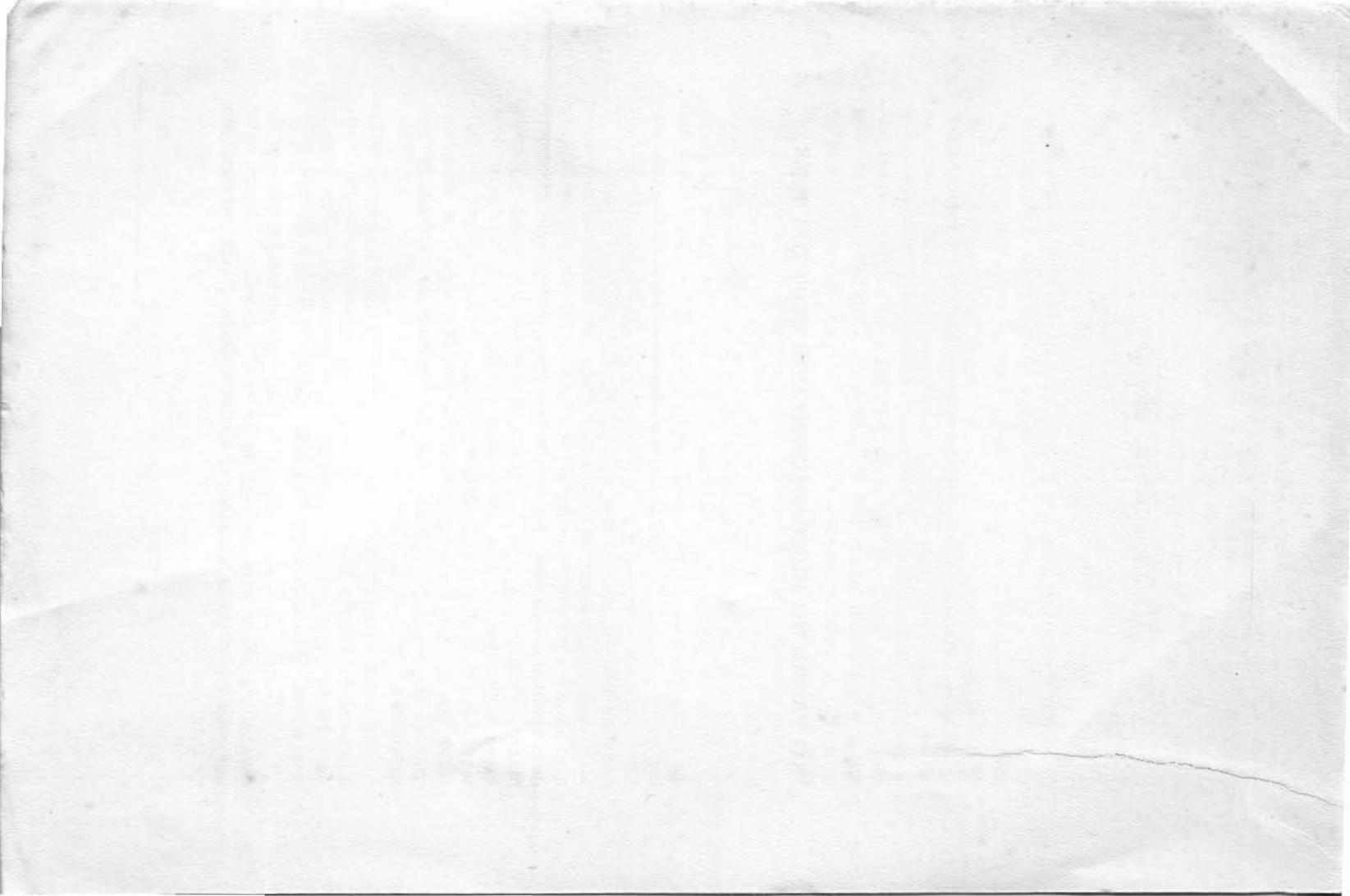
O Padre e o Orgulho	93
O Padre e a Preguiça	99
O Padre e a Avareza	107
O Padre e a Gula	112
O Padre e o Desânimo	118
O Padre e a Maledicência	125
O Padre e a Imodéstia nos olhares	131
O Padre e o Juízo Temerário	139
O Padre e a Cólera	144

III. O Padre no Exercício das virtudes

	Págs.
O Padre Apóstolo pelo Zelo	155
O Padre Apóstolo pela Caridade	160
O Padre soldado de Cristo	165
O Padre e a Sabriedade	170
O Padre Apóstolo pela Eucaristia	176
O Padre santificado pela Eucaristia	181
O Padre Imitador de Cristo	186
O Padre e o Coração de Jesus	189
O Padre e o culto de Maria	194
O Padre e a devoção do Rosário	201
O Padre e S. José	208
O Padre e o Purgatório	214
O Padre com vistas ao futuro	220
O Padre e o "Consummatum est"	226

I

O PADRE NO CUMPRIMENTO DOS SEUS DEVERES



Dignidade do sacerdote

Antes de iniciar as Conferências, que se vão seguir, julgo conveniente apresentar alguns dados sobre a dignidade do sacerdote, que vou resumir da Encíclica do Santo Padre Pio XI sobre o Sacerdócio Católico.

O gênero humano sentiu sempre a necessidade de ter sacerdotes, isto é, homens que, por missão oficial a eles confiada, fossem os medianeiros entre Deus e os homens e inteiramente consagrados a essa mediação. Eram deputados para oferecerem a Deus orações públicas e sacrifícios em nome da sociedade, que, por sua vez, tem obrigação de reconhecer em Deus o seu Supremo Senhor, o seu princípio e último fim.

Em todos os povos antigos encontram-se sacerdotes, se bem que a serviço de falsas divindades, e onde quer que se levanta um altar, lá surge logo um sacerdote para oferecer a Deus sacrifícios pelo povo.

Onde ele, porém, reveste o esplendor de sua dignidade é na época da divina Revelação, em que é figurado por Melquisedec, rei e sacerdote de Salém. O sacerdócio foi, no povo hebreu, escolhido por Deus para difundir a luz e a fé no futuro Messias. O templo de Salomão não foi unicamente levantado para ser o tabernáculo da Majestade divina sobre a Terra, mas para ser um altíssimo poema cantado em louvor daquele sacrifício e daquele sacerdócio, que, apesar de ser sombra e símbolo, encerrava tão alto mistério, que Alexandre Magno, vencedor, chegou a inclinar-se reverente perante a pessoa sagrada do sumo pontífice. Deus para mostrar o respeito que se deve ter ao seu sacerdócio, desfechou sua cólera contra o ímpio rei Baltazar por ter profanado, em suas voluptuosas orgias, os vasos sagrados do templo de Jerusalém, destinados aos sacrifícios dos sacerdotes.

Entretanto, aquele antigo sacerdócio recebia toda a sua majestade e grandeza da representação que era do sumo sacerdote Jesus Cristo, que ofereceu o sacrifício do seu corpo e do seu sangue na ara da cruz e instituiu o sacerdócio cristão na pessoa de seus Apóstolos.

O Apóstolo das Gentes resume em dois traços esculturais a grandeza, a dignidade e os deveres do sacerdote católico: "Assim todos nos considerem como Ministros de Cristo e Dispenseiros dos mistérios de Deus". (I Cor., 4, I)

O sacerdote, como Ministro de Jesus Cristo, está incumbido de continuar a obra redentora consumada no Calvário e perpetuada pelo sacrifício do altar até à consumação dos séculos.

Cristo instituiu o sacrifício e o sacerdócio da Nova Aliança. Ofereceu-se, uma só vez, na ara da cruz ao Pai a fim de operar uma Redenção eterna; mas como o seu sacerdócio não devia extinguir-se com a sua morte, quis legar à sua Igreja um sacerdócio e um sacrifício visível, como requer a natureza dos homens, que perpetuasse o sacrifício cruento e permanecesse a lembrança perpétua da remissão dos pecados no sacrifício da Eucaristia.

Para isso, Cristo ofereceu a Deus o sacrifício de seu corpo e sangue sob as aparências de pão e vinho, dando, realmente, a comer aquele corpo e a beber aquele sangue divino aos Apóstolos, a quem constituiu então sacerdotes do Novo Testamento com as palavras: "Fazei isto em minha memória".

Desde então os Apóstolos e os seus sucessores no sacerdócio começaram a elevar ao céu aquela oblação pura predita por Malaquias e que é agora oferecida em todo o mundo, em cada hora do dia e da noite, e se continuará oferecendo até ao fim dos tempos.

Donde aparece a grandeza inigualável do sacerdócio católico, que tem o sublime poder sobre o corpo do Salvador, tornando-o presente sobre nossos altares e oferecendo-o em nome de Cristo mesmo como vítima de valor infinito e sumamente agradável à divina Majestade.

Além de operar, como Ministro, sobre o corpo de Jesus, o sacerdote recebeu também o poder sobre o corpo místico, que são os fiéis, e se tornou o Dispenseiro dos mistérios de Deus.

O cristão encontra, de fato, nos passos mais críticos de sua vida, o sacerdote a dispensar-lhe os tesouros da vida sobrenatural da graça. Apenas nasce, o sacerdote o regenera nas águas do batismo e lhe infunde a vida sobrenatural da graça, que o faz filho de Deus e membro da Igreja de Jesus Cristo.

Pouco depois o fortifica para a luta contra as tentações unindo-o com o santo Crisma. Apenas chega a discernir o pão eucarístico do pão ordinário, alimenta-o com o corpo de Cristo. Se tem a infelicidade de cair em culpa grave, levanta-o e restitui-lhe a vida da graça no sacramento da penitência. Chegando à idade adulta e Deus o chama a constituir família, o sacerdote lhe abençoa as núpcias e lhe batiza os filhos. Quando a eternidade se aproxima com a última enfermidade, o sacerdote o visita e o prepara com os últimos sacramentos para aparecer diante de Deus. Depois de morto, encomenda-lhe o cadáver e o acompanha à sepultura com as últimas orações da Igreja. Finalmente, segue-o através do além até o meter no Céu com as missas de sufrágio.

Onde, porém, o sacerdote mais se apresenta como Dispensador dos divinos mistérios, é no confessorário. O poder de perdoar pecados não o deu Cristo nem aos anjos nem aos arcanjos, mas unicamente aos seus Apóstolos e aos seus sucessores: "A quem perdoardes os pecados serão perdoados, e a quem os não perdoardes não lhe serão perdoados". (Jo 20, 21)

E este poder era tão elevado, que a mesma soberba humana não podia compreender que fosse possível ser comunicado ao homem. Por isso, os fariseus, ao ouvir Jesus perdoar os pecados ao paralisado, diziam escandalizados: "Quem pode perdoar os pecados senão Deus?" (Luc 5, 24)

Mas precisamente o Homem Deus quis deixar em sua Igreja este poder confiado aos sacerdotes para assegurar aos fiéis a tranquilidade de suas consciências restituindo-lhes a graça santificante perdida pelo pecado. É pois sumamente confortante para o homem delinquente e atormentado pelo remorso ouvir a palavra do Ministro de Deus, que lhe diz com toda a autoridade: "Eu te absolvo dos teus pecados".

E mais o conforta ouvi-lo da boca de um que, por sua vez, precisará de que outro sacerdote o reconcilie com Deus.

E todos estes poderes não são nele transitórios, mas estáveis e perpétuos, porque estão unidos ao caráter indelével da Ordem, que faz do Padre um Sacerdote eterno — SACERDOS IN AETERNUM. (Sal. 119)

O Padre é também Dispensador dos mistérios de Deus pela PALAVRA. Este direito foi-lhe dado em absoluto sem restrição de tempo e lugar, e inalienável e imprescindível, no ministério apostólico. Foi-lhe imposto solenemente por Cristo antes de subir ao Céu: "Ide e pregai o Evangelho a toda a criatura". (Mc 16, 15)

A Igreja é a depositária infalível da divina revelação. Por meio dos seus sacerdotes derrama os tesouros das verdades celestes nas inteligências dos fiéis, espalha com profusão aquela semente, pequena e desprezível aos olhos do mundo, mas que, semelhante ao grão de mostarda do Evangelho, tem em si a virtude de lançar raízes sólidas e profundas nos corações mais sáfaros e impedernidos.

No meio das obscuridades dos espíritos invadidos pelos erros de doutrinas falsas sobre o dogma e a moral, a Igreja avulta como farol luminoso, que indica a rota que se deve seguir através do revolto mar das heresias.

Que enorme infelicidade seria, se este farol viesse, não dizemos a extinguir-se, o que é impossível em vista das promessas infalíveis do Salvador, mas a enfraquecer a sua luz e a projetá-la raramente e sem a viveza de seus benéficos raios?... E se não desceu mais baixo o nível das falsas teorias dos pseudo-filósofos e se não con-

sumou ainda a banca-rota de toda a moral, é porque a Igreja continua exercendo pelo sacerdócio católico o insubstituível ministério da palavra.

A palavra do sacerdote, quando é temperada na frágua do Coração de Cristo, inflama as almas no fogo da caridade, e paira impávida e serena no turbilhão das paixões e, sem se acobardar perante a seleta e elevada categoria dos assistentes, esvurma os vícios mais hediondos e propõe as verdades do Evangelho em toda a sua perfeição e sublimidade.

Se ainda se não apagou de todo a fé no meio de nosso povo, é devido ao sacerdote que, empunhando o montante da palavra de Deus, fala aos homens da fugacidade dos bens da terra, da inconsistência das riquezas, da vaidade das modas e do luxo, contrapondo a imortalidade da alma e a severidade dos juízos de Deus à materialidade dos gozos terrenos e à infração dos preceitos divinos.

O sacerdote é também o Intercessor público e oficial da humanidade junto de Deus. Para isso recebeu o mandato e o cargo de oferecer em nome da Igreja não só o sacrifício propriamente dito da santa Missa, mas também o sacrifício de louvor pela recitação do Breviário. Para ter uma ideia da excelência desta oração basta saber que foi composta pela Igreja servindo-se dos Salmos, de trechos escolhidos da sagrada Escritura, de preces, hinos e homílias dos Santos Padres, que formam o mais belo e completo eucolégio litúrgico.

Cada dia, o sacerdote rende a Deus este tributo de louvor e oração, hoje tão precisa para impetrar do Céu as graças de que tanto necessita a sociedade atual. A ira de Deus deve estar exasperada pelos enormes pecados, que se cometem no mundo. Quem pode enumerar quantos castigos tem a oração sacerdotal afastado do meio dos homens e quantos benefícios tem obtido para toda a cristandade!

Se a oração particular tem tanta eficácia, segundo a promessa de Jesus Cristo, quanto mais poderosa será a oração feita — *ex officio* — em nome da Igreja e imposta por divino preceito?...

É, de fato, sublime a dignidade do sacerdote, mas ficaria obscurecida, se não andasse unida a uma santidade de vida, que correspondesse a tanta sublimidade. O sacerdote é o Medianeiro entre Deus e o homem. Ora, sendo Jesus Cristo o único medianeiro, o sacerdote deve aproximar-se quanto possível da perfeição d'Aquele de quem é representante oficial. "Em se tornando (os ordinandos) medianeiros entre Deus e o povo, diz S. Tomás, devem resplandecer pela pureza de consciência diante de Deus, e pela boa fama diante dos homens". (Sum. Theol. Supl. 9, 36 a. I.)

No Antigo Testamento já Deus tinha imposto aos seus sacerdotes: "Sejam santos, porque também Eu sou santo". (Levit. 21, 8) E o

sapientíssimo rei Salomão, no cântico da dedicação do templo, pede precisamente isto mesmo para os filhos de Arão: "Revistam-se os teus sacerdotes de justiça". (Sal. 131, 9)

Se tanta perfeição e santidade se requeria naqueles sacerdotes, que sacrificavam ovelhas e bois, que santidade se não deve exigir daqueles sacerdotes que sacrificam o Cordeiro divino ?

O sacrifício eucarístico, no qual se imola a Vítima imaculada, que tira os pecados do mundo, em modo particular exige que o sacerdote, por meio duma vida santa e intemerata, se torne o menos indigno possível de oferecer, cada dia, ao Eterno Pai aquela santa e imaculada Hóstia. "Considerai o que fazeis, imitai o que tratais", diz a Igreja pela boca do bispo na ordenação do diácono.

Além disto, o sacerdote é o distribuidor da graça de Deus por meio dos sacramentos. Ora, seria muito desonroso para o sacerdote, se estivesse privado daquela graça e santidade, que distribui aos fiéis.

Ele tem por ofício ensinar as verdades da fé e ser a luz do mundo e o sal da terra: ora, nunca a verdade religiosa é tão eficazmente ensinada, como quando é acompanhada pelo exemplo duma vida santa e irrepreensível. Porque, como diz o rifão, "As palavras movem, mas os exemplos arrastam". E S. Gregório dá a razão disto: "Mais facilmente penetra na mente dos ouvintes a voz do pregador, quando mostra com o exemplo o que prega com a palavra". As turbas aclamavam a Nosso Senhor não tanto pelo bem como falava, quanto pelo bem que praticava.

Um pregador que se não esforce por confirmar com o exemplo da vida a doutrina que prega, destroi por um lado o que por outro edifica. Ao contrário, Deus abençoa os trabalhos dos pregadores do Evangelho, que primeiro atendem à própria santificação do que a conquistar a láurea de bom pregador.

Todos os sacerdotes, que se dão ao ministério da pregação, devem evitar que deles diga Cristo o que disse dos escribas e fariseus: "Na cadeira de Moisés sentaram-se os escribas e fariseus, observai e fazei tudo que vos disserem, mas não façais segundo suas obras". (Mt 23, 2)

Seria um erro gravíssimo, se o sacerdote, impellido por um falso zelo, negligenciasse a própria santificação para se imiscuir em obras aliás boas, mas estranhas ao ministério sacerdotal. Se assim procedesse, poria em risco a sua própria salvação, como para si temia o Apóstolo S. Paulo: "Castigo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que não suceda que, tendo eu pregado aos outros, eu mesmo me condene". (I Cor., 9, 27)

Finalmente, tendo sido dito a todos os cristãos: "Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" com quanta maior razão devem os sacerdotes considerar como ditas a si estas palavras do divino

Mestre?... Por isso, a Igreja inculca abertamente a todos os clérigos a que levem uma vida interna e externamente mais santa que os leigos e que sirvam a estes de exemplo na virtude e boas obras.

A santidade tem por associadas todas as virtudes, entre as quais devem resplandecer, de um modo particular, uma sólida piedade, uma pureza angélica, uma pobreza apostólica e um zelo sacrificado.

A PIEDADE, sendo útil para tudo, como diz S. Paulo — *Pietas ad omnia utilis* — é-o sobretudo para o sacerdote exercer, com fruto, o seu ministério. Sem a tintura da piedade as práticas mais santas, os ritos mais augustos, as preces mais elevadas ficarão como imagens descoradas sem brilho e sem valor. Serão atos executados mecanicamente por hábito e rotina, sem o espírito e a unção, que eleva as almas a Deus.

A nossa piedade, porém, não deve fundar-se em sentimentalismos piegas, em exterioridades de beatério mulheril, mas na razão iluminada pela fé, em princípios de doutrina segura, formada por sólidas convicções, que se não deixam abalar por contrariedades nem enganos do mau espírito.

A piedade do sacerdote deve distinguir-se nas relações íntimas e afetivas para com Deus Pai, para com Jesus Cristo e para com a santíssima Virgem, sem excluir nenhum dos outros Santos, que a Igreja honra e invoca com cultos especiais.

É, sobretudo, no culto da sagrada Eucaristia que mais deve aparecer a piedade do sacerdote, visto ser ela o centro de toda a vida religiosa. Por isso, é na Missa que o sacerdote está mais em foco e é observado pelos fiéis no modo respeitoso, recolhido e devoto como a celebra.

Outro objeto da piedade sacerdotal é o culto do Sagrado Coração de Jesus, em que deve ser exímio todo o Padre, que aspira à perfeição e se ocupa do cultivo das almas.

Intimamente unida à piedade está a CASTIDADE, a cuja observância perfeita e total estão obrigados os clérigos da Igreja Latina constituídos nas Ordens Maiores. A transgressão desta lei acarretaria para o clérigo um pecado gravíssimo de sacrilégio. (Can. 132, 1)

E se tal lei não obriga, em todo o seu rigor, os clérigos das Igrejas Orientais, contudo o celibato eclesiástico é tido, entre eles, em grande honra e apreço, e, em certos casos, especialmente para os graus supremos da Jerarquia, é requisito necessário e obrigatório.

O nexó entre esta virtude e o sacerdócio compreende-se até mesmo à luz da razão. Deus é espírito, e por conseguinte quem se consagra ao seu serviço deve viver a vida do espírito e esquecer a vida do corpo.

Os antigos romanos viram esta conveniência, que traduziram nesta brevíssima lei: "Aproxima-te dos deuses castamente".

No Antigo Testamento foi por Moisés imposto a Arão e seus filhos, que não saíssem do tabernáculo durante os dias que durava a sua consagração sacerdotal, para os obrigar à guarda da continência. (Lev. 8, 33-35)

Convinha, porém, ao sacerdócio cristão, tão superior ao antigo, uma pureza muito mais perfeita. De fato, a lei do celibato eclesiástico, cujo primeiro esboço escrito data do Concílio de Elvira no fim do século IV, não faz senão dar força de lei a uma exigência moral, que brota do Evangelho e da pregação apostólica.

A grande estima, que Jesus teve pela castidade, mostrou-a, exaltando esta virtude como superior à capacidade humana — *Non omnes capiunt hoc verbum* — Filho de Mãe Virgem, Jesus teve sempre uma grande predileção pelas almas puras, como S. José, S. João Batista, S. João Evangelista e os meninos.

S. Paulo exaltou os inestimáveis frutos da virgindade, quando se alia a um mais assíduo serviço de Deus, qual é o do sacerdote. (1 Cor., 7, 32)

Tudo isto concorreu para que os sacerdotes da Nova Lei sentissem um atrativo celeste para esta virtude e procurassem pertencer ao número daqueles “aos quais foi concedido compreender esta palavra” (Mt 19, 11)

Para mais se assemelharem ao seu divino Mestre, voluntariamente se impuseram a obrigação de guardar a gravíssima lei do celibato eclesiástico sancionada para toda a Igreja Latina.

Não menos que na castidade deve o sacerdote católico assinalar-se na POBREZA APOSTÓLICA e no desprendimento das coisas deste mundo. No meio duma sociedade corrompida, onde tudo se vende e tudo se compra, importa ao sacerdote viver isento de todo o egoísmo e vil cobiça dos bens terrenos, procurando unicamente as almas não por dinheiro, mas pelo puro amor de Deus.

Ainda que não é vedado aceitar o sustento conveniente conforme o Evangelho, contudo terá por sua única recompensa, a que Jesus prometeu aos seus Apóstolos: “A vossa recompensa é muito grande no Céu”. (Mt 5, 12) Ai! do sacerdote, que se mostra dominado pelo “lucro sórdido”, *Non turpis lucri cupidum*. (Tit., 1, 7) e procura, como os mundanos, os seus interesses e não os de Jesus Cristo.

A nódoa seria maior, se, pelo amor ao dinheiro, se pusesse em contradição com as palavras do Evangelho: “Não entesoureis na terra, onde a ferrugem e a traça tudo destrói, mas entesourai no céu”. (Mt 6, 19) Se Judas, um dos doze, foi arrastado ao abismo da iniquidade precisamente pela cobiça do dinheiro, todos vêem como esse vício pode levar outros muitos a igual ruína.

A cobiça, que é chamada pelo Espírito Santo “raiz de todos os males”, pode arrastar a qualquer crime, e ainda que não chegue a

tanto, pode infeccionar o sacerdote e levá-lo, cego por tal paixão, a fazer causa comum com os inimigos de Deus e a cooperar com eles em seus iníquos planos.

Ao contrário, o desinteresse do sacerdote concilia a si todos os ânimos, sobretudo quando vêem que esse desinteresse vai refletir-se no pobre ou nalguma obra social.

Como coroa das virtudes, que devem exornar a fronte encanecida do sacerdote, vem o ZELO das almas. Este deve ser tal que chegue a devorar o sacerdote como devorou a Jesus Cristo, quando com um azorrague expulsou do templo os seus profanadores. Deve impeli-lo para o meio das multidões a fundar obras sociais, que regenerem a sociedade e engrossem as fileiras do exército de Cristo.

Este zelo deve fazê-lo esquecer as próprias comodidades, e até a própria pessoa, a saúde e a vida para salvar um operário, converter um pecador, confessar um moribundo.

Este zelo deve levar o sacerdote a meter-se com os ateus, com os protestantes, com os hereges, com todos que estão separados da Igreja, para os reduzir ao redil do bom Pastor, e dizer com Ele: "Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco, e importa que eu as pastoreie" (Jo 10, 16)

Este zelo deve o sacerdote auferi-lo daquele "Sitio", com que Jesus Cristo no Calvário sentiu ânsias de mais sofrer e manifestou a sua sêde de salvar almas, muitas almas, o mundo inteiro.

Para terminar, dir-vos-ei como o Apóstolo das Gentes: "Considerai a vossa vocação". (1 Cor., 1, 26) Esta consideração vos fará apreciar melhor aquela graça, que vos foi dada na sagrada ordenação e vos fará andar sempre de um modo digno da vocação, a que fostes chamados.

A Missa

A Missa! Ponto central da vida do Padre. Para ela vão todos os seus pensamentos... Dela aufere todas as luzes para a sua vida apostólica... Nela encontra todas as forças para superar as dificuldades do seu ministério.

A Missa!... Centro primacial do culto católico. Na torre, o sino convoca os fiéis. As casas despovoam-se. As ruas e praças movimentam-se. O recinto sagrado enche-se de crentes. Todos de joelhos... Terços na mão... Registam-se os Missais... Acendem-se as luzes. O Padre

reveste-se na sacristia... Soa a última chamada e o Sacerdote precedido dos acólitos em batinas cardialinas e roquetes de cambráia, entra no templo silencioso... O órgão rompe num prelúdio majestoso e saúda a entrada da Missa... Todos genufletem... vai começar o augustíssimo sacrifício de nossos altares.

O Padre no altar é o verdadeiro **HOMEM DE DEUS**. Identifica-se com Jesus Cristo, que é o único sacrificador e a única Vítima. Reveste o supremo poder, que na terra foi concedido aos homens; o poder de operar a transubstanciação do pão no Corpo e do vinho no Sangue de Cristo. Os anjos descem do céu e assistem reverentes a todo o desenrolar do sagrado mistério.

As Orações litúrgicas sobem como ondas de incenso até ao trono de Deus, e sobre a respeitosa assembleia baixam as graças impe-tradas pela voz autêntica do sacerdote. Segue-se a leitura bíblica e o Evangelho, que o celebrante, em breves palavras, explica ao povo.

Prosseguem as cerimônias. Ouve-se um motete em rigorosa música sacra, que eleva os fiéis, os transporta às harmonias do paraíso. De repente, faz-se silêncio no coro. Vai começar o Prefácio num diálogo sublime, que o celebrante estabelece com os assistentes representados pelos acólitos: "Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos!" E a multidão ajoelha penetrada da grandeza de Deus.

Entra-se no Cânone da Missa, que é a parte culminante do sacrossanto mistério. Agora nem a voz do sacerdote se ouve. Silêncio profundo!... O Órgão melodia alguma ária em surdina. Um leve sinal da campainha-carrilhão lembra a proximidade do ato da consagração.

O Padre inclina-se sobre o altar com a sagrada Hóstia nas mãos... O céu abre-se de par em par e Jesus desce e transforma a sagrada oferenda em seu Corpo e em seu Sangue, quando o sacerdote pronuncia sobre o pão e o vinho as palavras miríficas da consagração.

Está consumado o sacrifício!... Está imolada ao Altíssimo a Vítima imaculada, o Cordeiro sem mancha, que tira os pecados do mundo. A morte mística de Jesus Cristo é realizada pela separação das duas espécies em virtude das palavras consagratórias.

Estamos em presença do Calvário, em que Jesus, o Filho de Deus, se oferece ao Eterno Pai e morre pela Redenção do mundo. Temos renovada diante de nossos olhos a Paixão do Salvador... O momento é soleníssimo. As campainhas tilintam, os sinos repicam alegremente, os tubos do órgão emitem sons festivos, a religiosa plateia cai de joelhos, de comoção e reverência.

É o Padre no auge do seu poder. O que ele realizou só Deus o pode realizar. Fazer Deus baixar do céu sobre o altar, ter nas mãos o corpo santíssimo de Jesus, que maior dignidade pode haver na terra e no céu?... Quem é dos anjos que se arroga tal poder?...

A mesma Virgem puríssima deu-nos, uma vez, o Filho de Deus, mas não O pode reproduzir com um novo "fiat".

E a Missa prossegue com o máximo recolhimento.

A voz do Padre faz-se ouvir de novo. É o fim do Cântone e começa a preparação para a Comunhão. Em tom solene, ouve-se o Sacerdote com a voz distinta entoar o "Padre Nosso", oração típica, em que pede a Deus Pai para si e para nós o pão nosso de cada dia.

Agora são tudo orações e atos de humildade, de amor e de perdão para os fiéis se aproximarem do sagrado ágape, como parte integrante do sacrificio. O momento é empolgante!... De todos os lados se levantam os comungantes e se aproximam com as mãos cruzadas ante o peito, os olhos baixos, o rosto inclinado, numa atitude de fé e amor, de pureza e humildade, que revelam a candura das consciências.

A mesa do Pai de família enche-se uma, duas... centenas de vezes. E o sacerdote emocionado com os olhos marejados de lágrimas distribui aos homens o Pão dos anjos. — "O Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo guarde a tua alma para a vida eterna". — E os participantes do pão eucarístico retiram-se com o coração inundado de alegria.

O' como é bela a liturgia da Igreja!... Como a Missa é verdadeiramente o centro de vida católica! E quem preside a todo este movimento de fé e catolicismo é o Padre revestido do seu poder sacerdotal.

E com este ato de *comum união* de todos os membros do Corpo místico de Cristo termina o Sacerdote a santa Missa. Ainda uma bênção geral, que o Padre implora de Deus Onipotente e dá a todos os assistentes, a igreja começa a esvaziar-se e cada um procura a sua casa retemperado com o conforto da religião e com mais firme esperança na vida futura.

Esta a Missa *dita*. Agora a Missa *entendida*.

Para tirar da Missa todo o fruto, que ela encerra, é mister penetrar o seu sentido místico e teológico. O Padre, que celebra a Missa, entra no "Sancta Sanctorum" do mistério e fica como que envolto na nuvem do Sinai. Parece estar fora do mundo e em contacto com a Divindade.

Mas não é ele só que está ao altar: é ele e Jesus Cristo. Jesus, o sacrificador principal, ele o seu representante. Jesus Cristo para ser completo deve compreender a cabeça e os membros. Ora, Jesus é assim completo que se oferece ao Pai. Ficar fora da oblação é mutilar Jesus Cristo, segundo a enérgica expressão de Bossuet.

O Padre, quando na Missa reza o — "*Supplices*" — diz: "Nós Vos pedimos, ó Deus, que mandeis que estas coisas sejam levadas ao vosso altar sublime..." Estas coisas, nota o exímio Prelado, são verdadei-

ramente o corpo e o sangue de Jesus Cristo com todos que fazemos parte do seu corpo místico, sem excluir o sacerdote, e tudo isto junto compõe uma só oblação.

O Padre não pode separar a sua oblação da de Cristo, pois está compreendido em Cristo total. Oferecendo Jesus ao Pai, oferece-se a si mesmo e fica sendo uma vítima consagrada ao serviço do Pai. Não é mais seu, nem da sua vontade, nem dos seus interesses, nem da carne e sangue, nem da família, mas só de Cristo — *vos autem Christi*. (1 Cor., 3, 23)

O Padre, que diz a sua Missa, representa a Cristo na cruz, fica sendo uma vítima pelos pecados do mundo, um crucificado sem movimento, sem liberdade, sem conforto, unicamente entregue a Deus para que faça, dele tudo que Lhe aprouver.

Mas como a Missa não é só para ele, mas também para os fiéis, é preciso que estes se juntem a ele na oblação, que de si faz a Deus, e se façam vítima pelos pecados do mundo.

Jesus Cristo mereceu infinitamente com a sua morte de cruz; mas para que seus merecimentos cheguem às almas é preciso o concurso dos nossos. Cristo realizou a parte principal, mas não toda. A cada um de nós pertence completá-la. A obra do Salvador não basta senão àquele que a completa por sua própria conta. Jesus é o sacerdote principal, nós os sacerdotes secundários; Jesus vítima principal, nós vítima secundária; mas Jesus e nós, sacerdote completo, vítima completa.

A atitude constante de Jesus Cristo diante de seu Pai é oferecer-se e oferecer-nos; a atitude por conseguinte do Padre diante de Jesus é de oferecê-LO a Ele e de se oferecer a si, com Ele, ao Pai.

Nisto consiste a Missa. Assim o entendia S. João Eudes em uma elevação a Jesus: “Ó meu Salvador, em honra e união da oblação e do sacrificio, que fazeis de Vós mesmo a vosso Pai, eu me ofereço a Vós para ser sempre uma hóstia cruenta da vossa vontade, uma vítima imolada à vossa glória e à glória de vosso Pai” (*Plus, Em Cristo Jesus*, p. 210 - 212)

Além de ser assim entendida, a Missa deve ser também *vivida*.

Depois do que temos dito, ninguém melhor que o sacerdote, que celebrou a sua Missa com entendimento, tem direito a usar das palavras de S. Paulo: “Já não sou eu o que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. (Gálat., 2, 20)

Para que estas palavras se realizem, deve o sacerdote viver sempre na graça de Cristo, que recebeu na Eucaristia. Isto é viver a verdadeira vida, aquela vida que jorra do lado de Cristo para a vida eterna.

Só viverá a sua Missa quem realizar os fins para que foi instituída. A Missa é um sacrificio LATRÊUTICO. Com ele presta a Igreja a Deus um ato de adoração, que Lhe é infinitamente agradável por causa da Vítima santíssima imolada sobre o altar.

Aquele viverá a sua Missa, que permanecer fiel e constante sobre o altar do sacrifício como uma hóstia diariamente imolada à santíssima vontade de Deus. Aquele viverá a sua Missa, que carregar generosamente a sua cruz até ao calvário, apesar das quedas, que possam ocorrer no longo itinerário. Aquele viverá a sua Missa, que se oferecer ao Senhor para todos os sacrifícios, que de seu munus sacerdotal exigir a divina Majestade.

A Missa é um sacrifício EUCARÍSTICO oferecido a Deus em ação de graças pelos dons inefáveis de sua divina liberalidade. Com este espírito gratulatório deve o Padre viver a sua Missa, perseverando em perene ação de graças pelos favores, que, a cada instante do dia, está recebendo da mão de Deus, como a saúde, a vida, o alimento, e tantos outros que lhe escapam à observação.

A Missa é um sacrifício IMPETRATÓRIO, que força a Deus a inclinar-se sobre as nossas preces em atenção à Vítima imolada sobre nossos altares. Aquele sacerdote viverá a sua Missa, que permanecer numa súplica prolongada ao Pai celeste, tomando por medianeiro Aquele a quem Deus nenhuma coisa nega.

Viver da Missa é viver da oração, que o divino Mestre tão insistentemente nos inculca naquelas palavras: "Convém orar sempre e nunca desfalecer". (Luc 18, 1)

A Missa é um sacrifício EXPIATÓRIO, que obtém de Deus o perdão de nossos pecados. Viver a Missa de cada dia é permanecer num contínuo "Agnus Dei" de pesar pelos nossos pecados, apresentando ao Pai celeste o Cordeiro Imaculado, que tira os pecados do mundo.

Com a Missa assim entendida e vivida é impossível que um sacerdote não viva numa contínua elevação a Deus em meio de seus ministérios, por mais absorventes que sejam. A Missa é, pois, a ação capital do Padre, donde irradia vida, luz e força para todas as obras do seu apostolado.

A Missa é como o sol, que se levanta de manhã e nos vai acompanhando e iluminando os passos até ao declinar do dia... até ao ocaso de nossa vida. Em volta dele devem girar, como estrelas, todas as nossas ações sob o influxo de seus raios, até que, de novo, surja no horizonte da eternidade...

O Padre na preparação para a Missa

A vida do Padre gira em torno do sacrário como um astro gravita em redor do sol. O Padre é o consagrador, o distribuidor e o conservador da Eucaristia, o que, naturalmente, o impele a dirigir toda a sua vida para o sacrário. E como a Missa é o ponto central da

Eucaristia, é nela também que está o objeto de todas as suas delícias e preocupações.

A Missa, porém, anda junta a duas operações distintas : A preparação e a ação de graças. A Preparação é tão importante, que Deus, na Antiga Lei, ameaçava com a morte o sacerdote, que ousasse penetrar no "Santo dos Santos" sem estar decentemente revestido dos sagrados ornamentos e das virtudes sacerdotais. Ora, que ameaças não pesarão sobre o Padre, que, sem preparação, se aproxima, não da arca prefigurativa, mas do mesmo Deus, que se oculta sob os véus eucarísticos ?

É certo que a Eucaristia é para uns causa de vida e para outros causa de morte, como diz S. Tomás. Logo são precisas disposições especiais para a receber com proveito. Se os admiráveis efeitos deste sacramento não se operam na alma do sacerdote, que celebra diariamente, é que lhe falta alguma coisa na preparação, como fé mais viva, uma consciência mais pura e um temor salutar da presença de Deus.

O Espírito Santo dá-nos o preceito de preparar a nossa alma antes de entrar em oração; ora, sendo a Missa a oração mais sublime e um conjunto admirável de orações, é justo que, para ela, se prepare o sacerdote com todo o esmero e que não seja como um homem que tenta a Deus. (Ecl. 18, 23)

Por um motivo particular impende ao Padre preparar-se cuidadosamente para a Missa, pois não se aproxima do altar como um simples particular, mas como um representante de Jesus Cristo, ao qual se deve unir pela santidade da vida, a fim de não elevar ao céu, com mãos indignas, a vítima sacrossanta do Cordeiro Imaculado.

Quando Deus se revelou a Moisés na sarça do monte Oreb, mandou que não se aproximasse sem descalçar as sandálias. (Êx., 3 5) Ora, pelas sandálias se entendem os afetos das coisas terrenas, das quais é preciso despojar-nos para aparecermos dignamente diante de Deus, que se nos revela no altar do sacrificio e se coloca em nossas mãos.

A Missa, além de ser um sacrificio, é também um sacramento que contém o corpo e sangue de Jesus Cristo. Ora, se é tanta a diligência com que o Padre recomenda aos fiéis a preparação para receber este sacramento, muito mais se deve esmerar nela, pois não é um simples comunhão, mas o ministro deste augusto sacramento.

Além disso, esta preparação está em conformidade com o maior ou menor conhecimento, que se tem da comunhão. Um simples fiel pouco sabe deste altíssimo mistério. O P. Pio X diz que para as crianças basta distinguir entre o pão ordinário e o Pão eucarístico. O Padre, porém, que gastou meses talvez a estudar o tratado da

Eucaristia, tem dela maior conhecimento e portanto mais obrigação de se aproximar do altar, melhor preparado. "*Cui multum datur, multum requiratur ab eo*".

Cristo instituiu a Eucaristia sob a forma de nutrição espiritual: "Quem comer este pão viverá eternamente. Quem comer a minha carne e beber o meu sangue, fica em Mim, e Eu nele". (Jo. 6, 59) Mas como para haver nutrição corporal é preciso estar vivo no corpo e com boa saúde, do mesmo modo para a nutrição espiritual é preciso estar vivo na alma e de posse da graça santificante. Sem esta disposição, a comunhão pode ser ineficaz, nula e até sacrílega.

Descendo mais em particular à preparação, que a todo o sacerdote se impõe antes da celebração da Missa, o Concílio de Trento apresenta seis prescrições, que ajudam o sacerdote a subir ao altar o menos indignamente possível. E primeiramente fala daquela fé viva, que nos faz discernir a mesa eucarística das mesas profanas e o Pão dos anjos do pão dos homens.

A fé deve juntar-se a caridade, que tem um duplo objeto, divino e humano. Do objeto divino não pode haver dúvida, pois sem a caridade, que é a graça santificante, ninguém pode aproximar-se do altar para celebrar o mistério de amor. Do objeto humano, que é o amor de nossos irmãos, fala claramente o Evangelho: "Se ao apresentar a tua oferta ao altar te lembrares de alguma falta contra teu irmão, deixa lá a oferta e, antes de a apresentar, vai reconciliar-te com ele". (Mat., 5, 23)

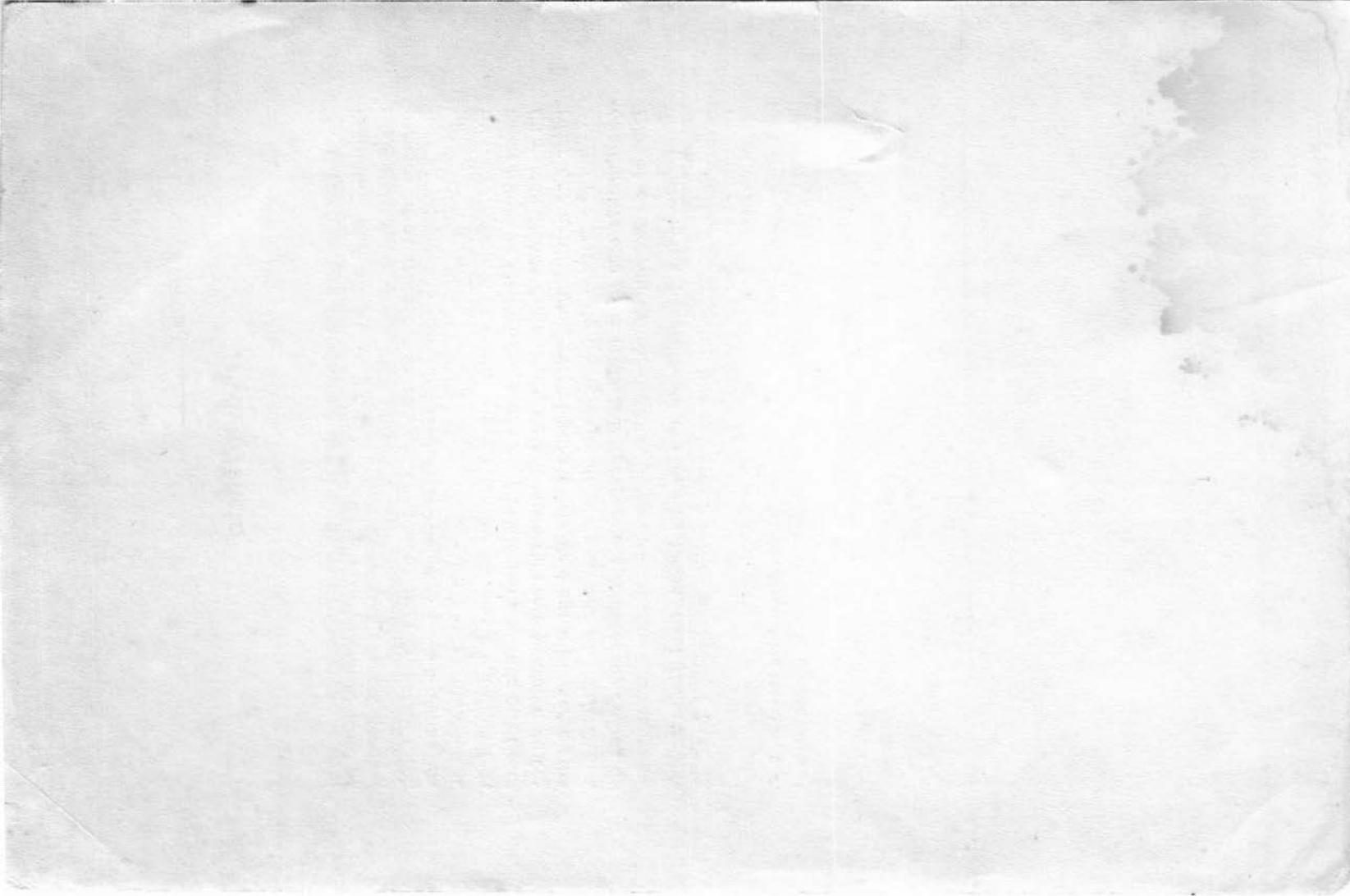
Nosso Senhor ao instituir a Eucaristia pediu a seu Eterno Pai para que todos os seus apóstolos fossem um com Ele, como Ele é um só com o Pai. (Jo 17, 11) A desunião, pois, do Padre e dos fiéis deve estar longe, muito longe do altar. Ali devem esquecer-se ódios, ofensas, rivalidades políticas, discórdias de partidos e tudo, enfim, que lesa a caridade.

A estas duas qualidades junta-se uma inteira pureza de consciência. O Concílio de Trento decidiu que não é permitido a ninguém receber a sagrada comunhão tendo consciência de algum pecado grave, e que não basta o ato de contrição, mas deve-se acudir à confissão sacramental.

O mesmo conselho dá S. Paulo aos Coríntios; "Examine-se o homem a si mesmo, e depois de se regenerar pelo sacramento da penitência, coma daquele pão e bebá daquele vinho". (1 Cor., 11, 28)

Aos sacerdotes da Antiga Lei se impunha a obrigação de se purificarem antes de tocar nos vasos sagrados: "*Mundamini qui fertis vasa Domini*". (Is. 52, 11) Em memória desta legislação preceitua a Igreja, que os sacerdotes da Nova Lei lavem as mãos antes de se revestirem para a santa Missa e antes do Cânone.

O Padre que se preza da sua alta dignidade e tem uma exata compreensão do profundo mistério que vai realizar, nunca pactuará



Prólogo

O fim que tive em vista ao dar à estampa as Conferências aqui reunidas, foi o desejo de concorrer com o meu diminuto grão de areia para a grandiosa obra da santificação do Clero. É certo que o assunto nelas tratado não encerra coisa nova nem transcendental, pois já foi versado por autores de mais apurada pena e conhecida autoridade. Contudo, como os gênios por mais que se aproximem, nunca se tocam, e os assuntos por serem os mesmos e mil vezes tratados nunca se identificam, mas revestem alguma novidade que tiram da personalidade dos autores, do seu modo de ver e pensar e do caráter que os distingue, resolvi para glória de Deus e prestar algum auxílio aos Retiros do Clero, enfeixar neste volume as Conferências, que durante oito anos (1939-1947) preguei aos Reverendos Padres da Diocese de Sobral, Ceará.

Confiado na benevolência dos que as lerem, aqui ficam arquivadas estas Conferências, que submeto à crítica imparcial e benigna dos meus coirmãos no Sacerdócio.

P. Alexandrino Monteiro, S. J.

com o "deixa correr" dos negligentes, mas procurará para sua consciência uma integridade absoluta. Não fará coro com os relaxados, que se julgam muito puros por não encontrarem, em sua vida, falta que seja notavelmente obstáculo à celebração da Missa.

Nisto pode haver ilusões e verificar-se o dito de Cristo: "Vós estais limpos, mas não todos". (Jo 13, 10) Lê-se na biografia de muitos Santos, que se confessavam sempre que tinham de celebrar, como S. Afonso de Ligório, S. Francisco de Sales e S. Roberto Belarmino.

A estas disposições mencionadas juntam-se mais três, que ajudam a completar a preparação, que todo o Padre deve levar ao subir ao altar. A primeira é a convicção da própria indignidade. Por mais santos e sábios que sejamos, nunca seremos dignos de oferecer ao Deus Altíssimo o tremendo sacrifício da Missa. Basta que um Padre celebre uma só Missa, para ter enormes contas que dar a Deus. Por isso, antes de subir ao altar devemos abundar nos sentimentos do Centurião do Evangelho: "Senhor, eu não sou digno".

Esta humildade praticou-a Jesus Cristo antes de instituir a santíssima Eucaristia: "Levantando-se depois da ceia, tomou uma toalha e uma bacia com água e foi lavar os pés a seus discípulos. E recomendou-lhes que fizessem o mesmo.

O fim desta cerimônia era mostrar-lhes que deviam estar limpos, ainda das mais pequeninas faltas, que se apegam à alma como a poeira aos pés.

O segundo requisito para obter uma preparação completa é o asseio exterior. O Salvador instituiu a Eucaristia como se fosse um banquete, a que é preciso assistir com rigoroso uniforme. Por isso, foi repreendido aquele convidado, que se apresentou ao festim sem a veste nupcial. Se a Igreja recomenda aos fiéis, que se apresentem à mesa da comunhão com toda a modéstia e compostura, quanto mais ao sacerdote, que entra mais na união e intimidade com Deus.

Seria, realmente, para estranhar ver o Padre subir ao altar com uma alva rota e uma casula a cair aos pedaços, a "Toilete" por fazer e os sapatos por engraxar. Onde menos se deve ver o descaso e a miséria é no ato sacrificial, a que assistem os fiéis na mais religiosa etiqueta.

Por fim, vem a austeridade a pôr o remate a esta série de preparações. A austeridade é mais própria do corpo, que também tem de concorrer para ajudar a alma numa disposição comum para o santo sacrifício.

Ainda que o jejum eucarístico está hoje abrandado pela santa Igreja, contudo não se deve abusar da permissão de tomar líquidos antes da Missa, senão em caso de necessidade. Uma certa moderação.

no comer e beber, e até no fumar, ajuda grandemente para celebrar o santo sacrifício com mais reverência e para cumprirmos o aviso de S. Paulo: "Vivamos justa, sóbria e piamente neste século, para que em nós se manifeste a vida de Cristo". (Tit., 2, 12)

O Padre em ação de graças

Os sagrados Evangelistas ao relatarem os fatos mais salientes da vida de Jesus Cristo, sublinham às vezes com breve frase pormenores, que para nós encerram uma grande lição. Assim, S. Mateus depois de ter narrado com emoção a Ceia de Quinta Feira Santa, em que o Sumo Sacerdote, Cristo, celebrou a primeira Missa, termina esta importante narração com uma brevíssima frase, que, na sua expressiva concisão, alude a uma grave função de todo o sacerdote, que acabou de celebrar o santo sacrifício da Eucaristia: *Et hymno dicto, exierunt*. E recitado o hino (de ação de graças) saíram para o monte Olivete. (Mat. 26, 30)

Em conformidade com este exemplo do Salvador, todo o Padre, que celebra a santa Missa, não deve ausentar-se da igreja sem ter primeiro no silêncio e recolhimento do seu coração modulado o seu hino de Ação de Graças Aquele que se lhe deu todo na comunhão e que demora no sacrário do seu peito, enquanto perduram as espécies sacramentais.

Esta obrigação impõe-na primeiramente o Direito Canônico, que diz: "Não omita o sacerdote dispor-se com piedosas preces para celebrar o santo sacrifício Eucarístico e, terminado ele, dar a Deus as graças devidas por tão grande benefício. (Cân. 810)

Mas sem mesmo esta lei da Igreja, pede a gratidão que após o santo sacrifício se consagre algum tempo em refletir no grande benefício, que se acabou de receber. Todos os sacerdotes, que sobem, cada manhã, ao altar, descem com a alma cheia de favores divinos; e quantos se voltam para o Doador muníفة para lhes agradecer? Nosso Senhor, prevendo este esquecimento de muitos sacerdotes, narrou a parábola dos dez leprosos, dos quais só um, e este era um alienígena, voltou para agradecer ao seu benfeitor.

Se não reconhecemos este dom de Deus e Lho agradecemos, parecemo-nos com aqueles pobres ingratos, que julgam que tudo que se lhes dá, é devido, e não têm uma palavra de agradecimento para quem lhes deu a esmola.

São, pois, para lamentar aqueles sacerdotes que já perderam o hábito da ação de graças, ou reduziram-na a um ato tão breve que nem dela merece o nome. O motivo desta negligência não é tanto a falta de fé, quanto os pretextos, que alegam, de falta de tempo ou de ocupações indeclináveis. De fato, apenas o padre entra na sacristia e ainda não depôs os paramentos, e já se vê rodeado de consultantes. Um pede para se confessar, outro para batizar uma criança, este quer contratar uma Missa, aquele lançar uns banhos. Às vezes é uma Associação, a que o vigário deve presidir, outras é um doente para sacramentar, e lá se vai o tempo da Ação de Graças.

Fora casos excepcionais, o vigário deve disciplinar o povo para que, após a Missa, lhe deixe livre alguns momentos para se entreter com Nosso Senhor e fazer tranquilamente a sua Ação de Graças como preceitua o Direito Canônico.

A obrigação de dar graças depois da Missa é também imposta pelo nosso próprio *interesse*. A preparação para celebrar a santa Missa, dispõe a alma para receber a graça sacramental da Eucaristia, graça que nos é dada "ex opere operato" no momento em que o sacramento se realiza, isto é, na Comunhão; mas além desta graça sacramental, que o sacerdote recebe por efeito do sacramento, há outras muitas que nos são comunicadas pela presença de Jesus Cristo em nós, enquanto subsistem as espécies sacramentais.

Mas estas graças não nos são dadas por virtude intrínseca do ato cumprido, mas pelas orações fervorosas que rezamos depois da Missa em nossa Ação de Graças, pois nesse tempo está Jesus mais disposto a nos atender e mais perto de nós para nos ouvir. Por isso, é nosso grande interesse não deixar passar este tempo precioso, omitindo a nossa Ação de Graças.

Se em todo o tempo a nossa oração é valiosa, neste que se segue à celebração da santa Missa, possui qualidades que a tornam mais eficaz diante de Deus. A nossa fé é mais viva, pois acabamos de celebrar o santo sacrifício e ainda estamos sob a impressão do grande mistério de amor, e cremos que Aquele que por nosso meio operou a maravilhosa transubstanciação do pão e do vinho em seu corpo e sangue santíssimos, não será menos poderoso em atender os nossos pedidos.

A nossa confiança é mais firme, pois estamos falando com Deus como com um hóspede, um amigo, um pai que se deu todo a nós que vive em nós, que se transformou em nós e nos abriu o tesouro de suas graças com desejo de no-las comunicar, se lhas pedirmos com amor e confiança.

A nossa perseverança é assegurada, pois a Ação de Graças é uma continuação da Missa, que celebrámos, e ainda estamos sob o influxo da presença real de Jesus Cristo, que recebemos na Comunhão. Por

isso, Santa Teresa dizia às suas religiosas: "Minhas filhas, ficai com o divino Mestre e não percais esta hora que se segue à comunhão".

A Ação de Graças impõe-se também a todo o sacerdote pela reverência, que se deve ao Santíssimo Sacramento.

Parece desnecessário expor aqui as razões que nos obrigam a manter uma atitude reverente, tanto interior como exterior, quando levamos o Santíssimo Sacramento na procissão do Corpo de Deus, ou a um enfermo, ou do altar à teia da comunhão para o distribuir aos fiéis. Ora, depois da Missa levamos a Jesus não em nossas mãos, mas dentro do nosso peito, e seria uma irreverência, uma desatenção condenável, se, enquanto o Senhor está em nosso coração, nos ocupássemos em coisas, que nos distraíssem de sua atenção.

A nossa fé deve produzir em nós o sentimento da majestade de Deus, que temos presente aos olhos de nossa alma. Com quanto temor era levada a Arca d'Aliança, em que se guardavam as tábuas de lei e o maná do deserto! Que terríveis castigos infligia Deus a quantos lhe faltavam ao respeito, ainda que fosse involuntariamente! E a Arca d'Aliança não era nada em comparação da arca de nosso peito, em que levamos o Deus vivo, o verdadeiro maná, que desceu do Céu.

Que reverência se deve às píxides, âmbulas, cibórios e custódias, em que se conserva o Corpo de Jesus! Pois o que somos nós, depois da comunhão, senão custódias vivas e verdadeiras píxides, em que se guarda o Corpo do Salvador!

Quem, pois, se descuidasse de fazer a Ação de Graças, mostraria pouca fé na presença real de Jesus em sua alma, e faltaria com a devida reverência a Hóspede tão divino. Por isso, S. Paulo tanto recomenda aos cristãos de Corinto: "Glorificai a Deus em vosso corpo". (1 Cor., 6, 20)

Os Santos e Doutores da Igreja tão convencidos estavam desta doutrina, que S. Afonso Maria de Ligório queria que se gastasse meia hora em dar graças depois da comunhão, e o P. Lenkul exige ao menos que se empregue um quarto de hora. É o mínimo que se pode conceder, porque, segundo certas observações múltiplas e sérias, admite-se geralmente que a presença real de Cristo no comungante se prolonga além deste tempo.

Não vem fora de propósito contar aqui o caso do P. Ávila. Um dia, mandou dois clérigos acompanhar com duas velas acesas até à rua, um comungante que, sem necessidade, tinha o hábito de sair, logo que acabava de comungar. A lição aproveitou a ele e aos demais fiéis, pois se emendou radicalmente desta inadvertida irreverência.

Vista a necessidade da Ação de Graças, vejamos o modo como a devemos fazer. A primeira atitude da alma na Ação de Graças é o silêncio, ou melhor, o recolhimento. Para ela convém procurar um lugar afastado e longe de todo o ruído, para conservar nossas faculdades concentradas no que estamos fazendo.

Jesus está em nós e quer falar ao nosso coração; mas a sua voz não se ouve no meio da perturbação e ruído do mundo. "O' minhas filhas, dizia S. Teresa, visto que Jesus está dentro de vós, depois que recebestes a santíssima Eucaristia, fechai os olhos do corpo para O verdes com os olhos da alma, pois está no meio de vosso coração".

Mas este silêncio e recolhimento não deve ser inativo para não degenerar em sonolência. Ação de Graças, como a mesma palavra indica, fala de atividade. Esta pode exercer-se de vários modos: ou pedindo graças para nós, para nossos parentes e para nossos próximos, ou agradecendo os benefícios da Missa e da Comunhão, ou suplicando perdão das negligências, faltas e distrações cometidas na celebração do santo sacrifício.

O tempo da Ação de Graças nos oferece ainda oportunidade para recolhermos o precioso minério das Indulgências, que estão anexas às orações, que se usam neste exercício. Entre elas nunca devemos omitir a que começa: "Eis-me aqui, ó dulcíssimo Jesus", pois está enriquecida com indulgência plenária.

S. Francisco de Sales recomenda que este tempo se passe em santos afetos, para o que temos uma preciosa oração na "Alma de Cristo, santificai-me", que no-los fornece em abundância. Muitos ao recitá-la, a parafraseam e repetem uma e muitas vezes a mesma invocação até se saciarem do seu significado.

Tenhamos um método prático e *nosso* para a Ação de Graças. A Vida dos Santos, a Liturgia e a Teologia fornecem-nos muitos. Adotemos aquele que mais se adapta ao nosso temperamento e às várias necessidades de nossa alma. As rubricas nos impõem a recitação do salmo "*Benedicite*" com mais algumas orações. Sejamos fiéis, quanto possível, a esta prática, mas sem nos limitarmos a uma recitação maquinal destas preces.

Uma vez por outra convém variar de método e desligar-nos de orações vocais para nos entretermos com Jesus em íntimo colóquio. Para isto servem os atos de adoração, de agradecimento, de súplica.

Adoremos no fundo do nosso coração a divina Pessoa do Salvador, quer num, quer noutro mistério de sua vida, sobretudo naquele de que trata a liturgia presente.

Agradecemos o benefício de mais uma Missa celebrada, de mais uma comunhão recebida. Temos tanto que agradecer!

Imploremos suas misericórdias. Temos necessidade de tantos auxílios para nos conservarmos na altura da nossa vocação e exercermos com fruto o nosso ministério!

Choremos, finalmente, diante de nosso divino Mestre as nossas faltas, pois nunca O teremos tão propício para nos perdoar, como nestes breves momentos, em que O temos tão perto de nós e tão unido a nós pela Eucaristia.

O Padre e o Breviário

Depois da Missa é o Breviário um meio dos mais poderosos para o Padre adiantar na vida espiritual. Disto todos estão convencidos e parece supérfluo tratar deste assunto. Todavia para nos excitarmos a recitá-lo sempre com suma atenção e fervor, convém considerar, I. como se deve entender o Breviário; II. quais os obstáculos à sua recitação, e III. as vantagens em recitá-lo.

1. Como se deve entender o Breviário. Em primeiro lugar, como uma *obrigação*. A obrigação de rezar o Breviário é imposta a todo clérigo ao receber o Subdiaconato, e nós a abraçamos alegremente e nos comprometemos a recitá-lo todos os dias de nossa vida. Não achámos, então, que fosse uma imposição exagerada da Igreja a seus ministros e nos obrigámos com gosto a este sacrifício de cada dia.

Ainda agora nos recordamos, como esta obrigação nos era doce e confortante, constituindo um dos momentos mais deliciosos de nossa infância sacerdotal.

O costume, a ocupação e a idade nada tem tirado ao valor desta obrigação, ainda que talvez tenha desaparecido, pela continuação e rotina, um pouco da alegria e devoção em nos aplicarmos a tão santa prática. O Breviário constitui um fator de relevo na vida espiritual do sacerdote, e é uma das bases, em que assenta o edifício de sua santificação.

Em segundo lugar, devemos considerar o Breviário como a *oração oficial* da Igreja, em nome da qual elevamos a Deus este sacrificio de louvor, cada dia, como complemento do sacrificio eucarístico. Quanta glória recebe Deus da boca de tantos sacerdotes, que, unidos numa só voz, num só rito, numa só liturgia, elevam ao Céu o perfume de suas orações e atraem sobre a Igreja as vistas amorosas de Jesus Cristo!

Em terceiro lugar, podemos considerar o Breviário como um elemento do nosso progresso espiritual, pois nele encontramos uma leitura, em que se nos oferecem belos documentos de virtude nas homílias dos Santos Padres, nas epístolas dos Apóstolos e nos trechos escolhidos da sagrada Escritura.

Daqui vem que o Breviário, antigamente, não era exclusivo do sacerdote. Os reis de França, de Espanha e de Portugal, as rainhas e outras pessoas piedosas da alta aristocracia tinham também o Breviário cheio de iluminuras, por onde rezavam suas horas canônicas.

Este culto pelo Breviário em pessoas seculares nasceu certamente da sua textura e forma perfeitíssima de oração. E ele o é, de fato, quer consideremos a sua matéria, quer a sua forma, quer o seu fim.

Enquanto à matéria, o Breviário é composto do saltério de David, de bellissimas orações litúrgicas, de hinos impregnados do mais puro lirismo cristão, de trechos tirados da Bíblia e da vida dos Santos, e das homílias dos Doutores da Igreja.

Enquanto à forma, o Breviário está dividido em quatro tomos repartidos pelas quatro estações do ano. Lembra-nos, por isso, as quatro idades da nossa vida: a juventude na PARTE VERNAL, a virilidade na PARTE ESTIVAL, a velhice na PARTE HIEMAL e a morte na PARTE AUTUNAL. E na passagem dum tomo para outro, fala-nos das vaidades das coisas terrenas e da rapidez, com que nos vamos aproximando do fim de nossa vida.

Enquanto ao fim, o Breviário tende à glória de Deus, ao culto dos Santos, ao esplendor da Igreja, à salvação das almas e à santificação do clero.

O Breviário pelos múltiplos fins, a que é aplicado, veio a designar-se por vários nomes em conformidade com esses fins. Chama-se *Ofício divino*, porque é uma ocupação que se dirige toda ao culto da Divindade e a bendizer o seu santo nome; *Ofício Eclesiástico*, porque não se reza em nome do sacerdote, mas em nome de toda a Igreja; *Ofício canônico*, porque não se recita a gosto e capricho do sacerdote, mas segundo as leis da liturgia e na perfeita observância de todas as rubricas; e *Breviário*, porque é um compêndio abreviado da História Sagrada, do Agiologio Romano e das preces litúrgicas.

O Breviário pode até ser o melhor sermonário do Padre, pois nele encontra matéria abundantíssima para suas homílias e sermões, conferências e catecismos. Razões mais que suficientes para termos em grande estima, o nosso Breviário e o manusearmos todos os dias com amor e interesse.

Obstáculos

A recitação do divino Ofício, não se pode negar, é um peso, mas um peso leve para o sacerdote fervoroso, e molesto para um sacerdote túbio e negligente. Muitos Padres em lugar de compreenderem o Breviário debaixo de uma fórmula rica e fecunda de oração, olham-no só como um Breviário-função, um Breviário-fardo, de que é preciso desembaraçar-se o mais depressa possível.

Outro obstáculo à recitação do Breviário são as ocupações numerosas de que é mister dar conta a seu tempo. São negócios de casa, são obrigações paroquiais, um casamento, um batizado, a confissão de um enfermo, e o Breviário vai-se adiando de hora em hora, até à tarde, até à noite, até à meia noite. E então a fadiga, o sono tornam-no um verdadeiro suplício.

Vem depois o mesmo Breviário com seus nove salmos de Matinas e cinco de Laudes, os doze das Horas Menores com os das Vésperas e Completas, alguns tão longos e difíceis de compreender, que naturalmente geram o tédio e se recitam materialmente e sem atenção.

Acresce ainda a monotonia e rotina em recitar todos os dias quase as mesmas fórmulas, o que dá origem a mil distrações, que se precipitam como um enxame de abelhas sobre o Breviário e tiram, ao que o reza, toda a atenção.

Todos estes obstáculos se vencem facilmente, quando o sacerdote realmente quer cumprir a sua obrigação e oferecer a Deus este peso de cada dia. O amor sabe vencer dificuldades e encontrar meio de não faltar a Deus com o sacrifício de louvor, que o Breviário nos impõe.

Vantagens

Com a recitação do Breviário atraímos sobre nós as bênçãos de Deus, evitamos a ociosidade tornamo-nos mais fortes contra nossos inimigos e socorremos as almas do Purgatório.

Para assegurar todas estas vantagens cumpre que recitemos o Breviário como recomenda o Concílio de Trento: diligente, devota e atentamente. *Studiose, devote et attente.*

Rezaremos o Breviário com *diligência*, se procuramos para isso um tempo conveniente e livre de preocupações; um lugar silencioso e retirado, de preferência diante do Santíssimo Sacramento, e um modo de proferir as palavras sem truncar e sem omitir a menor parte da reza.

Rezaremos o Breviário *devotamente*, se procurarmos fazer o que aconselha Cassiano: "Que esteja no coração o que se profere com a boca". *Hoc versetur in corde quod profertur ore.* E S. Cipriano acrescenta: "Como quereis que Deus vos escute, se não vos escutais a vós mesmos?"

A atitude exterior do corpo ajuda à devoção interior da alma; por isso, muitos sacerdotes rezavam o Breviário, todo o tempo, de joelhos. Esta posição devemos, quanto possível, observar nas orações, em que falamos diretamente com Deus.

Rezaremos o nosso Breviário com *atenção*, atendendo às palavras para as pronunciar correta e integralmente, ao sentido delas e à pessoa a quem as dirigimos.

S. Agostinho dá-nos o conselho de acompanhar os afetos e sentimentos, que se evolvem dos salmos, com iguais aspirações saídas do coração. E assim devemos, "se o salmo ora, orar, se chora, chorar; se espera, esperar, diz o santo Doutor. *Si psalmus orat, orare; si gemit, gemere; si sperat, sperare.*

Para rezar o Ofício com atenção dá também Nosso Senhor, no Evangelho, um bom conselho: “Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta sobre ti e ora a teu Pai na solidão”. (Mat. 6, 6) E S. João Crisóstomo apresenta um meio de não menos eficácia: “Antes de tomar nas mãos o Breviário, põe de parte todos os negócios e pensamentos mundanos”.

E para conclusão vou citar o que diz o P. Adolfo Petit a este respeito: “O” que desolador é ver alguns sacerdotes que, recitando o divino Ofício, falam com Deus como não ousariam falar com um rústico. Pois, enquanto falamos com o menor dos homens, sabemos o que dizemos, e falamos de modo que sejamos entendidos: eles, porém, falam com Deus de tal modo que mal compreendem o que lhes sai da boca. São tão precipitados em rezar, que as sílabas lhes saem dos lábios tão embrulhadas, e as palavras tão truncadas, que nenhum mortal seria capaz de as compreender”.

O Padre no genuflexório

A meditação ou oração mental é necessária a todos os cristãos para obterem a salvação; mas, como afirma o doutíssimo P. Suares, convém sobretudo aos sacerdotes. E para o confirmar apresenta as seguintes razões:

Os Padre, como guias dos fiéis, precisam de maiores *luzes* para se desempenharem cabalmente de seu ministério e não serem causa de que as almas se percam, por não terem quem as elucide no caminho da salvação. Ora, é na meditação matinal que o Padre recolhe as luzes do Espírito Santo, que lhe hão de servir para conduzir os pecadores à penitência.

Além das luzes para guiar os outros, precisa de *força* para se santificar a si mesmo, pois está num estado de perfeição, que exige dele uma vida mais santa, que a dos simples cristãos. Ora, é na fornalha da oração que se retemperam os ânimos para as grandes lutas da vida.

Nem só de luz e de força precisa o Padre, mas de *calor* para pôr em movimento a máquina das atividades em prol da boa causa. De si confessou David, que era na meditação que seu espírito se inflamava: *In meditatione mea exardescit ignis.* (Sal. 38, 4)

De tudo isto ressalta a necessidade que tem o Padre de se recolher ao silêncio e à solidão para pensar a sós consigo e com Deus sobre as grandes verdades da fé e as importantes obrigações de seu

ministério. Jesus Cristo para se recolher em oração não precisava absolutamente de procurar o retiro e a solidão, pois a sua alma bem-aventurada gozava, sem interrupção, da vista intuitiva da Divindade, e podia em toda a parte e em todas as circunstâncias de sua vida entrar logo em oração e pôr-se em íntima comunicação com seu Eterno Pai. Contudo, para nos mostrar que só no recolhimento se pode ter boa oração mental, se retirava do reboliço das turbas e procurava a solidão dos montes, onde passava as noites em oração: *Et dimissa turba, ascendit in montem solus orare.* (Mat. 14, 23)

Sobre este passo do Evangelho faz S. Roberto Belarmino este comentário: Se Jesus Cristo para te salvar, passava a noite orando, tu não hás-de consagrar ao menos uma parte dela ao importantíssimo negócio de tua salvação? O B. João d'Ávila afirma, que no Padre estão na mesma linha o sacrifício da Missa e a meditação, segundo aquelas palavras do Levítico: *Incensum enim Domino et panes Dei sui offerunt.* (Levit. 21, 6) Ora, todos sabemos, que pelo incenso se representa a oração, e pelos pães o sacrifício da Missa. Não se compreende, pois, que se possa oferecer a Deus o Pão Eucarístico sem primeiro Lhe oferecer o incenso da meditação.

Que suaves, pois, devem ser para Deus os perfumes, que todas as manhãs se evolvem dos lábios dos sacerdotes, que consagram alguns momentos à meditação! S. Carlos Borromeu, convencido da necessidade, que têm os padres, de fazer oração, decretou no concílio de Milão, que se interrogasse ao ordinando, se sabia fazer oração, se a fazia e sobre que assunto a fazia. O P. Mestre Ávila, por sua parte, dissuadia de subir ao sacerdócio aquele jovem, que não tivesse o hábito de fazer muita oração.

Quando Nosso Senhor nos diz no Evangelho, que devemos andar com os rins cingidos e com lanternas acesas nas mãos, *Sint lumbi vestri praecincti et lucernae ardentes in manibus vestris* (Luc. 12, 35) S. Boaventura interpreta as lâmpadas acesas pelas santas meditações, em que devemos andar sempre ocupados.

Um dia, Nosso Senhor vendo que seus apóstolos estavam cansados pelo muito que trabalharam em bem do próximo, convidou-os para o deserto, a fim de repousarem de suas fadigas apostólicas: "Recolhei-vos ao deserto e descansai um pouco. (Marc. 6, 31) O Senhor não se referia tanto ao repouso do corpo, quanto ao da alma, que, se de tempos a tempos não se dá à oração mental para se comunicar intimamente com Deus, facilmente esfriará na caridade e se deixará ir na corrente das distrações mundanas.

É um fato comprovado pela experiência, verem-se padres, que por não darem, cada dia, alguns momentos à meditação, vivem mais como seculares do que como clérigos, e só se diferenciam daqueles pelo hábito clerical. Cumpre, pois, a todo o sacerdote suspender, por

algum tempo cada dia, os pensamentos do mundo e das próprias ocupações por mais urgentes que sejam, para só se entreter com Deus no silêncio do seu retiro e do oratório.

Há quem se contenta só com as orações vocais do Breviário e se dá por desobrigado da oração mental. Mas estas orações sem a meditação, dificilmente se recitam com atenção. Deles se pode dizer o de S. Agostinho, que clamam a Deus não com o espírito, mas somente com o corpo. Ao passo que a meditação supre, em muitos casos, a oração vocal, como afirma o mesmo S. Agostinho: "*Cogitatio tua clamor est ad Dominum*". (In psal. 30) E esta oração mental a recomenda S. Paulo não só uma vez por dia, mas em todo o tempo: "*Orantes omni tempore in spiritu*". (Eph. 6, 18)

Há também quem diga: "Quanto a mim, não faço oração mental, porque estou completamente distraído nela, sinto uma grande desolação, e até sou violentamente tentado; meu espírito vagabundo não se concentra na matéria da meditação e por isso renunciei a ela". — A esta objeção responde S. Francisco de Sales, dizendo: "Mesmo que não façais outra coisa que repelir as distrações e combater as tentações, a vossa meditação não deixa de ser meritória e agradável a Deus". Nosso Senhor atende mais ao esforço que fazemos em repelir as distrações durante a meditação, do que à mesma meditação, e se perseverarmos nela até ao fim, não deixará de nos conceder as suas graças. Os Santos que foram mais dados à oração, como S. Inácio e S. Teresa, sofreram nela muito tédio e secura, distrações e divagamentos da fantasia; mas como perseveravam até ao fim, recebiam as mesmas graças, que receberiam se tivessem feito uma oração atenta e fervorosa.

S. Francisco de Jerônimo, da Companhia de Jesus, dizia, que uma onça de oração feita na desolação pesa mais diante de Deus que muitas libras de orações acompanhadas de grande consolação. As estátuas imóveis colocadas nas galerias dos príncipes ou à entrada de seus palácios, além de lhes servirem de adorno, dão-lhes também certa honra. Se Nosso Senhor quiser que sejamos estátuas em sua presença, contentemo-nos com honrá-LO como estátuas. Então bastará dizer-Lhe: "Senhor, estou aqui para servir-Vos". Os que dizem que não sabem meditar, leiam, Vieira — Sermões do Rosário, vol. V, pp. 345-346.

Outros dizem: "É verdade que não faço oração mental; contudo não perco meu tempo, pois o cansagro ao estudo". A este responde S. Paulo com as palavras que disse a seu discípulo Timóteo. "Atende primeiro a ti e depois à doutrina". (1. Tim. 4, 16) Queria dizer que o Padre, primeiro se deve dar à oração e depois ao estudo, pois é na oração mental que trata mais de si, confrontando sua vida com as verdades que medita. Ainda que conhecêssemos todas as Escrituras, se não conhecemos a Jesus Cristo, nada sabemos. Ora, para conhecer a Jesus Cristo não há melhor meio que meditar o Evangelho.

E de que vale um Padre sábio, se não é santo? Os seus discursos serão muito bem elaborados, mas sem aquela ressonância, que penetra os corações, que bole com as fibras da alma e arrasta os pecadores à penitência. A ciência de S. Boaventura não tanto a colheu dos livros, quanto da meditação de Cristo crucificado.

Para penetrar nos segredos das ciências humanas é preciso um espírito perspicaz e uma grande força da inteligência; mas para entrar nos mistérios divinos basta uma vontade reta iluminada pela luz do Espírito Santo, que é o mestre da verdadeira sabedoria, que deve possuir o Padre. A sua escola é a meditação. Quanto mais se ama a Deus, mais se conhece. *Amor notitia est Dei*, diz S. Gregório. O que saboreia o mel, conhece-o melhor do que o filósofo, que disserta longamente sobre as suas propriedades.

Portanto, acima das ciências humanas está a meditação das coisas divinas. O célebre P. Suares, homem tão abalizado nas ciências sagradas, disse que preferia perder toda a sua ciência, antes que uma hora de oração mental.

Uma terceira escusa apresentam aqueles que dizem: Eu bem queria fazer, todos os dias, a minha oração mental, mas o confessor, as pregações, o expediente paroquial me absorvem de tal maneira o tempo, que não me fica um momento livre.

É muito louvável dedicar-se à salvação da próximo, mas não há-de ser com tanto zelo, que, para atender aos outros, se esqueça de si mesmo com risco de se condenar, como de si confessa S. Paulo: *Cum aliis praedicaverim, ipse reprobus efficiar.* (1 Cor. 9, 27)

Os Apóstolos foram, certamente, os maiores operários da vinha do Senhor; todavia, notando que as obras, que empreendiam em benefício dos fiéis, os impediam da oração, estabeleceram diáconos, com os quais repartiam as obras exteriores para mais se darem à oração e ao ministério da palavra: *Nos autem orationi et ministerio verbi instantes erimus.* (At. 6, 4) Notemos como os Apóstolos dão, neste lugar, a primazia à oração, para significar que sem ela resultam infrutíferos os outros ministérios.

Sobre este ponto vou citar alguns testemunhos de pessoas de grande autoridade. O primeiro é de S. Teresa, que escreveu ao bispo de Osma: "Nosso Senhor me deu a conhecer que vos falta o essencial". Era este bispo muito cuidadoso de suas ovelhas, mas muito negligente na oração, que é indispensável a todo o ministro de Deus. O segundo é de S. Bernardo, que recomendava ao papa Eugénio nunca omitir a oração mental antes de se entregar aos negócios exteriores. E dizia-lhe que o que abandona este importante exercício, expõe-se a cair numa tal frieza de coração, que não sente mais os remorsos da consciência e cai no pecado sem o detestar. O terceiro é de S. Lourenço Justiniano, que, falando do zelo de Marta e da contemplação de Madalena, diz que o zelo de Marta não pode ser perfeito sem a contemplação de

Madalena. Assim também é uma ilusão pretender o Padre fazer obras perfeitas de zelo em bem das almas, sem o auxílio da contemplação. O quinto é de S. Lucas, que, falando de Maria santíssima, disse que ela conferia, em seu coração, quanto os pastores diziam do Menino Deus, na sua ida ao Presépio. Não basta que o Padre leia as sagradas Escrituras, que ouça as pregações do retiro, que recite os salmos e lições do Breviário, mas convém que confira tudo em seu coração, que tire destas verdades toda a substância para alimento de sua alma por uma concentrada meditação. O sexto é de Nosso Senhor Jesus Cristo, que recomendava a seus discípulos, que o que tinham aprendido pelo ouvido, o pregassem sobre as casas. (Mat. 10, 27) Referia-se o Senhor ao ouvido do coração, ao qual Deus fala no silêncio da meditação.

Após estes testemunhos nada mais era preciso para convencer todo o bom Padre da necessidade de se dar cotidianamente à oração mental. Todavia, à guisa de conclusão, vou apresentar alguns documentos do melifluo doutor do Claraval. Lamentava-se S. Bernardo que na Igreja houvesse tantos canais e tão poucos reservatórios. Referia-se aos Padres, que são os canais por onde fluem para os fiéis as graças de Deus, devendo ser os mesmos Padres os reservatórios onde essas graças se acumulam. É mister que o Padre seja o sagrado reservatório, onde pela meditação se armazenem as luzes, as santas resoluções, os piedosos afetos, para depois ser o canal beneficente, por onde essas luzes e resoluções se difundam para os fiéis. O Santo quer que o sacerdote seja uma concha, que recolha a água preciosa da graça, para dela beberem as almas, que Deus pôs sob sua vigilância. *Canales hodie in Ecclesia multos habemus, conchas vero perpaucas.* (Serm. 18, in Cant.)

O Padre no Confessionário

O ministério do Padre, assim como é sublime ao altar e grave no púlpito, é santo e misericordioso no tribunal da penitência. O sangue do Redentor, que fez correr sobre o altar, no tribunal da penitência o derrama sobre as almas dos pecadores para as purificar de suas impurezas. As verdades, que pregou no púlpito, no confessionário as utiliza para guiar os pecadores no caminho da salvação.

O Padre assim como recebeu de Cristo o poder de pregar e consagrar, recebeu também o de perdoar, e estes três poderes dão ao Padre uma dignidade, que o coloca acima de todos os poderes da Terra.

No confessional ocupa o lugar de Deus e de Jesus Cristo e exerce um poder, que nem aos anjos nem à Virgem Santíssima é concedido. O poder do Padre não é menor no confessional, que no altar, porque, se no altar faz baixar do Céu Jesus Cristo sobre a hóstia, que vai consagrar, no confessional faz descer o mesmo Jesus Cristo sobre a alma do pecador para a regenerar da culpa e reabilitar pela graça.

É no confessional que o Padre principalmente reveste o caráter de Jesus Cristo, que é perdoar. Para isto veio do Céu à Terra, — *Sanare contritos cordes* — curar os de coração contrito. Por isso, antes de curar os corpos dos enfermos, curava-lhes as almas, perdoando-lhes os pecados. Jesus, enquanto esteve na Terra, fez só uso da misericórdia e nunca da justiça. Do alto da cruz perdoou aos seus inimigos, perdoou ao bom Ladrão, perdoou aos seus verdugos, aos soldados que Lhe jogaram as vestes, a Longuinhos que Lhe abriu o peito com uma lança.

Tal quer que seja o seu sacerdote.

Por isso, deu-lhe o poder de perdoar pecados sem limites nem reservas, sem excetuar este nem aquele, mas um poder absoluto: “A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados”.

O Cardeal Hugues aplica ao Padre, que absolve um pecador, estas palavras de Deus: “Eu fiz o Céu e a Terra; porém, melhor e mais nobre criação te dei a ti: Fazer de uma alma em pecado, uma alma nova”.

Com efeito, fazer que uma alma, escrava de Satanás, se torne filha de Deus, é produzir uma obra maior que a criação do Céu e da Terra. Assim pensa S. Agostinho: *Majus opus est ex impio justum facere, quam creare Coelum et Terram.*

Ao poder do sacerdote todo o poder da Terra se curva. Os imperadores, reis e príncipes do mundo, se querem obter o perdão de seus pecados, vão ajoelhar-se aos pés de algum sacerdote para lhos absolver. Diante do ministro da penitência não há pequenos nem grandes, todos são pecadores.

Só Deus tem poder de perdoar pecados, portanto o homem a quem Deus outorgou este poder, não é mais um mero homem, mas um homem revestido do poder divino”. Depois de Deus o deus terreno, exclama S. Clemente. *Post Deum terrenus deus.*

E o Papa Inocência III escrevia: “Os sacerdotes por causa da dignidade de seu ofício são apelidados deuses”.

Não julgemos desnecessário insistir sobre nossa dignidade de mantenedores do perdão divino. Longe de nos orgulharmos por isto, devemos considerar esta dignidade como um auxílio para nos conservarmos numa elevada esfera de sobrenaturalismo.

Grande, de fato, é a missão, que temos, de elevar os outros que estão prostrados na terra de seus vícios. Não pretendamos purificar os outros, se não somos puros: “Convém, diz S. Gregório, que seja pura a mão que tem de purificar as impurezas dos outros. Não se dê por libertador, quem é escravo. Não ouse arrancar as almas ao demônio quem está debaixo do seu império”. E S. Anselmo: “Não concorda uma honra sublime com uma vida disforme, uma profissão deífica com uma ação ilícita”.

Ponderada a dignidade do Padre, entremos no estudo de suas responsabilidades. O ministério do confessor pode arruinar um Padre, como o pode elevar a uma grande santidade. E quem diz elevar a uma alta santidade supõe que já é santo aquele que exerce este ministério. Um confessor mediocre e imperfeito encontrará no confessorário inúmeros perigos para sua ruína espiritual, ao passo que um confessor de consciência pura e desejoso de sua perfeição encontrará no confessorário um poderoso auxílio de progredir na virtude.

Quando falta o espírito de fé, pode-se encontrar a morte na mesma fonte da vida. S. Lourenço Justiniano diz: “É coisa perigosa constituir-se juiz dos pecadores”. Se a honra é imensa, a responsabilidade é gravíssima.

S. Pio dizia: “Haja bons confessores e logo se verá reformada a sociedade”. O Padre no confessorário exerce a pessoa de Cristo, quando diz: “Nosso Senhor Jesus Cristo te absolva e eu por sua autoridade te absolvo”. Ora, para exercer seriamente a autoridade de Cristo é preciso que o sacerdote seja um mestre sábio, um juiz íntegro, um médico hábil e um pai carinhoso.

Mestre sábio. — Gerson pretendia que a moral é a mais difícil das ciências e que não há moralista por mais sábio que seja, que não encontre, cada dia, novos casos a resolver. Na verdade, todas as ciências, que se dirigem à salvação eterna, ramificam-se em volta da moral e abraçam uma enorme diversidade de matérias, que se apoiam sobre uma complexa multidão de leis positivas, e devem ser interpretadas cada uma no seu verdadeiro sentido e aplicadas a casos múltiplos.

Ora, uma tal ciência não se improvisa e requer estudo sério e constante. A moral, que se aprende no Seminário, mal dá para se fixarem os princípios gerais, que devem guiar o sacerdote nos casos ordinários. Apresentam-se, às vezes, casos tão complexos, que obrigam o confessor a consultar os moralistas e rever a matéria de novo.

E isto não se faz de fugida. Para conhecer as razões, sobre que se apoia um princípio de preferência a outro, exige-se uma séria discussão. Os moralistas já a fizeram e só resta consultá-los para não errar.

S. Afonso tem sobre a ciência do confessor umas palavras, que fazem tremer: “Afirmo, diz, que está em estado de condenação o confessor que sem ciência conveniente se põe a ouvir confissões”. (Praxis confessarii, n. 18)

Havendo de se escolher para o ministério de confessor um Padre sábio, mas de medíocre virtude, e um Padre virtuoso, mas de ciência limitada, é preferível optar pelo primeiro. Porque, se não impeller vigorosamente seu penitente para a virtude, ao menos não lhe aconselhará um caminho errado; ao passo que o segundo pode-o conduzir por vias falsas, conforme diz S. Agostinho: “Grandes passos, mas fora do caminho”. *Magnos passus, sed extra viam.*

Ninguém se julgue assaz instruído, descurando por isso o estudo da moral. Nesta matéria não basta possuir o estritamente necessário. Deus diz-nos pelo Profeta Oseias: “Visto que rejeitaste a ciência, eu te repelirei de mim para que não exerças o sacerdotício”. (Os. 4, 6)

Juiz íntegro. — Esta qualidade do confessor flui naturalmente da precedente. Conhecedor dos vários sistemas do mais seguro, do mais provável, e do provável, eliminará na prática o sistema do mais seguro, servir-se-á raras vezes do mais provável e seguirá com prudência o provável. Assim não será versátil em seu proceder nem exagerado em suas conclusões.

Há ainda outra integridade judicial, que consiste em não se guiar o confessor pela qualidade das pessoas. Esta virtude até os fariseus reconheceram em Jesus Cristo: “Sabemos que dizes a verdade e que mostras o verdadeiro caminho para Deus, e não tens preferências com ninguém, pois não olhas a pessoa dos homens”. (Mt. 22, 16)

O confessor íntegro dirá firmemente — “Non licet” — tanto a uma rainha como a uma camponesa; tanto a um ministro de Estado como a um humilde operário. Se há lugar em que é preciso ser independente, e usar da liberdade que nos dá um poder sobrenatural, e empregar a equidade que impõe a consciência das reivindicações eternas, é o confessor. Não vejamos no penitente nem este nem aquele, mas uma alma através da qual temos o estrito dever de fazer passar, ou não, a luz da graça e a inflexível justiça de Deus.

Médico hábil. — Não é bom confessor aquele que se contenta com escutar passivamente a confissão dos penitentes sem os aconselhar e despedir com alguma breve admoestação, mesmo que se tenha confessado com boas disposições.

O munus do confessor é como o de Jesus, *curar*: “*Sanare contritos corde*”. (Luc. 4, 15) E assim como os males do corpo se curam exa-

minando as causas do mal e aplicando os remédios convenientes, do mesmo modo se devem tratar os males da alma. O confessor, que se limitasse a um mero distribuidor de absolvições, faria o papel de um médico que se contentasse com ouvir um doente expor-lhe os seus males e se ausentasse com dizer-lhe algumas palavras de consolação sem lhe receitar os remédios próprios para a sua cura.

Há penitentes tão meticolosos, que não se atrevem a falar nem sabem que dizer aos pés do confessor. Há outros tão esquecidos, que nada apuram de sua vida passada e precisam de quem os ilumine na investigação de seus pecados. Alguns apresentam-se tão envergonhados, que não se atrevem a declarar toda a fealdade de suas impurezas. A todos deve o confessor prestar o seu auxílio, animando a uns, inculcando confiança a outros, e não receber ninguém com enfado e impaciência.

Os dois axiomas: "Deve-se crer no penitente" e "Não se deve tirar o penitente de sua boa fé", não são de uma aplicação absoluta, universal e constante. Pois devemos ter presente o princípio de S. Paulo: "Ai de mim, que não falei!" *Vae mihi, quia tacui!* (Isai. 6, 5) Tem-se dito e repetido que os costumes modernos de modas e outros paganismos se introduziram na sociedade por culpabilidade dos confessores, que não falaram oportuna e fortemente contra a imoralidade de tais excessos.

Pai amoroso. — Esta última qualidade do confessor é de magna importância, se a não confundimos com uma certa disposição naturæ que prende certos padres ao confessionário por motivos puramente humanos. Nosso Senhor nos manda revestir-nos de entranhas de misericórdia, e S. Ambrósio diz que somos "Vigários do amor de Cristo".

No confessionário os fiéis nos chamam "Pais". Ora nada há mais casto, mais honesto, mais forte, mais desinteressado que o amor de pai. Lembremo-nos da resposta de Jesus a seus apóstolos que queriam ultrapassar este amor mais do que convinha, pedindo fogo do céu para castigar o povo de Samaria: "Não sabeis de que espírito sois". (Luc. 9. 55)

O Padre deve revestir o espírito paternal de Jesus que jamais pronunciou uma palavra dura, nem se mostrou agastado com nenhum pecador, nem com a Adúltera, nem com a Madalena, nem com Judas que o vendeu, nem com Pedro que o negou.

Que rigorosas contas devemos dar a Deus, se pelos nossos modos bruscos e desatenciosos formos causa de que algum penitente se afaste do confessionário! O aviso de S. Paulo neste ponto é demasiado claro: "Se se vos apresentar um homem com algum grave delito, vós, que sois seu pai espiritual, instruí-o com brandura". *In spiritu lenitatis.*

Sejamos benignos com os pecadores, alegremo-nos que eles nos procurem e que haja muitos a nos procurar. Sintamos as suas penas e aconselhemos sem repreender.

Não sejamos apressados demais em os absolver, porque os pobres penitentes, vendo-se despachados muito depressa, julgam que a confissão não valeu.

Sejamos pais carinhosos e cheios de benevolência com os pequeninos, os humildes, os pobres, os operários, os mendigos, os negros e caboclos, os ulcerosos e de pé no chão, lembrando-nos das palavras do Salvador: "O que fizerdes a um destes pequeninos a Mim o fizestes".

O Padre no Púlpito

O Profeta Malaquias, numa luminosa visão do futuro, anteviu o sacerdote católico pregando a verdade, e a Humanidade, suspensa de seus lábios, recebendo a ciência da salvação. *Labia enim sacerdotis custodient scientiam et legem requirent ex ore ejus.* (Mal. 2, 7)

A missão do Padre é pregar. Como sucessor dos Apóstolos, a ele são ditas as solenes palavras de Jesus Cristo: "Ide e pregai o Evangelho a toda a criatura". (Marc., 16, 15) Duas funções distintas se impõem aqui ao sacerdote: *Ir e pregar.*

Ir. — A vida do Padre demanda atividade. Não recebeu as sagradas ordens para uma vida estagnada, mas para entrar em contacto com os fiéis e falar-lhes das verdades da fé. Todo o Padre é missionário, como o foi Cristo, que o Pai enviou para o meio dos filhos de Israel para lhes abrir o caminho da salvação. Não deve pois esperar que os fiéis venham a ele, mas ele deve ir aos fiéis e desempenhar junto deles a função de embaixador de Cristo, como diz S. Paulo: "*Pro Christo legatione fungimur*". (2. Cor., 5, 20)

O Padre além de receber o poder de celebrar a santa Missa e de perdoar os pecados, recebeu também missão direta e ordem positiva de pregar. Sem o cumprimento desta missão não pode, cabalmente exercer o poder de celebrar e absolver, pois não pode absolver um pecador, que desconhece as verdades essenciais da religião, nem admitir à sagrada mesa um cristão que não sabe o que vai receber.

Sem a pregação ficaria incompleta a obra de regeneração cristã; pois que aproveitaria ao menino ser batizado, se, chegando ao uso da razão, não lhe fossem explicados os mistérios da fé? depois de se lhe comunicar a faculdade de crer, é preciso dar-lhe, por meio da pregação, as noções que fazem o objeto da crença.

Pregar. — “Vós sois a luz do Mundo e o sal da Terra”, disse Jesus Cristo a seus Apóstolos e neles a todos os sacerdotes. Pela luz do Mundo e pelo sal da Terra se entende a pregação da palavra divina, que preserva as almas da corrupção dos vícios e conserva a pureza da fé e a frescura das virtudes.

Assim o entenderam os mesmos Apóstolos, que no princípio da Igreja deixaram todos os outros ministérios e se aplicaram somente à oração e ao ministério da palavra.

O sacerdote que não sente no fundo de sua alma a necessidade de comunicar a verdade, de instruir, de iluminar as inteligências, que não procura de um modo ou de outro falar aos fiéis, não compreendeu toda a grandeza de sua missão e atrevo-me a dizer que a recebeu em vão e para sua condenação. Assim pensava de si S. Paulo, que dizia: “Ai de mim se não evangelizar!” (1 Cor., 9, 16)

Nunca a falta de pregadores apostólicos tanto se fez sentir na sociedade como na atual. Hoje que todos os credos políticos e religiosos se servem da palavra para incutir no povo os princípios de suas doutrinas, deve o sacerdócio católico intensificar a sua atividade oratória para debelar os erros contra o dogma e a moral da Igreja, e robustecer com argumentos irrespondíveis as verdades de nossa santa religião.

Hoje devem os pregadores levantar a voz e clamar, como recomendava S. Paulo a seu discípulo Timóteo: “oportuna e importunamente”. Notemos os cinco verbos com que o santo Apóstolo repisa a mesma ideia da pregação, que deseja fique bem gravada no espírito de seu colaborador no apostolado: “Prega, insta, repreende, supplica, censura”. (2 Tim., 4, 2)

Qualidades. — As qualidades do orador sacro devem partir de um coração inflamado no amor de Deus e no zelo das almas. Porque, diz o Apóstolo das Gentes, ainda que fale a língua dos anjos, se não tenho a caridade, sou um bronze sonoro ou um pandeiro vibrando. *Velut aes sonans aut cymbalum tinnens.* (Cor., 13, 1)

A caridade deve o Embaixador de Cristo juntar a santidade da vida, porque o exemplo das virtudes move mais que as palavras, e Nosso Senhor quer que as obras do sacerdote sejam tais que os fiéis glorifiquem por elas ao Pai que está nos céus. (Mat., 5, 16)

Além disso, estaria em aberta contradição o pregador que, recomendando aos seus ouvintes a humildade, a penitência, a pureza e a mortificação, não fosse ele o primeiro a dar o exemplo de todas estas virtudes. E o povo podia exprobrar-lhe as palavras de Cristo: *Medice, cura te ipsum.* Médico, cura-te a ti mesmo. (Luc., 4, 23) Vai primeiro praticar a pobreza, a humildade, a paciência e depois vem-nos pregar sobre essas virtudes.

Aquele que não possui as virtudes que prega, torna ridícula sua pregação, segundo o que predisse S. Gregório: "*Cujus vita despicitur, restat ut praedicatio contemnatur*".

As qualidades interiores devem juntar-se as exteriores. A presença do pregador, quando traduz no semblante os traços de uma vida austera, piedosa e recolhida, é meio sermão pregado. Quando S. Afonso de Ligório subia ao púlpito, só aquela figura de santo, de um ancião escalavrado pelos anos, com o rosto colado ao peito por um artritismo incurável, bastava para o povo se mover às lágrimas e se arrepende de seus pecados.

À pessoa do orador deve juntar-se uma voz insinuante e uma palavra convincente. Não é pregador apostólico aquele que tão somente se preocupa da frase, do período, da imagem e do gesto. Este prega-se a si mesmo, e não a Deus.

Também não é pregador apostólico aquele que, dotado de uma tal ou qual facúndia, fala sem solidez de doutrina sem razões e argumentos, que convençam o auditório. Este prega para o ar sem ferir as inteligências: "*Aerem verberans*, diz S. Paulo.

Não é pregador apostólico aquele que desce do púlpito sem ter movido nenhum ouvinte à penitência e à confissão, e só se contenta com a magra recompensa de alguns aplausos. Este é semelhante ao pescador, que lançou as suas redes e nenhum peixe colheu nelas.

Aquele é bom pregador que prepara os seus sermões. "*Recte tractantem sermonem veritatis*", que trata o assunto do sermão com profundidade, diz S. Paulo a seu discípulo Timóteo. (II Tim., 2, 15)

Esta preparação começa pela meditação. S. Tomás, discutindo a superioridade da vida contemplativa sobre a vida ativa, observa que o pregador é quem mais se beneficia da meditação, pois prega aos outros o que meditou: "*Contemplata aliis tradit*".

Para dar Deus aos outros, e este é o ofício do pregador, é necessário estar cheio de Deus, o que se obtém pela meditação das coisas divinas. A piedade supre a falta de ciência, quando esta é limitada pela mediocridade do talento. O Santo Cura d'Ars fez mais fruto nas almas com sua pouca ciência e muita piedade, do que os maiores pregadores de Notre Dame com sua muita ciência e menos piedade.

Da preparação devem sair sermões *sólidos*, que propinem aos ouvintes alguma verdade, que se lhes grave na alma. Ouvem-se, às vezes, sermões muito apreciados e de não pequeno valor extrínseco; mas, se os formos espremer na mão, vê-los-emos todos diluir-se em água.

Alguns nem sequer versam o assunto para que foram encomendados. Tal foi o sermão de S. Roque pedido a certo pregador. Ao descer este do púlpito, esperava a retribuição do seu trabalho. Lembrando

este esquecimento ao juiz da festa, este se recusou a pagar o sermão, pois não versara sobre S. Roque, visto não se ter ouvido em todo ele o nome do Santo.

O mesmo sucedeu com outro pregador que, sendo encarregado de um sermão sobre a Eucaristia, passou todo o tempo a falar das origens do mundo.

Todo o bom pregador, além de sólido, deve ser *claro* em seus sermões. O auditório, a quem vai expor as verdades da fé, é, geralmente, composto de gente simples e sem cultura, e a doutrina católica bastante elevada em seus conceitos e terminologia, e por isso demanda do pregador muito estudo para se fazer entender de todos.

Para conseguir este resultado deve usar de um estilo simples e quase familiar, como fazia Jesus Cristo, que, falando aos doutores da lei, usava do mesmo estilo, com que falava ao povo, em semelhanças e parábolas. E com este estilo não só se não deprimia e rebaixava, mas crescia na admiração das turbas, a ponto de todos proclamarem: "Nunca assim falou homem algum". (Joan., 7, 46)

Persuada-se o pregador ao subir ao púlpito, que Deus vai falar por sua boca: "Quem vos ouve, a Mim ouve". (Luc., 10, 16) Por isso, deve procurar dizer alguma coisa útil, que não desdiga da santidade de Deus e que sirva de edificação ao próximo.

O ministério da pregação é de suma vantagem para o ministro do altar, pois lhe oferece um meio de se exercitar em muitas virtudes e lhe dá uma certa garantia de sua eterna salvação: "Os que ensinam a muitos a verdade, brilharão como estrelas por toda a eternidade". *Qui ad justitiam erudiunt multos, fulgebunt quasi stellae in perpetuas aeternitates.* (Dan., 12, 3)

O Padre instruído

A missão do Padre é ser SEMINATOR VERBI, sementeiro da palavra. Esta missão recebeu-a ele de Cristo e do Bispo. De Cristo, quando disse: "Ide e ensinai todas as gentes"; do Bispo, quando lhe conferiu os poderes sacerdotais e a obrigação de pregar. Mas nem a missão de Cristo nem a ordem do Bispo comunicam a ciência e a doutrina, de que o Padre deve estar adornado para pregar. Esta deve ele procurá-la com o estudo e a graça de Deus.

Antigamente, os Levitas formavam, geralmente, o corpo dos sábios do seu tempo. Esta superioridade, porém, foi decaindo, e o

clero veio a deixar o campo livre aos inimigos da Igreja para difundir os seus erros e heresias. Uma das causas, que mais concorreu para a implantação do protestantismo nos países do Norte da Europa, foi a incúria e incapacidade dos sacerdotes católicos em combater as falsidades dos reformadores luteranos.

Quando, no século XVI, a onda da heresia ameaçava submergir a nau da Igreja, o Papa Júlio III declarou, que os males, que afligiam a cristandade, provinham da ignorância lamentável do Clero, e que o meio de obstar a tantos males era fundar Seminários, onde se desse aos sacerdotes uma sólida e vasta formação teológica.

Quando S. Vicente de Paulo fundou a sua obra missionária, notou com dor e espanto o baixo nível até onde tinha descido a cultura sacerdotal. Ignorava-se o latim a tal ponto que uma senhora, que foi auxiliar do Santo, teve de escrever a fórmula da absolvição e dá-la ao seu vigário, que a não sabia de cor, a fim de receber dele o sacramento da penitência.

Nem adianta dizer que naqueles tempos a fé era muito viva. A fé é luz, e toda a luz se apaga, se não há quem a proteja. E em muitos se apagou, de fato, por não haver quem a defendesse do vento da heresia. Nosso Senhor disse de seus Apóstolos e seus sucessores, que eram a luz do mundo. Ora esta luz só pode ser a ciência. Assim como o sol dissipa as trevas da noite, o sacerdote com a sua doutrina afugenta as trevas da ignorância e ilumina as inteligências com a luz da eterna Verdade.

O Padre, Semeador da Palavra, pode transformar a sua paróquia numa seara florida de virtudes. *Is sacerdos, talis populus*, costuma-se dizer. Como for o sacerdote, será o povo.

Para ser bom Semeador da Palavra Divina é preciso que o Padre possua muita e boa semente. A ciência do Pregador deve, pois, ser vasta e profunda. Será vasta, se abranger, quanto possível, os vários ramos do conhecimento humano. Mas antes de se expandir pelos campos da ciência natural, deve ser eminente na ciência eclesiástica, sem ser estranho a nenhuma de suas faculdades.

S. Bernardo quer que o Pregador seja não um simples canal, mas um reservatório de água copiosa. De modo que dele possa estar sempre a evaporar-se a água da ciência sagrada e a derramar-se pelas almas dos fiéis, como a chuva na relva: "*Quasi imber super relvam*". A sua palavra deve cair de seus lábios como o rocío matutino: "*Fluat ut ros eloquium tuum*". (Deut., 32, 2)

Todo o conhecimento se torna necessário ao Pregador para amenizar as suas prédicas; ou seja um exemplo a propósito, uma anedota inocente, um fato da História Antiga e Moderna, um prodígio da Vida dos Santos, e mil outros sucessos, que possam interessar o auditório.

Além de vasta, a ciência do Pregador deve ser profunda.

Será profunda, se chegar a ver a verdade ainda em seus pontos mais obscuros; se possuir a verdade não pela rama e superficialmente, mas penetrar as suas mais íntimas causas e razões fundamentais.

A ciência do Pregador será profunda, se conseguir que a verdade, que prega aos ouvintes, seja clara, agrade e mova, diz S. Agostinho. Que seja clara na sua mente e a torne clara na mente dos ouvintes. Que a apreenda sem dúvida e a exponha sem névoas.

Que a confirme com argumentos e a desembarace de preconceitos. A verdade será agradável, se satisfizer o espírito reto e for proposta em termos adaptados à condição do fiel. Será agradável, se for revestida de imagens e ilustrada de comparações. Se for apresentada com nobreza e num estilo acessível à capacidade do auditório.

A verdade deve ser tal que mova os corações.

Sermão que não comove os ouvintes, que não desperta afetos, que não converte pecadores, não merece o nome de sermão. É antes uma fala, um discurso acadêmico, uma recitação fria, que nada impressiona nem faz vibrar o auditório.

Exemplo de sermão vibrante é o do P. Lacordaire em Notre Dame de Paris. Falando do juízo final, fez esta apóstrofe ao auditório: Meus irmãos, onde é que quereis estar neste dia? à direita ou à esquerda? — E toda a multidão respondendo — À direita! se passou instintivamente para o lado direito da igreja.

A Vigário, com a sua ciência completa e onímoda, é quem há-de formar a mentalidade de sua paróquia. Um organista, que pacientemente acostumou os seus ouvintes a escutar e saborear peças escolhidas de Mozart, Perosi e Bach, corais em rigoroso canto gregoriano ou motetes de Vitória e Palestina, conseguiu que em sua igreja rural não se suportem mais essas músicas vulgares de salão e teatro.

Assim, um Vigário que acostuma o seu povo a sermões bem trabalhados, claros e substanciais, tem-no bem formado na escola de sua teologia pastoral, e apto para julgar de um sermão sem substância, sem ordem e sem doutrina, que ouviu numa paróquia vizinha, e dirá certamente: "Este não prega como o nosso Vigário".

Os seculares exigem, com razão, do Padre um capital científico acima do comum e da vulgaridade. Todos o olham com respeito por causa do seu caráter sagrado, mas sentiriam muito se o vissem, intelectualmente, inferior aos mais sábios da terra e sem resposta às dificuldades dos incrédulos.

É certo que não se pode exigir do Padre que saiba tudo. Todavia, uma jovem que seguiu, no colégio, um curso de religião e de apolo-

gética, tem direito, após um sermão instrutivo do seu vigário, de lhe pôr suas dúvidas sobre algum ponto do dogma católico e receber uma resposta imediata, segura e decisiva.

Igualmente, querem vê-lo conhecedor dos métodos, das tendências e dos conhecimentos modernos. Querem ouvi-lo falar com proficiência sobre a Ação Católica, a Questão Operária, o Divórcio, a Santidade do Matrimônio, e tantas outras questões tratadas magistralmente pelos últimos Pontífices, em suas Encíclicas.

Agora só falta desfazer algumas objeções que podem apresentar-se ao espírito sobre a obrigação, que tem todo o Padre, de se instruir.

1. Para que estudar mais? diz um. Ainda que me faltaram as classes médias, e percorri claudicando as matérias do curso superior, aprendi o bastante para passar nos exames e receber as ordens sacras. Por isso, ao despedir-me do Seminário, vendi os livros, pensando que me arranjaría suficientemente com a pequena bagagem científica, que levava comigo.

É precisamente pelo pouco sucesso que este Padre tirou dos estudos do Seminário, que deve agora dar-se a eles com mais afincio. No curso de teologia caminha-se depressa e um espírito lento perde-se facilmente no labirinto das múltiplas questões escolares. Agora que está mais livre e a razão se aperfeiçoa com a idade, já pode aprofundar melhor certas matérias, que lhe ofereciam mais dificuldade.

2. Para que estudar mais? diz outro. A teologia versa sobre as verdades da fé, e a fé dá uma certa serenidade ao espírito e tira a necessidade de uma certeza científica, e dispensa de aprofundar demais os dogmas, que muitas vezes geram a dúvida e a confusão. Além disso, a educação religiosa, que recebi em casa, fornece bastantes conhecimentos para a pregação.

Este raciocínio é destituído de fundamenta, pois não basta crer e contentar-se com algumas noções de catecismo para exercer o ministério pastoral. S. Paulo recomenda a seu discípulo Timóteo, que nunca deixe a leitura e o estudo. *Attende lectioni et doctrinae.* (I Tim. 4, 13)

Esta recomendação deve tomar todo o Padre para si e manusear com mão diurna e noturna os livros que tratam da Moral, da Teologia, da Liturgia e Direito Canônico sem o que nada fará em seu munus pastoral.

3. Para que estudar mais, se nossos auditórios são tão ignorantes, que mal compreendem as verdades mais simples da religião? Como interessar umas pobres velhas meio moucas, algumas moças vaidosas que só pensam em modas, e alguns pirralhos desatentos e inquietos?

Isto dirá só um Padre, que não tem zelo das almas e da glória de Deus. Quanto mais ignorante é o auditório, mais precisa o Padre

de preparar as suas pregações, procurando as fórmulas mais simples, os exemplos e as comparações mais adequadas, para se fazer entender do operário, do camponês, do comerciante, de todos, enfim, que acodem ao templo para ouvir a palavra de Deus.

4. É inaudito o que se exige de um Padre, que tem cuidado duma paróquia: além das próprias obrigações da Missa, do Breviário e de outros exercícios espirituais, tem de atender aos paroquianos, que o procuram para lhes batizar os filhos, encomendar os mortos, sacramentar os enfermos e abençoar os noivados. Além disso, tem o trabalho da secretaria paroquial, a preparação das festas e novenas, as obras sociais, as escolas, as associações. Como ainda encontrar tempo para o estudo ?

Com boa vontade tudo se obtém. Entre todos os negócios mencionados há sempre uma hora livre, que se pode aplicar à revisão da Moral ou a algum ponto de doutrina a tratar nalguma reunião ou na homilia dominical.

Deus falou aos homens pelo seu Verbo, e o Verbo fala aos fiéis pelo seu vigário. É, pois, o Padre um instrumento nas mãos de Jesus Cristo para difundir a luz da verdade, o que fará com tanto maior resultado, quanto mais se aperfeiçoar pela ciência e pela virtude.

O Padre Diretor espiritual

Além de confessor, todo o Padre é chamado a exercer o múnus de Diretor Espiritual. Confessar não é só ouvir e absolver, mas também aconselhar e dirigir. Todo o confessor é médico, doutor e pai, e como tal tem o dever sagrado de atender às necessidades espirituais de seus penitentes, de lhes receitar os remédios para a cura de suas enfermidades, instruir nas verdades da fé e de os precaver contra os perigos da salvação.

Há muitos pecadores, que não sabem confessar-se, não distinguem as várias espécies de pecados, ignoram até que ponto uma ação é pecado mortal ou venial, e esperam que o confessor os elucide sobre tais matérias. Sem esta direção espiritual, o confessor seria um tribunal onde se não averiguam os fatos e se dão sentenças às cegas.

O poder, que todo o confessor tem de ligar e desligar, não se deve reduzir a um ato maquinal e automático de distribuir absolvições, mas premunir o penitente contra novas quedas, animá-lo a perseverar no bem e a lutar contra as tentações.

Esta é a direção geral, que se deve dar a todos os penitentes; mas há outra mais particular, que o confessor deve dar a uma alma, que tem aspirações a maior perfeição. Desta direção precisam sobretudo as almas novas, jovens e donzelas, que se vêem na encruzilhada da vida e não sabem que rumo tomar para acertar numa boa escolha de estado.

Neste caso, para o confessor não errar em seus conselhos, deve tratar com mais frequência com estas almas, estudar as suas disposições interiores, examinar o seu temperamento, caráter e circunstâncias, em que se encontram.

Ora isto não se faz por meio de avisos dados transitoriamente; mas o Diretor tem de acompanhar a alma passo a passo e, por assim dizer, ao longo do caminho da vida; estar pronto para ouvir suas íntimas confidências, responder às suas perguntas e resolver as suas dificuldades.

É um trabalho, que exige do confessor muita paciência, prática e perseverança. Mas lembre-se que é obra muito do agrado de Deus sacrificar-se pelos outros. Dirigir uma alma no caminho da virtude, torná-la mais perfeita aos olhos de Deus, interessá-la pelo apostolado da ação católica, pela catequização das crianças, pela caridade com os pobres e enfermos, e formar um núcleo de apóstolos e de apóstolas, que promovam o bem da paróquia, da família e da regeneração social.

A prática obtém-se pela meditação, pela leitura de bons livros ascéticos e pelo estudo da moral, que dá os princípios, sobre os quais se baseia a perfeição da vida cristã.

Requer-se a perseverança, porque sem ela nenhuma empresa val avante. Tomar a direção de uma pessoa e deixa-la por enaço ou fadiga, seria inutilizar todo o trabalho passado, que com ela tivera.

A direção espiritual dá-se, geralmente, no ato da confissão. Conforme forem os pecados do penitente, devem ser os conselhos do confessor. Em todo o caso sempre convém fazer uma breve exortação, sobretudo aos recidivos e consuetudinarios, usando de termos suaves com uns e fortes com outros, segundo a necessidade, a condição e disposição do penitente.

Mas também a direção se pode dar fora da confissão, quando são jovens e cavalheiros. Nosso Senhor empregou este método várias vezes em sua vida apostólica. Os primeiros que desfrutaram da conversa íntima com o divino Mestre foram João e Anré, que passaram com ele um dia quase inteiro. Ficaram tão cativos de seus conselhos, que se fizeram seus discipulos e nunca mais O abandonaram.

O mesmo aconteceu com Nicodemos, que foi, de noite, procurar a Jesus e teve com Ele demorada entrevista. Nosso Senhor o recebeu amavelmente e lhe falou do reino de Deus com tanta unção, que o

fez seu discípulo ainda que oculto. Manifestou-se, porém, abertamente na sua Paixão indo audazmente pedir a Pilatos o corpo de Jesus e correndo com as despesas do seu enterramento.

A conversão da Samaritana foi fruto dum íntimo colóquio, que com ela teve Jesus no poço de Sicar. Falou-lhe da água viva da graça, do Messias, da adoração do Pai em espírito e verdade, descobriu-lhe toda a sua vida e se lhe revelou ser Cristo, o Messias prometido. Foi tal a mudança na Samaritana, que se converteu em apóstola, indo sem mesmo levar o cântaro, com a água que viera buscar, para avisar os homens de Samaria, para que viessem ver o Messias, o Cristo do Senhor.

Na formação dos Apóstolos, Jesus empregou o mesmo sistema. Em íntimos colóquios ia-lhes corrigindo os defeitos e insinuando as virtudes; explicava-lhes as Escrituras e instruía-os sobre a fundação do reino messiânico.

Quanto bem pode fazer um confessor nas almas, se estiver imbuído do espírito de Jesus Cristo! Muitos pecadores estão à espera de quem lhes fale ao coração e à inteligência para se voltarem para Deus. Se Inácio de Loyola não falasse tantas vezes ao coração de Xavier, não teríamos um apóstolo, que levou a Deus milhares de infiéis nas Índias Orientais.

Suponhamos, por exemplo, um vigário, que passou dez anos em sua freguesia. Aparentemente foi fiel a seus deveres paroquiais, confessando os fiéis nas festas mais solenes, e acudindo ao confessorário sempre que o chamavam. Contudo era raro abrir o sacrário para dar a comunhão, a igreja conservava-se deserta e as missas dominicais eram pouco frequentadas. Nenhuma ideia de vida religiosa nem de vocação eclesiástica se via despertar em seus jovens paroquianos.

Foi substituído por um colega. Seis meses bastaram ao novel vigário para transformar a paróquia. As comunhões diárias começaram a ser numerosas, as visitas ao Santíssimo mais frequentes, as missas dominicais mais concorridas, algumas moças seguiram a vocação religiosa, e alguns rapazes a eclesiástica.

E porque meios conseguiu este vigário transformar assim a sua paróquia? Pelo confessorário. Não se limitava a absolver os penitentes, mas entrava em suas consciências, sondava-lhes as inclinações e, segundo elas, os ia encaminhando na virtude e dirigindo em suas vocações.

Um confessor para ser bom diretor de almas, deve ter competência, sabedoria, prudência e sobrenaturalidade.

Um bom diretor espiritual não se improvisa. Precisa de ter um coração segundo o coração de Cristo, manso, humilde e misericordioso. Precisa de ser homem de muita oração e união com Deus, de muito zelo das almas e de muita leitura espiritual.

Nem todas as pessoas são aptas para receberem a direção espiritual. Geralmente são mulheres que a pedem. Muitas delas devem-se despachar com brevidade, acostumando-as a caminhar sem auxílio estranho. Doutra forma ver-se-ão na necessidade de consultar seu diretor espiritual a cada passo e por qualquer fútil motivo. Então a direção desceria das alturas da vida espiritual aos ínfimos pormenores da vida material, doméstica e conjugal, com prejuízo do tempo gasto em inutilidades.

É sabido o dito irônico de Bruyère: "Que é uma mulher que tem direção espiritual? Será uma dona de casa mais dedicada, uma esposa mais interessada pela educação de seus filhos, e menos dada às diversões do mundo? Nada disso. É uma mulher, que tem um diretor para se entreter".

Não se devem admitir à direção espiritual pessoas que se entretêm a examinar microscopicamente as suas faltas sem nunca chegarem a ter delas uma averiguação satisfatória. O espírito feminino, por uma escrupulosidade demasiada, ocupa-se a fazer a anatomia moral de todos os seus atos, pensamentos e intenções, e se apresenta no confessor a esmiuçar faltas, que não chegam a pecado venial.

Um sábio diretor não deve gastar muito tempo com estas pessoas, mas reservá-lo para aquelas que lutam com problemas de maior complexidade. Por exemplo: uma jovem que pensa ter vocação para a vida religiosa; outra que pede conselho para um futuro casamento; uma esposa com dúvidas sobre a vida matrimonial; um comerciante com a consciência emaranhada em questões de restituição.

Para resolver questões deste gênero precisa o diretor espiritual de muito senso prático e de muito conhecimento da vida humana e das leis divinas e eclesíásticas.

É também muito necessária ao diretor espiritual uma grande prudência para não se imiscuir em questões, que não pertencem ao confessor. Por isso, tem que se recusar a tratar de certos assuntos, que são mais próprios para uma sala de visitas, e não perder o tempo com certas devotas estéricas, deixando de atender aos homens, aos jovens, aos operários, que têm menos tempo para se confessarem.

De outro escolho se deve precaver o bom confessor, e é o escândalo, fundado ou não, que certas assiduidades no confessor, por mais justificadas que sejam, podem ocasionar. É certo que até pessoas graves se admiram da frequência e prolongamento de algumas confissões, cujo fruto nem sempre se vê claramente, sobretudo quando se trata de jovens filoteias.

O confessor prudente, enfim, deixa completa liberdade a seus dirigidos, e não é daqueles confessores que têm ciúme de que seus penitentes se dirijam a outros confessores. Deve lembrar-se que certas confissões podem ser sacrílegas feitas ao próprio confessor por

almas que pretendem passar por santas e se acovardam de lhe declarar certas faltas humilhantes, que as fazem baixar do nível, em que eram tidas no seu conceito.

A Igreja impõe às comunidades religiosas confessores extraordinários; portanto, também ele deve desejar que seus penitentes, uma vez ou outra, procurem outro confessor.

Finalmente, para que o ministério de dirigir as almas seja verdadeiramente eficaz, deve o confessor despir todo o afeto natural e humano nas relações com as pessoas, que dirige, e proceder em tudo com espírito sobrenatural.

Mas dirá alguém: "Para fazer bem às almas é mister amá-las. Além disto, o reconhecimento para com o melhor dos benfeitores traduz-se naturalmente por sentimentos afetivos".

Tudo isto é verdade, mas o perigo não deixa de subsistir. O terreno das emoções naturais afetivas, diz o Amigo do Clero, mesmo inconscientemente despertadas no curso das mais puras e piedosas relações e intimidades da direção espiritual, é escorregadio e perigoso.

O sábio e prudente diretor, se quer ser útil a seus dirigidos, deve ser um anjo na pureza de intenção e na sobrenaturalidade de seus afetos.

Em resumo, podemos afirmar que o Padre será tanto melhor diretor e confessor, quanto mais santo for na vida e andar mais intimamente unido com Deus.

O Padre e o bom exemplo

Jesus disse a seus discípulos: "Brilhe de tal maneira a vossa luz diante dos homens, que vejam vossas boas obras e glorifiquem ao vosso Pai que está nos céus. (Mat. 5, 16)

Nestas palavras impõe o divino Mestre a seus discípulos a obrigação de dar bom exemplo. Ainda que elas se dirigem a todos os fiéis, referem-se, contudo, em primeiro lugar, aos sacerdotes, que Deus pôs como luminares à frente de seu povo.

S. Paulo escrevendo a seu discípulo Tito, bispo de Creta, exorta-o a praticar as virtudes, que devem exornar um sacerdote, (pois naquele tempo todo o sacerdote era bispo de alguma igreja) e diz-lhe que viva sem crime, que não se mostre soberbo nem iracundo, nem beerrão, nem malfeitor, nem avarento, como convém a um ministro

de Deus. Recomenda-lhe expressamente que dê a todos exemplo de boas obras, que seja hospitaleiro, benigno, sóbrio, justo, santo, casto. (Tit., 7 3)

A obrigação, que tem o Padre, de dar bom exemplo flui, em primeiro lugar, da mesma ordem sacerdotal, em que foi investido. A Igreja na ordenação dos presbíteros faz por eles esta oração a Deus: "Que sejam exemplo de justiça, de constância, de misericórdia, e das outras virtudes, e que vão à frente dos fiéis com o exemplo de boas obras".

Em segundo lugar, a obrigação, que têm os Padres, de dar bom exemplo, funda-se no múnus pastoral, que receberam de Jesus Cristo, de serem o sal da terra e a luz do mundo. O sal serve para temperar a comida e preservar a carne da corrupção. Os Padres com o exemplo de uma vida regular e virtuosa devem tornar aos fiéis mais saborosa a observância da lei de Deus, e mais suave o peso de sua cruz.

O mesmo se requer para serem a luz do mundo, pois, como diz S. Crisóstomo, só o podem ser se forem como *lustres* no meio do templo, que iluminam os fiéis com o brilho de suas virtudes; ou segundo o profeta Daniel, como *estrelas*, que do céu de sua vida santa e modelar, mostram aos pecadores o caminho da salvação; ou, finalmente, segundo S. Carlos Borromeu, como *faróis*, que no mar tempestuoso desta vida, enviam um raio de luz aos naufragos, que se debatem com as ondas do pecado.

Em terceiro lugar, a obrigação de dar bom exemplo deduz-se, para todo o Sacerdote, do hábito clerical. "A veste clerical reclama santidade", diz S. Jerônimo. Se o militar evita toda a ação, que desonre a sua farda, quanto mais o Padre, que reveste a libré da milícia de Cristo, deve estar longe de toda a ação, que deslustre o seu caráter sacerdotal?

Pelo hábito clerical o Padre está separado do mundo e é consagrado ao serviço de Deus: por isso, seria desonrar o seu estado, se vivesse conforme o mundo e servisse as suas paixões, em vez de servir a Deus.

Os que vêem um Padre revestido do hábito talar dar mau exemplo, dirão que está representando uma farsa e que é um lobo vestido com a pele de cordeiro: o hábito é de santidade, mas as obras são de pecador.

Em quarto lugar, a obrigação, que impende a todo o Padre, de dar bom exemplo, estriba-se na imitação de Cristo. O Padre, quando recebeu a unção sacerdotal, ficou constituído outro Cristo no poder e nas obras. Ora, a vida de Cristo foi toda um exemplo de santidade; ninguém o acusou de pecado algum, antes todos louvavam as suas palavras, bendiziam as suas ações, apregoavam a sua bondade e mi-

sericórdia. As acusações, que contra ele levantaram os seus inimigos, foram todas declaradas falsas, e a sua inocência foi várias vezes proclamada por Pilatos.

Tal deve ser a vida do sacerdote, tão conforme à de Jesus, que ninguém tenha de que o censurar nem nas palavras, nem nas obras, nem na igreja, nem na rua, nem no altar, nem no confessionário, nem na vida particular, nem na pública.

Mas, se em vez de dar bom exemplo, o der mau, que sucederá? Fará mal a si mesmo, aos fiéis, à sua classe e à Igreja.

A si mesmo, porque se tornará objeto das críticas e censuras dos paroquianos, que perderão nele a confiança e fugirão de lhe confiar os segredos da consciência e até duvidarão do valor da sua Missa.

Tornar-se-á indigno de que Deus seja generoso com ele e lhe comunique as suas graças. Atrairá sobre si os castigos do Céu, porque, quando Deus quer castigar uma nação, começa pelos sacerdotes como responsáveis pelos pecados do povo. No massacre descrito por Ezequiel, quer Deus que os padres sejam as primeiras vítimas. *A sanctuario meo incipite*. Começai pelos ministros do meu santuário. (Ezeq., 9, 6)

Ser-lhe-á feito um juízo mais severo, pois não só terá de dar conta da sua vida, mas do mal que causou nos fiéis com seu mau exemplo. O castigo será ainda mais terrível. Foi revelado a S. Brígida, que os padres pecadores serão submergidos mais profundamente no fogo do Inferno, do que os outros condenados, e que há grande alegria nele, quando lá entra um Padre.

Fará mal à sua classe. — O mau exemplo que dá um Padre aos fiéis, afeta toda a classe sacerdotal, pois o povo, por um, julga os outros. Ainda que nem todos se guiam por este falso princípio, contudo não deixa de ser desacreditada a autoridade sacerdotal pelo mau exemplo de padres maus.

Quem mais goza com os desregramentos do clero, são os inimigos da Igreja, que se aproveitam deles para denegrir e desacreditar a reputação de santidade, de que desfruta, geralmente, a hierarquia eclesiástica.

S. Paulo, já em seu tempo, previu este mau efeito para as igrejas por ele fundadas, e por isso recomenda a seu discípulo Tito: "Dá a todos o exemplo de boas obras, para que os inimigos não tenham nenhum mal que dizer de nós". (Tit., 2, 7)

Fará mal aos fiéis. — Porque em vez de os atrair com seus bons exemplos para a observância dos mandamentos, e frequência dos atos religiosos, os abandonará a si mesmos com perigo de perderem a fé e de se filiarem nalguma seita acatólica.

O Padre com sua vida mundana e libertina não será mais o sal da terra, como o designou Jesus Cristo, pois em vez de preservar da

corrupção os fiéis, deixá-los-á apodrecer nos vícios por falta de pregação apostólica e de assistência no confessional.

Muitos pecadores não terão quem os estimule à virtude e à conversão a Deus; viverão no pecado sem o mérito de boas obras, e morrerão com risco de se perderem eternamente. Muitos enfermos não terão quem os confesse à hora da morte e lhes administre os sacramentos, e assim aparecerão diante de Deus sem estarem de todo purificados de seus pecados por negligência de seu vigário.

Que peso enorme de responsabilidade !

Fará mal à Igreja. — Quem mais sente os tristes efeitos do mau exemplo dos Padres é a santa Igreja, que se lamenta de ter nutrido filhos que a desonram e contristam: *Filios enutrivi... ipsi spreverunt me.* (Isai., 4, 2)

Os Padres, que dão mau exemplo, entravam a obra da Igreja, que é dilatar o reino de Cristo nas almas. É por falta de pastores solícitos, que muitos se conservam na indiferença religiosa, morrem as associações, descursa-se o catecismo das crianças e enraizam-se os vícios e maus costumes.

O Padre é posto na Igreja para edificar e não para destruir. Enquanto dá bom exemplo com uma vida santa, cheia de zelo e caridade, edifica, produz e constrói. As associações vigoram, o Apostolado da Oração aumenta, as crianças afluem numerosas ao catecismo, as obras sociais prosperam; há piedade, há fé, há frequência de sacramentos, há vida religiosa na paróquia, a que preside um Padre virtuoso, humilde, abnegado, sobrenatural.

Venha para esta paróquia um Padre sem o espírito de Jesus Cristo, sem abnegação, sem zelo da glória de Deus, e tudo cairá em ruínas.

O Padre, que goza do prestígio de santo e virtuoso, é a maior força duma paróquia. Todos aceitam os seus conselhos e cumprem as suas ordens. Todos estão prontos a secundá-lo em suas empresas e ninguém se nega a coadjuvá-lo com seu auxílio e cooperação.

O Padre de vida honesta, sacrificada e laboriosa torna-se mais apto para ser o mediano entre Deus e o povo, e o instrumento das graças e bênçãos do Céu. Conta-se que uma religiosa pediu a Deus, que perdoasse ao povo em atenção aos méritos dos sacerdotes. Respondeu-lhe, que eram eles que mais O irritavam e fechavam o canal das suas graças.

O Padre exemplar pregará com mais fruto, porque ensina com a palavra o que pratica com as obras. A sua Missa será mais assis-

tida, porque é celebrada com mais recolhimento e devoção. O seu confessionário será mais frequentado, porque seus conselhos são mais acertados e paternais.

A Igreja consagra o primeiro sábado de cada mês, ao sacerdote, porque nada é tão necessário hoje na cristandade como sacerdotes santos.

O Padre Organizador

Cumpra que a vida do Padre se manifeste em obras, que glorifiquem a Deus e edifiquem os fiéis. O Padre deve ser outro Cristo. Ora, a vida de Jesus Cristo costuma-se resumir em duas palavras: *Pertransiit benefaciendo*: passou pela terra praticando boas obras. (At. 10, 38). Tal deve ser a vida do Padre: a sua passagem pelas várias localidades de sua paróquia deve ficar assinalada com alguma obra de zelo, e de caridade em bem de seus paroquianos.

Segundo o testemunho de S. João, as obras de Jesus foram tantas que, se houvessem de se escrever em volumes, não haveria lugar bastante no mundo, que os contivesse. *Nec ipsum arbitror mundum capere posse eos qui scribendi libros*. (Jo. 21, 25)

Os Padres chamados a continuar o ministério de Cristo, devem aparecer aos olhos dos homens como seus ministros. *Sic nos existimet homo ut ministros Christi*. (I Cor., 4, 1) Somos pois obrigados a trabalhar e a trabalhar muito pela plantação do reino de Deus.

Meditemos, portanto, na obrigação que temos de empreender obras de zelo e no modo de as empreender.

As obras do Padre, são manifestações práticas do seu zelo. As graves razões, que impõem ao Padre o dever de ser zeloso, criam-lhe também a obrigação de ser homem de ação, e estas razões deduzem-se de três títulos :

de — homem de Deus : *tu autem homo Dei*; (2 Tim., 3, 17)

de — embaixador de Cristo : *pro Christo legatione fungimur* ; (2 Cor., 5, 20)

de — funcionário da Igreja: *de foro Ecclesiae facti estis*.

1. O homem de Deus.

Deus é o bem infinito e tem, como apanágio de sua natureza, o ser difusivo e inesgotavelmente liberal para com as criaturas. Mas Deus não vai diretamente aos homens, senão por outros homens. A lei

da mediação foi inaugurada por Moisés, continuada pelos profetas, concluída por Cristo: *Unus et Mediator Dei et hominum homo Christus Jesus*. (I. Tim., 2, 5) Mediador único, Cristo, o Homem-Deus, perpetua-se na terra pelo homem de Deus, o sacerdote. Nisto faz S. Tomás consistir essencialmente o sacerdócio: *Proprium officium sacerdotis est esse mediatorem inter Deum et populum in quantum scilicet divina populo tradit: unde dicitur sacerdos quasi sacra dans*.

O Padre, como homem de Deus, tem que ser também difusivo e espalhar o bem a mãos largas. Deve sair de si mesmo para dar-se todo, de alma e coração, aos fiéis, como Deus saiu de Si para se fazer homem, a fim de se comunicar mais facilmente aos homens e torná-los participantes de sua mesma natureza: *Divinae consortes naturae*. Enviado, para este fim, por seu Pai, confia aos Padres o mesmo mandato de se darem a obras de zelo apostólico: *Sicut misit me Pater et ego mitto vos*. (Jo. 20,21).

2. O Padre, como *embaixador de Cristo*, deve exercer a sua atividade junto dos homens com obras de zelo e caridade.

A Igreja nascida na cruz, do lado trespassado da divina Vítima, ficou incumbida de espalhar pelo mundo os tesouros do seu Coração, e para isto organizou um corpo de apóstolos, os Padres, que, como vigários ou capelães, como escritores ou educadores, como catequistas e missionários, promovam, organizem, desenvolvam obras de apostolado no meio de todas as classes da sociedade. O Clero é, pois, o exército conquistador de Cristo-Rei, ao qual se vieram juntar, como companhia de voluntários os sacerdotes regulares. Nos primeiros séculos surgiram as Ordens contemplativas para sustentar o apostolado da Igreja pela oração e a penitência. Na Idade-Média vêm as Ordens Militares para defeza da cristandade e assegurar ao Clero o livre exercício das funções eclesiásticas. Logo nasceram as Ordens heróicas para levarem mais longe os efeitos benéficos da caridade cristã, pela redenção dos cativos. As novas necessidades da cristandade fizeram surgir as Ordens Mendicantes e a Ordem dos Pregadores para a dilatação da fé e combate das heresias. Assim é que o sacerdote, tanto secular como religioso, não pode ficar de braços cruzados diante das múltiplas necessidades das almas, que reclamam a sua atividade.

3. O Padre, como *funcionário da Igreja*, deve pôr ao serviço dela o melhor de sua atividade. E como a Igreja se acomodou a todos os tempos, segundo a máxima de S. Paulo: *Omnibus omnia factus sum ut omnes facerem salvos*. (I Cor., 9, 22) assim o Padre, seu ministro, deve ser homem do seu tempo e trabalhar conforme as necessidades da sociedade atual.

Os tempos, hoje, são outros: as necessidades dos católicos de hoje são muito diferentes das dos tempos passados. A sociedade atual exige do Padre novos processos de propagação e defeza da fé, novas

instituições, novas indústrias para opor ao mal, que se alastra, uma barreira insuperável. A Igreja entrou em novas lutas contra inimigos encarniçados, que lhe fazem a guerra mais acintosa, fecundos em inventar novas armas de ataque contra a fé e a moral cristãs.

A atividade do Padre é hoje reclamada em maior escala, visto o estado doentio, em que se encontra a sociedade. A novos males, novos remédios. A hora presente é de luta, e no momento da batalha é preciso fazer frente de todos os lados e utilizar todas as armas. Se os generais de Napoleão tivessem feito parte do estado-maior na guerra passada, poriam de parte os antigos processos de combate e se serviriam de aviões contra aviões, de gases asfixiantes contra gases asfixiantes, de tanques e metralhadoras contra outros tantos aperelhos de destruição bélica.

No exército de Cristo dá-se o mesmo: o soldado, cuja estratégia não evolui, cuja tática continua idêntica e rotineira, se não merece o qualificativo de traidor, dificilmente se livra de ser tido por inepto e imbecil.

Antigamente os Padres podiam não se preocupar com escolas-livres, pois havia frades e freiras, que se dedicavam ao ensino sem encontrar obstáculos; podiam não se inquietar com organizações catequéticas, pois o catecismo se aprendia na família e na escola, e os meninos, vinham, sem dificuldade, aos cursos preparatórios da primeira comunhão; podiam não se afligir demais com a imprensa má, pois não estava muito difundida e lia-se pouco; podiam não se preocupar demasiado com fundar patronatos, clubes recreativos para preservar a mocidade, pois o espírito de família conservava os filhos e filhas junto dos pais, em cuja convivência tinham a mais doce e sadia recreação.

Hoje, tudo está mudado. O ensino religioso nas escolas é nulo e muitas famílias não se preocupam com a instrução religiosa de seus filhos. Os meninos do povo estão, por via de regra, sujeitos a um regime de ensino ateu ou de uma neutralidade, que oculta, sob a capa de patriótico, um sectarismo que chega ao impudor de banir das escolas todo o sentimento religioso. É grande a dificuldade em juntar os meninos para o catecismo, nos quais não se chega a formar uma sólida e completa mentalidade cristã, e muitos deles farão uma primeira comunhão muito solene sem saberem o que vão fazer, comunhão que para muitos será talvez o último ato religioso, de sua vida, se se pode chamar assim um ato maquinal. Os maus jornais vão por toda a parte, as folhas e revistas pornográficas são às legiões, os livros ímpios vêem-se expostos em escaparates, os romances entram em todas as casas, e, passando de mão em mão, levam ao coração da juventude o veneno da incredulidade e do erotismo.

Não há mais espírito de família; a mocidade emancipa-se antes do tempo; ignoram-se as noções mais rudimentares do respeito, da

dignidade pessoal; zomba-se de tudo que é sério; procura-se o que é trivial e accidental, postergando o que é essencial e absolutamente necessário.

O campo está sáfaro, por conseguinte, e demanda os braços do Padre para o ir arrotar. O inimigo não cessa de semear a zizânia no meio do bom trigo, e a ronha da impiedade alastra-se pela seara da cristandade.

E quem se há-de levantar contra este progresso do mal? Quem lhe dá-de sair ao caminho e bradar-lhe corajosamente: "Pára! daqui não passas; ou, se passas, há-de ser sobre meus suores, sobre minhas lágrimas, sobre meu sangue!" Quem há-de ser o homem divinamente armado, santamente consagrado para este efeito? — O Padre — E' ele que se há-de opor tenazmente, com a sua atividade, a que o redil da Igreja seja invadido pelos lobos da irreligião.

Para isto é mister estar de atalaia e com os olhos abertos sobre todas as entradas do lobo, industriar-se na arte de contraminar sua astúcia, aparar os golpes e remediar os estragos, que, porventura, tenha causado no redil. Se o Padre não age assim, ou trai seu dever ou falta ao seu officio, ou não comprehende a sua missão.

Ser fiel aos exercícios de piedade, fazer fielmente a homilia ao domingo, visitar os doentes, quando é chamado pelos que os cercam, é, hoje em dia, notoriamente insufficiente. O Padre que sistematicamente se reduzisse a isto, assistiria boquiaberto, à morte de sua paróquia e assumiria, diante de Deus, uma enorme responsabilidade.

Se o dono não vai desalojar o inimigo, quando sorrateiramente lhe mina a casa pela base, pode, porventura, julgar-se irresponsável de sua ruína? Se o pastor, quando o lobo se aproxima do rebanho, não toma o cajado para o afastar, ficará porventura, tranquilo em sua consciência com a mortandade das ovelhas? E' ao Padre que está oficialmente confiada a guarda da casa: *Constituit eum dominum domus suae.* (Sal. 104, 21) É a ele que foi confiado o rebanho. Se não é assim que procede, merecerá ser estigmatizado pela palavra do divino Méstre: *Mercenarius est non pertinet ad eum de ovibus* (Jo. 10, 13)

Escusas

E que poderá alegar o Padre para se escusar deste trabalho, que lhe é imposto por missão especial de Deus, por exigência de sua vocação sacerdotal, pelo officio pastoral, que lhe foi confiado?

Já sou velho, diz um, e ninguém exige de um velho que seja professor de ginástica, nem que se ponha a jogar a bola com os meninos do catecismo, nem que se ponha a comandar um batalhão

de escoteiros católicos. — A idade não impede que o Padre se ocupe das escolas, da imprensa, dos círculos de estudos: antes, ao contrário, a auréola da experiência, que lhe cinge a fronte encanecida, é segura garantia de que suas empresas terão bom sucesso.

Outro se escusa dizendo que não sabe fazer nada. — Isto vale tanto como dizer que não sabe ser Padre. Porventura já se esqueceu do que lhe ensinaram no Seminário? Já esgotou todas as graças e luzes que recebeu na ordenação? Não se lembra que — *Fit faber fabricando* — que o operário faz-se operando?

Outro apresenta a escusa de que não é bem sucedido em suas empresas. — Razão imperiosa para se dar a elas com mais atividade, pois o sucesso é daqueles que confiam na vitória: *Audaces fortuna juvat*. (Virgílio) Quem não atingiu o alvo com a primeira seta, tira outra e outra do carcaz, embebe-a no arco e dispara até acertar. Demais a mais, Deus não exige sucesso, mas esforço. Se este Padre nada obtém em sua paróquia, outro virá, que, aproveitando o seu trabalho, fará surgir do terreno inculto, regado com os suores de seu predecessor, uma seara promissora de sazonados frutos. Enquanto que, se nada intenta, e cruza os braços diante do campo inculto, deixará a seu sucessor uma terra de baldio cem vezes mais difícil de ser explorada por aquele que se queira meter a cultivá-la.

Outro se escusa dizendo que nada há que fazer em sua paróquia.

Isto é o mesmo que dizer que tudo está por fazer, ou que o Vigário não sabe, ou não quer, ou não pode fazer nada.

Nisto não há que estranhar. É certo que a graça da obediência supre muitas impotências; todavia, é permitido admitir que para trabalhar, o operário tem necessidade de uma tarefa ao seu alcance. Sucede também, não raras vezes, que o vigário se indispõe com suas ovelhas, ou elas se indispõem com ele, do que resulta tornar-se o vigário incompatível para poder operar livremente em bem de seu povo. Sem dúvida, não deveria ser assim. Mas há um recurso: que peça para mudar de paróquia. Quem é desprovido das aptidões necessárias para cultivar uma vinha, seria muito louco, se não vendesse essa vinha e comprasse um campo de mais fácil cultura.

Concluamos. Todo o Padre deve ser homem de ação. Para nos convenceremos, meditemos na parábola dos talentos, e acautelemo-nos que a nossa inércia e pusilanimidade nos exponha, na hora extrema, a sermos apelidados pelo divino Juiz por servos iníquos: *Serve nequam, male et piger*. (Luc., 19, 22)

Objeções

Nem todos olham com simpatia para muitas obras de zelo, a que se dedicam certos Padres e os censuram por isso. Consideremos al-

gumas das objeções, que, às vezes, se formulam contra os Padres que se consagram ao exercício de obras católicas. Estas obras, dizem :

1. — arruinam a vida interior ;
2. — laicizam a inteligência ;
3. — inclinam à vulgaridade ;
4. — dissipam os tesoiros do tempo, do dinheiro e da dedicação.

1. *Arruinam a vida interior.* Este Padre está positivamente absorvido pelas obras exteriores; desembaraça-se, como pode, do Breviário; vai à igreja somente para administrar os sacramentos a toda a pressa; salta da cama para subir ao altar, faz um simulacro de ação de graças e logo se derrama pelas obras exteriores.

É certo que a vida interior não pode existir sem oração, sem recolhimento, sem união com N. Senhor; e a salvação do Padre está em perigo. Seus esforços serão infecundos; vazio de Deus, também não poderá dá-lo às almas; agitar-se-á, mas não agirá. As obras de zelo deviam vivificá-lo; mas, ao contrário, matam-no, e o que deveria ser uma fonte de vida para os outros, torna-se uma fonte de morte para o Padre.

Mas o mal não está nas obras, que o Padre empreende em bem do próximo. Tudo é questão de disciplina e regulamento de vida, o que só depende da vontade. Somos livres de nos reservarmos um tempo determinado para a oração, apesar de uma vida assoberbada por uma infinidade de trabalhos absorventes. Cortemos o inútil, suprimamos até o útil para nos contentarmos só com o necessário.

Muitos Padres, não obstante suas múltiplas obras de apostolado, fazem, todavia, sua hora de oração cada dia, e não omitem nenhum de seus exercícios de piedade, o que longe de prejudicar, secunda o êxito de suas obras. E porque não hão de fazer o mesmo todos os Padres?

É questão de disciplina, torno a dizer. Tenhamos tempo para cada coisa e tudo irá bem. Coloquemos o acessório depois do necessário, não transijamos nunca com a oração nem com o Breviário, que devemos rezar a tempo, *attente et devote*. Tomemos o conselho do divino Mestre e todas as nossas obras surtirão bom efeito. "Procurai primeiro o reino de Deus e tudo o mais se vos dará". (Mat., 6, 33)

Este ponto é de tão capital importância, que aquele que não tivesse nem bastante fé, nem bastante coragem para levar juntas a vida interior e a vida ativa, deveria renunciar a esta, primeiro que àquela.

2. *Laicização da inteligência.* É outra objeção contra certos padres que vivem absorvidos pelas suas obras.

Não se pode negar. Entremos no quarto deste Padre. Numa mesa em desordem, jornais, revistas, peças de teatro, partituras de música, tudo acumulado promiscuamente, entre cachimbos, cinzeiros e caixas de charutos. Em vão procuraremos uma Bíblia, uma teologia, um livro de leitura espiritual; tudo isto está relegado para uma biblioteca onde não faltam romances modernos de alguma celebridade. É o quarto de um homem de vida ativa e de obras sociais e católicas, que lhe absorvem, por completo, a inteligência.

Conversemos com ele. Se levantamos uma questão teológica ou canônica, cala-se ou confessa sua insciência ou sorri maliciosamente. Se o escutamos, cremos estar diante de um crítico dramático ou musical, de um apreciador de cinema e de futebol, e teremos necessidade de léxico para compreender as expressões, que nossa língua, aliás rica, não se encontrou digna de fornecer aos esportistas.

Cada um é o que lê. Deve haver diferença entre a conversação de um Padre e de um secular. Mesmo falando de coisas profanas, o primeiro deve manifestar um modo de pensar superior ao do segundo.

O Padre deve conservar o seu espírito sacerdotal em meio de todas as suas obras. Sob o pretexto de agradar aos homens, não os deve enganar e passar, diante deles, pelo que não é. O Padre, para ser do seu tempo, não deve esquecer-se que é também da eternidade. Um homem do mundo admira-se, e com razão, de ver tal e tal defeito em um homem da Igreja, o Padre, que muito se engana se pensa que é com certas transigências com o espírito do mundo, que julga atrair a si a estima dos homens.

Mas ainda aqui não culpemos as obras que absorvem a atividade de certos Padres. Elas seriam prejudiciais aos seus autores se estes se esquecessem de que elas são meios e não fins. Reunir as coletividades não é um fim, é um meio de que o Padre se serve para a glória de Deus. Baloçar-se no trapézio, dar saltos mortais, dirigir orfeões, organizar festas e passeios, são simples meios para fins honestos, como preservar a juventude da corrupção e do vício. Todos estes atos externos não os faz o Padre senão em função de seu zelo pela glória de Deus e preservação da inocência. Esta é a sua ideia fixa; é ela a inspiradora de tudo que empreende.

3. *Vulgaridade de atitudes.* O Padre no entusiasmo de suas obras, dizem, pode descer à vulgaridade. No meio de seus rapazes quer correr com eles, jogar com eles a bola, no que forçosamente terá de se vulgarizar e perder muito de sua dignidade. Outro irá banhar-se com a turba de pequenos e grandes, sem atender aos passeadores e passeadoras; outro irá com sua turba infantil ao circo ou se verá no

casino de cigarro na boca, de cartas na mão diante de garrafas de cerveja. Qualquer argumento que se apresente para justificar estas vulgaridades é evidentemente inadmissível.

Um Padre pode assistir a uma exibição gímica, mas sem se constituir juiz. Pode ser bom, simples, acessível, sem descer à familiaridade que gera o desprezo. O povo quer ver no Padre o pai, o amigo, mas nunca o camarada. Os fiéis querem ver no Padre o padre, e isto obriga-o a uma atitude grave, de modo que se não diga dele com justiça: "É um homem como os outros no que se vê; e porque o não hà-de ser no que se não vê?"

Também aqui não acusemos as obras de zelo apostólico. Elas não obrigam aquele que habita no alto, a descer à vulgaridade; muito ao contrário, essas obras obrigam-no a permanecer acima do vulgo e a observar do alto o que se passa em volta de si. Além disto, lembremo-nos que os que estão colocados no alto é que podem inclinar-se ao povo. O Padre para descer ao povo deve estar de cima; se se iguala com o povo, já não pode descer até ele.

4. *Dispersão dos tesoiros.* Quando se vêem os resultados duvidosos e mínimos das obras de zelo, que empreendem alguns Padres, é-se tentado a lamentar a sua desproporção com o esforço exigido e dissipado. Sob o ponto de vista das finanças, as obras de zelo são um verdadeiro sorvedouro. Em segundo lugar, estas obras tomam toda a atividade do homem, que, possuindo dotes exímios de inteligência, dissipa estes ricos tesoiros negligenciando o estudo, que, bem orientado, podia fazer do Padre um foco de luz no céu da Igreja. Em terceiro lugar, quantas saúdes se arruinam em pouco tempo por causa de muitas obras tomadas sem medida e método? E, ao considerar todo este esbanjamento de tesouro, de dinheiro, de talento e de saúde, tem-se a tentação de dizer: *Ut quid perditio haec?* Para que tanto desperdício? (Mat., 26. 8)

Repitamos ainda uma quarta vez: a culpa disto não são as obras da ação católica. É certo que é impossível estabelecer uma equação entre os trabalhos e os seus frutos. O bem que se faz nem sempre se vê. Todavia, nada, que é puro e sobrenatural, é estéril. Nada se perde do que é sacrifício e imolação. Deus vê tudo e de tudo tira partido para sua glória. Poderá alguém dizer que os que se esforçam e trabalham, pouco resultado colhem; que será daqueles que nada fazem? Os primeiros têm por si esta vantagem: que o que fazem lhes servirá sempre para sua salvação. Quanto aos outros, que passam a vida na inércia, e malbaratam os dons que Deus lhes deu, preparam para si a eternidade da cigarra: encontrar-se-ão sem boas obras, que lhes garantem uma eternidade mais feliz, porque passaram o verão da vida cantando e divertindo-se.

O Padre e o Apostolado social

O Verbo Humanado, depois de 30 anos de vida oculta, deu-se à vida ativa de apostolado, percorrendo as cidades vilas e aldeias da Palestina. Pregava a palavra de Deus a toda a classe de pessoas, em qualquer parte, onde a multidão se reunia, no templo, na sinagoga, na praia, na planície, no deserto, nas montanhas.

Entrava pelas casas particulares e jantava com os pecadores e publicanos, aproveitando toda a ocasião de falar do reino de Deus e de sua missão divina. O seu apostolado social foi dos mais vastos e fecundos. Não houve miséria que não aliviasse. Deu de comer a uma turba imensa, que o foi ouvir no deserto; consolou a viúva de Naim, ressuscitando-lhe o filho; curou o cego de nascença, restituindo-lhe a vista; o paralítico da piscina, e tantos outros.

Atendia aos chamados para ir curar algum doente, ressuscitar algum morto, assistir a algum banquete, pregar alguma missão. Em todas as casas, onde entrou, deixou algum benefício: na casa de Jairo ressuscitou-lhe a filha; na casa de Pedro curou-lhe a sogra de uma grande febre; na casa de Zaqueu converteu-lhe toda a família; na casa dos noivos de Galileia, mimoseou-os com a água convertida em vinho; na casa de Marta e Maria ressuscitou-lhes o irmão Lázaro.

Assim o Verbo divino não encarnou só para Si, mas baixou dos céus “por nós mortais e por nossa salvação”. Do mesmo modo, o sacerdote, que é o seu representante, não foi ordenado somente para si, mas para o povo, para os seus paroquianos, para todos aqueles que formam o rebanho de Cristo.

A todos os sacerdotes foram ditas as palavras do Evangelho: “Pregai, ensinai”. Nelas não se marca o tempo e o lugar. Portanto, não é só no púlpito e na igreja, que o Padre deve pregar e ensinar, mas em qualquer parte onde se encontre em contacto com os fiéis.

Se o Padre está à espera que o povo lhe vá à igreja ouvir os sermões ou ao confessorário pedir-lhe conselhos, reduzirá ao mínimo o raio de sua atividade apostólica. A maior parte não vai à Missa nem assiste à pregação, e pouquíssimos são os que procuram o confessorário. Como, pois, cumprir a ordem terminante de Jesus de pregar e ensinar? Só imitando o mesmo Salvador, indo pelas aldeias, fazendas e povoados, e sobretudo pelas casas particulares a difundir a semente da palavra de Deus.

É preciso que as ovelhas ouçam a voz do seu Pastor, e que o Pastor conheça as suas ovelhas. Ora, as ovelhas só se conhecem bem, andando no meio delas. Hoje não são as almas que vão ao Padre,

mas o Padre que deve ir às almas. Este foi o proceder de Deus no tempo de Moisés e dos profetas: mandava-os ir ter com o povo e declarar-lhe as suas vontades.

Se o Padre não vai ao povo, irão outros: irá o protestante a difundir as suas bíblias, irá o comunista a pregar o seu ateísmo, irá o espirita a propagar as suas fraudes, irá o jornal ímpio, a revista pornográfica, o livro imoral, o panfleto caluniador da Igreja, do Papa, dos Bispos e do Clero.

Quem é o Padre que não sai a campo contra tantos inimigos de Deus e das almas? Quem assim fizer, parecer-se-á a Caím, que, pedindo-lhe Deus conta de seu irmão Abel, respondeu: "Porventura sou eu o guarda do meu irmão? (Gên., 4, 9)

Assim como o sangue de Abel pedia, da terra, vingança a Deus sobre quem o derramara, do mesmo modo muitas almas, que se perdem, pedirão, no dia de juízo, vingança a Deus sobre os sacerdotes, que, devendo velar por elas, as não puseram no caminho da salvação.

É, pois, dever do vigário entrar em íntimo contacto com seus paroquianos e visitá-los em suas habitações para levar-lhes as bênçãos de Deus. Muitas vezes há uma certa frieza das famílias com o seu vigário, que se desfaz com estas visitas. Por meio duma conversa simples e leal se dissipam muitos preconceitos, que existem entre os fiéis e o seu pároco.

Todos os corações se abrem ao receber a visita do ministro de Deus, quando o não levam interesses pessoais, mas sim o desejo de entrar em relações de amizade com toda a família. Esta mais se cativa da presença do ministro do Senhor, se vê o interesse que mostra pela saúde dos filhos, pelos negócios materiais da casa, pela felicidade dos pais e pelas necessidades econômicas, que os oprimem.

Neste apostolado social não deve o Padre omitir a visita aos túrgios dos pobres e dos operários para se informar de sua vida material e religiosa e das precisões mais urgentes, a que é necessário ocorrer com presteza e caridade.

Nestas excursões apostólicas, que o vigário deve fazer ao menos uma vez por ano, não esqueça as casas de detenção e saúde, pois nelas é mais necessária a sua presença de pai e consolador dos que sofrem.

Este apostolado social não se fará, todavia, sem ter o Padre muito que sofrer. Umaz vezes será recebido com frieza, outras com indiferença. Terá que sustentar a conversa com pessoas cuja mentalidade é inteiramente diferente da sua; terá que dissimular o tédio em ouvir intermináveis pormenores de fatos da vida mundana e fingir interesse em certas confidências de famílias desavindas.

Mas com prudência, caridade e zelo deixará cair aqui um conselho, que resolva as dificuldades duma família, acolá um pensamento salutar, que minore as penas da vida, além uma palavra consoladora, que oriente as vontades para os bens eternos.

Tal foi a vida do divino Mestre, que tinha por missão “evangelizar os pobres e curar as enfermidades espirituais e corporais de seu povo”. Assim O vemos cansado do caminho, sentado na borda do poço de Sicar à espera da Samaritana para lhe oferecer a água viva da fé no Messias e por ela atrair os Samaritanos a entrar no reino de Deus.

Ele é o Bom Pastor, que, deixando as 99 ovelhas a bom recado, vai por meio de silvados à procura da ovelha perdida. A sublime virtude da caridade é que há-de sustentar o Padre nesta vida de sacrifícios pelo bem do próximo. Depois de um dia de laboriosas visitas aos paroquianos terá a consolação de dizer, apesar dos insucessos experimentados, as palavras do Evangelho: “Fizemos o que devíamos”. (Luc 17, 10)

Entretanto, este ministério não está livre de perigos. Em primeiro lugar, deve-se evitar a demasiada familiaridade. A familiaridade, quando sai fora dos limites da modéstia, gera desprezo, antipatia, afastamento. A simplicidade, ao contrário, a reserva, o comedimento recomendam o respeito à dignidade sacerdotal. O povo quer ver no Padre o Padre, e não um simples homem.

Por isso S. Paulo tanto recomenda a seu discípulo Timóteo, que no trato social se mostre um perfeito modelo no falar, na conversação, na caridade, na fé, na castidade. (1 Tim. 4, 12) Que as palavras do sacerdote sejam sempre caridosas, reservadas e comedidas. É assunto muito delicado falar dos outros e externar impressões sobre esta e aquela pessoa, pois tudo se comenta, se propala e se desvirtua ao passar de boca em boca. Basta uma palavra inconsiderada para desacreditar um sacerdote. “O homem é tal, diz S. Jerônimo, qual for a sua conversação”.

Não só nas palavras, mas também nas obras deve o prudente sacerdote evitar tudo que desdiga da santidade do seu ministério, como é andar muito pelas casas dos ricos banquetecendo-se e assistindo a festas mudanas. Nessas ocasiões sempre há excessos em tudo e se falta a uma honesta frugalidade, que fica bem em todo o eclesiástico.

Em princípio, seria melhor que o Padre não se visse jantar em casa de leigos, a não ser em família de reconhecida piedade para cumprir algum dever de cortesia. É certo que Nosso Senhor jantava em casa dos judeus e publicanos, mas Jesus Cristo era Deus e Homem, ao passo que o Padre é só homem, e homem com todas as fraquezas humanas.

Neste caso, porém, não deve desprezar a mesa dos pobres e humildes, que muito se orgulham de hospedar o ministro do Senhor, e de o servir com generosidade. Sobre este ponto dá S. Jerônimo um bom conselho: "Ou ama a todos igualmente, ou desconhece a todos igualmente".

Lembre-se, finalmente, o sacerdote que no seu apostolado social deve usar de muita prudência, que é uma das virtudes, que Jesus mais recomendou aos seus discípulos, quando os mandou pregar uma missão. "Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas". (Luc., 17, 10)

E S. Paulo faz a seu discípulo Timóteo esta recomendação: "Evita as viúvas adolescentes". (1 Tim., 5, 11) Nem vale apresentar como pretexto para fazer certas visitas a mulheres, dizer: "É minha organista... é a presidente do Apostolado... é uma Filha de Maria, minha catequista..."

Escutemos neste ponto ao angélico Doutor da Igreja: "Nem por serem (as mulheres) mais santas, devem ser menos temidas, pois quanto mais santas forem, tanto mais atraem, e sob o pretexto duma conversa santa mistura-se o visco da sensualidade".

Convencido desta doutrina usará o Padre de todo o recato em suas visitas, não tendo preferências mais para uma casa do que para outra, não transpondo mais vezes o limiar duma que o limiar doutra, sem motivo justo. "Adquire a prudência, diz o Espírito Santo nos Provérbios, que é mais preciosa do que a prata. (16. 16)

A prudência, tão necessária ao Padre no trato com o próximo, precisa de outra virtude auxiliar, que é afabilidade, sem a qual há perigo de gorar todo o seu ministério.

A afabilidade, a que podemos dar por sinônimos: a delicadeza, a urbanidade, a cortesia, e a polidez, é uma virtude natural, que podemos adquirir e converter em sobrenatural.

A afabilidade pode ser fruto das duas primeiras e suprir a sua deficiência. Um homem caritativo e prudente será naturalmente afável, e um homem afável será necessariamente caritativo e prudente, ao menos na aparência.

Mas esta afabilidade e delicadeza não consiste em protocolos mundanos; trata-se de uma distinção que recomenda o mérito, ditada por uma delicadeza de sentimentos e elevação de vistas, que domina os corações. As pessoas mais elevadas não têm o monopólio da boa educação; um Padre, filho de um operário, é muitas vezes mais polido e delicado, que o Padre, filho de um milionário, e de um aristocrata.

Podemos dizer que há grande prejuízo para o ministério de um Padre, que não possui, ou afeta não possuir, a qualidade de saber viver. Num mundo, em que a carência de espírito de fé nos faz aparecer como os outros homens, devemos procurar, ao menos, ser

homens perfeitos, até exteriormente, porque os que nos cercam, superficiais e vãos, formam seus juízos e baseiam a estima que têm de nós pelo que vêem no exterior. A urbanidade nas maneiras, a amenidades das relações e a doçura das palavras abrem avenidas amplas a nosso ministério.

A urbanidade oferece sempre uma vantagem incontestável: nela temos um moderador perpétuo e uma conselheira útil para reprimir uma palavra picante e trivial, um gesto brusco e talvez brutal. Ela dita uma atitude humilde sem baixeza, afável sem adulação.

Sejamos delicados com toda a gente, mas sobretudo com os colegas, que também devemos visitar, o que é de necessidade e um dever; o Padre que foge de seus colegas, autoriza que se façam, a seu respeito, suspeitas as menos benévolas: *Honore invicem praevenientis*, nos aconselha S. Paulo. E quantos obedecem a este conselho? Não acontece que um Padre se encontra na rua com outro sem se saudar? Não sucede que um Padre, já idoso, se dedica de saudar um Padre mais jovem e até um seminarista imberbe?

Ouçamos sobre este assunto um prelado, cuja autoridade é incontestável, Mons. Gibbons:

“A afabilidade e a delicadeza são indispensáveis ao eclesiástico em suas relações com o mundo. A ausência delas pode comprometer, e às vezes neutralizar, seu ministério. A urbanidade não custa nada, costuma-se dizer, mas com ela compra-se tudo”.

“Falo aqui, continua Gibbons, com toda a sinceridade de minhas mais sérias convicções, de um dos melhores meios, que um Padre pode empregar para manter a paz e a concórdia entre seus irmãos do clero, nas paróquias e nas famílias, que é observar as regras da delicadeza e do bom-tom. Certamente, não devemos permitir que estas práticas degenerem em familiaridades frias e rígidas; mas estou persuadido que a maior parte das desinteligências, que às vezes sofrem membros do clero, certas reservas e friezas que existem no seio dos sacerdotes, relações difíceis entre colegas das paróquias vizinhas, têm muitas vezes sua origem na omissão de certos atos, que exige a cortesia, e que todos devem ter uns para com os outros”.

“A sabedoria e a virtude, observa o filósofo Samuel Johnson, não bastam para garantir a urbanidade das relações e impedir que resvalarem em rudeza e grosseria. Precisamos das leis suplementares da boa educação. É a boa educação que controla, que modera a estima de si mesmo para impedir que se corrompa e torne insolente. Entretanto permitem-se mil e mil incivildades, mil e mil negligências em matéria de cortesia, sem algum remorso de consciência”.

Procuremos ser polidos e urbanos, o que nos obrigará a uma multiplicação de pequenas virtudes, muito meritórias, das quais a humildade não será das menores. Pode-se dizer da polidez o que se diz da

doçura; quem a possui, possuirá a terra: *Beati mites quia terram possidebunt.* (Mat., 5, 4)

Mas é claro, que não trabalharemos neste sentido com intuitos humanos e vistas naturais. É por Deus e pelas almas que vigiaremos sobre nós e faremos esforços para nos violentarmos.

Assim, colocar-nos-emos numa atmosfera de espiritualidade, que, elevando-nos e purificando-nos, dará a tudo que fizermos, mérito e virtude. Uma atitude sorridente, imbuída do espírito de fé, dá ao Padre um ascendente misterioso sobre aqueles de quem se aproxima. Assim também a nossa afabilidade alegrará a caridade, virtude dominadora dos corações, e na qual se resume, em definitiva, tudo que se impõe ao Padre na visita a seus paroquianos.

Demo-nos de alma e coração à prática destas obrigações, que acabamos de meditar. Deus dá o que manda. Estamos, pois, seguros da assistência do Mestre divino, que nos mandou ser caritativos, prudentes e delicados, quando disse: *Faciam vos fieri piscatores hominum.* (Mat., 4, 19)

O Padre em sua casa

Parochus obligatione tenetur residendi in domo paroeciali prope ecclesiam. (Cân. 465)

Depois de termos considerado o Padre pelas casas dos paroquianos, é de muita utilidade considerar o Padre em sua própria casa. Esta, por mais modesta que seja, deve-lhe ser sempre muito cara, e como uma espécie de santuário. É lá que Jesus Cristo manda o Padre orar a seu Pai celeste, em segredo: *Clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito.* É lá que ele estuda, trabalha, prepara o pão da verdade, que há-de distribuir aos fiéis. É lá que recebe a confiança dos corações aflitos e derrama neles o bálsamo da consolação e da paz. É lá que recebe os colegas para se reconciliarem com Deus e para conferenciarem sobre assuntos paroquiais. É lá, enfim, que o Padre repara as forças gastas no apostolado, e dilata o espírito e o coração com santas leituras. Quanto mais o Padre viver em sua casa, mais gosto terá em viver nela. A casa do Padre deve-se distinguir: 1. pela disciplina; 2. pelo asseio; 3. pela ordem.

I. Disciplina

O exterior de um ser é o reflexo do seu interior. A casa do Padre deve ser, pois, à imitação da santa casa de Nazaré, a casa do silêncio, do trabalho e da oração.

a) *Casa do silêncio.*

Por vocação, o Padre é o homem de oração e de trabalho intelectual, com o fim de se tornar um homem de zelo e um instrumento apto da glória de Deus. Isto, naturalmente, lhe impõe horas de solidão e de silêncio. O que anda sempre por montes e vales, e nunca se encontra em seu posto, mas vê-se vagueando pelas ruas da cidade, sem motivo razoável, pode-se dizer que é um Padre superficial e sem espírito interior, e que está cavando um vácuo lamentável de altos pensamentos e nobres ideais. Por se tornar familiar com alguns, não quer dizer que atraia a si mais simpatias. Atraia ele, com seu recolhimento, mais fiéis à igreja, e sucederá o contrário; todos o procurarão e olharão com simpatia e respeito. E, se muitos se afastam, não será por se cansarem de esperar à sua porta para serem atendidos?

b) *Casa de trabalho.*

Fique em sua casa o mais possível. Nunca terá tempo bastante para fazer aquilo que deve fazer. Para ter em dia a escrituração de casamentos e batizados, todo o tempo é pouco. Não faça como aquele bom vigário, que, sendo removido da paróquia, deixou ao seu sucessor um cesto de papéis com assentos de batizados de muitos anos, por fazer. Para a recitação do Breviário, preparação de homilias e catecismos, não há horas que cheguem.

c) *Casa de oração.*

Enjoar-se de sua casa é equivalentemente enjoar-se de Deus, porque Deus não se encontra na difusão exterior da alma, mas no silêncio e recolhimento: *Ducam eam in solitudinem et ibi loquar ad cor ejus.* (Os., 2, 14) No fundo da alma de um apóstolo autêntico há sempre uma alma de anacoreta. O verdadeiro missionário é um verdadeiro contemplativo. Depois de se ter difundido, pelo exterior, no trato com o próximo, tem fome e sede de intimidade com Deus, de recolhimento e de oração,

A disciplina deve também regular as saídas de casa, que podem obedecer aos fins seguintes :

a) *combater a misantropia.*

Ficar em casa não quer dizer encerrar-se nela *Sicut nyctycorax in domicilio* (Sal. 101, 7) como uma coruja no domicílio. O Padre, sendo o homem de todos, deve ser acessível a todos. Há, de certo, um gosto da solidão, que não provém da necessidade do estudo e da oração, mas de uma tendência marcada para a misantropia. E, como nisto há um indício de orgulho oculto, de egoísmo refinado e de sensualismo mascarado, urge combater esta tendência com renunciar um pouco à solidão.

b) *atender aos pedidos.*

O Padre, sendo o homem de todos, deve estar pronto para acudir a todos; e sabemos que este é o ponto mais importante do aposto-

lado moderno. Ao primeiro chamamento para um ministério qualquer, o Padre deve estar pronto a responder afirmativamente e ir logo onde o dever o chama. O não querer sair de casa, quando o dever o chama, pode ter consequências graves, como a morte sem sacramentos de um doente, a retirada de um penitente, que desistiu de se confessar por encontrar o vigário difícil de sair de casa para ir à igreja.

c) *visitar os paroquianos.*

É claro que a visita aos paroquianos, sem parcialidade, o fará sair de casa a horas regulamentares; horas conhecidas de todos, para evitar um desencontro àqueles que, tendo necessidade dele, viriam procurá-lo, precisamente, naquele tempo. Estas horas devem ser restritas para não se distrair demais, horas suficientes para visitar todo o povo duas ou três vezes por ano.

d) *ver os doentes.*

É evidente que o Padre dará aos doentes a sua mais atenta solicitude e trabalhará habilmente por aproximar de si e da Igreja aqueles que não reclamam a sua assistência sobrenatural. Multiplicará seus esforços, suas atenções, seus sacrifícios, sem se deixar esfriar por um mau acolhimento, sem desanimar com os primeiros insucessos. Aqueles que lhe deram mais trabalho em os preparar para os sacramentos, e àqueles que desejam sua presença depois de os receber, continuará a fazer suas visitas apostólicas, já para os preparar melhor para a morte, já para os animar a perseverar no bem, se melhorarem. Limitar-se um Padre a ir aos doentes só quando é chamado para lhes administrar os sacramentos, sem voltar mais à sua cabeceira, seria agir como um funcionário, e não como um pai carinhoso, que não abandona os seus filhos até ao último momento.

II. *Ordem*

A vida, na casa do Padre, deve ser sujeita a uma certa ordem. Nada mais deplorável que uma vida sem ordem. Nunca se chegará a fazer coisa alguma de valor. Viver de caprichos é viver de hesitações, é empregar o tempo em diletantismo, é dissipar um tesouro irreparável, o tempo. Não passemos o dia a perguntar-nos o que devemos fazer. Saibamos sempre de ante-mão em que nos devemos ocupar, e de véspera determinemos as ocupações do dia seguinte.

a) *Ordem nas ações.*

O homem inteligentemente laborioso ordena suas ações, dispõe as horas com método e sabedoria, e, levado por um movimento da

ordem, chega sempre a tempo para a realização do seu programa. Providenciemus a todos os nossos deveres e assinalemos a cada um a sua hora, quanto for possível, sobretudo àqueles a que estamos obrigados todos os dias.

b) *Ordem no levantar.*

Levantar cedo ajuda para o corpo e para o espírito. Sejamointransigentes neste ponto, que é de uma importância capital. A preguiça matutina prejudica todo o dia. Quando ao princípio da viagem se não desembaraça o caminho, só com dificuldade e demora se chegará ao termo. O dia que principia pela vitória da preguiça e é temperado com o sal da austeridade, só pode ser um dia abençoado.

c) *Ordem nos exercícios de piedade.*

Organizemos, em seguida, nossos exercícios de piedade, que devem estar acima de tudo o mais, em particular, nossa oração e meditação, que por nenhum pretexto devemos omitir; depois a preparação para a Missa, a ação de graças, o Breviário, sem falar doutros: o exame de consciência à noite, a visita ao Santíssimo, o Terço, a leitura espiritual.

d) *Ordem nos estudos.*

Escolhamos a hora mais propícia, que havemos de consagrar aos nossos estudos eclesiásticos, uma hora ao menos cada dia, o tempo que devemos sacrificar às exigências de casa, às recreações que nos proibiremos além da justa medida. Lembro-me daquele bom neo-sacerdote, célebre musicista, que, começando sua vida paroquial, elaborou o seu programa de vida da forma seguinte: As 5 levantar, 5 1/2 meditação, 6 Missa etc... das 10 às 11 piano. Apresentando-se porém, um menino que pretendia ser padre, e precisava para isso de aprender latim, o bom vigário sacrificou a hora de piano a uma aula de latim diária para formar um novo sacerdote.

e) *Ordem na biblioteca.*

Lancemos um rápido olhar sobre a biblioteca deste Padre. Os livros estão em desordem e é com dificuldade e impaciência que procuramos um que desejamos consultar. Na doutro, porém, é o contrário. Os livros estão todos agrupados segundo as matérias de que tratam, cada um ocupa o lugar que lhe pertence, e instintivamente lançamos a mão àquele que desejamos conferir.

Disposto, assim um dia de trabalho, tudo correrá sem tumulto e tudo se fará com ordem e a seus tempos.

Objeção.

Mas, naturalmente, acudirá alguém com esta objeção: "Na vida de um Padre, que, precisamente porque é homem de todos, está à mercê de todas as exigências, o imprevisto é frequente e desorganiza a tal ponto as mais sérias disposições, que desconcerta a melhor boa-vontade.

Resposta.

O imprevisto, quando é previsto, não desnorteia uma vontade seriamente disciplinada, que encontra em seu regulamento um ponto de apoio para restabelecer a ordem por acaso perturbada. Não quer isto dizer que sejamos escravos de um horário inflexível, como o do Seminário, mas, obrigados por algum dever imperioso, a sair de nosso regulamento, devemos voltar a ele, logo que pudermos, e assim não omitiremos nada do que tínhamos determinado fazer. Concordamos que certos dias particularmente sobrecarregados não nos permitem seguir a ordem estabelecida. Uma disciplina severa desfará então o mau efeito produzido em nossa vontade, obrigando-nos a fazer o que estava em nosso horário, para manter o princípio. Não pudemos fazer uma meia hora de meditação matutina? faremos cinco minutos na primeira hora livre. Não pudemos recitar o Ofício nos momentos litúrgicos? Recitá-lo-emos todo inteiro sem omitir um "Amen" nas horas silenciosas da noite. Foi-nos impossível rezar o Terço? Uma dezena, ao menos, antes de deitar, não encurtará notavelmente o nosso sono.

O Padre apóstolo pelo sacrifício

Nosso Senhor na escolha dos meios, que empregou para salvar as almas, utilizou em larga escala o zelo exterior pela palavra e ação e o interior pela frequente oração. Mas o meio por excelência, que adotou para a redenção do mundo, foi o sacrifício.

É certo que a menor ação de Cristo, por ser uma ação teândrica, possui um poder infinito de salvar, e por conseguinte, com uma gota de suor, com um passo, com uma palavra, podia regenerar-nos superabundantemente junto do Pai. Mas a cruz é o instrumento capital da obra da redenção. *Sine sanguinis effusione non fit remissio.* (Hebr., 9, 22) É por ela que o mundo há-de ser salvo. É com ela que Cristo há-de pagar o nosso resgate. Na cruz está a nossa vida, salvação e ressurreição: *In cruce, salus, vita et resurrectio nostra.* (Liturgia)

Mas Cristo não pôs só na cruz o remate de sua vida. Nasceu sobre cruces formadas pelas palhinhas do Presépio, e não se separou delas, até que uma grande cruz lhe serviu de leito para morrer. A vida toda foi uma série ininterrupta de cruces, sobre as quais caminhou com passo firme e desassombrado, pois não veio ao mundo para gozar, mas para sofrer. Por isso, a *Imitação* diz com muita razão: *Tota vita Christi crux fuit.* Cruz, foi toda a vida de Cristo. (Liv., II, C. XII n. 7.)

E assim devia ser, porque já desde o princípio do mundo a cruz estendia sua benéfica sombra sobre o futuro Redentor da humanidade. Os Livros sagrados O preconizam "Homem das Dores" *Virum dolorum et scientem infirmitatem*. (Is., 53, 3) Costuma-se dizer que Nosso Senhor tomou sobre Si todas as enfermidades menos o pecado. Todas indistintamente, não. Só tomou aquelas que são naturais e irrepreensíveis. Há com efeito certas enfermidades, que trazem consigo uma privação de luz ou de graça, como a ignorância, a inclinação para o mal e uma certa inaptidão para o bem. Estas Cristo não as tomou, pois eram indignas d'Ele, e só concorriam para diminuir a sua obra de reparação.

Há outras que se dizem accidentais, porque vêm de causas particulares e não atingem todos os homens. Tais são as doenças, a mutilação dum membro, ou defeitos naturais na configuração do corpo, e têm, sem dúvida, por causa primária o pecado de Adão. E este é o motivo por que todos os homens podem passar por elas. É evidente que estas misérias não existiam para Jesus.

Restam as enfermidades comuns à humanidade, como a fome, a dor, a tristeza, a morte. Estas pertencem também à natureza e têm por causa o pecado original. O homem no estado de inocência estava preservado delas por um dom sobrenatural. Mas entrando o pecado no mundo, todo o homem ficou sujeito a elas. Pelo Evangelho consta que Jesus Cristo só estas carregou sobre Si. Mas foram bastantes para tornar toda a sua vida um contínuo sofrimento. Ainda que pesaram sobre Ele principalmente na sua sacratíssima Paixão, contudo começou a sofrê-las na previsão do futuro, logo desde o princípio do mundo, como afirma S. João no Apocalipse : *Agnus qui occisus est ab origine mundi*. (13, 8) O Cordeiro que foi morto desde o princípio do mundo.

Houve quem negasse o sofrimento de Cristo, atribuindo-lhe um corpo impassível e aparente. Esta heresia é designada pelo nome de *aphtartodocetismo* sustentado por Juliano de Halicarnasso, bispo monofisita desta cidade. Apoiava-se esta opinião no falso conceito de ser o corpo do Verbo incarnado incorruptível por ser absolutamente indene do pecado original, e, por conseguinte, as enfermidades humanas não existiam n'Ele como em nós.

Mas contra esta heresia dos docetas escreveu S. Inácio aos fiéis de Esmirna: "Nosso Senhor saiu verdadeiramente da raça de David segundo a carne, nasceu duma virgem e foi crucificado sob o poder de Póncio Pilatos. Sofreu verdadeiramente e a sua Paixão não foi uma simples aparência". O Evangelho afirma claramente esta verdade, dizendo por S. João: "O Verbo se fez carne". *Et Verbum caro factum est*. (1, 14)

Cristo não só quis a cruz para Si, mas também para todos os seus discípulos: "Se alguém quer vir após Mim, tome a sua cruz

e siga-Me". Com ela mimoseou os que mais amava, como sua Mãe santíssima, que foi a que mais parte teve nas dores de sua Paixão. Depois dela os Apóstolos, aos quais, como seus mais íntimos amigos, deu a saborear as doçuras do martírio. Depois dos Apóstolos, todos os fiéis experimentaram, em maior ou menor quantidade, o amargor do sofrimento. Este nem sempre é físico, mas moral; nem sempre afeta o corpo, mas a alma.

Quando Deus nos poupar o sofrimento, devemos procurá-lo livremente, como nos manda o divino Mestre: "Abnegue-se a si mesmo". Onde não há abnegação, não há apostolado. Abnegação até no nosso modo de ver e pensar, que é o que mais custa ao nosso amor próprio, mas que é muitas vezes absolutamente necessário, se queremos fazer algum bem nas almas.

A Igreja foi fundada em sangue, e em sangue se há-de perpetuar através dos séculos. Onde ides, Senhor? pergunta Pedro a Jesus, que lhe aparece no caminho de Roma. — Vou a Roma, respondeu-lhe o Senhor, para ser crucificado. (Referia-se à morte do santo Apóstolo). E como Pedro, os primeiros sustentáculos da Igreja, os Papas dos três primeiros séculos foram todos, salvo raras exceções, coroados do martírio.

A salvação do mundo começou pelo sacrifício e pelo sacrifício se há-de continuar. A vitória do cristianismo sobre o paganismo operou-se pela cruz. Foi pela cruz que o imperador Constantino venceu Maxêncio e que a Igreja se consolidou em Roma. O sangue dos mártires fecundou aquela terra e dela brotou uma seara de Santos, que se vêm perpetuando até aos nossos dias. Nossa Senhora, aparecendo em Fátima, recomendou aos três videntes a penitência e o sacrifício, para que a paz da "grande guerra" viesse logo ao mundo.

Não há que fugir deste decreto da Providência. O mundo, que começou e continua no pecado, só se salvará pela dor. A redenção operada no Calvário continua a operar-se todos os dias em nossos altares-calvários. Ao grande Imolado deve juntar-se a imolação dos pequenos imolados; ao sacerdote, os fiéis, para que o sacrifício de todos suba num holocausto suavíssimo até ao trono de Deus.

Quem mais deve aplacar a Deus com sacrifícios e oblações pelos pecados do mundo, é o sacerdote. Disto foi incumbido ao receber as ordens sacras: *Ut offerat pro populo sacrificia*. Ele deve poder dizer com S. Paulo: "Completo em mim o que falta à paixão de Cristo". E se tem consciência de sua vocação, deve julgar-se alguma coisa de Cristo, um pedaço do crucifixo, um membro do Crucificado.

E será tal quando se oferecer como vítima pelos pecados do mundo. Moisés dizia a Deus: "Ou riscai o meu nome do livro da vida, ou perdoai ao vosso povo". O Padre, verdadeiramente zeloso da glória de Deus, não pode deixar de sentir os pecados do mundo e de se oferecer como vítima por eles. Sta. Rosa de Viterbo vivia num per-

pétuo retiro, oferecendo-se incessantemente a Deus como vítima pela Igreja. E se isto faz uma monja, que não deve fazer um oficial do estado-maior do divino Capitão Jesus? A vida sacerdotal está tão ligada ao sacrifício, que é impossível ao Padre passar um só dia sem ter de se abraçar com ele para cumprir integralmente o seu santo ministério.

E, se não tem este espírito de sacrifício, à menor importunação dum freguês, sair-se-á em palavras descompassadas, desconcertantes e grosseiras, que muito rebaixam o conceito, que se deve fazer dum ministro de Jesus Cristo. "As almas instruem-se com a palavra, mas salvam-se com o sacrifício", costumava dizer o Pe. Vieira. Realmente, o sacrifício é mais apostólico do que a oração, a qual para ser fecunda deve ser misturada com alguma gota de sangue. O apostolado, que se limita a palavras, dificilmente penetra nos corações, que só se deixam convencer com o sacrifício. O povo cristão só acredita na dedicação do Padre, quando o vê sacrificar-se pelos seus fregueses.

Um Padre queixava-se, um dia, ao Cura d'Ars, de ter ensaiado todos os meios para regenerar a sua paróquia, mas sem obter o menor resultado. Então o Santo perguntou-lhe: "E já empregaste todos os meios? já usaste do jejum, da disciplina, do cilício? Enquanto não sofreres alguma coisa pelas tuas ovelhas, não podes dizer que empregaste todos os meios para conduzir a Deus os pecadores".

Os Padres, que mais se sacrificam pelas almas, têm mais segura a salvação e gozem, na morte, duma santa alegria. O. P. Antônio Cardim da Companhia de Jesus, estava a morrer. Tinha passado sua vida sacrificando-se pelos pecadores. No último transe experimentou tanta alegria e confiança, que se teve por excesso. Disseram-lhe que na morte é preciso confiar, mas também temer. Ao que o Padre respondeu: "Por que? porventura servi eu a Maomé? Não, não, eu servi a Deus e por Ele me sacrifiquei pelas almas; que tenho pois que temer?"

Tendo Jônatas salvo os Hebreus das mãos dos Filisteus, por uma brilhante vitória, que alcançou afrontando os maiores perigos, foi condenado à morte por Saul seu pai, por ter comido mel contra sua ordem. O povo sabendo disto começou a clamar: "Por ventura há-de morrer Jônatas, que fez esta grande salvação em Israel?" E estas vozes valeram a salvação de Jônatas (1 Reg., 14, 40) As almas dirão o mesmo do Padre, que se sacrificou por elas: "Senhor, haveis de condenar ao Inferno este Padre, que tanto se sacrificou por nos arrancar dele?"

Utilidade do sacrificio

Almas para orar não faltam; almas para agir em bem do próximo também se encontram e até em grande número; porém almas para sofrer e sacrificar-se pelos outros são muito poucas. Todavia são elas que formam o escol dos discípulos de Cristo, ao qual devem pertencer todos os sacerdotes, que são os substitutos dos Apóstolos, de quem disse o divino Mestre: *Vos estis qui permansistis mecum in omnibus tentationibus meis.* (Luc., 22, 28)

Do sacrificio se pode dizer o que S. Paulo disse da piedade: *Pietas ad omnia utilis.* (1 Tim., 4, 8) A piedade é útil para tudo. Assim o sacrificio é útil para tudo que diz respeito à nossa santificação, à glória de Deus e à salvação das almas. As nossas paixões, que são o maior obstáculo à nossa santificação, nunca as venceremos sem nos sacrificarmos em muitas coisas, que nossa sensualidade reclama. É por isso que andamos sempre arrastados no serviço de Deus acumulando quedas sobre quedas sem nunca nos decidirmos a uma reforma completa de nossa vida. É que nem todos possuem aquela disposição de cortar pelo vivo das próprias paixões, que só é peculiar àqueles que se querem assinalar no serviço de Cristo-Rei.

Todos andamos empenhados numa grande luta do bem contra o mal e cada um de nós é a fortaleza, em que esta luta se trava. E para sair com a vitória só há uma arma, que nos aconselha S. Paulo, a armadura de Deus: *Induite armaturam Dei.* (Efs., 6, 11) Ora, a armadura de Deus só pode ser a cruz, com a qual Cristo venceu o mundo e o demônio. Num bosque em França, onde se deu uma grande batalha, foi levantado um monumento ao general Driant. Uma grande cruz ocupa o bloco quase todo. Em baixo, emergindo do granito, uma multidão de cruzinhas. O escultor Calvet quis indicar que o sacrificio do chefe e o dos soldados foi quem decidiu da batalha. Do mesmo modo, quem há-de decidir da batalha, que hoje se trava entre o comunismo e o catolicismo, é a grande cruz do nosso Chefe Jesus Cristo e as nossas cruzinhas particulares de soldados fiéis ao seu serviço.

Em segundo lugar devemos utilizar o sacrificio para glória de Deus, e é quando Ele nos visita com alguma doença. Então a nossa atividade deve ser toda empregada em santificar os nossos sofrimentos aceitando-os como dádivas da mão de Deus. Do Padre, quando enfermo, deve poder dizer-se o que alguém disse dum paralítico: "Este padecente não é uma vítima passiva, mas ativa: apesar de paralítico, aniquilado, imóvel, transforma-se em motor na ordem sobrenatural; sua impotência cristãmente aceita converte-se em causa de potência, e pode dizer com o Apóstolo: *Cum infirmor, tunc*

potens sum. (2 Cor., 12, 10) Quando enfermo, então é que sou poderoso. Poderoso sim, mas só pelo sacrifício unido ao de Jesus Cristo, do qual lhe vem a força e magnanimidade em sofrer.

O cristão, que sofre, é como um templo, onde está arvorada a cruz. Assim como Deus é glorificado pelos templos da cristandade, que ostentam sobranceiros o sinal da nossa redenção, não menor glória recebe dos templos místicos, que são os cristãos enfermos, nos quais divisa também a cruz do sofrimento e uma imagem de seu Filho Jesus Cristo na dolorosa Paixão.

Em terceiro lugar, devemos utilizar o sacrifício para salvar almas. Exemplos de conversões de pecadores devidas ao sacrifício de almas caridosas, são muito frequentes. Uma menina, cujo pai era dado à embriaguez e resistia a todos as admoestações do Vigário e de pessoas amigas, resolveu oferecer-se como vítima a Nosso Senhor para obter a sua conversão. Começou a jejuar diariamente. O pai sabendo do motivo do jejum de sua filha e temendo pela sua saúde, absteve-se; mas dentro em pouco voltou à mesma. A filha recomeçou o jejum, até que o pai abandonou para sempre o seu mau hábito.

No Sanatório de Villepinte, em França, quatro meninas cujas famílias estavam fora da religião católica, combinaram-se para obter a sua conversão e tomaram este expediente: designando-se cada uma com o nome de uma flor, formaram um ramalhete, que ofereceram à Santíssima Virgem para obter a graça desejada. Desde esta data começaram a chamar-se com o nome das ditas flores: Açucena, Rosa, Violeta, Margarida. Deus aceitou este inocentíssimo sacrifício e em pouco tempo o ramo começou a desfolhar-se, flor a flor, até à última pétala.

As almas novas parecem mais dispostas ao sacrifício, porque são mais acessíveis às comunicações do Espírito Santo. Três donzelas, Madalena, Luísa e Carolina, ocupam-se em confeccionar toalhas e outros linhos para o altar. Numa pala destinada ao Vigário, para cobrir habitualmente o calis durante a Missa, uma delas introduziu este bilhete: "Desejamos todas três, ó Jesus, sofrer como Vós e convosco; ferí, não nos poupeis; satisfazei em nós vossa justiça para perdoardes aos pobres pecadores". Só Deus sabe quantas almas devem a sua conversão ao generoso oferecimento destas três apóstolas.

O Padre neste ponto de oferecer sacrifícios pelos pecadores, não deve ficar atrás dos simples fiéis, de meninos e meninas, que tanto agradam ao Senhor com seus pequeninos obséquios. Um vigário queixa-se de que há na sua paróquia pouca frequência de homens aos atos religiosos e sobretudo à recepção dos sacramentos. E onde está o sacrifício, que se lhe pede, de rezar o Breviário atenta, devota e integralmente? Onde está o sacrifício de consagrar, todos os dias, um quarto d' hora à recitação do Terço em honra de Nossa Senhora?

Onde está o sacrifício de renunciar à própria comodidade para atender a um penitente, que o reclama no confessorário ?

E não são precisos, muitas vezes, grandes sacrifícios para obter grandes conversões. Um Padre tinha por amigo um velho capitão, a quem visitava com frequência para o atrair à religião e aos sacramentos sem o menor resultado. Um dia lembrou-se de sacrificar uma xícara de café pelo seu velho capitão. Passados alguns momentos batem à porta a pedir um padre para um doente na rua tal... O Padre põe-se logo a caminho e é introduzido na casa do seu velho capitão, que o mandara chamar para se confessar.

Outra utilidade do sacrifício é satisfazer a Deus pelos pecados dos homens. Foi para isto que o Verbo eterno se fez homem e passou na terra uma vida de privações e sofrimentos, que terminaram com a morte na cruz. E o Padre não está incumbido da mesma missão ? Não só lhe cumpre perdoar os pecados, mas dar a Deus satisfação por eles, pois os pecadores, na sua rudeza e falta de perfeito arrependimento, nunca podem satisfazer plenamente a Deus por suas culpas. Viajando S. Francisco Xavier para a Índia, converteu um soldado, que recebeu do Santo uma ligeira penitência. Quando a cumpriu, foi procurá-lo, mas não o encontrou mais. Tinha desaparecido. Por fim foi dar com ele junto duma palmeira disciplinando-se desapiedadamente pelos pecados de seu penitente. Este espetáculo produziu no soldado o efeito do mais severo sermão. Precipitou-se sobre o padre, arrancou-lhe as disciplinas e começou a flagelar o seu próprio corpo até derramar sangue. No futuro este pecador convertido nunca mais se entregou ao jogo.

O Padre Pastor das almas

Um dos títulos, pelo qual é mais designado o Messias nos Livros Sagrados, é o de Pastor. "Assim como o pastor visita o seu rebanho, diz por Ezequiel, eu visitarei as minhas ovelhas". (Ez., 34, 12) Ele mesmo se dá este título no Evangelho: *Ego sum Pastor bonus*. (Jo. 10, 14) Eu sou o bom Pastor. E, ao aplicar-se este qualificativo, anuncia o cumprimento de uma antiga profecia de Ezequiel: "E suscitarei um único pastor, que as apascente" (34, 23) e juntamente anunciava, para os séculos futuros, uma era de paz e segurança.

Em conformidade com estas profecias, Jesus apareceu no mundo não como um rei, pois nasceu sem palácio, sem corte e sem magnificência real; mas como um pastor numa gruta de pastores, sendo

também pastores os que primeiro chamou para junto de seu berço. Ao iniciar a sua vida apostólica, não se apresentou aos Judeus empunhando o cetro de monarca, mas o báculo de pastor. Não lhes disse: "Eu sou um grande rei"; mas: "Eu sou o bom Pastor". E ao fundar a sua Igreja, não lhe deu a forma de um reino, mas de um rebanho: "Apascenta, disse a Pedro, os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas". (Jo. 21, 15)

Nisto se quis o Messias acomodar aos costumes orientais, em que o ofício de pastor nada tinha de rebaixamento e, era exercido pelas pessoas mais qualificadas, como reis e patriarcas, juizes e profetas. E também porque o ofício de pastor traduzia a missão de paz e misericórdia, que Jesus vinha trazer ao mundo. O pastor, em meio de suas ovelhas, é animado de três sentimentos: de solicitude, de complacência e de dedicação.

De solicitude, porque pensa, dia e noite, em suas caras ovelhinhas, tem-nas todas contadas e anda sempre solícito e atento em preservá-las de qualquer acidente mortal. *De complacência*, porque todo o seu prazer é estar com elas, acariciá-las e levá-las a bons pastos. *De dedicação*, porque as acompanha por toda a parte, sofrendo chuvas, frios e calores por causa delas. E, se alguma se tresmalha, corre à sua procura e a carrega aos ombros para a arrebancar às outras.

E não foram estes mesmos sentimentos, que animavam o coração de Jesus Cristo durante a sua vida mortal? Que maior solicitude podia mostrar pelas suas ovelhas, do que o milagre da multiplicação dos pães, com que alimentou mais de cinco mil pessoas, que O vieram escutar no deserto e não tinham que comer para voltar a suas terras? A complacência, que tinha em estar no meio de suas ovelhas, mostrou claramente quando proibiu aos apóstolos, que afastassem d'Ele os meninos que as mães Lhe levavam para os abençoar. Estando um dia pregando rodeado de seus discípulos, disseram-Lhe que estavam ali sua mãe e seus irmãos. Lançando um olhar sobre todos que o ouviam, disse: "Estes são a minha mãe e os meus irmãos". (Mat. 12, 48) Queria dizer que sentia tanta complacência em estar com suas ovelhas, como se estivesse em meio de seus parentes.

A dedicação em procurar reunir num só rebanho as ovelhas dispersas d'Israel, Ele a mostrou no poço de Sicar num prolongado entretenimento com a Samaritana para a elucidar sobre a vinda do Messias; na visita que fazia às casas dos fariseus e publicanos para os atrair à sua doutrina; na parábola do filho pródigo e do pastor, que foi em busca da ovelha perdida.

Por tudo isto Jesus se mostrou um verdadeiro pastor, mas investiguemos mais de perto as qualidades de seu pastoreamento.

Jesus é um pastor que *conhece* as suas ovelhas: *Cognosco meas et cognoscunt me meae.* (Jo. 10, 14) Este conhecimento tem-no Ele

não só como Deus, que tudo sabe, mas como homem, pois andou sempre em contacto com elas. Logo que aparecia em alguma parte, era rodeado pelas turbas, como diz S. João: *Et omnis populus venit ad eum.* (Jo. 8, 2) E todo o povo vem ter com Ele. Esta qualidade é também indispensável ao Padre, que tem cura d'almas, pois sem lhes conhecer o caráter, as condições de vida, os vícios e propensões, não lhes pode fazer todo o bem, que elas precisam. O Padre encarregado de uma paróquia, deve conhecer as ovelhas que lhe foram confiadas; quem são os amasiados, para os meter no bom caminho; os doentes, para os visitar; os moribundos, para os confortar com os últimos sacramentos; os desavindos, para os congregar entre si; os arredios da Igreja, para os atrair à prática da religião.

Jesus é um pastor que *fala* a suas ovelhas: *Et vocem meam audiunt.* (Jo. 10, 27) E falava sem receio nem respeito humano, no monte e no deserto, nas praias de Cafarnaum e na barca de Pedro, na casa dos publicanos e fariseus, na sinagoga e no templo. E a sua voz continua a ser ouvida por toda a humanidade, pois ficou gravada no Evangelho e todos a podem ler ou ouvir ler a cada momento. Mas há muitos pastores, que não falam às suas ovelhas, e muitas ovelhas que não conhecem a voz de seu pastor. E assim ficam prejudicados tanto o pastor como as ovelhas, conforme diz S. Gregório: *Detrimentum pecoris ignominia est pastoris.* O mal do rebanho é a vergonha do pastor. É, realmente, um grande mal para as ovelhas ter um pastor mudo, que não as aconselha, que não lhes prega o Evangelho, que não lhes dá o pasto da boa doutrina. Todos talvez ouvistes já falar daquele missionário, que atravessando, pela calada da noite, uma cidade, se pôs a pregar numa praça sobre o perdão dos inimigos. Ouvia esta voz misteriosa um homem, que ia a sair de casa para perpetrar um homicídio. Aterrado com tal pregação, desistiu de seu malévolo intento. Mais tarde, o missionário atendia à confissão de um homem, que lhe contou como, ouvindo uma pregação, de noite, na praça de certa cidade, desistira de ir matar o seu inimigo. O padre agradeceu a Deus a inspiração, que lhe dera, e adorou a sua Providência.

Jesus é um pastor, que *procura* a ovelha perdida. E quanto não teve que andar para a encontrar? Do céu baixou à terra, percorreu toda a Palestina, subiu montes e desceu vales, sofreu fome e sede, calores e frios, e por fim, no Calvário, subiu ao patíbulo da cruz para salvar a Humanidade representada na ovelha perdida. Mas a Humanidade não é toda de Jesus. Ainda há muitas ovelhas desgarradas, que Ele espera agregar ao seu redil, por dedicação de seus vigários, pelos padres missionários, pelos padres zelosos, pelos padres sacrificados. Um Padre não tem hoje mais tempo para repousar, mas deve estar continuamente de atalaia sobre suas ovelhas. O que se instala numa pacífica rotina, não pode estar em paz com a sua

consciência, porque hoje todo o Padre é pastor e tem a seu cargo alguma porção, maior ou menor, do rebanho de Jesus Cristo: ou é uma associação, de cuja cultura espiritual está incumbido, ou é um colégio, de cuja vigilância e instrução está encarregado, ou é uma paróquia, cuja administração lhe foi confiada, ou um centro catequético, uma cruzada eucarística, um grêmio literário, um grupo de penitentes, que se pôs sob a sua direção. Se o Padre não se interessa e responsabiliza por este núcleo do rebanho de Jesus Cristo, pouco a pouco se insinuará nele o espírito do mal e o levará a uma próxima ruína. O Padre, que não promove intensivamente as obras de Deus contra as do demônio, em vez de ser uma força propulsiva, é o entrave do carro da glória divina e a paralisia das boas vontades. Disto se queixa Deus pelo profeta Ezequiel: *Dispersae sunt oves meae, eo quod non esset pastor*. Desgarraram-se as minhas ovelhas por falta de pastor. (Ezeq. 34, 5)

Jesus é um pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. *Et animam meam pono pro ovibus meis*. (Jo. 10, 15) Não Lhe bastaram fadigas e privações, injúrias e perseguições, que sofreu por suas ovelhas, mas quis dar por elas o sangue e a vida com uma morte de cruz. Não nos remiu com ouro nem prata, mas com seu precioso sangue, diz S. Paulo. (1 Cor., 6, 20) O Padre deve também, à imitação do divino Mestre, estar pronto a dar a vida por suas ovelhas; e, se a não der realmente, ao menos deve dá-la moralmente sacrificando-se por elas, sempre que a necessidade o exigir.

Os padres, que em suas lides apostólicas não derramam algumas gotas de sangue de suas veias e recuam diante das dificuldades e da cruz, não merecem o nome de bons pastores, nem pertencem ao número daqueles — *per quos facta est salus in Israel* — pelos quais veio a salvação a Israel. (1 Mac., 5, 62) O que nos escolheu para seus pastores, avisou-nos que nos enviava — *sicut agnos inter lupos* — como cordeiros para o meio dos lobos. (Luc., 10, 3) Ora, seria muito extraordinário que um cordeiro saísse da luta com os lobos sem alguma ferida e sem derramar algumas gotas de sangue. Feliz o missionário que mostra as mãos pisadas e os pés rasgados de subir as escarpas das montanhas em busca da ovelha perdida, deixando atrás de si o rasto de sangue de suas heróicas aventuras. *Quam preciosi pedes evangelizantium pacem, evangelizantium bona!* (Rom. 10, 15)

Nenhum sacerdote tem direito de dizer; “Eu sou um simples Padre, não estou encarregado de freguesia, só tenho que me ocupar de mim mesmo, de minha família e de meus negócios”.

Não; todo o Padre é obrigado, quanto estiver em si, a trabalhar na salvação das almas. Onde quer que se encontrem fiéis com falta de confessores, ainda um simples Padre é obrigado a ouvir confissões, e se não tem faculdades e aptidão, deve procurá-las, porque, ao receber a Ordenação sacerdotal, foi-lhe conferido, entre outros, o

poder de perdoar pecados para o exercitar sempre que a necessidade dos fiéis o exigir. É por isto que o Concílio de Trento quer que todos aqueles que aspiram ao sacerdócio sejam julgados aptos para administrar os sacramentos. "Deus estabeleceu em sua Igreja a Ordem sacerdotal, diz o Anjo das Escolas, para que os padres santifiquem os homens". (Suppl. 934, a 2) Ora é pelo sacramento da confissão que se regeneram as almas, pois nele recebem a graça santificante, que é o princípio de toda a santidade. E visto ser o ministério principal do Padre perdoar pecados, seu principal dever é tornar-se apto para o exercer, ao menos quando a necessidade dos fiéis o reclame, para não tornar inútil a graça da Ordenação: *Ne in vacuum gratiam Dei recipiatis*. (2 Cor., 6, 1)

Não é raro ver um Padre bom em sua vida particular, sem todavia ser um apóstolo. Muitos têm o espírito sacerdotal mas não o pastoral, se é que podem andar separadas estas duas ideias num ministro do altar. *Multi sacerdotes et pauci sacerdotes; multi numero, pauci opere*, diz S. Afonso de Ligório. Muitos sacerdotes e poucos sacerdotes; muitos no número e poucos nas obras. Isto pode suceder ou por falta de conhecimento do que exige o caráter sagrado, ou por indolência da vontade, que toma o desastroso hábito de isolar instintivamente da existência tudo que perturba a quietude de uma vida sedentária e burocrática.

Jesus é um pastor que *vai à frente* de suas ovelhas: *Ante eas vadit* (Jo., 10, 4) para levá-las a bons pastos e preservá-las de perigos. Vai à frente no abandono de todas as comodidades e bens terrenos, porque, quando as raposas têm suas tocas e as aves seus ninhos, o Filho do Homem não tem sobre que reclinar a cabeça. Vai à frente no desprendimento da carne e do sangue, quando aos doze anos, sem avisar seus pais, fica no templo para dar glória a seu Eterno Pai e manifestar a sua sabedoria e santidade aos doutores da lei. Vai à frente no jejum e abstinência, quando, antes de iniciar a sua vida apostólica, consagra 40 dias a estas austeridades. Vai à frente nas humilhações, nos opróbrios, nas injúrias do Horto, dos tribunais, do Pretório, da Via-dolorosa, do Calvário. Quem não há-de seguir um Pastor tão dedicado, que com suas pegadas e exemplos abre o caminho por onde devem andar todos aqueles que são chamados ao apostolado e a sacrificar-se pelas suas ovelhas!

Também o Padre, vigário, deve ir à frente de suas ovelhas disposto a ser o primeiro a oferecer o peito às balas dos inimigos da Igreja; à frente na hora do sacrifício, quando vier a fome, a peste e a seca visitar o seu rebanho; à frente na hora em que o inimigo venha espalhar o joio da falsa doutrina na mente e no coração dos seus paroquianos; à frente na oração, na guarda dos mandamentos, no exercício das virtudes cristãs, na luta contra os vícios; à frente

para poder dizer a suas ovelhas o que S. Paulo escreve aos Coríntios: *Imitatores mei estote sicut et ego Christi.* (1 Cor., 4, 16) Sede meus imitadores como eu sou de Cristo.

Os Pastores devem estar à frente dos fiéis, dando-lhes o exemplo de uma vida santa, pois assim como a sua dignidade os coloca num plano superior e são como as torres das igrejas, que superam o casario da cidade e dominam tudo com a sua altura, do mesmo modo devem sobressair aos simples fiéis em virtude e santidade, para não merecerem ser tidos por pastores mercenários, que Jesus, no c. 10 de S. João, tão asperamente censura. E mercenário é todo aquele que só age por interesse. O bem só se faz por caridade e S. Paulo escreveu que a caridade não é ambiciosa. (1 Cor., 13, 5)

O amor do dinheiro, das honras, das comodidades vicia todo o trabalho sacerdotal e tira-lhe todo o mérito e valor. O amor do dinheiro é a antítese do amor das almas. O Pastor que só tem em vista o lucro de seu trabalho, aplica-se exclusivamente aos ministérios mais rendosos, ficando o confessar, pregar e catequizar reduzido à sua expressão mais simples, quando não a uma criminoso nulidade. Ao contrário, o Pastor zeloso e desinteressado sente o — *continuus dolor cordi meo* — de S. Paulo (Rom., 9, 2), sinto uma contínua dor em meu coração ao ver o avultado número de almas que se perdem. Por isso, ora, jejua, afadiga-se, chama e espera, até que exausto solta o último suspiro como Xavier às portas da China, onde via tantas almas para salvar.

Conclusão

Mas os Padres, se bem que são pastores dos fiéis, são também ovelhas de Jesus Cristo, e como tais devem ouvir a sua voz. E entrando agora em contas comigo mesmo, tenho escutado a voz de Jesus, quando me fala por santas inspirações, por leituras piedosas e por meus superiores? A boa ovelha procura o seu pastor: e tenho eu procurado a Jesus no silêncio da oração e nas visitas assíduas ao santíssimo Sacramento? A boa ovelha distingue-se pela sua docilidade, mansidão e candura: e tenho eu sido dócil à voz de meu Pastor divino, que me fala pelos que me governam? não me mostro iracundo com os fiéis, invejoso e refochado?

Jesus quer tanto bem a seus sacerdotes, que lhes reservou um lugar especial de pastagem: *In loco pascuae me collocavit.* (Is., 40, 11) Para isso, tirou-os do mundo e colocou-os no Seminário, onde lhes ofereceu, na formação moral, ascética e científica, uma pastagem sadia, que saturou sua alma de bons princípios, de santos afetos e firmes resoluções.

Esta pastagem podemos dividi-la ainda em três classes: Pastagem da doutrina, dos Sacramentos e do amor: *Pascua doctrinae, Pascua Sacramentorum et Pascua amoris*.

Pascua doctrinae. Nossa educação teológica introduziu-nos numa atmosfera transcendental, que nos pôs em contacto com o foco de toda a luz e verdade, que é Jesus Cristo. Por isso, ninguém melhor que os Padres deve conhecer a voz do divino Pastor, porque a ninguém se manifestou tanto como a eles durante os estudos teológicos.

Pascua Sacramentorum. Em segundo lugar alimenta-nos com o pasto dos Sacramentos, mormente com a Eucaristia, que é a fonte da vida, sobretudo para a alma sacerdotal. Os fiéis alimentam-se da Eucaristia, mas são os Padres, que a preparam, que a distribuem, que a conservam, e que, por conseguinte, têm mais parte nela, vivem mais dela, experimentam mais de perto os seus divinos efeitos.

Pascua amoris. Foi aos Padres que Ele disse estas amorosas palavras: *Vos amici mei estis*. (Jo., 15, 14) A amizade põe os bens em comum e Jesus comunicou-nos tudo que recebeu de seu Pai. Deu-nos a mesma missão, fez-nos herdeiros de seu reino, repartiu conosco os sofrimentos de sua Paixão e as alegrias de sua Ressurreição, deixou-nos a sua paz e prometeu-nos a sua glória.

Eis como Jesus Cristo se fez verdadeiramente nosso Pastor, introduzindo-nos em tão deliciosos e excelentes pastos, que, alimentando-nos, na terra, de sua divina graça, nos preparam para subir, um dia, ao eterno banquete da Bem-aventurança.

O Padre Extremista

Hoje, para um Padre estar à altura da sua missão e corresponder aos constantes apelos de Pio XII, é preciso sair da mediocridade e ser extremista. A mediocridade não é mais para um sacerdote do nosso tempo, mas tem que propender para atingir o extremo na virtude, na ciência teológica e nas obras de apostolado.

Uma virtude medíocre não satisfaz um sacerdote que aspira à perfeição e à perfeita imitação de Jesus Cristo. Uma ciência teológica, que fica só nas especulações e teorias das escolas e se contenta com o que basta para passar no exame, não preenche a missão do Padre, que tem de sustentar polémicas com os opugnadores dos dogmas católicos e deslindar questões de religião entre moças, que já estudaram um pouco de Apologética.

Um zelo, que se entretém somente com fitas de irmandades e com ensinar cantos a um coro de moças, está longe de atingir o alvo do apostolado, que é trabalhar ativamente com o sexo viril, tanto com a classe dos operários como com os altos expoentes da política.

A mediocridade pode ser boa para um católico secular, mas não basta para um eclesiástico. Hoje, o mundo atingiu o extremo em questão de meios corrutores da sociedade, e a um extremo se deve opor outro extremo. Os vícios que grassam por toda a parte já não se corrigem com meias tintas e panos quentes, mas à ponta da espada, que Jesus Cristo trouxe à terra: *Non veni mittere pacem, sed gladium.* (Luc. 12, 51)

O aforismo — *in medio stat virtus* — é a teoria dos mediocres, com a qual não se conformam nem os santos, nem os heróis, nem aqueles que são chamados a desempenhar funções de primeira linha no exército de Cristo, como são os sacerdotes, e a combater os inimigos da Igreja até ao seu completo aniquilamento e extermínio.

Para ser extremista ajuda muito o exemplo de Cristo.

Nosso Senhor em nada foi mediocre, mas tocou os extremos em toda a sua obra redentora. Tendo de se humilhar para assumir a si a nossa natureza, escolheu o extremo nesta humilhação, que foi fazer-se servo — *Formam servi accipiens.* (Filip., 2, 7)

No nascimento foi até ao extremo no modo como nasceu: menino; no tempo em que nasceu: à meia noite; no lugar onde nasceu: uma estrebaria.

No jejum de quarenta dias não guardou regra nem medida no uso das iguarias, mas foi ao extremo, abstando-se de todo o alimento.

No zelo da glória de seu Pai extremou-se no templo de Jerusalém; não se contentou com repreender docemente, mas foi às do cabo, fazendo uns azorragues e expulsando do lugar santo os sacrílegos profanadores.

Na instituição da Eucaristia não podia ir mais longe — *in finem dilexit eos:* (Jo., 13, 1) amou até ao fim, até onde se não pode amar mais.

Na Paixão foi ao extremo em tudo :

Na oração do Horto, não se contentou com sofrer tristeza, pavor e tédio, que é coisa que todos, mais ou menos, sofrem; mas foi até onde ninguém chegou até hoje, a suar sangue pela veemência da aflição.

Nas humilhações foi até ao extremo de passar por louco, sendo Ele a sabedoria incriada, e de ser ludibriado como rei de comédia, sendo Ele o Rei do céu e da terra.

Na flagelação foi muito além do que sofriam os outros flagelados, não se guardando nem o número dos golpes preceituados, nem ao menos a lei natural da compaixão, que se deve ter com todo o ser humano.

Não há que falar da coroação de espinhos, pois nem a esta foi condenado por sentença jurídica, nem opôs a menor resistência às vontades dos soldados.

Na morte experimentou todos os extremos: na cruz, o mais infame dos suplicios, reservado aos criminosos de baixa espécie; no modo de crucifixão, com cravos nas mãos e nos pés, sendo que os outros padecentes foram apenas amarrados ao patíbulo; a sede devoradora, que O fez sentir o amargor do fel; o abandono completo de quem O consolasse na última agonia, o que geralmente não falta a qualquer moribundo: "Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?"

Em tudo, enfim, tocou os extremos para nos salvar. Que é justo que nós façamos? Em vista de tais exemplos, nenhum sacerdote se deve contentar com uma tal ou qual mediocridade, que não honra um verdadeiro discípulo de Cristo.

S. Paulo que se apresentou como imitador de Cristo — *Imitatores mei estote sicut et ego Christi* (1 Cor., 4, 16), foi também extremista.

De fato, as suas cartas traduzem toda a realidade de sua vida de imolação pela glória de Cristo e pela salvação das almas. Foi extremista na ciência e conhecimento de Jesus Cristo. Ele confessa abertamente que não sabe outra coisa senão Jesus Cristo e este crucificado. Não se contentou com uma tal ou qual mediocridade no conhecimento de Jesus, mas quis conhecê-LO integralmente em sua pessoa, obra e doutrina.

Foi extremista na imitação do Salvador, pois quis ser crucificado com Ele — *Christo confixus sum cruce* (Gál. 2, 19) flagelado (At., 22, 24) apedrejado (At., 14, 18) encarcerado, cuspidado e blasfemado; e para mais se parecer com Cristo recebeu em seu corpo as suas cinco chagas: *Ego enim stigmata Domini Jesu in corpore meo porto* (Gál., 6, 17)

Foi ao extremo no amor a Jesus Cristo, pois O amou sem haver força que o pudesse afastar deste amor. E dizia desafiando todas as criaturas, a que se unissem para lhe extinguir a chama desta caridade. — "Quem nos separará do amor de Cristo? dizia; a tribulação? a angústia? a fome? a nudez? o perigo? a perseguição? a espada?... Estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os Principados, nem as Virtudes, nem... nem criatura alguma nos separará do amor de Cristo Nosso Senhor". (Rom., 8, 35)

Foi extremista no zelo, não se poupando a trabalhos, a viagens, padecendo fomes, sedes, naufrágios, perseguições, sem nunca esfriar na caridade, na pregação, na fundação de novas cristandades.

Foi extremista no desinteresse, com que trabalhava, recusando dos fiéis receber deles algum emolumento material, se bem que aconselhava a que se fizessem coletas para outras igrejas. (1 Cor., 16, 1) No desamor às coisas da terra ninguém podia ir mais longe do que ele, que tinha os bens do mundo como escória — *ut stercora* (Filip., 3, 7)

Enfim, o extremismo de Paulo raiou na mais perfeita união com Deus, depois de ser elevado ao terceiro céu, onde viu coisas tão altas e sublimes, que não se atreveu a descrevê-las. A sua vida não era mais da terra, mas do céu, nem se julgava já ser ele que vivia, mas Cristo que vivia nele.

Outro exemplo de extremismo racional temo-lo em S. Inácio de Loyola na ascese e mística de seus “Exercícios Espirituais”. O lema que adotou para a sua Ordem — Para a Maior glória de Deus — encerra o alto grau de perfeição, a que devem tender os seus religiosos.

Não quer que seus filhos se contentem com dar a Deus uma glória qualquer, que se abeire da mediocridade, mas escolhe a máxima de S. Paulo — *aemulamini charismata meliora* — esforçai-vos por subir aos mais altos graus da santidade.

Nas três virtudes essenciais da religião quer que todos sejam extremistas. Na obediência quer que todos sejam sujeitos ao Superior como “o bordão do homem velho” e com a insensibilidade do “cadáver”. Na castidade quer que todos emulem a pureza dos anjos na limpeza do corpo e alma, que é o mais alto grau, a que pode chegar esta virtude. Na pobreza quer que nada possuam como próprio, e que sigam o conselho de Jesus a seus discípulos: “Não queirais possuir nem oiro, nem prata, nem dinheiro em vossos cinturões, nem alforje, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão”. (Mat., 10, 10)

Na mortificação quer que seja contínua e em todas as coisas; na perfeição quer que não se perca ponto; na imitação de Cristo quer que se vá até aos vitupérios, aos opróbrios, a ser tidos e julgados por loucos; na vitória do amor próprio quer que se combata — *in diametrum* — em linha reta, não de flanco, mas pela frente. Na humildade quer que todos atinjam o 3.º grau, que é a quinta-essência da santidade.

Este é o molde, em que forma os homens que escolhe para colunas da Companhia de Jesus, cada qual deles insigne em procurar a última palavra em questão de serviço de Deus e de perfeição religiosa. Nenhum se satisfaz com uma virtude média, vulgar, que não vai até ao último expoente da santidade.

Se com estes exemplos o sacerdote se não torna também um extremista no bom sentido da palavra, privará o seu ministério dos valores, que a Igreja teve em vista ao conferir-lhe a ordenação.

Não há dúvida que para isto se requer saúde e força de vontade; mas tudo isto temos em nossa oração matinal e na nossa Missa diária, que nunca devemos omitir.

Hoje mais que nunca, são precisos sacerdotes extremistas, que não se contentem com um meio apostolado com os bons, mas procurem os arredios da Igreja, os pobres iludidos com máximas errôneas envoltas em ouropéis de liberdade e democracia, os operários dominados por doutrinas marxistas, e todos, enfim, que estão fora do Corpo místico de Cristo e aguardam quem lhes estenda a mão e os arranque do abismo da heresia.

II.

O PADRE NA LUTA CONTRA OS VÍCIOS

O Padre e o orgulho

Humilia te in omnibus et coram Deo invenies gratiam.

Humilha-te em tudo e encontrarás graça diante de Deus. (Ecl., 3, 20)

O orgulho ou soberba é um sentimento, que nos faz ter por mais do que somos. Somos ignorantes e queremos passar por sábios; somos pobres e queremos passar por homens ricos; somos pecadores e queremos passar por santos; somos de terra e família obscura e queremos passar por oriundos de lugares e famílias célebres. Esta estultícia mais de uma vez a condenou o divino Mestre, que diz do orgulhoso, que tem por pai o demônio: *Vos ex patre diabolo estis.* (Jo. 8, 44) Quando os Apóstolos se apresentaram depois de uma missão e contaram envaidecidos os milagres, que tinham operado, disse-lhes: "Vejo a Satanás caindo do céu como um raio". Lembrando-lhes que a soberba foi a causa de sua queda. A Sagrada Escritura mencionando os tristes lamentos dos condenados no inferno, apresenta, como primeira causa de sua condenação, a soberba: *Quid nobis profuit superbia?* (Sap., 5, 8) Que nos aproveitou a soberba?

S. Jerônimo para nos fazer ver a fatuidade de tal sentimento, diz: "A glória, por que o orgulhoso tanto se afadiga, é semelhante à sombra, que segue o homem, quando foge dela, e que foge do homem quando este a persegue". Fizeste uma boa obra? um discurso flamante? uma composição original? Não vás à procura da sombra de sua glória, porque ela fugirá de ti. Oculta-a e foge de a publicar, porque ela te seguirá, e os que a vierem a conhecer te louvarão por ela.

A soberba, diz S. João Evangelista, é uma das três concupiscências, que há no mundo. Por ela o homem se considera Deus de si mesmo, senhor absoluto de suas faculdades, regulador autônomo de seus sentimentos e paixões. Esquece-se que Deus é o seu primeiro princípio e último fim, julga-se isento de toda a lei, e um ser independente que não tem que dar conta a ninguém de seus atos.

Esta soberba da vida, que S. João viu no mundo, manifesta-se na ânsia incontida, com que os homens procuram os primeiros lugares na política, no comércio, na indústria, na ciência, na glória, em tudo, enfim, que no mundo tem ares de grandeza e superioridade.

Na mente de S. Inácio a soberba ocupa o último grau da perversão humana. Na meditação das *Duas Bandeiras*, na arenga que o demônio faz aos seus prosélitos para perder os homens, aponta-lhes três degraus: levá-los ao amor das riquezas, das honras e daí a uma grande soberba, que servirá de trampolim para os precipitar em todos os vícios. De fato, o demônio tudo espera do orgulhoso. Não há pecado, em que o não faça cair: desobediência às leis de Deus e da Igreja, intemperança no comer e beber, incontinência, maledicência, vingança, avareza, desprezo dos pobres e mil outros pecados, que têm por mãe a soberba.

Segundo S. José de Calazâncio, o soberbo torna-se joguete do demônio e partidário de todos os seus malefícios para perder as almas. O demônio manobra com a pena do escritor para difundir a má doutrina; com a língua do orador para atacar os dogmas da Igreja, difamar o clero e desprestigiar a virtude; com os empresários de cinema, para corromper a mocidade; com as casas de modistas, para inventar figurinos de indumentária irreverente e contrária à modéstia cristã.

Mas S. Paulo desmascara suas protervas intenções e o orgulho, que ocultam em todas estas manobras diabólicas: "Julgando-se sábios, diz, caíram na demência". (Rom., 1, 22) Demência em combater contra Deus, contra a Igreja, contra a fé, contra a virtude, que nenhuma força pode abalar, que nenhum poder humano ou satânico pode destruir.

E para concluir esta série de testemunhos, vem a confirmá-los o de S. Tomás, que diz, que o orgulho é o amor e desejo da própria excelência. (11, 11, 162) Pode alguém possuir uma certa excelência e superioridade em talento intelectual, em virtudes morais, em aptidões políticas e sociais, que, atraíam a estima e louvor do público, no que não é censurável, se tem em vista só a glória de Deus, a quem se deve toda a honra e louvor; mas, se nisto se compraz excessivamente e se atribui a si todo o bem que possui, revela uma grande soberba, pois "que é que tens que não recebesses?" *Quid habes quod non accepisti?* (1 Cor., 4, 7)

Os Santos distinguem duas espécies de orgulho: o orgulho diabólico e o orgulho humano. O orgulho diabólico manifesta-se pela resistência a toda a autoridade, ou divina ou humana, e não se quer sujeitar a nenhuma lei; quer ser livre como Lúcifer, que disse a Deus num auge de insensatez: *Non serviam!* Não servirei! O orgulho humano caracteriza-se pela complacência que tem cada um de si mesmo, julgando-se pelas menores vantagens superior aos outros, chegando até a desprezá-los e ridicularizá-los por menos aptos para os negócios e traficâncias do comércio.

O orgulhoso desta classe julga que tudo pode, de nada duvida, lança-se em empresas difíceis e temerárias, confia que ninguém o

enganará nas suas artes, nem descobrirá suas falcatruas, que está seguro do resultado dos empreendimentos e que não precisa do recurso a Deus e à oração para sair deles com vantagem.

O orgulhoso desta espécie é pertinaz em suas ideias, prefere seus modos de ver aos dos outros, não cede de sua opinião, não quer ouvir observações sobre seus atos, replica à menor censura, escusa-se, desculpa-se, quer ser e viver independente, seguir a sua vontade, e, se alguma vez é necessário obedecer, fá-lo contrariado, com tédio e resmungando.

Ao orgulho anda unida a jactância. O orgulhoso quer que todos falem de si, que lhe dêem o primeiro lugar nos aplausos, que o louvem por tudo que faz, e, à falta doutros, ele se faz panegirista de si mesmo. Provoca aplausos no meio de seus discursos e quer que todos o felicitem pelo bom êxito de seus trabalhos.

A ambição é outra feição da soberba. O orgulhoso aspira a engrandecer-se, a subir em dignidade e empregos honoríficos, julga-se com direito a eles e não tem receio em atropelar as leis da justiça e da honestidade para os obter.

O orgulhoso chega a ser hipócrita. Para se manter em destaque dos outros, oculta sua baixa descendência e se dá por homem de estado, de alta categoria social, de vida impoluta, e para conservar esta falsa reputação, não duvida mentir e fazer certas reticências, até mesmo no tribunal da penitência. É, pois, muito verdadeira a palavra do Espírito Santo, que diz que a soberba é a origem de todos os vícios e pecados: *Quoniam initium omnis peccati, superbia.* (Ecl. 10, 15)

Ouçamos o Pe. Vieira sobre esta matéria: "O orgulho é uma injustiça, é uma insolência, é um vício odioso ao céu e à terra; é um princípio de condenação; é a origem de todos os pecados; é o obstáculo a todas as virtudes; é a inquietação do espírito, é o mal de todos os males".

E S. Agostinho, prolongando ainda mais esta ladainha, diz que a soberba é a madrasta das virtudes, é a mãe dos vícios, é a porta do inferno, é a mestra do erro, é a cabeça da serpente maligna, é o princípio de todas as iniquidades.

E S. João Climaco vem reforçar com novo subsídio estas já tão numerosas características da soberba, e diz que ela é a autora dos juízos temerários, é a porta da hipocrisia, é a origem da cólera, é o endurecimento do coração, é a marca da esterilidade da alma, é a causa das mais desoladoras quedas.

Finalmente, S. Afonso, aduzindo as palavras da Escritura, que diz que o soberbo é objeto de abominação aos olhos de Deus:

Abominatio Domini est omnis arrogans, (Prov. 16, 5), diz que o orgulhoso é ao mesmo tempo cego, mentiroso e ladrão. Cego, porque não vê o seu nada, a sua miséria, os seus pecados, a terra de que é formado e o pó em que se há de converter. Mentiroso, porque nega o que ele é na realidade, pobre, fraco e ignorante. Ladrão, porque rouba a Deus a glória, que se atribui a si pelas suas qualidades, sendo que toda a glória e todo o bem a Deus pertence, e a Ele só deve ser referido.

Efeitos do orgulho

O orgulho afeta o nosso corpo. O pecado, que perdeu nossos primeiros pais, ficou tão arraigado na natureza humana, que destruiu nela a paz entre a carne e o espírito, e estabeleceu a revolta das paixões. O corpo ficou debaixo do domínio da sensualidade, e portanto com repugnância a carregar a cruz do sofrimento, a curvar-se ao jugo da lei de Deus e a suportar a menor incomodidade. Insurge-se contra a enfermidade, que o prostra num leito de dores, fazendo-o passar por humilhações, que lhe abatem todos os fumos de grandeza e superioridade.

Ainda que tudo recebe da alma, vida, movimento, beleza, vigor, não se reconhece inferior a ela, mas quer ser ele o senhor e exige que ela lhe faça todas as vontades e consinta em todas as depravações. Sendo ele mortal e ela imortal, sendo ele terra e ela espírito, quer usurpar as rédeas do comando, expondo-se, a si e a ela, à condenação eterna.

E que remédio para obstar a tão grande mal? Eu penso que o mais eficaz é este: citar com frequência nosso corpo ao tribunal da morte e meditar aí qual será a sentença que o divino Juiz há de proferir contra ele. Pensar, em seguida, diante da sepultura, que toda a flor é feno e que toda a carne é cinza. Que não há porque, engrandecer um corpo, que será pasto dos vermes e que ficará sem memória no campo dos mortos. Os corpos, que seguraram na mão cetros e na cabeça coroas, serão tão humilhados que ninguém os distinguirá, na sepultura, dos mendigos mais andrajosos.

O orgulho afeta nossa alma.

A alma tem, como o corpo, suas pretensões viciosas. Cônsua da própria excelência, quer ser honrada, acatada e engrandecida. Desvanecida pelas belas qualidades de talento, de inteligência, de raciocínio, de espiritualidade, gosta de se comprazer nestas prerrogativas e de se endeusar nelas, como sucedeu com Lúcifer, que se quis fazer semelhante ao Altíssimo.

Esquecendo-se que estas qualidades lhe foram outorgadas por Deus, para as empregar em seu serviço e confessar com elas o seu

supremo domínio, deixa-se envaidecer pelo seu brilho, e, cega pelo orgulho, levanta o grito luciferino de revolta e insubordinação, e se crê senhora autônoma de sua razão.

Imbuída destes princípios, a alma chega até a atribuir-se os bens da graça, que são inteiramente gratuitos, e dos quais nada tem de que se orgulhar, como não tem de que se orgulhar o pobre por um vestido novo, que recebeu de presente. A soberba a faz esquecer, totalmente, de sua condição de criatura e de sua absoluta impossibilidade para obter a salvação, pois lá está Jesus Cristo a dizer-lhe: *Sine me nihil potestis facere*. Sem mim nada podeis fazer, que vos aproveite para a salvação. (Jo. 15, 5)

Sem a graça de Deus nem uma ideia santa e elevada, nem um pensamento salutar, nem um ato de fé, de esperança e de caridade pode a alma formar por si mesma. Não tem, pois, motivo nenhum para se orgulhar, mas muito para se humilhar diante de Deus e dizer-lhe com o profeta: "Senhor, sou vosso servo, dai-me entendimento do meu nada". (Sal. 118, 125)

Destas pretensões enganadoras e ilusórias pulula da alma uma multidão de rebentos malditos do vício abominável do orgulho: ódio, inveja, cólera, dobrês, susceptibilidade, ressentimentos, rancores, aversões, e tantos outros de que já falámos. Onde, porém, a soberba se sente mais ferida é nas repreensões, censuras, contradições das próprias ideias, nas confusões e humilhações públicas, em que o sentimento da própria excelência e do egoísmo estua no coração e faz subir o rubor às faces.

E que remédio para tanta desordem?

O melhor seria citar, de novo, a alma para o tribunal do divino Juiz e ouvir a sentença, que, um dia, proferirá contra os orgulhosos: Servos iníquos, porque vos envaideceis com o que não é vosso? Por que transgredis as minhas leis por um orgulho fanático, que vos cega, e por um egoísmo fátuo, que vos eleva acima do que sois? Que seria de vós, se minha misericórdia não vos tivesse valido?

Olhai para o inferno e ouvi os gritos que lá soltam os condenados: "Que nos aproveitou a soberba?" — E a consciência lhes responderá: "A eternidade de tormentos"! — O inferno foi criado para castigar o pecado de orgulho cometido pelos anjos rebeldes, e continua sendo o lugar, onde vão parar todos os orgulhosos, que vivem numa contínua revolta contra Deus pelo desprezo de sua lei, de sua Igreja e de seus sacerdotes.

Combate ao orgulho

Ainda que já apresentei os meios particulares de combater o orgulho do corpo e da alma, vou agora passar em revista os meios mais

gerais, que ajudarão a debelar, por completo, vício tão prejudicial à nossa salvação.

E primeiramente, seguiremos o exemplo de Jesus Cristo, que foi inexorável com os orgulhosos. Ele estigmatizou, por muitas vezes, o orgulho dos fariseus, declarou que os mistérios do reino de Deus ficariam ocultos aos soberbos; que o orgulho paralizava a oração e fechava a porta do céu; que todo aquele que se exalta, será humilhado; premuniu os Apóstolos contra todo o pensamento de ambição, de vaidade e de vanglória perante os sucessos de seu apostolado. Ensinou-lhes que o discípulo não é mais que seu Mestre, que veio à terra não para ser servido, mas para servir.

E não ficou só em palavras, mas desceu à prática. Quando fazia algum milagre mais estrondoso, impunha silêncio ao miraculado; quando após o milagre da multiplicação do pão O quiseram aclamar rei, fugiu para o monte a orar; quando se transfigurou no Tabor diante de três discípulos, mandou-lhes que nada dissessem até à sua ressurreição.

O que ensinou o Mestre, ensinaram seus discípulos.

S. Inácio, apontando os meios para combater as paixões, diz assim: "Devem-se combater as tentações com os seus contrários, como quando um é inclinado à soberba, deve ser exercitado em ofícios baixos, que muito ajudarão para o humilhar". — Este meio é de uma alta psicologia e conhecimento do coração humano. Nele está a síntese de todos os meios para combater a soberba. Esta é a pedra com que havemos de derrubar o Golias de todos os vícios.

Este meio adotou um dos mais aplicados discípulos de Inácio, S. Francisco de Borja, que, para cerrar a porta a pensamentos altivos, chamava-se o maior pecador do mundo.

Um dos mais eficazes meios para combater a soberba é a *confissão*. Ali se quebram todas as pontas do orgulho; ali o homem se confessa pequeno, fraco, ignorante; ali se abatem todos os pensamentos altivos, e cada um tem de confessar a sua humilde condição de pecador, de delinquente, de criminoso, de réu perante o tribunal da divina justiça. O homem, que se confessa com frequência, não pode ser orgulhoso. Quando ele se resolve a ir ajoelhar-se aos pés do confessor, vai de cabeça baixa, olhar modesto, numa atitude humilde, que desterra toda a ideia de orgulho e presunção.

A *oração*, feita como deve ser, é outro meio muito vantajoso para combater a soberba. O homem que ora, que ora com fé, com fervor, com perseverança, não pode ser orgulhoso. O homem que se ajoelha para orar, que levanta as mãos ao céu, que bate no peito, que se inclina diante do Todo-Poderoso, está possuído do sentimento de humildade, confessa a sua dependência de Deus, revela-se uma alma pequena, que precisa de quem lhe dê auxílio, de quem a socorra numa necessidade, em que não pode ajudar-se por si mesma.

Outro meio é *reação*.

Como nossa natureza nos leva, constantemente, a buscar-nos a nós mesmos, é necessário reagir contra esta tendência, lembrando-nos de que nós mesmos não somos mais que pó e cinza, fraqueza e ignorância. Há em nós, sem dúvida, qualidades naturais e sobrenaturais, que sinceramente devemos estimar e cultivar; mas como estas qualidades vêm de Deus, não é, porventura, a Deus que devemos glorificar? Quando um artista sai a público com uma obra prima, a quem se devem os elogios, à tela, ou ao seu autor? É por isso que S. Paulo nos manda referir tudo a Deus, reconhecendo que Ele é o autor de todo o bem, e que, assim como é o princípio de todas as nossas ações, deve ser também o seu último fim. "Que é que tens que não recebesses? E, se o recebeste, como te glorias, como se o não recebesses?"

O Padre e a preguiça

Preguiça é a aversão ao trabalho e o amor desordenado do repouso. O repouso não é proibido, quando a necessidade o exige. É mesmo uma necessidade da natureza e a justa recompensa de um trabalho sério e prolongado. O repouso é legítimo, quando se mantém nos devidos limites da moderação ou da obediência, ou quando se toma no tempo e lugar determinado e com reta intenção. Mas amar o repouso mais do que a ordem permite, e a necessidade exige, prolongá-lo, amiudá-lo mais do que pede a razão, é uma desordem e constitui o pecado da preguiça.

Consideremos a preguiça na ordem natural e na ordem espiritual.

Na ordem natural, o amor desordenado do repouso produz uma certa aversão mais ou menos pronunciada ao trabalho físico ou intelectual, e a tudo que exige aplicação e esforço, sobretudo esforço continuado.

O preguiçoso foge do trabalho. Se o não pode evitar absolutamente, aplica-se a ele com repugnância e fá-lo com negligência. Interrompe-o pelo menor pretexto, ou termina-o depressa para se ver livre dele. Necessariamente, a obra fica mal feita, cheia de lacunas e defeitos, e muitas vezes incompleta e por concluir. Não é, pois, de estranhar, que o preguiçoso atraia sobre si censuras e castigos, e que seja despedido da fábrica, da oficina e do emprego.

Este amor desordenado do repouso anda aliado a uma repugnância extrema a tudo que contraria a natureza sensual e a uma

inclinação imperiosa para tudo que afaga e recreia os sentidos. O preguiçoso tem aversão a andar depressa, deixa-se enervar pelo calor e tolher pelo frio, governa-se pelas vicissitudes das estações e mudança das temperaturas. O que mais apetece é uma boa espreguiçadeira para nela passar o dia na ociosidade e na inação.

O seu ideal é não fazer nada. É passar o dia de costa direita, deambulando pelas ruas da cidade, visitando os botequins, assistindo a festas e diversões, sentado nos bancos das praças a ler as últimas notícias do dia.

Se é estudante, os livros servem-lhe de almofada e travessero. Debruçado sobre eles passa, dormindo, o tempo que devia empregar em estudar as lições e fazer os temas preceituados. Os cadernos das composições desmazelados, imundos e amarfanhados. As letras simples garatujas.

Mas não é só na ordem natural que a preguiça produz seus funestos efeitos, mas principalmente na espiritual, afetando a prática da religião, os exercícios de piedade, o trabalho da própria santificação. Toma então o nome de tibieza ou acédia espiritual.

A preguiça corporal e a preguiça espiritual, geralmente, conservam-se estreitamente unidas. É raro encontrar a primeira sem a segunda. A alma preguiçosa deixa-se, facilmente, arrastar ao pecado venial voluntário, não se quer contrariar em seus apetites desregrados, toma por bagatelas certas imposições da lei de Deus, certas máximas da moral evangélica, e assim vive nem quente nem fria, sem progresso na vitória de suas paixões, sem aumento de virtudes e méritos. Desta indolência espiritual nasce a diminuição do esforço em resistir ao pecado mortal e até pode desaparecer o temor do inferno e dos castigos de Deus.

O preguiçoso espiritual recua diante de tudo que demanda esforço, abnegação e mortificação. Julga-se incapaz de jejuar, pelo menor incômodo dá-se por desobrigado de fazer a oração e outros exercícios de piedade, acha fatigante permanecer muito tempo de joelhos em ouvir a santa missa, sente muito longas as pregações, que se fazem na igreja, e outros exercícios do culto religioso. Não se quer dar ao trabalho de examinar a sua consciência e muito menos de se confessar e cumprir o preceito pascal. E, se é religioso, membro de alguma associação, filho ou filha de Maria, recusa-se a fazer o retiro anual, ou, se o faz, é sem fruto, sem trabalhar na reforma da vida e correção de seus defeitos.

A preguiça espiritual, enfraquecendo a vida da alma diminui-lhe a energia, e, por consequência, a força para resistir às tentações; afastando-a de Deus, priva-a de graças especiais, de que terá necessidade no momento do perigo; familiarizando-a com as infidelidades, tira-lhe progressivamente o horror ao pecado e fatalmente terá de sucumbir à tentação.

Malícia

Para conhecer a desordem, que está encerrada na preguiça, e o grau de malícia deste pecado, bastará recordar que o homem, foi criado para o trabalho. "O homem, diz o Espírito Santo, foi criado para o trabalho, como a ave para voar". (Job. 5, 7) O trabalho foi imposto ao homem, como uma lei natural. Adão foi colocado no paraíso terrestre "para o cultivar": *ut operaretur eum*. Era, certamente, um trabalho sem fadiga, que lhe foi imposto mais como recreio, do que por necessidade. Todavia, depois da queda original, a lei do trabalho foi-lhe imposta como castigo e como um meio de viver: "Comerás o pão com o suor de teu rosto". (Gên. 3, 19) E esta lei e este castigo foi transmitido a todos os seus descendentes.

Mas o trabalho não é o mesmo para todos. Para uns o trabalho é meramente espiritual e se faz com as faculdades mentais; para outros é, geralmente, corporal e se faz com os membros do corpo. E deste trabalho, ou corporal ou mental, nenhum homem está isento.

É, pois, a esta dupla lei natural e positiva, que se furta criminosamente o preguiçoso. No que peca mais ou menos gravemente, segundo a gravidade maior ou menor dos deveres que omite ou negligencia. Quando falta, em matéria grave, aos deveres da religião, do próprio estado, de sua vocação ou de seu ministério, o pecado é grave. Se a omissão ou negligência provocada pela preguiça afeta somente os deveres religiosos ou civis de menos importância, o pecado é só venial.

A lei do trabalho é dada em geral, e, por conseguinte, o pecado de preguiça oposto a esta lei, não constitui uma falta especial, que se deva acusar, à parte, na confissão. Basta acusar a omissão ocasionada pela preguiça, por exemplo: Não ouvir missa.

Consequências para o corpo

A moralidade e malícia do pecado da preguiça ressalta ainda mais claramente dos perigos, a que expõe uma alma esta tirânica paixão. Estes perigos são numerosos e podem comprometer, seriamente, a salvação de nossa alma: *Multam malitiam docuit otiositas* (Ecl. 33, 29)

1. Compromete a saúde.

Um corpo acostumado a não fazer nada, perde, em breve, toda a sua energia; torna-se mole, flácido, indolente, incapaz de aturar o trabalho e a fadiga. Um homem desocupado tem, geralmente, uma saúde inferior à do que trabalha. Por testemunhos dos médicos, a preguiça arrasta após si um cortejo de doenças nervosas. Devido ao estado de inação, os humores linfáticos se acumulam, os órgãos se engorgitam e preparam o caminho para as congestões e muitos outros

acidentes. As funções vitais alteram-se gradativamente, e a morte vem pôr termo a uma existência, que o trabalho metódico teria podido prolongar ainda por alguns anos.

2. Dissipa a fortuna.

A casa, onde entra a preguiça, está condenada à ruína. Se tem recursos para uma vida desafogada, dissipar-se-ão em breve, e entrará a miséria mais ou menos declarada, e por fim a mendicidade. É a afirmação do Espírito Santo: "Passei, diz, junto do campo ão preguiçoso e da vinha do insensato. Os espinhos cresciam por toda a parte, os cardos cobriam a superfície e o muro de pedras estava derrubado... Um pouco de sono, um pouco de sonolência, cruzar os braços para não trabalhar, e verás correr para ti a pobreza como um salteador, e a mendicidade como um homem armado". (Prov. 24, 30)

3. Paraliza as faculdades.

A alma como o corpo não se pode desenvolver no seio da ociosidade. É um fato da experiência: tudo se estiola, se deteriora, se corrompe na inação. As águas estagnadas não tardam a exalar um odor fétido, o ferro sem uso é comido pela ferrugem, o ar sem movimento se vicia dentro das casas, um vestido fechado num baú e sem uso é devorado pela traça, uma casa sem morador cai em ruínas.

Entorpecida pela preguiça e falta de exercício, a memória definha, o gume da inteligência se atrofia e embota, a vontade, que é das potências a mais nobre e destinada a governar a alma em seus atos e quebrar os obstáculos, que se opõem à realização de seus planos, torna-se cada vez mais indecisa, é um como simulacro de vontade, que já quer uma coisa, já quer outra, e, como diz o Espírito Santo nos Provérbios: "O preguiçoso quer e não quer: *Vult et non vult piger*. (13, 4) Os seus querereres são puras veleidades, meros caprichos, desejos ineficazes, que conduzem à morte: *Desideria occidunt pigrum*. (Prov., 21, 25)

Que é que se pode esperar de um homem, que só vive de desejos, sem praticar obras de mérito e virtudes? S. Inácio não queria na sua Ordem sujeitos, que já querem já não querem; já querem ser santos, já não querem; já querem ser virtuosos, já não querem; já querem ser humildes, já não querem... Destas vontades irresolutas nada há que esperar para o próprio adiantamento, para bem das almas e para glória de Deus.

4. Mancha a reputação.

"Deus e os homens, diz Oliveira Salazar, desprezam, repelem de si, como um ser inútil, o homem que não trabalha, que nada produz". O Espírito Santo assinala o castigo, que merece o preguiçoso: "Seja apedrejado com lama". *In lapide luteo lapidatus est piger*. (Ecl. 22, 1, 2)

Não há palavras, que mais deprimam a reputação do preguiçoso. Ele mesmo reconhece que nada vale, pois tem-se por um ser inútil, diminuído, imprestável para a sociedade, para a nação, para a família.

5. Suscita tentações e expõe a pecados.

Tem-se dito: "Aquele que nada faz, está próximo a praticar o mal; e que um preguiçoso é um criminoso em desponibilidade". Uma alma ociosa dá entrada a toda a sorte de pensamentos: recordações mundanas, representações desonestas, sentimentos impuros, curiosidades ilícitas. Que virtude pode germinar numa alma dominada por tantos inimigos? Que influência pode ter sobre ela a religião, as verdades eternas, o temor de Deus? David e Salomão prevaricaram na ociosidade. "Sendo santos, diz S. Agostinho, enquanto estavam ocupados, foram enganados e vencidos na ociosidade". *In ocupationibus sancti, in otio perierunt*. Diz um provérbio, que o demônio não se cansa em procurar trabalho para os que o não têm.

Mas é, sobretudo, a impureza o pecado, em que mais cai o ocioso; assim como se quer aximir da lei do trabalho, procura sacudir de si o jugo da lei de Deus, sobretudo do preceito mais delicado, a castidade. Um moralista dá do infeliz, que se torna vítima da impureza, um sinal, que, traço por traço, se aplica ao que é dominado pelo vício da preguiça: "É apático, lânguido, indolente, sem entusiasmo, sem energia, não caminha por si, mas deixa-se levar a reboque de suas paixões; e sem iniciativa, atém-se, unicamente, ao dever de que não pode livrar-se, é sumamente negligente e muito hábil em encontrar pretextos para declinar um serviço e poupar um esforço.

S. Bernardo não exagera, quando chama a ociosidade o esgoto de todas as tentações, de todos os pensamentos maus e inúteis, a madrasta das virtudes, a morte da alma, a sepultura de um homem vivo, o receptáculo de todos os males.

Conclusões.

Consideradas as tristes consequências da preguiça, na ordem física e moral, natural e espiritual, uma conclusão se impõe a todo aquele que se sente atingido ou ameaçado por este deplorável vício: libertar-se a todo o custo do seu domínio, reagir constantemente contra a sua tirania. É certo que a empresa é difícil não só em levá-la a cabo, mas até mesmo em inaugurá-la. Porém, com a graça de Deus, tudo é possível.

A preguiça, como foi dito, é a propensão desordenada para o descanso e um horror incrível ao trabalho, ou em geral, ou em alguma de suas múltiplas formas. É preciso, pois, a quem se quer curar deste vício, negar-se desapidadamente ao repouso, que não seja legítimo, e aplicar-se ao trabalho quer material, quer intelectual, apesar do tédio, repugnância e fadiga, que nele sinta.

“Nunca estejas totalmente ocioso, diz a Imitação de Cristo, mas ou lendo, ou escrevendo, ou orando, ou meditando, ou fazendo qualquer outra coisa para o bem da comunidade”. (L. 1, c. 19)

“Se se deixa de fazer um ofício por tédio ou negligência, será grande a culpa”. (L. c.)

“Deves ter cuidado em não seres preguiçoso para as obras comuns e pronto para as particulares; mas cumprido fiel e integralmente o que te foi imposto, se ainda tiveres tempo, aplica-te ao que a tua devoção te inspirar”. (L. 1, c. 19)

A preguiça convém opor um trabalho qualquer, ou seja um trabalho material, se a condição pessoal o exige, ou seja um trabalho intelectual, se as circunstâncias o prescrevem, ou seja um trabalho de apostolado, se a vocação assim o reclama. Mas, em qualquer dos casos, que seja um trabalho consciencioso, executado com séria aplicação e segundo a vontade de Deus.

Para cumprir esta resolução, convém observar as seguintes regras. Primeiramente, é preciso guardar um certo limite. Para não desanimar, é preferível impor-se cada um a si mesmo um trabalho sério por um tempo limitado, ainda que não seja senão por uma hora, ou menos ainda. Este breve espaço de tempo pode prolongar-se pouco a pouco.

Em segundo lugar, se vossa posição social vos impõe o trabalho como obrigação, dai-vos por felizes e dizei: “Ó bendita necessidade, que, não obstante minha repugnância, me obriga a trabalhar!” Se, pelo contrário, nada vos obriga a uma ocupação determinada, e tendes plena liberdade de dispor do tempo, determinai, por um horário fixo, o que deveis fazer em cada hora, ainda que seja só por uma parte do dia, e procurai ser-lhe fiéis. O difícil não é organizar um horário, mas ater-se a ele constantemente.

Em terceiro lugar, para vos animar ao trabalho e combater a ociosidade, convém que recordeis as funestas consequências, de que vos falei no ponto precedente. Meditai atentamente os ruinosos efeitos do vício da preguiça, pensai no valor do tempo, nas responsabilidades a que nos arrasta a sua profanação, e por fim, refleti nestas gravíssimas palavras do Apóstolo S. Paulo: “Façamos o bem enquanto temos tempo”. *Dum tempus habemus operemur bonum.* (Gál. 6, 40) Ajudam também a fazer bom uso do tempo estas três verdades:

“A vida passa”. *Transibit vita nostra.* (Sap. 2, 3)

“A morte vem”. *Mors apropinquet.* (Ecl. 11, 20)

“A eternidade nos espera”. *Ibit homo in domum aeternitatis suae.* (Eccles. 12, 5)

Exemplos dos Santos.

Para reforçar o vigor destas reflexões convém considerar os exemplos dos Santos. Todos foram amigos do trabalho, todos tiveram horror à ociosidade.

S. Inácio elaborou esta regra para os seus religiosos: "Todos, enquanto têm saúde, tenham em que se ocupar em coisas espirituais ou exteriores, para que a ociosidade, que é origem de todos os males, não tenha em casa lugar, quanto for possível". (Regra 44 Jo Sumário)

Tão inimigo era da ociosidade o P. Jorge Rijo, que, ouvindo um dia tocar a campa da comunidade, perguntou a um irmão a que se tangia. A mesa, respondeu. Pois eu, disse o Padre, tenho vergonha de ir à mesa, porque hoje nem preguei, nem fiz a doutrina, nem confessei.

Uma das coisas, que mais consola à hora da morte, é não ter sido indulgente com a preguiça. O irmão Leão da Ordem de S. Francisco, passou toda a vida trabalhando de alfaiate. Quando estava na agonia, pediu que lhe levassem a chave do céu. Levaram-lhe um livro de orações com este título. Acenando que não era isto, levaram-lhe o crucifixo e o livro das regras. Como não fosse ainda isto, lembrou-se um irmão que poderia ser a agulha com que sempre estava ocupado na sua oficina, e trouxe-lha. Quando a viu o irmão Leão. beijou-a, dizendo: Benvinda, bendita companheira de minha vida. Tu me vais abrir a porta do céu.

Santa Clara, quando as suas enfermeiras a impediam de se levantar do leito, mandava colocar atrás das costas um feixe de varas a fim de poder trabalhar com as mãos em fazer cestos.

Santa Sofia Barat, fundadora das Damas do Sagrado Coração, era um perfeito exemplo de trabalho para suas filhas. Nunca ninguém a viu ociosa. Fazia renda, remendava os vestidos das irmãs, costurava de agulha, e com estas e outras ocupações alimentava e entretinha a conversa no recreio. Tendo uma irmã posto de parte, por um momento, a obra que estava fazendo, para contar não sei que história, a madre Barat disse-lhe sorrindo: "Minha filha, conta a tua história trabalhando, pois assim recreias tuas irmãs e ajudas os pobres".

Todos sabemos que S. Afonso tinha feito voto de não perder tempo.

Mas o exemplo que supera a todos é o de Jesus Cristo, que passou toda a vida, desde os anos da juventude, ocupado no trabalho de carpinteiro: *Et in laboribus a juventute mea.* (Sal. 87, 16)

A mesma vida de Deus é uma contínua operosidade em governar o mundo e em dirigir tudo a seus fins com ordem e suavidade. *Pater meus usque modo operatur.* (Joan. 5, 17)

Último ataque.

Para lançar o último ataque contra a preguiça, convém perseguir-la em suas causas, que podemos reduzir a duas: uma exterior e outra interior.

A exterior constitui uma ocasião próxima de cair no vício da ociosidade, e consiste no trato com os preguiçosos, com os desocupados, com todos aqueles que não sabem em que empregar o tempo, que o desperdiçam em viagens, em visitas, em palestras frívolas, em banquetes, em serões prolongados, em festas e divertimentos. A preguiça é um vício essencialmente contagioso; quem frequenta a companhia dos preguiçosos em breve está como eles, perde o gosto a todo o trabalho, e contrai costumes dissolutos. Pelo contrário, a companhia dos que trabalham é mais proveitosa, pois o seu exemplo é uma constante exortação ao cumprimento do dever. O Espírito Santo chega até a propor ao preguiçoso o exemplo de um minúsculo inseto: “Vai, ó preguiçoso, ter com a formiga, e considera os seus caminhos e aprende a sua sobedoria”. (Prov. 6, 6)

A segunda causa é interior e se confunde com a mesma preguiça: é a moleza. Os caracteres da moleza, tais como M. Segur os apresenta em sua linguagem pitoresca e familiar, são os seguintes: “A moleza é um não-te-rales, um amor desordenado da vida airada, um pavor imoderado do trabalho, e da fadiga, que nos torna inúteis e supérfluos na sociedade, e que nos relega para a classe “dos que não servem para nada”.

A moleza nos embota todas as faculdades, faz-nos cair de negligência em negligência, torna-nos sensuais, efeminados, indolentes, laxos, apáticos, refractários ao menor sacrifício, que o dever nos impõe.

O anjo, que apareceu a Jedeão, saudou-o com estas singulares palavras: “Sê homem, sê enérgico”. Eu também te digo a mesma coisa, fala o Santo com um jovem operário; sim, meu caro Jacó, sê homem, porque há homens, que não são homens, mas *omeletes*, moles como ovos fritos, e moços, que não são moços, mas moçoilas. Choram com o menor arrepelão, intrigam-se com a menor galanteria. Só servem para estar numa redoma ou numa estufa.

Não te esqueças, que todos os meios indicados ficarão sem efeito, se não forem fecundados pela graça. É preciso, pois, primeiro que tudo, acudir à oração todos os dias e receber os sacramentos da confissão e eucaristia. Depois de teres empregado todos estes meios, terás feito a experiência destas palavras animadoras de S. Afonso: “Uma vontade resoluta, com o auxílio de Deus, consegue tudo”.

O Padre e a Avareza

Videte et cavete ab omni avaritia. (Luc. 12 15)

Avareza é o amor desordenado das riquezas, isto é, de todos os bens móveis ou imóveis, que podem ser objeto de propriedade, e principalmente o dinheiro, que serve para adquirir qualquer outro bem.

De dois modos se podem amar as riquezas: ou enquanto são necessárias para as exigências da vida, e úteis para o exercício da caridade; ou enquanto se desejam e juntam por si mesmas, sem se ter conta com os deveres, que elas impõem àqueles que as possuem. Esta segunda maneira constitui uma desordem e esta desordem é o que se chama "avareza".

"Não podeis servir a Deus e ao dinheiro", disse Nosso Senhor. (Mat. 6, 24) Por estas palavras o divino Mestre não nos proíbe ter dinheiro, mas ser escravos dele. Aquele que é senhor e não escravo de seu dinheiro, despoja-se dele facilmente e o distribui com generosidade pelos pobres; o que, porém, é escravo, guarda-o e deixa-se dominar por ele. Chama-se então "avarento".

Ordinariamente, a ideia de avareza restringe-se à mania sórdida de amontoar e capitalizar dinheiro. Os avarentos deste gênero fazem do ouro o seu ídolo. Sua suprema felicidade é contemplá-lo, contá-lo, apalpá-lo.

Mas a avareza tem um sentido mais lato: designa-se por ela todo o desejo, todo o afeto e toda a pesquisa dos bens terrenos, implicando uma desordem, quer na intenção, fazendo da riqueza um fim ou um meio para atingir um bem puramente material; quer na maneira de as adquirir, procurando-as com avidez, por todos os modos, sem respeito aos direitos alheios e até com prejuízo da própria saúde; quer no modo de usar delas, tratando os pobres com dureza e mesquinhez.

Ainda que entre vós não há nenhum avarento, todavia, como a paixão do dinheiro se alia, muitas vezes, a uma certa profissão de piedade, e até mesmo a vocações muito santas, sem excluir a sacerdotal, não será supérfluo examinar se em nós se encontram alguns sintomas dela. Mencionemos os seguintes :

Preocupação demasiada com relação ao dinheiro, pondo-o a render; alegria imoderada nos lucros e tristeza deprimente nas perdas ou negócios infelizes; ânsia de receber dinheiro e complacência em falar dele; mania de juntar sob o pretexto de economizar; hábito de encarar os ministérios sacros segundo o lucro, que se pode tirar deles; discutir e regatear os preços com tenacidade, às vezes por uma soma irrisória; recusar favorecer as obras católicas ou aliviar a miséria dos

pobres, quando se tem meios de ser mais generoso; dar de má vontade e com mesquinhez os salários ou gratificações do costume; ser fácil em retardar o pagamento de uma dívida; reclamar com insistência o que nos é devido...

E a economia? dirá algum de meus ouvintes, pareceis desconhecê-la.

A economia, que evita as despesas com o luxo, com a vaidade, com o prazer proibido ou perigoso, para mais largamente atender às necessidades da existência ou às obras de zelo e caridade, é coisa muito para louvar e recomendar. A economia, que se faz exclusivamente sob a capa de virtude, mas com a intenção de amontoar, não passa de avareza com a sobrecarga de hipocrisia.

Em vez de justificar nosso modo de proceder, decidamo-nos antes a combater a avareza sob todas as formas, em que ela se apresente, até em suas menores manifestações. Os avisos do Espírito Santo sobre este ponto são frequentes:

Episcopum... non turpis lucri cupidum (Tit. 1, 7)

Neque turpis lucri gratia... pascite gregem Dei. (1 Ped. 5, 2)

Diaconos non turpe lucrum sectantes. (1 Tim. 3, 8)

Avaro nihil scelestius (Ecl. 10, 9) Este texto merece um comentário. O avarento é, com efeito, capaz de tudo, de sacrificar ao seu próprio interesse o que há de mais santo; de pisar aos pés todas as leis da humanidade, da razão, da piedade, da caridade, da justiça. Não temos disto um exemplo em Judas? S. Paulo cita ainda outro texto, que é a última palavra sobre a avareza: *Neque avari regnum Dei possidebunt* (1 Cor. 6, 10)

É ainda da essência da avareza o ser a raiz de todos os males: *Radix omnium malorum est cupiditas.* (1 Tim. 6, 10) E com efeito, do vício capital da avareza derivam numerosos pecados. S. Gregório enumera sete: traição, fraude, embuste, perjúrio, inquietação, violência e insensibilidade para com os infelizes. S. Tomás justifica esta enumeração: O avarento, diz, peca de dois modos: pelo demasiado empenho em conservar as riquezas, donde resulta a insensibilidade, porque o coração do avarento não se move a socorrer os infelizes. Em seguida, peca no modo de procurar as riquezas, o que se pode considerar de duas maneiras: primeiramente, no afeto da vontade, e então a avareza produz a inquietação, que dá origem no homem a cuidados supérfluos segundo o que diz a Escritura: "O avarento nunca será saciado de dinheiro". (Ecl. 5, 9) Em segundo lugar, nos efeitos exteriores: o avarento emprega, às vezes, a força para se apropriar dos bens alheios, o que se chama violência; outras vezes emprega o dolo, que se chama embuste, se consiste em simples palavras; perjúrio, se se acrescenta o juramento; fraude, se se comete por atos e tem coisas por objeto; traição, se tem por objeto pessoas, como se vê no exemplo de Judas, que traiu a Cristo por avareza.

A avareza no Padre

O amor imoderado dos bens deste mundo assim como afasta o homem do pensamento do céu, afasta o sacerdote do principal objetivo de sua missão pastoral, que é procurar a glória de Deus e a salvação das almas acima de todos os interesses pecuniários. Não é que os bens deste mundo sejam maus em si mesmos, pois são bens que vêm de Deus, mas, pelo abuso que o homem faz deles, se tornam males e podem ser causa da ruína eterna das almas. Portanto, andam errados não aqueles que possuem bens materiais e usam deles legitimamente, mas aqueles que são possuídos por eles e nos quais põem o seu último fim. O sacerdote, porém, que se faz pastor mercenário e procura enriquecer à sombra do altar, incorre por duplo motivo no anátema de Cristo: Ai! de vós, ricos! Ai! de vós, Padres ricos!

As riquezas são um obstáculo insuperável para a salvação. “É mais fácil passar um camelo pelo orifício de uma agulha, do que entrar um rico no reino do céu”. (Marc. 10, 25) O que equivale a dizer, que é impossível salvar-se. Para os que vivem escravizados das riquezas, as leis de Deus são letra morta e o Evangelho fala uma linguagem ininteligível. *Fallatia divitiarum suffocat verbum et sine fructu efficitur.* (Mat. 13, 22)

Em todos os tempos, este obstáculo se atravessou no caminho do céu e levantou uma barreira intransponível. Em nossos dias, porém, esta febre dos bens terrenos tem abrasado os corações dos cegos mortais. Contra este escolho se vai quebrar todo o esforço, todo o zelo, toda a eloquência dos pregadores do Evangelho. Um bispo missionário do extremo oriente afirmou, que as exigências do 7.º mandamento, mais ainda que as do 6.º, eram a barreira fatal, que se opunha à marcha do cristianismo e impedia inúmeras conversões. E se isto sucedia com a avareza dos seculares, que dizer, se ela atinge também a classe sacerdotal?... Pois que direito terá de ser ouvido a sério um ministro do Evangelho, que vai pregar aos ricos o despreendimento dos bens da terra e aos deserdados da fortuna a resignação na pobreza, se ele leva uma vida cômoda e nababesca, preocupado só com os bens temporais, amigo do dinheiro, medindo seu zelo apostólico pelo proveito material e sonante, que dele aufere?...

No Antigo como no Novo Testamento, o Espírito Santo condena em termos enérgicos tais pastores, que apelida *mestres falsários e traficantes* das almas: *Magistri mendaces in avaritia fictis verbis de vobis negotiabantur.* (II Pe. 2, 1 e 3) Escutemos ainda a grave admoestação do Príncipe dos Apóstolos dirigindo-se àqueles que Deus chamou ao sublime munus de salvar almas: *Pascite... gregem Dei... non turpis lucri gratia.* (I Ped. 5, 2) Donde se vê que já no princípio da Igreja se ia introduzindo esta peste entre os pastores.

Falando dos Padres ávidos de dinheiro e de juntar capital tratamos só daqueles que o fazem em proveito pessoal ou dos próximos seus parentes. Um Padre zeloso tem obras a sustentar, órfãos a educar, velhos a proteger, flagelados a socorrer, escolas a fundar. É muito natural que procure recursos por indústrias que o zelo lhe sugere. Para isto não lhe faltarão fadigas, desgostos, sacrifícios, que mostram seu próprio desisteresse e caridade para com os outros. Todos vêem que o dinheiro depositado em suas mãos é empregado em obras de beneficência.

Outra reflexão. O desinteresse do Padre não deve ser mais absoluto do que a Igreja e Deus exigem. Não somos anjos e precisamos de viver como o comum dos mortais. Uma preocupação moderada sobre este assunto não é interdita, Deus quer que seus ministros sejam remunerados por seus serviços. Assim permitia que os levitas se nutrissem das carnes oferecidas nos sacrifícios: *Quia pretium est pro ministerio quo servitis in tabernaculo*. (Núm. 18, 30) E o apóstolo S. Paulo tão rígido consigo, quer que seus cooperadores sejam bem remunerados: *Dignus est operarius mercede sua*. (Tim. 5, 17) E na carta aos Coríntios é ainda mais expressivo: *Ita et Dominus ordinavit iis qui Evangelium annunciant de Evangelio vivere*. (1 Cor. 93, 14)

É justo e os fiéis assim o devem entender, como entenderam sobretudo depois do gesto de Pio X, quando se cortaram, em França as subvenções do Governo ao Clero. O grande Pontífice, que conhecia bem o catolicismo da França e o desinteresse do seu Clero, não duvidou rejeitar as “cultuais cismáticas” e cortar-lhe aparentemente os meios de subsistência. Foi uma bela página da Igreja de França e um exemplo de um clero desinteressado.

Perseveremos nestes sentimentos e acentuemo-los ainda mais. Os Padres seculares não estão obrigados a professar, sem uma graça especial do Espírito Santo, a pobreza heróica dos Santos, mas quanto mais nos aproximarmos deles mais eficaz será nossa ação sobre as almas, a quem poderemos dizer com S. Paulo: “Pela terceira vez venho ter convosco e não vos serei pesado, pois não busco as vossas, coisas, mas a vós”. *Non enim quaero quae vestra sunt, sed vos*. (II Cor. 12, 14)

A avareza nos religiosos

A resolução de combater a avareza não deve limitar-se aos atos mais diretos contra este vício, mas estender-se aos menores apegos, que cativam a alma e esfriam no amor de Deus. A nossa resolução deve ir mais longe, deve atingir uma espécie particular de avareza que S. João da Cruz chama avareza espiritual.

Não é raro encontrar, entre as pessoas religiosas, almas obstinadamente apegadas a objetos de mínimo valor, a bagatelas, a nada. Mas estas nada elas os procuram, se ainda os não têm, e se já os possuem, comprazem-se neles e temem ser deles despojadas, se lhos tiram, perturbam-se e murmuram.

S. Afonso falando às almas consagradas a Deus, exorta-as a ter o coração sempre desprendido de todas as coisas por mais pequenas que sejam. “Uma pena, diz, por pouco lodo que se lhe apegue, não pode subir para o ar; assim uma alma religiosa por mais pequena que seja uma coisa possuída contra a santa pobreza, ver-se-á impedida de se unir perfeitamente com Deus e de encontrar a verdadeira paz”.

E não objete alguém com a ligeireza da matéria. “O desejo de possuir, diz S. Roberto Belarmino, se não se combate inteiramente, é mais intenso nas coisas pequenas que nas grandes”.

Não devemos, todavia, julgar que todo o apego a um objeto é uma afeição desordenada. Pode-se perfeitamente amar um objeto, preferi-lo a um outro, cuidar dele, desejar conservá-lo, sem que nisto haja a menor desordem. Se se está pronto a abandoná-lo, quando as circunstâncias o exigem, se se tem cuidado dele por legítima economia, e se por acaso se perder e arruinar, a alma não sente pela sua falta senão um desgosto passageiro e superficial, sem perder a paz interior; o que mostra que a afeição a este objeto não é desregrada. Mas se, pelo contrário, a perda de um objeto gera inquietação, queixas, temores, e altera a paz do coração, é sinal que o apego àquele objeto era desordenado.

S. Francisco de Sales esclarece este ponto com uma comparação engenhosa. “Aquele é rico de espírito que tem as riquezas em seu espírito e seu espírito nas riquezas. Ao contrário, é pobre de espírito quem não tem as riquezas em seu espírito, nem o espírito nas riquezas. Não é o mesmo ter veneno e ser envenenado. Os boticários têm quase todos em suas boticas venenos para as diversas ocorrências; mas nem por isso estão envenenados, porque não têm o veneno em seus corpos, mas na botica. Assim também podem os homens ter riquezas sem serem envenenados por elas. E isto acontece quando as têm em casa e não em seu coração.

Que fazer então quando o apego é desregrado ?

Na vida religiosa não há coisa mais fácil. É entregar o objeto ao superior ou com sua licença trocá-lo por outro. Na vida secular, pode seguir-se o mesmo processo: dar o objeto de presente ou de esmola, o que neste caso é mais meritório.

Se esta disposição não é prática, então devemos-nos esforçar por ter o coração desapegado de tudo que não é Deus ou que não nos leve a Deus. Para se chegar a esta disposição de espírito, ajudará considerar quanto é injusto, censurável e pernicioso consagrar a uma

bagatela, muitas vezes ridícula, uma parte do coração, que Deus reclama todo inteiro para Si. Convirá então repetir estas aspirações :

Meu Deus e meu tudo !

Só Vós me bastais !

Possuindo-Vos a Vós, que mais posso desejar no céu e na terra?...

A avareza espiritual tem por objeto, como seu nome indica, quer os favores que Deus concede aos que se consagram ao seu serviço, quer as formas exteriores que revestem os sentimentos de piedade.

Entre as pessoas, que são atingidas por esta avareza espiritual, há algumas que, fazendo da devoção um negócio, procuram mais a satisfação pessoal, do que o amor de Deus, desejam com excesso as consolações sensíveis, procuram-nas para se deleitarem nelas, desconsolam-se quando são privadas delas, e invejam aqueles que imaginam serem delas favorecidos. Além disto, não se julgando bastante ricas, aumentam sem cessar as práticas de piedade, abraçam sem discrição todas as devoções novas, nunca têm imagens bastantes, cruces, medalhas, escapulários, relíquias, de que fazem alarde e se comprazem nelas como os meninos com seus títeres e brinquedos, e se julgam tanto mais devotas quanto mais fitas carregam ao pescoço. Outras andam em contínua busca de novos métodos de orar e de linhas de conduta inéditas. Pedem conselho e direção a todos os confessores que podem encontrar, sem nunca estarem satisfeitas. S. Pedro Canísio, a respeito desta classe de avarentos, diz: "Muitos não se saciam de conferências, de consultas, de leituras variadas, consagrando a estas coisas um tempo precioso que deviam empregar em obras de caridade e do serviço de Deus".

Não condenamos com isto o cuidado moderado em procurar objetos de piedade, nem utilizar os meios de santificação que aconselha uma espiritualidade racional. Só dizemos que nisto, como em todas as coisas, é preciso usar de peso e medida.

O Padre e a Gula

Gula é o uso imoderado da comida e da bebida.

Este vício é oposto às virtudes da temperança e sobriedade, que moderam, segundo as prescrições da reta razão, o desejo e o uso do alimento e da bebida.

Há duas espécies de gula : a que excede no comer, e é combatida especialmente com a temperança; e a que excede na bebida, e é particularmente reprimida pela sobriedade.

A desordem da gula está em comer só por comer e em comer com excesso.

A lei natural nos impõe a obrigação de conservar a vida e de a manter por meio da alimentação. O Criador, para nos obrigar a cumprir esta obrigação, deu-nos o sentido do paladar e pôs nos frutos um sabor agradável. Experimentar este sabor e o prazer inerente à comida, não é desordem, nem, por conseguinte, pecado algum. Procurar este prazer só por si e parar nele como fim, é o que constitui o pecado da gula.

De cinco modos se pode cair neste pecado :

Comer sem necessidade, por capricho, antes da hora, ou fora das refeições ordinárias, unicamente porque se apresenta uma ocasião favorável, sem haver outra razão senão a satisfação da sensualidade.

Comer demais, deixando-se dominar pelo apetite, passando além do que pede a necessidade; ter o propósito de se não levantar da mesa sem estar plenamente farto; servir-se muitas vezes do mesmo prato, só porque está bem preparado.

Lançar-se aos pratos como de assalto, comer ávida e sofregamente, sem ter conta com as leis da moderação, da decência e polidez.

Procurar para a mesa todo o luxo e grandeza; pratos apetitosos, conservas raras e delicadas, os vinhos mais finos, os licores mais esquisitos.

Exigir que os alimentos sejam preparados segundo todos os segredos da arte culinária, tão acicamente condimentados, que piquem o paladar e despertem sensações agradáveis; comer lentamente, a fim de prolongar a sensação do gosto.

Gravidade

A gula é um pecado grave ou leve segundo o caso.

É um pecado *grave*, diz S. Tomás, quando o homem se entrega com tal avidez ao prazer da comida, como se este fosse o seu fim na terra, a ponto de se esquecer de Deus e de transgredir os seus mandamentos. Estão neste caso aqueles que parecem que só vivem para comer e não têm na terra outro pensamento, outro fim, outro negócio, outra felicidade senão a satisfação da gula, ou, como se exprime S. Paulo, que têm por Deus o ventre : *Quorum Deus venter est.* (Fil. 3, 19)

Tais são também aqueles que na mesa esbanjam quantias fabulosas, arruinando a situação financeira da família. Dissipam em banquetes uma fortuna que deviam reservar para o futuro de seus filhos,

reduzem-se à impossibilidade de pagar as dívidas e tornam-se, por tempo notável, incapazes de cumprir seus deveres de estado, as leis de Deus e da Igreja, os preceitos do jejum e da abstinência.

Tais, enfim, aqueles que se expõem a um perigo próximo de pecado grave, como à embriaguez e à luxúria.

É pecado *leve*, quando se cede aos prazeres da mesa de um modo imoderado, mas sem cair em excessos graves e sem se expor ao perigo de infringir algum mandamento da lei de Deus.

Entre cristãos, a maior parte dos pecados da gula são deste gênero, se excetuarmos a embriaguez. Infelizmente, porém, são pecados muito divulgados. Não se tem escrúpulo deles, nem se julgam pecados e encontram-se mil razões para os justificar. “Aqueles mesmos, diz Vieira, que sabem regular seus desejos e são levados à mesa por necessidade da natureza, deixam-se enganar pelo prazer e pelos atrativos das iguarias, e passam muito além dos justos limites da temperança. Deixam-se, insensivelmente, dominar pelo apetite e crêem nunca ter plenamente satisfeito a necessidade da natureza”. S. Agostinho não é menos explícito nesta matéria: “A gula não sabe nunca onde acaba a necessidade”.

Consequências

A gula, quando é habitual, arrasta a deploráveis consequências. É um vício capital, de que derivam muitas faltas, que os teólogos denominam “filhas da gula”. S. Gregório assiná-la cinco:

Alegria inepta (Inepta laetitia). O guloso, que entra demasiado pela comida e bebida, revela uma alegria fátua e vã, como se nada mais desejasse na terra. Desta alegria nasce a

Palrice (Stultiloquium), que se manifesta em discursos e palavras inconsideradas, em propostas desonestas, em ditos baixos que vão dar na

Bobice (scurrilitas), em que às palavras se juntam gestos burlescos e ademanes ridículos de quem não está em seu pleno juízo. E por fim segue-se a

Estupidez (Hebetudo sensus). Os excessos da mesa tornam o corpo pesado, o trabalho do espírito difícil, e acabam pelo embotamento das faculdades, tornando o homem incapaz de qualquer trabalho mental. Donde provém também a

Luxúria (Immunditia). Sobrecarregando o estômago além da medida, despertam-se naturalmente as paixões da carne super-excitada com as iguarias excitantes e líquidos espirituosos.

Estas lamentáveis consequências da gula já muito sensíveis naquele que é moderado no comer, são muito mais acentuadas naquele

que abusa das bebidas alcoólicas. Quando o excesso degenera em hábito, e se resolve na embriaguez, é causa de males incalculáveis para o indivíduo, para a família e para a sociedade.

S. Afonso falando às almas consagradas a Deus, previne-as contra a gula, e descreve-lhes o mal deste vício quanto ao corpo e quanto à alma.

Quanto ao corpo, diz, não há dúvida que a maior parte das doenças são filhas da gula.

As doenças corporais, acrescenta, são ainda o menor mal, o pior é a enfermidade que por ela vem à alma. E o primeiro efeito, que assinala, deste vício, é tornar o espírito inepto para os exercícios espirituais, especialmente para a oração. Estando a alma fraca no que respeita à gula, sê-lo-á também no que respeita aos outros sentidos: dar-lhes-á uma liberdade que porá em grande risco a castidade.

Sobre esta matéria tem os Santos documentos áureos: S. Jerônimo diz que o estômago estuando em vinho, espuma em luxúria: *Venter enim mero aestuans, despumat in libidine*. E S. Boaventura: A sobrecarga do estômago nutre a impureza: *Luxuria nutritur a ventris ingluvie*. (De prof. relig. 12. c. 52) E S. Tomás afirma que, quando o demônio faz alguém cair na tentação da gula, não o tenta com a impureza: *Diabolus victum de gula, non tentat de libidine*.

Combate

O combate à gula tem muitas ocasiões de se exercitar e numerosos são os modos de mortificar o gosto do paladar.

1. Traçar cada um a si mesmo uma certa lei de sobriedade, isto é, de moderação habitual em tudo que se refere à alimentação. — “Comei nem mais abundantemente nem mais vezes do que convém, diz S. Boaventura, de tal sorte que o corpo se alimente e não se sobrecarregue”. — “Comei com medida, diz S. Jerônimo, e nunca até à plena saciedade”. E acrescenta: “Não é só para os alimentos delicados, mas também para os ordinários, que se não deve escutar o apetite.

A sobriedade é, porém, muito subjectiva. O que para um é sobriedade, pode ser excesso para outro, e reciprocamente. O que ingere muita comida e deixa o apetite por saciar, é mais sóbrio que o que se alimenta pouco, mas até se saciar.

Conta Cassiano, que um bom religioso se vira obrigado a sentar-se à mesa muitas vezes para fazer companhia a seus hóspedes, mas nem mesmo com a última refeição se saciou. S. Afonso, que narra este fato, acrescenta: “É esta a melhor forma de se mortificar, mas também a mais difícil, porque é menos custoso passar totalmente sem um manjar agradável, do que prová-lo e logo abster-se dele”.

Portanto, não é possível, para se conservar nos justos limites da sobriedade, fixar uma quantidade de alimento uniforme para todos nem mesmo a quantia que convém a cada um, pois esta depende de circunstâncias muito diversas. Uma regra, todavia, nos propõe S. Jerônimo: — “Comei de maneira que vos sintais, depois da refeição, bastante disposto para vos dardes à leitura e oração”. — E outros dão esta regra: Nunca vos levanteis da mesa com o apetite completamente saciado.

A sobriedade deve acompanhar todas as nossas refeições, mas, especialmente, a vespertina; cumpre moderar-se grandemente nela, qualquer que seja a existência aparente do apetite. S. Afonso dá a razão: — “A fome da tarde é, geralmente, fictícia, e por pouco que ultrapasse a medida, o espírito fica incapaz para o exercício espiritual”.

2. Não comer fora das refeições.

A sobriedade, que proíbe comer mais do que é preciso, proíbe igualmente fazê-lo mais vezes do que é necessário. Daqui a regra: Não comer fora das refeições sem razão suficiente. Esta regra tanto se aplica à bebida como à comida, tanto às frutas como aos gelados, tanto aos pastéis como aos doces.

S. Teresa formula esta ordenação, em termos precisos, a suas filhas, S. Filipe Neri a seus penitentes, S. Carlos Borromeu a seus familiares, os fundadores de Ordens a seus religiosos, e todos foram exímios na observação desta regra. S. Afonso insiste ainda mais uma vez sobre esta prática: “Felizes, os mosteiros, onde os religiosos não tomam alimento fora dos tempos das refeições”. — E fazendo uma menção especial da bebida, diz: “Quanto a bebida, pode cada um impor-se a mortificação de se privar dela fora das refeições: nada com isto sofrerá a saúde, é mesmo um meio eficaz de não ser perseguido pela sede, porque, quanto menos se bebe, menos necessidade se tem de beber”.

As vezes, simples cristãos nos dão, neste particular, exemplos notáveis. Como é o de João Ricoux, que no fim da Obra da Adoração Noturna, em Paris, em 1853, e durante treze anos até sua morte, transportou cada dia de uma igreja para outra o seu colchão. Quando este *Santo, Cavallo de Deus*, como lhe chamavam, passava atrelado a sua carreta e esfalfado de fadiga por um calor tropical, diante de uma taberna, se lhe vinha a tentação de entrar para matar a sede, parava um instante, tomava uma moeda de níquel de um bolso e a colocava no outro, dizendo: “À vossa saúde, meu Deus!” E prosseguia seu caminho. Esta heróica economia dava-a depois aos pobres.

Haverá casos em que a saúde, as conveniências, a caridade legítimas exceções a esta regra. Fora destas circunstâncias, saibamos sujeitar-nos a esta mortificação; é uma regra elementar na vida espiritual.

3. Usar, ordinariamente, iguarias comuns ou ao menos contentar-se com o que se apresenta na mesa e comer de tudo indistintamente, sempre que a saúde ou a repugnância não impeçam de o fazer. Não se queixar da comida, nem falar dela é uma regra de temperança. — “Não é pequena mortificação, diz S. Francisco de Sales, subordinar o próprio gosto à vontade dos outros, e de se acomodar com tudo, sendo que este modo de se mortificar não é notado nem incomoda ninguém e aplica-se a todos os usos da vida”.

Durante todo o tempo que S. Afonso foi bispo, nunca se queixou do mau preparo das iguarias, ainda que estes casos não eram raros. Estava, pois, nas condições de poder dizer aos religiosos (e o conselho vale também para os seculares): “Guardai-vos de lamentações, se algum alimento vem cru ou estorrado, se é muito pouco, se é salgado, se é inosso”.

4. Privar-se de assepipes supérfluos, que servem só para afagar o gosto, como sal, pimenta, mostarda, etc., usando deles só em extrema necessidade, em que o apetite precise ser estimulado. — “Basta que os alimentos, diz um autor, sejam tragáveis, não é preciso que sejam agradáveis ao paladar”.

5. Abster-se em certos dias ao menos de todo ou em parte, da sobremesa ou de um prato mais apetitoso. — “Abster-se à mesa, diz o P. Surin, de um prato delicado parece coisa pouca, mas não deixa de ser grande, quando se faz com intenção de se mortificar à maneira de Nosso Senhor Jesus Cristo. Isto indica um grande desejo da perfeição. É preciso ter uma grande santidade para se vencer assim nas coisas mais comuns”. (Fundamentos da vida espiritual, L. III c. II)

6. Mortificar o gosto, tornando, por exemplo, a comida insípida, misturando-lhe substâncias amargas. Esta mortificação foi muito familiar aos Santos, que chegavam a temperar a comida com cinza, e David dizia que misturava o pão com lágrimas: *Panem meum cum fletu miscebam*. (Sal. 101, 10)

Se a certas pessoas a discreção aconselha afastar-se desta prática, todavia quem tem o espírito de penitência, lança mão de todas as circunstâncias, que se oferecem, para a exercitar, como tomar um remédio amargo sem fazer visagens. Lê-se na vida de um escolástico redentorista, Caetano Gaudioso, morto em 1757: “Tomando remédios amargos não dava o menor sinal de repugnância, mas, como se fossem um delicioso nectar, os sorvia, gota a gota, para lhes saborear todo o amargor”.

7. Observar a abstinência de carne prescrita pela Igreja, em certos dias, e estendê-la, por devoção, a outros dias, por exemplo, aos sábados em honra de Nossa Senhora e nas vigílias de suas festas.

8. Não só não se dispensar dos jejuns obrigatórios, nem pedir isenção deles sem motivos verdadeiramente aceitáveis, mas juntar

outros com permissão do confessor, para manter, em si, mais vivo o espírito de penitência.

“A maior de todas as austeridades é, diz S. Francisco de Sales, o jejum, pois é ele que põe o machado à raiz da árvore; as outras não fazem mais que descascar e podar”. Léssio apresenta oito vantagens do jejum :

1. conserva a saúde ;
2. prolonga a vida ;
3. preserva de numerosas tentações ;
4. facilita a oração ;
5. dispõe para receber luzes e dons celestes ;
6. obtém todas as graças ;
7. satisfaz à justiça de Deus ;
8. adquire muitos méritos cá na terra e uma recompensa magnífica no céu. Podemos acrescentar uma
9. assegura ao apostolado uma eficácia maravilhosa.

Conclusão

De tudo que fica dito se deduz, como os Santos se entregavam a jejuns rigorosos e prolongados, como lemos na vida de S. Luís de Gonzaga, que, apesar de sua fraca saúde, jejuava a pão e água três vezes na semana.

Na prática da mortificação, em geral, e do jejum em particular, podemos mais do que pensamos. O que falta, de ordinário, não é força, mas boa vontade.

Ainda que esta reflexão exprime uma verdade incontestável, terminaremos esta conferência com um conselho prático de S. Afonso: “É melhor dar-se a pequenas mortificações, mas frequentes, do que abraçar grandes austeridades, mas raras, e passar os intervalos sem nenhuma mortificação”.

O Padre e o Desânimo

Modicae fidei, quare dubitasti ?

Homem de pouca fé, por que duvidaste? (Mat. 14, 31)

Pedro, por uma graça especialíssima do divino Mestre, caminhava sobre as ondas; mas a poucos passos sentindo a violência da tempestade, que se aproximava, desanimou, perdeu a confiança e já se ia afundando, quando Jesus o tomou pela mão e lhe disse: Que

desânimo é esse, Pedro, que pouca a tua fé? E soerguendo-o das ondas, o restituiu à sua barca.

Esta cena repete-se, não raras vezes, com muitos sacerdotes, que, num momento de fervor e inflamados, no amor de Jesus Cristo, se lançam com entusiasmo a trabalhar pela glória de Deus. Mas, um dia, começou a soprar o vento da primeira tempestade, e, ao verem que tudo ia pela água abaixo, perderam a coragem, desanimaram e desistiram da obra empreendida. Para nos precavermos contra este escolho em que esbarram muitas obras da glória de Deus, vou propor a meditação sobre o desânimo, reduzindo-a a três pontos: efeitos, causas e remédios.

Efeitos

A enumeração dos principais efeitos do desânimo vai precisar melhor a natureza e gravidade deste defeito. Estes efeitos se estendem ao homem todo.

Primeiramente, o desânimo afeta a *imaginação* repassando-a de imagens sombrias, aumentando as dificuldades, fazendo ver os homens e as coisas sob um falso aspecto, em perene contradição com o seu modo de pensar, de querer e de organizar. O juízo fica perturbado e a vontade enfraquecida, a ponto de não ver claro nas dúvidas e dar resoluções em falso.

Além das faculdades da alma, o desânimo passa a afetar também a sua *atividade*. Diante das dificuldades, das contradições, das críticas, dos insucessos, o Padre desanimado pensa logo em renunciar ao seu ofício, em não prosseguir as obras começadas, deitando a perder as dedicações e sacrifícios dos que nelas estavam interessados. Mata nos outros todo o espírito de iniciativa e todo o entusiasmo para novas empresas, pois vendo os fiéis o desânimo de seu Vigário, não ousam mais levar por diante os iniciados empreendimentos.

Mais longe ainda leva o desânimo: impele para a taciturnidade, para a melancolia, para a ociosidade e para a misantropia. O Padre desanimado, sendo um fardo pesado para si mesmo, torna-se ainda mais pesado para os outros que o cercam, tratam e consultam. Espalha, em volta de si, uma atmosfera de desalento, que mata todas as iniciativas.

Mas é, sobretudo, no trabalho da própria *santificação*, que este mal produz piores efeitos. — “Caio sempre nas mesmas faltas, diz um, acuso sempre os mesmos pecados; como posso agradar a Deus e ser santo?” — E este fatal desalento abre a porta a numerosas tentações e a múltiplas quedas, a omissões, a críticas, a juízos temerários, a aversões, cóleras e impurezas.

O desânimo atinge também as virtudes, cujo exercício começa a enfadar: “Se caio sempre nas mesmas faltas e luto sempre contra os mesmos defeitos, para que me cançar mais em praticar atos de humildade, em resistir às tentações contra a pureza, em cercear os excessos da língua?” — E como o que assim fala não pode ficar estacionário no caminho da virtude, terá que verificar a triste decadência e o retrocesso para o mal.

O desânimo é, portanto, um obstáculo dos males nocivos à *perfeição cristã*, pois corta à vontade as asas para voar ao cume da perfeição. “Muitas almas chamadas à santidade, afirma S. Afonso, não chegam a conseguí-la unicamente por causa do dano imenso, que lhes causa o desânimo”. — E dirigindo-se a uma alma desanimada, o santo Doutor procura encaminhá-la, dizendo-lhe: “Se ficas neste triste estado de desânimo e de perturbação, não tratarás mais intimamente com Nosso Senhor, esfriarás no desejo de amá-LO e não darás passo no caminho da virtude”. (Obras ascét., II, pág. 432)

O desânimo faz também sentir os seus estragos nas *almas religiosas*. As dificuldades, que oferece a vida claustral aos principiantes, não raro os costuma amedrontar e levar à infidelidade à vocação. Concorre para isso o demônio incutindo ao noviço medo de perseverar nesta vida e de poder cumprir todas as prescrições da regra. Falando deste perigo, exclama S. Afonso: “Oh! como esta tentação é terrível e perigosa para os jovens noviços, que não são assás prudentes e fortes em rebatê-la com energia! (Ib. XII, p. 132)

Compreende-se, por todos estes motivos, como o desânimo é prejudicial a toda a classe de pessoas e favorece os planos do demônio, que por este meio as quer afastar das obras da glória de Deus e impedi-las de chegar à perfeição. Não deixa também de causar grande pena ao Coração do Salvador ver que almas, que lhe são consagradas, se desalentam com a menor dificuldade em seu serviço, deixando que os maus sejam mais arrojados em suas empresas, que os filhos da luz.

Causas

As causas do desânimo são múltiplas. Uma vez vêm por nos vermos oprimidos de sofrimentos, que se renovam sem cessar, sofrimentos físicos, doenças crônicas, incômodos, que nos tornam incapazes de todo o trabalho; sofrimentos morais, como a perda de pessoas caras, reveses da fortuna, desgosto de família, contrariedades de todo o gênero.

Outras vezes é porque o resultado não corresponde aos nossos esforços e porque vivemos num meio obscuro sem recursos suficientes

para promover as obras paroquiais e da glória de Deus e logo nos acode o pensamento de levantarmos os arraiais e irmo-nos estabelecer em lugar mais adiantado

Aquele que desanima porque o ministério, a que se dedicava com tanto empenho, esbarrou na esfinge da indiferença dos homens, ou porque as obras empreendidas com as melhores esperanças, sustentadas com enormes sacrifícios fracassaram lamentavelmente. Não há mais que fazer. Não vale a pena tentar mais a experiência: *Curavimus Babilonem, et non est sanata, de relinquamus eam.* (Jerem. 5, 9)

Aquele se desanima porque não adverte nenhum progresso na obra de sua santificação; nas confissões acusa sempre as mesmas faltas; apesar de tantas comunhões, continua sempre o mesmo; a meditação é feita sem atenção, sem resoluções práticas, pede e torna a pedir e nada obtém. E com isto se desconsola e perde a coragem de prosseguir no trabalho de sua própria santificação.

Aquele se desanima porque vê crescer o número dos maus e as potências do inferno ameaçarem perturbar toda a ordem social e cristã, não obstante trabalhar ardentemente por intensificar com pregações e conferências as obras pias de sua paróquia.

Aquele se desanima porque a obra, que empreendeu, não encontrou apoio nas pessoas, com as quais contava para a sua realização, ou porque as coisas não se fizeram a seu gosto, ou porque o povo não se interessou por ela.

Aquele se desanima porque, ao ler a Vida dos Santos e admirando as suas sublimes virtudes, severas austeridades e contínua oração, vê quão longe está de sua santidade e julga-se incapaz de poder imitar os seus exemplos.

Se a estas causas, cuja lista poderia alongar-se indefinidamente, ajuntarmos a influência de uma natureza impressionável, um temperamento melancólico e neurastênico, veremos a facilidade com que o desânimo se apodera de certas almas, tiranizando-as e extinguindo nelas todo o ardor para o empreendimento de obras da glória de Deus.

Remédios

Para combater o desânimo há remédios gerais e particulares. Os gerais são a oração e a reação.

O desânimo anda sempre acompanhado de tristeza. Ora, a tristeza, diz Santiago, combate-se pela oração: *Tristatur aliquis vestrum? Oret.* (Jac. 5, 13) Foi o que fez Jesus, quando o desânimo e tristeza se apoderou de sua alma ao ver o pouco ou nenhum resultado de sua Paixão para muitos homens. Retirou-se à oração e logo seu Pai lhe deu o conforto para levar a cabo a obra de nossa Redenção.

Outro meio geral para combater o desânimo é a reação. Ninguém está livre de cair no desânimo, mas uma impressão combate-se com outra. O mundo é dos alentados e corajosos, e por uma vez as coisas correrem mal, não devemos deixar cair os braços, mas retomar de novo a empresa com novos alentos e vê-la-emos coroada de bom êxito.

Enquanto aos remédios *particulares*, seria ultrapassar os limites de uma prática apontar um especial para cada uma das causas de desânimo assinaladas no ponto precedente. Contentar-me-ei com dar um ou outro dos mais ordinários.

Se o desânimo provém de causas físicas ou morais, como doenças, contrariedades, humilhações... o remédio é recordar a doutrina dos Santos, que, baseados nas divinas Escrituras, distinguem um duplo mal: o que chamamos pecado e o que chamamos dor. O mal do pecado não o quer Deus nem o pode querer, por que é contrário à sua santidade; mas permite-o por certas razões dignas de sua sabedoria e infinita bondade. Quanto à dor, isto é, tudo que aflige o homem no corpo e na alma, Deus o quer para sua glória e para nosso bem. A dor suportada cristã e generosamente torna-se uma fonte de inapreciáveis méritos e vantagens: desapega o coração da terra, purifica a alma, serve de expiação pelo pecado, abrevia e diminui as penas do Purgatório, fornece ocasião de muitos atos de virtude e nos torna semelhantes a Jesus Cristo, cuja vida toda foi dor e martírio.

A dor quer física quer moral, considerada sob estes vários aspectos não só nos não deve causar desânimo, mas encher-nos de paciência e coragem.

Santa Teresinha do Menino Jesus escrevia a uma de suas irmãs numa circunstância dolorosa: "Como Jesus nos ama para nos enviar uma tão grande dor! A eternidade é bastante longa para O louvamos por ela".

Quando o desânimo provém de dificuldades inerentes ao nosso dever, ou do insucesso de nossos esforços na aquisição de tal e tal virtude, ou da inutilidade de nossas orações, ou do estado permanente de securas espirituais, lembremo-nos que, depois do pecado original, a carne entrou em luta aberta contra o espírito, e que todo o ato de virtude exige um esforço constante e por vezes heróico. Mas lembremo-nos também que todo o esforço, que nos fizemos para excitar o nosso zelo e generosidade, tornar-se-á para nós numa fonte de méritos para a vida eterna.

Não há esforço sincero para nos corrigirmos de nossos defeitos e adquirir virtudes, que fique sem resultado algum. Tenhamos por certo este princípio: o sucesso não será sempre o que nós queremos, ou mais justamente o que quereria o nosso amor próprio, mas só o que Deus quer, e por conseguinte o único desejável.

Quando o desânimo provém da aridez, que experimentamos nos exercícios de piedade, saibamos que os Santos viveram, geralmente, na secura e não nas consolações sensíveis. O que eles desejaram, durante toda a vida, foi fazer a vontade de Deus ou tendo muitas consolações espirituais ou poucas, como nos adverte S. Inácio. Portanto, quando Deus nos deixa na aridez espiritual e nos trata com o pão duro da tribulação, trata-nos como santos, isto é, como homens já provados na virtude, o que nos deve encher de ânimo e consolação.

Quando nosso desânimo provém das tentações violentas, que nos fazem cair em faltas humilhantes, recordemos as palavras de Santo Afonso e vejamos se temos motivo para nos desalentarmos. "Deus, diz, permite muitas vezes que as almas, que lhe são caras, sejam as mais provadas pela tentação: pois por este meio adquirem mais méritos sobre a terra e mais glória no céu. Quando alguém é tentado, longe de perder a graça de Deus, deve ter mais confiança de que é amado por Ele". E Santo Inácio subscreve a mesma doutrina: "Quem nota, diz em suas *Sentenças Seletas*, que errou, não desanime; também os erros ajudam para a salvação". (*Sententiae Selectae*, XXI)

Tivestes a infelicidade de sucumbir à tentação, e de registrar uma queda lamentável? O desânimo, neste caso, seria mais ofensivo a Deus, do que a mesma falta, que o provocou. Deus tem mais gosto de perdoar do que de castigar. Há mais alegria no céu pela conversão de um pecador, do que pela perseverança de noventa e nove justos. "Mesmo que eu tivesse na consciência, dizia S. Teresa do Menino Jesus, todos os crimes que se podem cometer, não desanimaria nem perderia a minha confiança, mas iria com o coração partido de dor lançar-me nos braços de meu Deus. Sei que toda esta multidão de ofensas se abismaria no mar de sua misericórdia, como uma gota d'água lançada num braseiro". (História de uma alma, c. XI)

Quando o desânimo provém do triunfo dos maus, das perseguições à Igreja, da corrupção dos costumes e da apostasia geral das Nações, recordemo-nos que Nosso Senhor predisse as perseguições à sua Igreja, mas que as potências do inferno não prevaleceriam contra ela, e que dela seria o triunfo final.

Armados com estas considerações ou outras semelhantes, combatamos o desânimo não somente reagindo contra ele, mas reanimando o nosso espírito com atos de confiança em Deus, que nunca nos negará o auxílio em nossos desfalecimentos.

A Florzinha do Carmelo de Lisieux, no dia da primeira comunhão, entre outras resoluções tomou esta: "Nunca desanimarei".

Entremos agora no coração de um padre desanimado. Como o ensombra o desalento, a tristeza, a desconfiança ! A chama de entusiasmo e das vigorosas energias está extinta; a dos bons desejos apenas lança raios intermitentes e impede, a custo, que as trevas se alastrem pela alma toda. O príncipe das trevas está de atalaia e utiliza a noite, que desce, para urdir os seus planos. Se a alma tem ainda algum resto de retidão e está unida a Deus pela graça santificante, procura o inimigo esfriar-lhe o entusiasmo para obras mais altas e diminuir-lhe o esforço para a virtude e o ardor do zelo apostólico. Com esta tática consegue o espírito maligno desanimar o Padre e paralisar muitas obras da glória de Deus.

E de fato, de que presta um coração desanimado? Se lhe pedimos luz, encontramos uma lâmpada prestes a extinguir-se. Se lhe pedimos força, encontramos uma cana débil feita ludíbrio dos ventos. Se lhe pedimos calor, encontramos uma fornalha a apagar-se. Em volta do coração do desanimado só se encontra escuridão e frialdade.

Mas em quem o desânimo é mais para lamentar, é no Padre pela tristeza que com ele causa ao Sagrado Coração de Jesus. Há pessoas das quais se diz no Evangelho, que Jesus não se fiava delas: *Jesus autem non se credebat eis.* (Jo. 2, 24) Mas Jesus confia no Padre, que, apesar de todas as adversidades, estará sempre a seu lado e nunca abandonará o campo a seus inimigos. Ele lhe confiou suas ovelhas: *pasce oves meas.* Ele lhe confiou o seu corpo e o seu sangue no sacrifício da Missa. Esta confiança, porém, nós a iludimos, se titubiamos nas dificuldades e O deixamos só no combate.

Mas não só Jesus, também as almas contam com o Padre. Pobres ovelhinhas, que tremem diante da tempestade e fogem diante dos lobos! Se o Padre é o primeiro a fugir na hora do perigo, que será delas? Se o Pastor é o primeiro a desanimar ao ver a dispersão do rebanho, que dirá Jesus? O dever do Padre é obstar que o lobo se ingira no redil, que o Protestantismo se introduza entre os fiéis, que a onda da imoralidade invada a sua paróquia, que a ignorância religiosa lave no seio das famílias. O Padre deve ser o sustentáculo dos fracos, a coragem dos tímidos, a luz dos transviados, o braço dos vacilantes. Mas que será da cristandade, se os Padres se deixam invadir pelo desânimo e cruzam os braços ante a atividade dos maus, que se utilizam de todos os meios para o erro, a descrença, a imoralidade? Ouvir-se-á então, como nos tempos de David e Moisés, esta triste lamentação: *Quomodo ceciderunt fortes in proelio?* (2 Reg. 1, 25) Como caíram os fortes na luta? Como desanimaram os Padres, colonas da Igreja, guias do povo fiel e pastores, do rebanho de Cristo?

O Padre e a Maledicência

A maledicência é uma injusta manifestação de um defeito oculto ou de uma falta secreta do próximo, em sua ausência.

Para que haja maledicência, a manifestação da culpa ou do defeito deve ser injusta, isto é, feita sem direito ou razão suficiente. Não seria maldizer, narrar os defeitos do próximo a quem tem direito de os conhecer, ou a quem o bem comum, ou o bem particular do interessado, exige que sejam revelados. É, porém, necessário ter conta com a prudência em semelhante caso e não faltar às condições requeridas para não prejudicar a fama do próximo; não dizer senão o que for verdade, nada exagerar, não juntar nenhuma interpretação desfavorável, agir, enfim, com intenção perfeitamente reta.

Quando formos obrigados a depor sobre a vida do próximo, não nos esqueçamos que nossa língua, segundo a comparação de S. Francisco de Sales, deve ser como a lanceta nas mãos do médico obrigado a fazer alguma operação. Vede como tem cuidado sumo em proceder com mão firme e o mais ao de leve possível, para não cortar nem mais para a direita nem mais para a esquerda, mas só o que é conveniente.

Culpabilidade

Para haver culpa na maledicência são precisas três condições:

1. que o mal a revelar seja certo, e nisto se distingue da calúnia, que inventa o objeto de sua difamação.

2. que o mal que se diz do próximo seja ignorado das pessoas, a quem se manifesta, ao menos que não se tenha tornado público no lugar, em que se fala dele.

3. que a pessoa difamada esteja ausente, e nisto a maledicência se distingue da contumélia, que consiste em palavras injuriosas lançadas em rosto ao próximo.

Duas observações há aqui a fazer: a) para se cometer realmente o pecado da maledicência, não é necessário que ela destrua ou diminua a reputação do próximo, basta que possa ter este resultado; b) não se requer intenção formal de difamar o próximo.

A difamação, qualquer que seja o motivo que a inspire, constitui o pecado da maledicência. Pode, porém, ter graus quanto à malícia.

Modos de maledicência

A manifestação de uma falta ou defeito oculto do próximo pode fazer-se de muitas maneiras.

Por palavras. É o modo mais ordinário de maldizer e difamar. Muitas vezes a maledicência se faz sem artifício, sob o impulso de uma paixão ou por um sentimento malévolu, descobrindo-se, friamente, o mal que se conhece do próximo, e destacando seus defeitos e insucessos.

Outras vezes se acompanha a maledicência de formas disfarçadas, que dissimulam a falta, mas com o fim de a tornar mais difamatória. Começa-se por louvar: "Fulano, diz-se, é incontestavelmente um homem de bem e religioso, visita as igrejas, frequenta os sacramentos". Mas logo vem a língua com a sua farpada: "Todavia, seria para desejar que fosse menos avarento e mais caritativo!"

Noutras ocasiões, os difamadores tomam ares de compaixão ou de zelo, e como se sentissem obrigados a obstar ao mal alheio: "Se sou-bésseis, dizem, o que fulano acaba de fazer! Que infelicidade! Fiquei desolado, porque me interessava deveras por ele!" E sem se fazerem rogar, descobrem as faltas que toda a gente ignora e que a caridade pedia, que se deixassem no silêncio.

Outros propõem as coisas como duvidosas: "Não ouvistes por aí falar do que se diz de um tal... e de uma tal...? Eu não queria acreditar". — E sem hesitação narram os boatos, que correm, e depois de terem assoalhado todas as infâmias do vizinho, terminam: "Vós julgai lá como quizerdes, para mim não passam de rumores".

Há outros, enfim, que sem nada dizerem de positivo, fazem acreditar por meio de meias palavras e de reticências, que o próximo, de que se murmura, é muito mais culpável e repreensível do que na realidade se acredita. De todas as maledicências são estas as mais traidoras e as mais perniciosas.

Por escritos: cartas, artigos de jornais, libelos difamatórios... Este modo de maldizer é, em geral, mais grave que o precedente, porque é mais calculado e susceptível de maior publicidade e de maior duração.

Por sinais: um olhar, um sorriso dizem, às vezes, mais, que um longo discurso. Alguém, em vossa presença, louva uma pessoa que vós conheceis: sacudis os ombros, meneais a cabeça, ouvis com ar de compaixão ou com um sorriso de zombaria. Essa vossa atitude equivale a dizer: "Estais mal informado; essa pessoa é muito diferente do que imaginais". E concorreis para diminuir naquêle que fala, a boa opinião que tinha da pessoa de quem acabava de fazer o elogio.

Pelo silêncio. O silêncio é outro modo refinado de maledicência. Quando, não obstante a obrigação, que todos temos, de louvar as boas

ações do próximo ou de falar bem delas, nos abstermos, por completo, de o fazer, incorremos na maledicência deste gênero.

Perguntam-vos sobre a conduta de uma pessoa, que muito bem conheceis, e que sabeis que é irrepreensível; todavia, recusais dar dela o testemunho que suas virtudes merecem. Não é isto dar a entender que nem tudo que há nela é digno de louvor ?

Louvam diante de vós as ações de um homem, a quem estais ligado por estreitas relações de amizade; é um colega, um superior... e afetais nada dizer sobre ele, quando todos o estão louvando. Não é isto dar a entender, que achais exagerados os louvores, que se lhe dão, e que não o julgais tão merecedor deles e que há sombras no quadro de sua vida?... Em alguns casos este silêncio diz mais que uma censura bem acentuada.

Frequência

Da facilidade em maldizer nasce, naturalmente, a sua frequência. No mundo, a maledicência está na ordem do dia e de todos os dias. "Este vício, diz com razão um autor, é a peste e ao mesmo tempo as delícias da sociedade humana; é um pecado, que toda a gente detesta, e ninguém, todavia, está isento dele. Vemos pessoas afastadas de todos os outros vícios, porém, miseravelmente e quase inconscientemente, escravas da maledicência.

"Minhas senhoras, dizia uma vez do púlpito um pregador, examinai-vos, seriamente, sobre o uso que fazeis da vossa língua, e se há entre vós alguma que não tenha caído no vício da maledicência, eu a conjuro a que se levante. Fá-la-emos fotografar e enviaremos seu retrato às cinco partes do mundo, como um raríssimo exemplar de mulher".

Do mundo terá a maledicência passado para o santuário? Terá entrado também nas fileiras do Clero, nas reuniões sacerdotais? É muito possível. E podemos crê-lo, pois os Santos, que assinalam os escolhidos, que os Padres devem evitar, colocam a maledicência entre os principais e como um dos mais frequentes e perigosos.

E terá forçado também a clausura dos conventos e assentado seu trono entre as comunidades religiosas? E como duvidar disto, se S. Afonso, na sua obra intitulada "Santa Religiosa" falando das línguas maldizentes, exclama: "Praza a Deus que não haja, até mesmo nos conventos, estas línguas incapazes de lamber sem arrepear!...

A maledicência é, pois, um mal universal e muito poucos são aqueles que não têm de que se reprender nesta matéria. "Se eu conhecesse uma pessoa, diz S. Maria Madalena de Pazzi, que em sua vida nunca proferisse uma palavra contra o próximo, afirmo-vos que a mandaria canonizar".

Reparação

Quando se comete um pecado mortal contra Deus somente, um ato de contrição perfeita basta para o reparar. Deus em sua misericórdia infinita se contenta com esta satisfação. Mas se o pecado ao mesmo tempo ofende a Deus e ao próximo juntamente, então não basta um ato de contrição perfeita, para o perdoar, mas requer-se ademais a reparação da injustiça e dos danos causados ao próximo, enquanto for possível. Esta obrigação é juntamente rigorosa e difícil.

É uma obrigação *rigorosa*, porque se funda sobre o princípio de equidade natural, que nos proíbe prejudicar o próximo e nos ordena, se o lesamos injustamente, restitui-lo a seu primeiro estado. Deus na sagrada Escritura declara a existência desta obrigação para todo o maldizente: *Qui detrahit alicui rei, ipse se in futurum obligat.* (Prov. 13, 13) O que causa prejuízo ao próximo, contrai uma obrigação para o futuro, obrigação de lhe restituir a honra, que lhe tirou, e de reparar os danos, que lhe causou pela difamação.

Em matéria de roubo, quando é grave, ninguém se pode salvar sem restituir. O mesmo se dá em matéria de honra, e neste caso a obrigação é mais rigorosa, porque a honra é um bem mais precioso, que as riquezas materiais.

É uma obrigação *difícil* de cumprir, porque, se por um lado é de mais fácil execução, que a do furto, pois se trata simplesmente do uso da língua, o que está sempre ao nosso alcance, na prática, porém, apresenta grandes dificuldades, porque requer um ato de humildade, para o qual o amor-próprio sente uma extrema aversão.

Para restituir ao próximo a honra, que lhe foi roubada, o maldizente deve confessar-se culpado de injustiça e malícia, ou ao menos de ligeireza e inconsideração, e esta confissão deve repeti-la diante de cada pessoa, que fez confidente de sua murmuração.

Para escapar a esta obrigação, que se lhe afigura demasiado dificultosa, o maldizente procura persuadir-se que não é possível, ou que sua falta não foi tão grave. Esta última ilusão leva-o a passar em silêncio, na confissão, suas maledicências ou a acusá-las sem as disposições requeridas, de contrição e de firme propósito; acusa-se, vagamente, de ter murmurado e omite declarar a gravidade de sua maledicência, a intenção perversa que o moveu a falar, o número de pessoas presentes: circunstâncias que é preciso declarar.

Além disto, supondo que o maldizente quer restituir a honra do próximo, poderá fazê-lo? As pessoas, que ouviram suas palavras maldizentes, comunicaram-nas a outras, e estas a outras. Como atingir, para a desfazer, esta difamação que se espalhou por toda a parte? E depois, como conseguir apagar a impressão causada nos espíritos? Não basta dizer, mentindo, que o que se afirmou não era verdade.

Os homens, que são mais inclinados a crer o mal do que o bem do próximo, se mostrarão cépticos, quando o caluniador procurar restabelecer diante deles a vítima de sua maledicência; a primeira impressão é a que fica. É difícil apagar e restabelecer numa tela brilhante a frescura e viveza, que uma nódoa lhe tirou.

Todavia, por mais difícil que seja o dever da reparação, e por maior que seja a impossibilidade de reparar a fama alheia plenamente, o murmurador não fica totalmente dispensado de o fazer, e deve trabalhar por cumprir sua obrigação, aproveitando ao menos todas as ocasiões de falar bem daquele de quem falou mal, e de mostrar, em público, a estima que dele tem.

A maior parte de meus ouvintes conhece por certo, o modo original, de que se serviu S. Filipe Neri para fazer compreender a uma de suas penitentes a necessidade e dificuldade de reparar os males da maledicência.

Terminada a acusação, o Santo exortou-a à reforma da vida e impôs-lhe esta penitência: Ireis ao mercado, comprareis uma galinha recentemente morta, e coberta ainda das penas. Ireis logo fora da cidade a um ponto determinado, dando várias voltas e depenando a galinha durante todo o trajeto, e no fim voltareis a falar-me.

A mulher, estranhando a penitência, cumpriu-a à risca. Voltou logo a seu confessor para lhe declarar como tinha executado a penitência, que lhe impusera, e pedir-lhe explicação daquela raridade.

O Santo louvando-a pela execução da primeira parte, impôs-lhe a segunda. "Voltai, diz-lhe, ao mesmo lugar, percorrei o mesmo caminho e recolhei todas as penas que arrancastes à galinha e espalhastes ao vento".

"É impossível, disse a mulher surpreendida. As penas espalhou-as o vento, como quereis que as vá recolher de novo?"

"Pois bem, respondeu o Santo, as palavras maldizentes são como estas penas, que declarais que não podeis mais reaver. As palavras de vossas murmurações espalharam-se em todas as direções e não podeis mais recolhê-las para as reparar.

A história não o diz, mas podemos crer que a boa mulher aproveitou a lição e se corrigiu.

Participação na maledicência

Haverá pecado sempre que se escuta a murmuração ?

No mundo só pelo fato de se prestarem ouvidos à murmuração, de a escutar com prazer e de não a impedir quando se pode, ninguém se julga, geralmente, réu de culpa grave. Mas os que assim pensam, meditem bem estas palavras do Espírito Santo, se não querem ser

involvidos na ruína dos detratores, aos quais se associam: *Cum detractoribus ne commiscearis : repente enim consurget perditio eorum.* (Prov. 24, 24) Não te mistures com os detratores, porque de repente se levantará sua ruína.

Quem, contra vontade, ouve coisas que preferia não ouvir, está livre de pecado. Tranquilizem-se, pois, as almas timoratas, que por acaso se encontram em reuniões, em que se permitem críticas e censuras sobre a vida do próximo, e ouvem, contrariadas, tais discursos.

Se alguém prestasse atenção a uma maledicência, como a uma coisa nova ou curiosa, sem contudo se alegrar com a desgraça do próximo, teria pecado, mas só venialmente.

Escutar a murmuração com prazer e com sinais de que aprova a narração, é pecado, porque é tornar-se cúmplice na falta do murmurador. E o pecado do ouvinte complacente é da mesma natureza e gravidade que o do detrator. Um e outro pecam não só contra a caridade, mas também contra a justiça, e ambos contraem, solidariamente, a obrigação de reparar os danos causados ao próximo.

Neste último caso, qual é a gravidade do pecado cometido? Depende da matéria e do dano causado à reputação alheia. A murmuração, em matéria grave, produz também pecado grave.

A obrigação de não escutar complacentemente a murmuração pode juntar-se, e junta-se muitas vezes, a obrigação de impedir que se produza e se prolongue. Este dever incumbe, primeiramente aos superiores, que têm obrigação, em virtude do seu ofício, de proteger a reputação dos súbditos contra as detrações, de que podem ser vítimas, opondo-se às palavras dos detratores ou impondo-lhes silêncio. Faltar a este dever, quando o podem fazer facilmente, e sem inconveniente, seria pecado contra a caridade.

Quanto aos particulares, raramente estão obrigados, sob pena de pecado mortal, a impedir a maledicência mesmo grave. S. Tomás julga que o temor, a falsa vergonha e a mesma negligência escusam, de ordinário, de pecado mortal, os que não interrompem a murmuração, contanto que não tenham nisso prazer.

Se o murmurador é de condição inferior, podeis mais livremente repreendê-lo, e se é igual, procurai, amigavelmente, sem o ferir, dissuadi-lo de versar tais assuntos.

“Acabamos de ouvir uma acusação, disse o B. João d’Ávila numa circunstância deste gênero, deixemos agora que o acusado apresente sua defeza”. E fez-se ele mesmo o defensor do acusado.

Se não é possível afastar-se da reunião, tomai um ar grave e mostrai vossa indiferença pelo que se narra, ou guardai silêncio todo o tempo que durar a conversação. *Ventus aquilo dissipat pluviam et facies tristis linguam detrahentem.* (Prov. 25, 23) O vento norte

dissipa a chuva, e um rosto triste, a língua maldizente. Ou então imital este exemplo.

Viajava, num trem, um religioso, quando entrou uma senhora, que logo travou conversa da vida alheia. O religioso, depois de a ouvir por algum tempo, interrompeu a maldizente e propôs-lhe para rezar um Terço com ele, o que ela aceitou, porque era muito piedosa. Terminado o Terço, voltaram de novo a conversar; mas a linguaruda entrou, outra vez, a pôr à mostra os defeitos de uma sua vizinha.

O religioso puxando do Terço:

— Minha senhora, rezemos mais um Terço por essa sua vizinha de tão maus bofes.

E ela aceitou, porque era muito rezadeira.

Findo este segundo Terço, entraram de novo a conversar e então a mulher meteu a tesoura na vida de sua comadre, e a deixou a escorrer sangue.

O religioso valeu-se ainda do mesmo estratagema e começaram terceiro Terço.

Ao terminar, tinha o religioso chegado à estação do seu destino, e despedindo-se da companheira de viagem:

— Fico-lhe muito grato por me ter dado ocasião de rezar o meu Rosário. Quando nos encontrarmos, usaremos do mesmo processo.

O Padre e a Imodéstia nos olhares

Modestia vestra nota sit omnibus hominibus. — A vossa modéstia seja conhecida de todos os homens. (Filip. 4, 5)

Imodéstia, em geral, é a ausência ou insuficiência de recato e compostura no porte exterior, na conversação, no modo de vestir e no trato social. Um rosto de ventoinha e uns olhos de vagalume, que se voltam para todos os lados e tudo procuram ver, gestos e ademanes desenvoltos, um porte descuidado e um andar teful, mole e precipitado, palavras desentoadas, riso estrepitoso, vestidos de corte inconveniente, tais são alguns dos indícios, que denotam a imodéstia e revelam uma alma materializada e mundana, escrava do respeito humano e de um modismo exagerado.

Segundo estes caracteres, destacam-se várias espécies de imodéstia: imodéstia no vestir, imodéstia no falar, imodéstia no comer,

imodéstia no modo de sentar-se, imodéstia no modo de andar, no conversar, no olhar. É desta última espécie de imodéstia, que vou tratar nesta conferência, e direi primeiro sobre os seus males, depois sobre o seu objeto, e finalmente sobre a obrigação de a combater.

I. — *Males da imodéstia*

Não direi sobre este ponto mais do que disseram os Santos Doutores e Mestres da vida espiritual. S. Bernardo, em sua meliflua dição, diz que pelos olhos entra no coração a seta do amor, e que, por isso, é preciso trazê-los sempre baixos, sem contudo mostrar nisto demasiada afetação. É conselho dos guias espirituais não olhar muito pela janela para ver quem passa na rua, pois esta curiosidade pode, às vezes, perturbar a fantasia e dar ocasião a tentações impuras.

S. Francisco de Sales nos seus sapientíssimos conselhos à amada Filotéia, diz que não se apetece o que não se vê. E é por este motivo, que o demônio, quando nos quer atacar, começa por nos fazer ver o objeto proibido, para depois nos levar a desajá-lo, e por fim a consentir nele. Esta foi a tática infernal, de que se serviu para tentar Nosso Senhor no deserto. Primeiro, mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e depois tentou-o, dizendo: "Tudo isto te darei, se me adorares". (Mat. 4, 8)

Nada pôde, porém, conseguir de Jesus, que sabia o valor de todos os bens da terra, e que não ia dar por eles a sua alma. O mesmo não sucedeu com nossa primeira mãe Eva. Para a tentar a transgredir a lei do Senhor e despojá-la dos bens sobrenaturais, de que estava ornada, o demônio usou do mesmo estratagemas. Primeiro, tentou-a com a vista do pomo proibido, e depois com o coração. Levou-a a contemplar o fruto vedado, e depois persuadiu-a a que o comesse, o que logo conseguiu.

Aqui se confirma o que disse Tertuliano, que pequenos relances de olhos são inícios de lamentáveis quedas. E São Jerônimo afirma, que os olhos são como dois ladrões, que nos roubam o que temos de mais precioso, a graça de Deus.

A história da Igreja está cheia de exemplos, que confirmam o que vou dizendo. Quarenta anos de perseverantes tentações foram a recompensa de um olhar imprudente para uma mulher, em que caiu um sacerdote por nome Pástor. S. Bento, tendo, enquanto vivia no século, posto os olhos numa mulher, inconsideradamente, sofreu quarenta anos, na solidão, tão horríveis pensamentos contra a pureza, que, para se ver livre deles, lançou-se num sarçal, e por este meio acalmou a tentação e conseguiu a vitória. S. Jerônimo, na gruta de Belém, para onde se recolheu a fazer penitência, foi por longo tempo perseguido de pensamentos e representações obscenas por ter apas-

centado os seus olhos nas mulheres vaidosas, que conheceu em Roma. Contam as Crônicas do ermo, que um religioso, por ter caído numa falta de modéstia dos olhos, cingiu o pescoço com uma coleira de ferro, que ligou com uma cadeia aos pés, para se obrigar a andar sempre com os olhos baixos. Se o caso não é verdadeiro, serve muito para nos mostrar, como aqueles padres antigos tinham em grande conta a modéstia dos olhos e como se penitenciavam pelas faltas contra ela.

Terrível é também o caso, que narra S. Agostinho, de seu companheiro Alípio. Este jovem foi assistir, no circo de Cartago, a um espetáculo sangrento, com resolução de não abrir os olhos no ato mais solene da cena, o que fez resolutamente; porém, ao ouvir a aclamação da platéia no momento de ver correr o sangue das vítimas dilaceradas pelos leões, não se pôde conter e abriu os olhos para gozar, um pouco, daquele sanguinolento drama. A impressão foi tão viva, que não só ele prevaricou, mas foi causa de que, no futuro, outros muitos prevaricassem.

A imodéstia dos olhos tem dado causa a horríveis crimes. Por não guardar os olhos, os dois juizes anciãos acenderam-se na concupiscência de Susana, que por não consentir nos depravados intentos deles, foi vítima de uma calúnia, que lhe custaria a vida, se não viesse, em sua defeza, o profeta Daniel.

Grande número de Santos com o recurso a Deus, à oração e à penitência, saíram vitoriosos de tremendos combates contra a carne; mas quantos sucumbiram miseravelmente por não terem velado sobre seus olhos? Foi um olhar indiscreto que perdeu David e lhe deu motivo de chorar toda a vida. Foi por olhar para as mulheres idólatras, que Salomão caiu tão profundamente, que veio a adorar os ídolos delas.

Tinha, pois, muita razão Sêneca, quando dizia, que a cegueira servia muito para se conservar intacto. É certo, que não nos é permitido arrancar os olhos para nos cegarmos, mas devemos nos cegar, voluntariamente, cerrando-os toda a vez que incidirem num objeto, que possa alterar a pureza de nossa alma. Deste modo se cegou Job, quando fez um pacto com seus olhos de não pensar em mulher. Aqui talvez alguém pense que Job se equivocou, devendo dizer "olhar" em vez de "pensar" pois com os olhos não se pensa. Mas andou muito acertado Job, pois do olhar vem o pensar, porque o que entra pelos olhos se grava na mente, e dá ocasião a muitos pensamentos pecaminosos.

S. Luís de Gonzaga era tão reservado no olhar, que, ao atravessar as ruas de Roma, não dava fé das pessoas, que passavam a seu lado, e por isso faltava muitas vezes com a saudação, que a cortesia demandava. Diz-se mais deste santo Jovem, que, andando pelas cortes

da Europa, era tão modesto no olhar, que mal conhecia as princezas, com quem convivia, e até mesmo se abstinha de fixar o rosto de sua própria mãe.

S. Pedro de Alcântara andava sempre tão absorvido em Deus que não olhava para o rosto dos religiosos seus irmãos, e só distinguia uns dos outros pelo som da voz.

O Concílio de Trento quer que os Padres se guardem de tudo que possa ofender a modéstia dos olhos. Aos padres seculares é isto mais necessário, por serem obrigados a passar pelas praças públicas e a entrar em casa de gente mundana. Se tomam a liberdade de olhar para todos os objetos, que se encontram pelas ruas e praças, como estátuas, cartazes de cinema e teatro, dificilmente poderão manter-se castos e preservar a fantasia de representações impuras. O Espírito Santo nos dá este conselho: “Da mulher enfeitada retira os olhos ; por causa de sua beleza muitos pereceram”. (Ecl. 9, 8)

Por conseguinte, no cânon 27, § 3, do Concílio, lê-se: “Aos clérigos só é permitido assistir a representações teatrais e cinematográficas nalguma casa pia ou religiosa, ou nalgum outro lugar público, com licença do Ordinário”. E no cânon 135 temos: “Os párocos avisem os fiéis, que se abstenham de tudo que possa causar detrimento aos bons costumes, como espetáculos desonestos, imagens e livros obscenos, dansas, teatros e cinemas imorais, até mesmo os chamados “religiosos”, porque representam os mistérios da fé, de um modo inconveniente e nada favorável à piedade”. — E se os Padres devem pregar isto aos fiéis, convém que primeiro o preguem com o exemplo.

É também conselho não frequentar reuniões, onde se encontram homens e mulheres em confusa promiscuidade; e, quando a necessidade os chamar a um lugar, onde há tais ajuntamentos, devem com maior cuidado guardar a modéstia dos olhos, e retirar-se logo que possam.

O Pe. Álvares obrigado a assistir à degradação de um sacerdote, vendo que havia no local muitas mulheres, tomou nas mãos uma imagem de Nossa Senhora e passou todo o tempo com os olhos nela, até terminar a cerimônia, a fim de não olhar para objetos e pessoas, que pudessem seduzir seu espírito, pedindo aquilo que David pedia a Deus: “Afastai meus olhos de ver a vaidade”. (Sl. 118)

Os eclesiásticos e religiosos devem pregar mais com o exemplo do que com as palavras. E que frutuosa pregação é para o povo ver que o seu vigário não anda por casas de diversões, mas vive no silêncio do seu presbitério, que é modesto no olhar, no falar, no trajar, no comer, no celebrar, enfim, em todas as suas ações? Assim pregou S. Francisco de Assis. Um dia disse a seu companheiro: — “Vamos pregar”. — E saiu do convento, deu uma volta pelas ruas e praças

III. — Obrigação de evitar a imodéstia

Perante este desbragamento de objetos provocadores da imoralidade, um dever se impõe a todos que têm consciência de sua dignidade: refrear a curiosidade de tudo querer ver, reagir contra a tendência natural, que todos têm de apascentar a vista no que desperta a sensualidade; numa palavra, combater a imodéstia nos olhares, em geral, e em particular diante de pessoas de diferente sexo e das do mesmo sexo, para as quais se sente simpatia amorosa.

Na sagrada Escritura, o Espírito Santo, que melhor que ninguém conhece a fundo as tendências perversas da natureza humana, multiplica avisos sobre avisos, exortações sobre exortações, conselhos sobre conselhos para preservar os homens da corrupção pelos olhares:

“Não apascentes teus olhos pelas ruas da cidade nem pises em suas praças. (Ecl. 9, 7)

“Não fixes teus olhos numa donzela”. (Ib. 5)

“Desvia teus olhos da mulher enfeitada e não olhes curiosamente para uma beleza rara”. (Ib. 8)

“Muitos foram seduzidos pela beleza da mulher, e por tê-la contemplado atentamente, ateou-se neles a paixão como um brazeiro. (Ib. 9)

Uma tal insistência do Espírito Santo denota, que o perigo dos olhares curiosos não é imaginário. As palavras de Deus são palavras de vida e não ficarão sem efeito. Se as guardarmos, viveremos; se as desprezarmos, morreremos.

Os autores espirituais não são menos explícitos nesta matéria. As suas palavras em nada discordam das do Espírito Santo, antes as confirmam e robustecem:

“Da vista nasce o pensamento, diz S. Agostinho; do pensamento, o prazer e do prazer, tornado voluntário, o consentimento”.

“É pelos olhos, afirma S. Bernardo, que entra na alma a flecha do amor impuro”. (De modo vivendi, Ser. 23)

“Os olhos são como veículos do mal”, declara S. Gregório.

“Quase todos os assaltos, que as paixões lançam contra nossa alma, ensina S. Afonso, têm sua origem nos olhos mal guardados, porque é a vista que, geralmente, desperta nossas paixões e suscita as afeições desordenadas”. (*A santa religiosa*)

A S. Inácio, que escreveu para seus religiosos regras sapientíssimas, não passou despercebido este ponto, pois nas regras da modéstia tem:

“Todos tenham comumente os olhos baixos, não os levantando demasiadamente, nem os virando para uma parte e para outra”. (Reg. 3)

E ao apresentar vários meios para a guarda da castidade, o primeiro que aponta é a modéstia dos olhos:

“Tenham todos especial cuidado em guardar as portas de seus sentidos, especialmente os olhos”. (Reg. 29)

E subindo ainda mais na escala dos testemunhos, vemos a Igreja e os Concílios empenhados em velar pela moralidade dos clérigos, aos quais diz expressamente no cânon 140 do Direito Canônico: “Não assistam a espetáculos, dansas e festas, que desdizem do seu estado, ou possa nisso haver escândalo, principalmente nos negócios públicos”.

O Concílio de Tours quer que os Padres se guardem contra tudo que possa ofender seus olhos e ouvidos. (Ano 811, Cân. 7)

Maior que o testemunho da Igreja é o de Jesus Cristo, que no Evangelho fez menção do perigo dos maus olhares e aponta a gravidade, que pode haver numa vista inconsiderada: “Eu porém vos digo, que todo o homem que lançar olhar cobiçoso para uma mulher, já em seu coração cometeu adultério com ela. Se teu olho direito te for ocasião de pecado, arranca-o e lança-o de ti, porque melhor é que pereça um de teus membros, do que ser todo corpo lançado no inferno”. (Mat. 5, 28) O conselho de arrancar o olho direito entende-se aqui, privar a vista de se fixar em objetos, que possam levar ao pecado, e portanto ao inferno.

Deus também não fica indiferente aos pecados, que se cometem com os olhos. Vendo Cam seu pai Noé descomposto, enquanto dormia, embriagado pelo vinho, cuja eficácia ignorava, foi avisar seus irmãos, que, tomando um manto, foram de costas caminhando para o pai e lho lançaram em cima sem faltarem à modéstia dos olhos. Cam foi amaldiçoado pelo seu olhar imodesto e os dois irmãos foram abençoados por Deus.

De tudo que fica dito podemos tirar as seguintes conclusões: 1. Os olhos são os provocadores da concupiscência. 2. Quem semeia olhares imprudentes e lascivos recolhe uma seara de maus pensamentos. 3. É insensato aquele que não sabe pôr um freio à concupiscência dos olhos.

Todavia, é preciso notar que nas palavras acima citadas, trata-se de olhares, isto é, de uma vista demorada, fixa e repetida. “O que faz mal, diz S. Francisco de Sales, não é tanto o *ver* de passagem, como o *olhar* com demora”.

Donde se tira a regra dada por S. Agostinho: “O mal não está em caírem os olhos sobre uma pessoa qualquer, mas em fixá-la”.

Vivemos no mundo em contínuo contacto com homens e mulheres, e temos que olhar as pessoas que nos falam, para sabermos com quem falamos. O que devemos evitar são olhares fixos em pessoas, que nos agradam e que despertam nossa simpatia. Estes olhares já em si mesmos perigosos, são-no mais ainda quando a pessoa é mais amada, mais procurada, mais insinuante por suas palavras maneiras, mais atraente por seu trato e sorriso, mais simpática pela sua fisionomia aprazível e airosa.

da cidade, e voltou para casa. Quando entrou no convento, perguntou-lhe o companheiro: “E a pregação?” — “A pregação fê-la a modéstia de nossos olhos ao povo que nos observou”.

Um autor nota, com razão, que os Evangelistas dizem em vários lugares, que em certas ocasiões Nosso Senhor levantava os olhos para seus discípulos:

Elevatis oculis in discipulos. (Luc., 6, 20)

Cum sublevasset ergo Jesus oculos. (Jo., 6, 5)

Com isto nos dão a entender, que Jesus ordinariamente conservava os olhos baixos. É por este motivo que S. Paulo, escrevendo aos Coríntios, apela para a modéstia do divino Mestre como uma característica de sua personalidade:

Obsecro vos per modestiam Christi. (2 Cor., 10, 1)

Rogo-vos pela modéstia de Cristo.

S. Luciano, sacerdote e mártir, convertia os pagãos mais com seu aspecto grave e modesto, do que com seus sábios discursos. E se isto fazia o discípulo, que não faria o Mestre? A modéstia de Jesus, seu porte grave e respeitoso atraía a si os corações do povo simples e movia os pecadores à conversão.

II. — *Objetos perigosos*

Não trato aqui de vistas demoradas e fixas voluntariamente em objetos gravemente obscenos, porque estas vistas são, realmente, atos de luxúria e, portanto, revestem sua malícia e gravidade. Trato somente de olhares inconsiderados e imprudentes, provocados por uma curiosidade sensual, por uma sensibilidade que anda à procura de emoções agradáveis, por um instinto ávido de prazeres sumamente perigosos, já pelas circunstâncias do objeto considerado, já pelas disposições naturais daquele que as observa.

Os objetos, cuja vista inclina a alma mais ou menos para o pecado, são inumeráveis. Podemos reduzi-los a cinco:

Os que provêm da arte da *escultura*, em que o artista procura explorar com mão voluptuosa as formas mais sedutoras de suas estátuas em completa nudez. Por isto, não é aconselhável visitar os museus de escultura, nem passear por jardins e praças, onde se exibem estes produtos da arte erótica.

A *pintura* é outro campo, onde o artista apura o pincel para oferecer ao público exemplares de beleza plástica e somática nas formas mais provocadoras da volúpla. É claro que fixar a vista nestes quadros e procurar oportunidade de os examinar detidamente, é expor-se ao perigo de irritar a sensibilidade e de provocar, mais tarde, na fantasia imagens lúbricas, que não deixarão de empanar o brilho da pureza.

A *fotografia* é outra arte, de que se tem abusado para corromper os bons costumes, apresentando em livros e revistas clichês que ofendem a moral e modéstia cristã, e que fazem até corar as meticulosas criancinhas. E esta arte é tanto mais perigosa, quanto maior é a facilidade de a reproduzir em jornais, revistas e postais, que circulam de mão em mão e penetram em toda a parte.

A *arte cênica* ou *teatral* é outro escolho, em que não raro naufraga a castidade. O teatro moderno não é mais o que os antigos inventaram para ser uma escola de moralidade — “*ridendo castigando mores*” — corrigir os maus costumes rindo — mas é antes uma escola de imoralidade, onde se ensina a praticar o assassinio, o roubo, o adultério, o divórcio e mil outros vícios aliados da impureza.

A arte, porém, que mais prejudicado tem a moralidade, é a *cinematográfica*. As fitas, ainda as mais recomendadas, não deixam de ter cenas, que ofendem a moral cristã, e por isso vê-las é sempre um perigo para a inocência.

Mas o objeto que mais cativa os olhos é a mesma *figura humana* com todos os atrativos com que Deus a dotou. Este objeto é para cada pessoa, a pessoa do sexo diferente e até do mesmo sexo. São os jovens e as donzelas com todos os encantos da idade juvenil, que cada qual procura tornar mais atraentes com os artifícios, que a arte de embelezar ensina.

Naturalmente, todos estes objetos seduzem a vista e produzem uma sensação de simpatia, que pode ter, e muitas vezes tem, por último resultado a queda no pecado da impureza.

São também pecaminosas todas as *modas modernas* que provocam olhares libidinosos e despertam a sensualidade. As mulheres, que se vestem contra as regras do pudor, são cúmplices nos pecados que, pelos olhares lascivos que provocam, fazem cometer aos homens. Entre as portas do inferno, que menciona o “*Pequeno Missionário*” do Pe. Guilherme Vaessen, podemos contar a *Moda Moderna*, que é a mais larga de todas, por onde encontram moças e senhoras, Filhas de Maria e Mães Cristãs, com todas as suas fitas e medalhas de santas irmandades a ornar um corpo disforme e semi-vestido, com pernas sem meias, braços nus e beiços pintados a profanar a mesa da comunhão, a transformar o templo do Senhor em templo de Venus e fazer da casa de Deus e da oração um “pagode” de exibições pagãs. Terrível é o caso sucedido, há poucos anos, em Espanha, de uma moça, Filha de Maria, que, tendo falecido e estando o cadáver na igreja para o ofício fúnebre, se levantou do caixão e disse, que não orassem por ela, que se tinha condenado por causa da maldita *moda*...

Guardemo-nos, pois, destes olhares e sejamos daqueles de quem diz a sagrada Escritura, que tendo olhos não vêem. Devemos olhar para os objetos e pessoas como se os não vissemos, como quem anda mais com os olhos em Deus, do que nos homens, mais no céu do que na terra. Se assim procedermos, a nossa modéstia, como quer o Apóstolo, será conhecida de todos os homens: *Modestia vestra nota sit omnibus hominibus.* (Filip. 4, 5)

O Padre e o Juízo temerário

Nolite judicare et non judicabimini. (Mat. 7, 3)
Não julgueis e não sereis julgados.

Juízo temerário é um firme assentimento sobre um pecado ou vício do próximo sem motivo suficiente.

Tem origem na inveja, que se tem do próximo, que, por vingança ou ódio, se quer deprimir e desacreditar no próprio conceito.

Consiste em atribuir ao próximo faltas ou defeitos, sem haver para isso motivo suficiente.

É constituído por dois elementos: apreciação malévola e insuficiência de provas. Pouco importa que, pensando mal do próximo e julgando-o temerariamente, se acerte no juízo que se fez dele. Sempre que julguei por indícios ligeiros ou simples aparências, cometi um pecado de juízo temerário.

Para maior clareza e precisão da matéria, recordemos a diferença destes três atos da inteligência: dúvida, suspeita e juízo.

O que *dúvida*, vendo o *pro* e o *contra* da força legal, fica suspenso e não se pronuncia nem pelo "sim", nem pelo "não", por falta de motivo.

O que *suspeita*, imagina haver culpabilidade, sem, todavia, se atrever a afirmá-la; é uma inclinação para o assentimento ou um assentimento incoado.

O que *julga*, pronuncia por si mesmo, de um modo formal, uma sentença, que declara o próximo, certamente, réu de algum crime.

Segundo a comparação empregada por um autor, a dúvida é como a balança em perfeito equilíbrio, cujo fiel não pende mais para um lado do que para o outro; a suspeita é a mesma balança, com um prato, ligeiramente, inclinado para um lado; o juízo é o peso que faz descer um dos pratos.

A dúvida e a suspeita, ainda que são juízos temerários de sua natureza, não passam de pecados veniais, porque não fazem senão

diminuir ou enfraquecer o direito, que o próximo tem à nossa estima e não chegam a privá-lo desse direito. Não obstante, é preciso evitá-las cuidadosamente, porque, sendo voluntárias, ofendem a Deus e servem de isca ao juízo temerário propriamente dito.

O juízo temerário é, de sua natureza, um pecado mortal contra a justiça, sempre que se encontrem reunidas as condições seguintes : pessoa determinada, juízo verdadeiro, matéria grave, consentimento perfeito, insuficiência de provas.

1. *Pessoa determinada*; porque, se a pessoa de quem se pensa mal, é indeterminada, ou uma pessoa desconhecida, encontrada por acaso, o prejuízo, que lhe causa o juízo temerário, não é grave.

2. *Juízo verdadeiro*, isto é, assentimento firme, e não simples pensamento, nem mesmo dúvida ou suspeita, porque doutra sorte não causa grave injúria ao próximo.

3. *Matéria grave*. A matéria grave será grave, se tiver por objeto uma coisa importante e de tal natureza, que possa atingir seriamente a fama e estima, que se deve ao próximo. Requer-se, todavia, matéria mais grave que a que se requer para uma grave detração.

4. *Consentimento perfeito*, como o que se requer para todo o pecado mortal. É preciso, pois, que, consciente da futilidade dos motivos, que tenho para julgar mal do próximo, persista, não obstante, em minha injusta apreciação, sem querer retratá-la.

A suspeita e a dúvida temerárias são, em seu gênero, pecados veniais, ainda em matéria grave. (S. Tom. 2, 2 q. 60 a. 3)

5. *Insuficiência de provas*. O que julga seu próximo deve ter conhecimento, ao menos confusamente, não só da gravidade do mal que se atribui, mas também da insuficiência das razões, que induzem a fazer dele injusta apreciação. Se houvesse sérios motivos para julgar desfavoravelmente do próximo, não cometeria nenhuma falta, quem o fizesse.

Da enumeração destas cinco condições tiremos uma conclusão tranquilizadora para as almas, que se afligem com pensamentos desfavoráveis ao próximo, que involuntariamente as perseguem. Deve-se presumir que nas pessoas de uma consciência tímida, as dúvidas, suspeitas e juízos temerários não são voluntários, ou ao menos não são suficientemente para constituírem pecado mortal. A Imitação de Cristo diz dos que fazem juízos temerários: *In judicando alios ... homo leviter peccat*. (Liv. 1, c. XIV) O homem em julgar os outros peca levemente.

GRAVIDADE

Donde vem ao juízo temerário esta gravidade? — Da desordem e malícia que lhe é inerente, da qual nos devemos acautelar. Os moralistas descobrem no juízo temerário uma dupla injúria feita a Deus e ao próximo.

Injúria feita a Deus, de quem usurpa os poderes e a jurisdição de julgar as ações dos homens. — “Quem és tu, pergunta o Apóstolo, que assim julgas o teu próximo? Ou proceda bem ou mal, ou caia, ou se levante, isto não é da tua conta, mas do seu Senhor”. (Rom. 14, 4) — O mesmo Apóstolo, para exterminar os juízos temerários entre os cristãos de Roma, apela para o tribunal de Deus: “Tu, porém, porque julgas teu irmão? Ou porque desprezas teu irmão? Todos estaremos diante do tribunal de Cristo”. (ib. 10)

Quanto aos que pretendem julgar não só os atos exteriores, mas também os interiores, como os pensamentos, os desejos e as intenções, estes usurpam igualmente os direitos de Deus, a quem só pertence conhecer os corações, como está escrito: *Scrutans corda et renes Deus*. (Sl. 7, 10)

O Pe. Faber serve-se de uma imagem sugestiva para nos mostrar a injúria, que faz a Deus, aquele que julga temerariamente o seu próximo. — “O tribunal de Nosso Senhor, diz, está de certo modo levantado na terra, mas está vago, porque o juiz está ausente. Entretanto nós, sem sermos convidados, subimos os degraus deste tribunal, instalamo-nos nele, em lugar de Jesus Cristo, assumimos o papel de juizes e pronunciamos antecedentemente, a sentença sobre nossos irmãos”.

Além da injúria feita a Deus, há no juízo temerário uma injúria feita ao próximo. Com ele, privamo-lo de nossa estima e cobrimo-lo com o manto de nosso desprezo. Duas virtudes ficam então lesadas: a caridade e a justiça.

Lesada a caridade, porque esta virtude nos foi imposta para nos obrigar a amar o próximo como a nós mesmos, e a ter dele boa opinião, como desejamos que todos a tenham de nós. Lesada a justiça, porque tem cada um direito à estima dos outros, enquanto se não provar, positivamente, que é indigno dela.

Além desta malícia específica, o juízo temerário nos oferece outro carácter de gravidade. E é que esta funesta facilidade em julgar, temerariamente, o próximo, dá origem a numerosas faltas, como a maledicência e a calúnia, as aversões e os ódios e outras muitas injúrias.

S. Tomás, falando das causas dos juízos temerários, assinala duas principais : nossa própria malignidade e nossas indisposições contra o próximo.

Nossa própria malignidade.

O homem é naturalmente inclinado a examinar seus semelhantes, apreciar suas qualidades, boas ou más, a observar suas ações com uma animosidade indiscreta, a sondar suas intenções, a suspeitar sobre sua vida e a concluir, do que vê, o que imagina ver.

Vai mais longe ainda. Não se contenta com examinar; julga o próximo, e, de ordinário, julga-o com severidade, até mesmo com parcialidade, com injustiça, sempre disposto a aumentar seus defeitos ou antes a supô-los, a pôr em evidência o que pode haver de reprehensível em seus atos, a condenar até o que tem de louvável e a criticar a intenção, quando não encontra que repreender na ação.

Segundo nota um autor, — “quase todos somos feitos assim, e nossa cegueira é tal, que não reconhecemos esta inclinação perversa, seguimo-la sem escrúpulo, e não deixamos de a retificar com razões”.

Nossas indisposições contra o próximo.

É um fato da experiência, que o homem suspeita e julga, de ordinário, das coisas segundo o afeto de seu espírito, ou conforme as disposições mais ou menos desregradas de seu coração. Julga dos outros por si.

Alguém é encontrado, diz S. Doroteu, de noite, na esquina de uma rua; passam por ali três pessoas, vêem-no e cada uma o julga de diferente maneira: uma pensa que é um libertino, que espera o cúmplice de suas desordens; outra que é um ladrão, que espregueia a oportunidade para cometer algum furto; a terceira, que é um homem piedoso, que marcou aquele lugar para se juntar a um amigo e ir com ele adorar a Deus em alguma igreja.

Eis aqui três pessoas que viram um homem num mesmo lugar e, todavia, não têm todas, a respeito dele, o mesmo pensamento, nem fazem o mesmo juízo. Cada uma julga segundo as inclinações e o estado de sua consciência. Se é ladrão, pensa que os outros o são também; se é devasso, só pensa do próximo atos impuros; se é piedoso, pensa outro tanto do seu semelhante.

A abelha e a aranha tiram da mesma flor, uma o mel, outra o veneno; das flores mais amargas a abelha tira o mel, e a aranha, das mais doces, tira o veneno, porque uma e outra agem segundo as disposições de sua natureza. Assim o homem julga, habitualmente, segundo as disposições do seu espírito e segundo as afeições de sua vontade. Qual nosso coração, tais nossos juízos. Somos dominados pelo orgulho? Taxamos de soberba e altivez tudo que no próximo representa dignidade, honra e autoridade. Somos escravos do vício.

da impureza ? Atribuimos a pensamentos e afetos sensuais qualquer gesto, vista, atenção, conversa, que vemos no próximo, ainda que sejam das mais indiferentes. Assim, o avarento, o trapaceiro, o hipócrita supõem que toda a gente se parece com eles e emprestam aos outros suas próprias inclinações. Quem sofre de icterícia, vê tudo amarelo. Do mesmo modo, os que sofrem de algum vício, vêem tudo pelo prisma desse vício. A filosofia popular exprimiu belamente esta verdade no provérbio :

Pensa o ladrão
Que todos são
De sua condição.

Nossas más disposições são ainda mais fecundas em juízos temerários. Por pouco que nos deixemos invadir pelo ódio, a inveja, o rancor, ai do próximo! Nossa antipatia é como vidro colorido, que muda a cor dos objetos, ou como uma lente que aumenta em nossos olhos as mais pequenas faltas do próximo, pervertendo nosso juízo e obrigando-nos às mais forçadas e temerárias conclusões. Queríamos que a pessoa, que odiamos, fosse má e criminosa, e é por isto que nos persuadimos, que o é realmente. Tão fácil é enganar-se quem toma a paixão por guia !

A estas duas causas principais dos juízos temerários podemos juntar ainda outras duas, das quais uma diz respeito, sobretudo, à juventude, e a outra concerne, principalmente, à velhice.

A que se refere à juventude é a precipitação, fruto da ligeireza de espírito própria desta idade. Assim a descreve um autor recente : “O jovem não se dá ao cuidado de refletir, atribui-se a si mesmo perspicácia e discreção, julga-se bastante sagaz, e firmado neste diploma de infundada competência, julga poder ler, sem esforço e sem errar, no proceder do próximo. A simples vista de uma pessoa leva-o a inquirir em suas qualidades morais e a julgar os seus atos. O exterior, a fisionomia, as maneiras, a linguagem, quaisquer singularidades de espírito e caráter bastam para se julgar com alçada de pronunciar sentença sobre a vida do próximo.

As pessoas, que julgam os outros de um modo tão precipitado, pertencem à categoria daquelas de quem diz S. Tomás : “Tendo uma grande potência de imaginação, mostram uma grande falta de juízo e de bom senso”.

A causa que diz respeito à velhice é a longa experiência. S. Tomás explica como esta experiência pode ser origem de juízos temerários. “Os velhos, diz, são suspeitosos até ao extremo: *Senes sunt maxime suspiciosi*”, — já porque têm observado muito os defeitos dos outros, já porque muitas vezes caíram neles. Nos velhos, todavia, acrescenta o santo Doutor, a suspeita é menos viciosa e parece mais desculpável.

Sendo universais as causas, que dão origem ao juízo temerário, universal é a triste e funesta mania, que nós combatemos, de tudo

censurar. E pessoas destras na arma da crítica encontram-se por todas as classes da sociedade. E atrevo-me a dizer: é uma nota característica de certas devotas, e mais ainda de certos devotos, que não conhecem nem estimam outra piedade, senão a que eles praticam, censurando, nos outros, tudo que se afasta de seus princípios. Devotos de espírito e de amor próprio, que até na santidade metem a inveja. Devotos austeros e excessivos, sensuais e pouco mortificados, devotos censores e críticos que põem sua perfeição em não encontrar nada perfeito nos outros”.

MEIOS

Para curar esta deplorável tendência de julgar temerariamente o próximo, dá-nos Jesus Cristo, no Evangelho, os remédios mais salutares.

A) Como em tudo o mais, também no julgar o próximo devemos guardar a sobriedade: “*Nolite judicare et non judicabimini*”. (Luc. VI, 37) Não julgueis e não sereis julgados. Não temos nem autoridade, nem clarividência, nem a retidão exigida para nos metermos a julgar o próximo em seus atos e intenções.

B) No caso de teres de julgar o próximo, sê lento em formular o teu juízo e dar o teu parecer; estuda a questão, examina as circunstâncias, pesa atentamente os *pros* e os *contras*, põe de parte a paixão e não te deixes influenciar pelo que os outros dizem, mas tem em vista, unicamente, a glória de Deus e o bem de teu irmão.

C) Se a culpabilidade de teu próximo é certa, detesta sua falta, mas trata-o com bondade e indulgência, diminuindo quanto possível sua responsabilidade, escusando ao menos sua intenção e interpretando tudo favoravelmente.

D) Em vez de julgar os outros, julga-te a ti mesmo e não te poupes, pois não tens pouco de que te repreenderes. Lembra-te da palavra do Salvador aos reformadores do próximo, que só vêem as faltas alheias e não as próprias: “Por que é, pois, que vês uma palha no olho do teu irmão e não vês a trave no teu olho?” (Mat. VII, 3)

O Padre e a Cólera

A cólera é uma paixão, que provoca um movimento brusco de reação, quer contra um obstáculo para o quebrar, quer contra um mal físico ou moral, real ou suposto, para o debelar.

Desta definição resulta que nem sempre a cólera é uma paixão má. De fato, os Santos Livros nos apresentam personagens virtuosos agindo sob o impulso da cólera. Moisés, descendo do Sinai, onde recebeu as tábuas da Lei de Deus, viu a prevaricação do povo, adorando um bezerro de ouro. Esta vista causou-lhe uma tal indignação, que, tomando as tábuas da Lei, as lançou por terra, com tanta cólera, que as quebrou em pedaços. Nosso Senhor entrando no templo de Jerusalém e vendo lá os negociantes de bois e ovelhas, encheu-se de uma tão santa cólera e zelo da glória de seu Pai, que, munindo-se de um azorrague, lançou por terra as mesas dos vendilhões, e expulsou do lugar santo todos os seus profanadores. E, realmente, se a cólera fosse sempre má, se não nos fosse permitido excitar-nos e irar-nos, o Espírito Santo não teria dito pela boca de S. Paulo: *Irascimini et nolite peccare*. Irritai-vos, se for preciso, MAS FAZEI-O com moderação, a fim de não pecardes. (Efés. 4, 26)

Em certos casos, a cólera até nos é *necessária*, por exemplo, para impedir uma desordem ou um escândalo, para dar a conhecer a gravidade e conseqüências de uma falta, para sacudir uma alma, que está como adormecida, e não cuida em cumprir, diligentemente, seus deveres.

Os pais de família, os pastores de almas, os superiores de comunidades, os mestres na escola, em certos casos, têm obrigação de se indignar, de se revestir de um santo zelo para obter a obediência, que lhes é devida, ou para manter a disciplina e a ordem. S. Tomás diz que uma cólera moderada é, em si, coisa boa: *secundum rectam rationem irasci est laudabile*. Mas, para que a cólera seja permitida, requerem-se duas condições: 1. que seu objeto seja justo; 2. que ela se contenha nos devidos limites, e não exceda em nada, nem nas palavras, nem nos gestos, nem no modo, os limites da razão e da justiça.

Ora, este é o ponto difícil: a cólera de sua natureza, tende ao excesso. E assim é que muitos movimentos desta paixão, justa em sua causa e inspirados nos melhores motivos, tornam-se repreensíveis por transgredirem os limites da temperança. Demais a mais, a experiência prova, que, na maior parte dos casos, ainda mesmo quando a cólera é lícita e moderada, se pode conseguir o fim, que se tenha em vista, expondo com sangue-frio e calma os motivos da fé e da razão. Por isso, os Santos recomendavam, em regra geral, que nunca nos devíamos encolerizar.

Quando o motivo, pelo qual uma pessoa se incoleriza, é *injusto*, ou a *violência*, com que o faz, é desregrada, a cólera torna-se um pecado e constitui um dos vícios mais abomináveis. A definição, que dela nos dá S. Tomás, confirma isto mesmo: *Appetitus inordinatus vindictae*: desejo desordenado da vingança.

Segundo estas palavras, o que constitui a cólera, propriamente dita, é a idéia de uma vingança, que se quer satisfazer; não é tanto a agitação exterior, quanto o ressentimento interior, com que se quer tirar desforra de uma falta, contra a autoridade lesada. O autor da *Prática das virtudes*, R. P. Bouchage, dá-nos disto uma confirmação: "A cólera, diz, tem cavernas no coração, que vão muito ao fundo. Examinai-vos até onde conservais a lembrança das afrontas recebidas, o ressentimento das oposições, que vos fizera, a tristeza, que sentis pelo mal, que de vós disseram; porque todos estes elementos podem ocultar em vós um desejo de vingança e um resto de cólera ainda muito viva". A cólera, entendida num sentido mais lato, pode manifestar-se não só no que ofende o amor-próprio e fere a dignidade pessoal, mas num obstáculo, numa contrariedade, num contratempo, num acidente, num sofrimento e em mil outras circunstâncias semelhantes. Em todas estas peripécias da vida, é possível que se oculte no coração um sentimento latente de vingança.

Enfim, um diminutivo da cólera, que urge combater energicamente, é a *impaciência*, de que teremos de falar.

A cólera é um *pecado grave*, de sua natureza; é tal, com efeito, quando prejudica, notavelmente, a caridade e a justiça. Se se limita a uma emoção interior ou a manifestações pouco violentas, por outras palavras, se a matéria é leve, ou mesmo grave, mas com falta de advertência e conhecimento perfeito, a falta é somente leve ou venial.

A cólera está enfileirada entre os pecados *capitais*, porque, na realidade, é origem de muitos outros. Dela procedem muitos pecados, já pela excitação, que produz no espírito, já pelos meios que emprega para realizar a vingança, ou suprimir os obstáculos. *Qui ad indignandum facilis est, erit ad peccandum proclivior*, diz o Espírito Santo. (Prov. 29, 22)

Aquele que facilmente se incoleriza, será levado a cometer outros pecados.

São Gregório Magno, e depois dele S. Tomás, assinalam seis. Dois estão no coração, a saber: *indignação*, que despreza as pessoas; *rancor*, que acompanha a vingança. Três estão nas palavras: *clamor*, *blasfêmia* e *injúria*. O sexto manifesta-se por atos de violência e exasperadas brigas.

A desordem da cólera provém da *oposição* simultânea a Deus, ao próximo e à mesma pessoa, que se ira.

Opõe-se a Deus, cujo espírito é todo doçura, e mansidão, paz, benignidade e misericórdia. A cólera, ao contrário, não produz senão turbulência e desordem, dureza e rancor. Além disto, pelos atos de exaltação e vingança, o colérico usurpa um poder, que só pertence a Deus.

Ao próximo, a quem temos obrigação de amar como a nós mesmos, e cujas fraquezas devemos suportar, como queremos que ele suporte as nossas.

Ao pecador que se ira, porque a cólera prejudica a sua alma, tira-lhe a paz do coração e o domínio de suas paixões.

II — Escusas

Todos nós temos uma tendência inata para escusar nossas faltas, atenuar, quanto possível, nossa culpabilidade, atribuir nossas fraquezas a causas independentes de nossa vontade. Esta tendência manifesta-se, muito particularmente, a propósito da cólera, e o homem escravo desta paixão, procura fazer valer as circunstâncias que suprimem, ou de algum modo atenuam a sua culpabilidade.

1. — *Temperamento* — A primeira escusa, que apresenta o colérico, é o seu *temperamento*, e não a vontade. — “Tenho uma natureza viva, um caráter impetuoso. Sou tão sujeito à cólera, que me é quase impossível reprimir o seu primeiro impulso. A irritação se produz tão subitamente, que posso afirmar que nem a quis, nem a previ”.

È em vão, que o colérico procura justificar os seus atos iracundos, pois Deus deu-lhe a razão e oferece-lhe a graça para triunfar de todas as paixões. Com estes dois socorros não há paixão, por mais violenta que seja, que não possa ser domada. Mas, para isto, é preciso seguir as luzes da razão, completadas pelas luzes da Fé e utilizadas pela graça de Deus. Por outros termos, é preciso querer resolutamente empregar os meios para obter a vitória. Tudo se resume numa só coisa: A vontade. È por falta de vontade em prevenir a paixão e em reagir contra ela, que o apaixonado se torna escravo da paixão. Só querendo, é que sereis senhores de vós mesmos. Mas esta escusa, que muitos alegam para si, negam-na aos outros. Suponhamos que um dos vossos alunos num excesso de arrebatamento, vos injuriou e maltratou. — Vindo o si, pede-vos desculpa: “Perdoai-me, foi mais do que eu queria. Não foi por minha vontade. È minha má natureza a causa de tudo: nada posso contra ela”. — Estou certo que vós não vos daríeis por satisfeitos com tal declaração.

2. — *È passageira* — Muitos acusam-se da cólera da seguinte forma: “Eu tive raiva de fulano, mas foi coisa passageira”. Outros dizem: “Concedo que a cólera me seja imputável, mas é coisa que não dura, apenas se manifesta, é logo abafada. Não conservo, de forma alguma, o rancor em meu coração. Envergonho-me até de meu arrebatamento, e sinto logo um sincero arrependimento”.

Concedo que uma cólera de curta duração é preferível a uma cólera prolongada; a prolongação de um pecado é uma circunstância, que lhe aumenta a gravidade. Basta, porém, *um instante* para haver

pecado, e pecado grave. Se, neste curto espaço, agis sob o influxo de uma paixão desregrada, com plena advertência do entendimento e sentimento da vontade, pecastes.

“Mas, acrescentais, não guardo no coração a mínima rancorosidade, e, mal foi cometida a falta, senti logo uma grande vergonha e arrependimento”. — Isto, porém, não impede que as consequências desta falta não subsistam: ofensa de Deus, tristeza e escândalo do próximo, prejuizo causado à própria reputação e aos bens da família. Ainda que o arrependimento foi imediato, não deixa, por isso, de ser uma realidade a falta cometida.

3 — Também pode alguém dizer, que a sua cólera foi atenuada pela *rapidez e brevidade* do ato, vendo nisso uma circunstância atenuante. “Nestes momentos, dizem alguns, a paixão me cega a ponto de nem saber o que digo, nem o que faço. A advertência é-me de todo impossível, e, desta maneira, não pode haver nisto pecado, ou ao menos, pecado grave”. Sem dúvida, requer-se advertência para que haja pecado. Se essa advertência foi completamente nula não existe culpabilidade imputável. Mas a cólera, em regra geral, dizem os teólogos, deixa luz bastante para que se possa dar conta de um pecado mortal ou venial, segundo os casos ocorrentes.

Além disto, ninguém ignora, que um pecado pode ser voluntário de dois modos: ou em *si mesmo*, quando se intenta diretamente; ou em *sua causa*, quando se intenta indiretamente. Suponhamos uma pessoa com um hábito vicioso. A experiência nos ensina, que este hábito se contrai por atos pecaminosos. Ora, estes atos todos os podem prever, e discernir com plena advertência. Se não atacais, seriamente, o hábito, em questão, ou o hábito da cólera, continuareis a querer a causa. Ora, quem quer a causa, quer os efeitos. Se não vos decidis, pois, a combater a cólera, ver-vos-eis obrigados a admitir os acessos da paixão, a que ela está exposta. Não é, pois, *escusando* a cólera, que deveis aplicar-vos a extingui-la, mas *combatendo-a* vigorosamente, pondo em prática os meios de a vencer.

III — Meios

Visto não terem fundamento plausível as escusas apresentadas para justificar os excessos da cólera, ou atenuar a sua culpabilidade, não nos resta outro partido a seguir senão adotar os meios práticos para corrigir tão detestável e pernicioso vício.

Os meios, que para isto temos, uns são *gerais*, outros *especiais*.

Os meios *gerais* empregados contra todo o defeito, que se intenta estirpar, são: a oração, a resolução, o exame preventivo e o particular, e a sanção.

A *oração* aqui, como em todo o mau hábito, é o primeiro e mais excelente meio.

A *resolução* é a determinação de uma vontade esclarecida, generosa, decidida a atingir o fim, pouco a pouco, custe o que custar.

O *exame preventivo*, é um olhar perscrutador, desde pela manhã até à noite, para todas as circunstâncias, em que a cólera pode encontrar um objeto, que a excite, a fim de prevenir, de antemão o seu acesso, e fixar a tática a seguir em caso de excitação.

O *exame particular*, superintende sobre a maneira como se pôs em prática a resolução tomada, e pondera as peripécias e resultantes da luta.

A *sanção* vem punir as fraquezas e desfalecimentos voluntários com alguma determinada penitência.

Além destes meios gerais, temos os *especiais*, que mais *diretamente* combatem as causas do mal. Podemos distinguir três causas da cólera: o temperamento, o hábito e o apego.

1. — A primeira causa da cólera é o *temperamento*. Este não se pode absolutamente destruir. Se alguém tem um *temperamento* bilioso, fácil de se irritar, resigne-se a ficar com ele. Com ele há-de viver e com ele há-de morrer. Todavia, com vigilância e esforço podem-se reprimir as suas manifestações e ímpetos, à força de domínio próprio e com a graça de Deus. E este trabalho se impõe a todos, sobretudo a eclesiásticos e religiosos, em quem deve transparecer a mansidão de Cristo. Os que são, pois, atreitos a este temperamento irascível, devem ser caridosamente advertidos, sabiamente ajudados e claramente aconselhados a empreender a obra de se dominar nos momentos de contrariedades, em que costumam explodir em palavras biliosas e acessos incontidos de cólera.

O hábito diz-se que é como uma segunda natureza, que torna fáceis, frequentes e espontâneos os atos, que lhe são próprios. Ora, se o hábito se forma pela repetição dos atos, perde-se pela cessação dos mesmos atos. É a este resultado que se dirige a palavra do apóstolo São Tiago: *Sit omnis homo tardus ad iram.* (1, 19). O que quer dizer o apóstolo com *ser tardo* para a ira? Quer dizer, que se deve examinar, se há motivo legítimo e suficiente para se irritar, e se o modo desta irritação excede a justa medida. Um conselho semelhante deu um filósofo ao imperador Augusto: que não abrisse a boca, sempre que se sentisse irado, sem articular primeiro as 24 letras do alfabeto.

Imaginemos, portanto, que Deus nos diz, como a Jonas irado sem motivo: *Putasne bene irasceris tu?* Crês ter motivo para te irares? (Jonas 4, 9)

Esta pergunta ajudará, muitas vezes, a conter a impetuosidade de nossa paixão.

3. — Mas é mister ir mais longe: é necessário atacar, na raiz, as causas principais, que provocam a cólera. Estas causas são os *apegos* e afeições desordenadas a qualquer objeto, a qualquer pessoa e sobretudo ao próprio modo de ver e pensar.

Por que vos excitais e saís em censuras, em imprecações, em queixas por terdes perdido uma peça de ouro, quebrado um vaso, estragado um objeto? — Porque tínheis a essas coisas um afeto excessivo. — Por que saís em tantas impaciências por ocasião do choro de um menino, de um descuido de algum empregado, de uma refeição mal preparada? A cólera impele até nos irritarmos contra um ser privado de razão, contra uma pedra, em que tropeçamos, contra a pena que escreve mal, contra a chave que não entra na fechadura, contra o fogo que não acende, ou que desenvolve demasiado fumo; contra o tempo que incomoda, contra mil coisas deste mesmo calibre. E por que é que se levanta o humor colérico e se externa em palavras desentoadas, ou se revela num rosto sombrio? Porque somos escravos de nossas comodidades e de nossos caprichos.

Qual é a razão pela qual suportamos as contrariedades de certas pessoas, e não suportamos as desta ou d'aquela? Por que tomamos de ponta tudo que ela faz e nos zangamos pela menor coisa? A razão de ponta tudo que ela faz e nos zanguemos pela menor coisa? A razão é bem clara: é porque alimentamos contra esta pessoa uma secreta *anti-patia* e uma *aversão* encoberta. Por que, finalmente, nos mostramos enfadados e sombrios por coisas insignificantes e até imaginárias? Persuadimo-nos que aquele ou aquela disse uma tal palavra, praticou uma tal ação com tal intenção. E nosso espírito, prevenido contra essa pessoa, aumenta desmesuradamente o conceito que de nós fez, e eis a cólera a ferver e a transbordar do coração, em palavras e gestos descompostos. Quem é que foi ferido? o *orgulho*, uma excessiva *estima* de nós mesmos, que nos torna extremamente sensíveis a tudo que nos deprime.

É certíssimo que muitas das nossas iras, raivas e exaltações deixariam de existir, se fôssemos menos apegados a nossas comodidades, menos obstinados em nossos juízos, e um pouco mais mortificados; menos avarentos e um pouco mais desprendidos; menos invejosos e um pouco mais caritativos; menos orgulhosos e um pouco mais humildes.

Plutarco conta que um homem, chamado Cotys, recebera, um dia, um presente de muitas peças de louças de artísticos labores. Logo que entrou em posse deste magnífico presente, tomou um pau e fez tudo em pedaços. Aos que lamentaram esta sua ação, disse: “Como sou inclinado à cólera, há de acontecer certamente, que um ou outro de meus criados quebrem algumas destas ricas peças. Para não me incolerizar com ele, prefiro privar-me destes objetos--preciosos, e

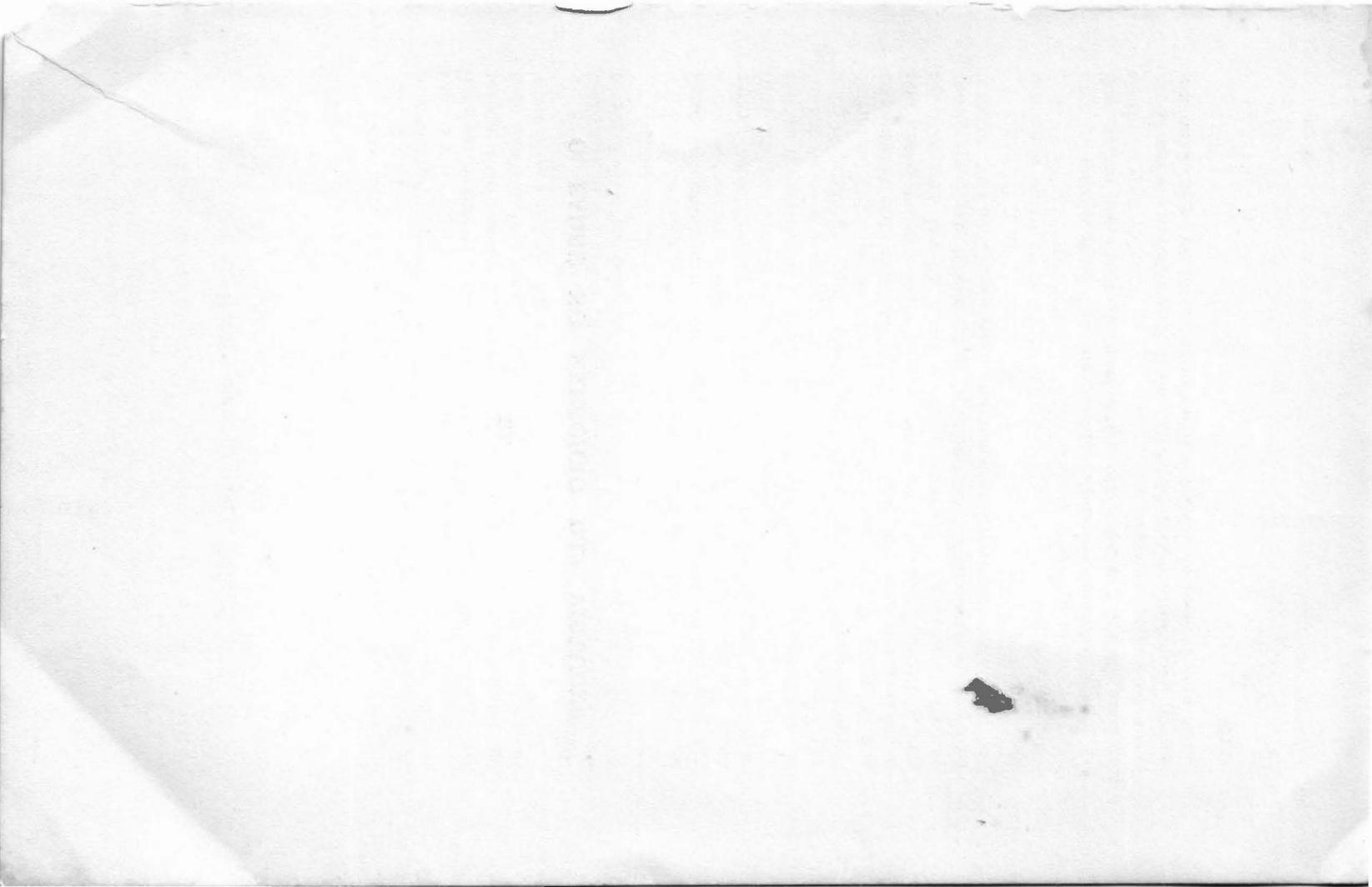
afastar de mim a ocasião de me irar. Imitemos este homem, não quebrando móveis e louças, mas prevenindo-nos contra as causas de nossas irritações e opondo-lhes uma tenaz resistência.

Para último conselho, a fim de nos animarmos a trabalhar em combater esta paixão da ira, ouçamos a São Bernardo e meditemos esta bela sentença: *Non sunt condignae passionnes hujus vitae ad praeteritam culpam, quae remittitur; ad praesentem gratiam, quae immittitur; ad futuram gloriam, quae promittitur.* Tudo que sofreis neste mundo é muito pouco em vista das penas, que merecestes por vossos pecados; das graças que pudestes adquirir com vossos esforços em praticar a paciência; da glória que no céu será vossa recompensa eterna.

The first of the month is a
very important day for us
and we are all very busy
at this time. We are all
working hard to get the
work done. We are all
very busy and we are all
working hard to get the
work done. We are all
very busy and we are all
working hard to get the
work done.

III.

O PADRE NO EXERCICIO DAS VIRTUDES



O Padre apóstolo pelo zelo

Zelus domus tuae comedit me. (Sl. 68, 10)

Estas palavras aplicam-se literalmente a Jesus Cristo, que, entrando no templo de Jerusalém e vendo-o profanado pelos vendilhões e cambistas, impellido pelo zelo da honra de seu Pai, tomou uns azoragues e os expulsou a todos da casa da oração. Por este mesmo zelo deve ser devorado todo o Padre não só com relação aos templos materiais, cujo asseio, esplendor e santidade deve procurar manter em todo o seu brilho, mas sobretudo com relação aos templos espirituais e vivos, que são as almas dos fiéis.

Para isto vou desenvolver três pontos: 1. Agonia do Padre-apóstolo pelas almas que se perdem. 2. Contentar-se com pouco para fazer muito. 3. Vitórias do zelo.

Agonia do apóstolo.

O Padre, que é verdadeiramente apóstolo e cioso da glória de Deus, ao contemplar como tantas almas vivem afastadas da Igreja e dos sacramentos com perigo iminente de se perderem, cai numa agonia semelhante à do Salvador no Horto das Oliveiras e sente-se invadido por uma tristeza mortal, ao ver-se tão pequeno em face de tantas necessidades a remediar, de tantos males a combater e de tantos vícios a corrigir. Pois que pode uma vontade de apóstolo, por mais decidida que seja, contra vontades obstinadas e corações impedernidos? Julga-se impotente diante da avalanche de corrupção, que se avoluma cada vez mais e arrasta a sociedade para um paganismo pior que o dos gregos e romanos, para uma sociedade sem Deus, sem religião, sem família e sem pátria. Sente-se incapaz de enfrentar tantos males ao mesmo tempo e é tentado a abandonar o campo ao inimigo. Mas confortam-no os exemplos da Escritura.

Quando Deus chamou Jeremias para a missão de profeta, as primeiras palavras do eleito são para manifestar o sentimento doloroso de suas insuficiências. — “Ah! Senhor, disse, quem sou eu para uma tal missão, se não sei falar, porque ainda sou menino?” (Jer. 1, 6) E só depois que Jeová lhe assegurou o seu socorro, é que ele assumiu o alto cargo de profeta.

O mesmo sucedeu com Isaías: “Ai! de mim que me calei, porque sou um homem de lábios manchados e habito no meio de um povo,

que tem os seus também manchados, e vi com os meus olhos o rei, o Senhor dos exércitos". — E um serafim trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz, tocou com ela a boca do profeta e ficou purificado de seus pecados e disposto para falar do futuro Messias. (Is. 6, 1 - 8)

Moisés é convidado por Jeová a ir ter com Faraó e libertar o povo de Israel de seu cativeiro. E logo Moisés se sente pequeno para tão alta missão: "Quem sou eu para ir ter com Faraó e tirar os filhos de Israel do Egito?" — E Deus disse-lhe: "Eu estarei contigo". (Exod. 3, 2)

A missão do Padre é tanto ou mais difícil que a de Moisés, pois é enviado por Deus para libertar o povo cristão do cativeiro de Satanaz, combatendo contra os três inimigos da humanidade, que são a concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida. Mas Deus lhe assegura que estará com ele, como assegurou a Moisés: "Eu estarei contigo".

Em geral, não é no princípio de uma carreira apostólica, mas depois de um certo tempo, mais ou menos longo, que o apóstolo tem a impressão do abismo, que medeia entre as necessidades das almas e a falta de operários para superar tão ingente acumulação de trabalho. Nos belos tempos do Seminário, quando era ainda padre *in fieri*, sentia uma imensa ambição de trabalhar pela glória de Deus e pelo bem das almas; planeava vastas conquistas, antevia auditórios acotovelando-se para ouvir a sua palavra ardente e apostólica; pensava ir em auxílio de almas cansadas de ouvir palavras ocas, sermões insípidos, para lhes subministrar o pasto sadio de preceitos salutares e discursos substanciosos.

Chega, porém, a hora dos primeiros contactos com a multidão e logo reconhece a aridez do campo e a necessidade de um zelo puro e sacrificado; vê-se constrangido a depor as armas lustrosas de uma oratória inacessível à capacidade de um auditório inculto para enveredar pelo caminho da homília simples e da explanação catequética.

No meio de toda esta gente fatigada pelo trabalho ou arrastada pelo prazer, que pode conseguir um neo-vigário? Toma o Evangelho na mão para o explicar ao povo, mas o povo liga mais atenção ao cartaz do cinema e deixa a igreja para ir ao teatro aprender a imoralidade e respirar o exigênio doentio das máximas do mundo. O operário, que passa roçando pela sua batina, vai lendo o jornal ateu, que aconselha o leitor a precaver-se contra "o micróbio da religião" e a fugir da "casa dos negociantes do paraíso", isto é, da igreja.

Mas basta de pessimismo, dirá; também há alguns bons.

Sem dúvida que há almas boas; e estas são a consolação do Padre, as que permanecem com ele nas longas horas de agonia, como anjos consoladores; mas quantos são os que dormem, os que planeiam a traição e venda de Cristo; quantos os que jogam e rasgam a túnica

do Evangelho; quantos os que fantasiavam as Bem-aventuranças a seu talante, que não amam o crucifixo senão em bronze artístico ou em broche dourado, que se acomodam a uma miniatura de cristianismo confortável sem confessorário nem mesa da comunhão, contentando-se, quando muito, com a pia batismal!...

E a agonia do Padre se prolonga ao ver como os que ele regenerou para Cristo pelas águas do Batismo, tão depressa maculam a veste da inocência e se bandeiam com os inimigos da Igreja. Um dia de particular desolação, Lacordaire volta-se para Montalembert e diz: "Como o homem é impotente em favor de seus semelhantes! de todas as suas misérias é esta a maior". O mesmo pode dizer o Padre ao ver o descaso e indiferença dos homens por tudo que é religioso e santo, e como vão atrás de tudo que é vão, inútil e acidental, deixando o que é absolutamente necessário e essencial para a salvação.

E o Padre ao assistir a esta desorientação das inteligências, a este regresso ao paganismo, a esta deformação da família e da sociedade, queria poder multiplicar-se para proclamar por toda a parte os direitos de Deus e os deveres dos católicos.

Mas ele é um só, e que pode uma voz lançada no meio do turbilhão de um mundo barulhento e agitado por um febril anseio de interesses terrenos? É muito. "Não podes ser uma estrela no firmamento, diz um provérbio árabe, sê uma lanterna em casa". Um exemplo recente mostra-nos como à falta de braços vigorosos, podem mãoszinhas fracas bastar para produzir um grande efeito.

Em Belle-Isle, o faroleiro de Kerdonis, sentindo-se subitamente incomodado ao limpar a lanterna do farol, viu-se obrigado a acamar. A mulher, que estava só com seus 4 filhos, pôs-se à cabeceira de seu marido, que entrou em agonia.

Mamãe, diz um dos pequenos, a lanterna não gira.

O pai não teve tempo de repor em seu lugar o dispositivo automático. Foram os dois filhos mais velhos, de 7 e 10 anos, que, durante toda a noite, na torre do farol, faziam com suas débeis forças rodar a lanterna. O navegante ao longe não suspeitava, de certo, a que esforço devia atribuir o raio de luz, que lhe iluminava o mar em sua navegação.

Ainda um exemplo que mostra que uma pequena ação produz um grande efeito. Um missionário passava à meia noite por uma cidade silenciosa e entregue ao repouso do primeiro sono. Parou no meio de uma praça, e inspirado por Deus pôs-se a pregar sobre o perdão dos inimigos. Decorridos alguns dias foi procurá-lo um homem para se confessar. Contou-lhe como no momento, em que se dirigia a casa dos cúmplices de um atentado contra a vida do seu inimigo, ouviu no silêncio da noite uma voz, que lhe recordava o perdão das injúrias e os castigos reservados aos assassinos. Aterrado

com esta pregação, voltara para casa arrependido do ato, que ia praticar. O missionário adorou a divina Providência. Assim o Padre nunca levantará a sua voz, sem que seu eco vá repercutir nalgum coração impedernido. A ação do Padre, por mais insignificante que seja, é sempre instrumento de redenção, o seu trabalho, se é feito com reta intenção, não fica sem fruto. O divino Mestre disse: "A messe é muita e os operários são poucos". (Mat. 9, 37) É, pois, necessário, para a ceifar, uma foice de poderoso alcance, que abata de um só golpe uma porção considerável de espigas. Ora, o Padre é o único ceifeiro na sua paróquia e o que tem na mão não é uma foice, mas uma foicinha, que tem de manobrar curvado e encoberto pelo alto trigal. Deus porém dá mais valor aos esforços ocultos dos humildes ceifeiros, do que às esplêndidas mancheias de gavelas ceifadas. O divino Agricultor tem por mais preciosa riqueza do seu celeiro os sacrifícios dos ceifadores, do que o mesmo grão que eles recolhem. Se Deus quisesse uma colheita rápida e completa, há muito que a teria conseguido.

Nós somos tão acanhados de espírito, que avaliamos as coisas e os homens pelo sucesso. Um general, que não sai vitorioso de uma campanha, dizemos que é mau general. Um professor, que não faz brilhar os seus alunos nos exames, dizemos que é um mau professor. Um advogado, que deixa condenar um réu ou perde uma causa, dizemos que é um mau advogado. Deus, porém, julga e avalia as coisas de outra maneira. Um Padre, que se esforça por converter os pecadores e nada consegue, não é um mau Padre. O mal de não se converterem os pecadores não está no Padre nem em Deus, mas nos mesmos pecadores, que resistem à graça e não querem abandonar os seus vícios.

Deus, certamente, deseja que nosso zelo seja seguido de um bom resultado; mas não afere por ele o valor da obra e a medida da recompensa. Olha para a nossa boa vontade, e a humilhação, que resulta de um desastre, tem para Ele mais valor, que o mais estrondoso triunfo. Um Padre quer salvar um naufrago que está a ponto de se submergir, e deita-se ao mar. Mas já é tarde. Humanamente falando, tudo está perdido; sobrenaturalmente, porém, a ação heróica do Padre produz um grande efeito. Este rasgo de caridade é uma vitória gloriosa. Afogou-se um homem, mas quantas almas, por causa deste caridoso esforço, serão livres do naufrágio eterno? . . . O valor de nossos atos só de Deus é conhecido.

Nenhum Padre deve desanimar ao ver o pouco brilho de suas empresas. As obras de Deus, na ordem de sua Providência atual, não são de efeitos rápidos e fulgurantes. Olhemos para a obra de Cristo. Já lá vão vinte séculos e ainda a maior parte da humanidade está por cristianizar. A obra dos Apóstolos progrediu também lentamente. O trabalho dos Missionários todos sabem como é dificultoso, lento e

obsuro. Parece que Deus Nosso Senhor põe um açaimo a seus apóstolos para os impedir de fazer bem de mais, ou para obstar a que suas conquistas sejam demasiadamente rápidas e estrondosas, como se ambicionasse, acima de triunfos apostólicos, o amor e zelo provado pelo sacrifício. O B. Inácio de Azevedo vem para o Brasil com 39 companheiros, todo esperançado no grande bem que tantos missionários haviam de fazer entre os gentios; mas Deus recebeu mais glória com o sacrifício de suas vidas, que deram pela fé às mãos dos hereges calvinistas, do que se viessem gastá-la na evangelização dos índios.

S. Francisco Xavier passa pela Índia irradiando luz e fazendo bem. Está com 42 anos. A China, império imenso, quer abrir as portas a seu zelo. Xavier prepara-se para a viagem, mas a febre o retém na ilha de Sanchão, onde agoniza e morre, vendo frustrados todos os seus planos. E não sabemos se Deus se glorificou mais com os desejos de seu apóstolo, se com a operosidade no novo campo, que premeditava evangelizar.

O apóstolo não pode armar a sua tenda senão a meio caminho de sua aspiração, pois a sede que o atormenta de fazer bem e a pena de não poder fazer mais, é tão meritória, que Nosso Senhor não crê poder pagá-la melhor do que com estes mesmos insucessos.

Consolações

Depois do que fica dito, talvez algum conclua que o Padre apóstolo está condenado a passar uma vida de agonias e desolações, pois vê seu zelo mal correspondido e pouco fruto em seus ministérios. Mas o contrário é que tem lugar. Primeiramente, conforta-o o exemplo de S. Paulo, que em meio de seus insucessos e perseguições afirma que estava cheio de alegria; *Superabundo gaudio* (2 Cor, 7, 4)

Em segundo lugar, tem as palavras do Evangelho a consolá-lo por ter feito o que devia: "Quando tiverdes feito o que vos mandarem, dizei: Fizemos o que devíamos fazer. (Luc. 17, 10)

Em terceiro lugar, o exemplo de Jesus Cristo, que lutou sempre contra a dureza dos judeus e viu tão mal correspondidos os seus esforços em bem do seu povo, e lhe dá não pequeno conforto nas palavras: "Assim, meu Pai, o quisestes". (Mat. 11, 26)

Para se consolar da malevolência dos inimigos, da indiferença e hostilidade dos amigos, do insucesso de seus ministérios, basta-lhe um olhar de fé para o sacrário, e logo a paz e tranquilidade inundará seu coração.

Finalmente, a mesma natureza do apostolado com os homens deve servir-lhe de conforto e coragem. O Homem de Deus, que é o Padre, não tem sobre seu semelhante senão uma diminuta influência.

O fruto, que o evangelizador espera tirar do evangelizado, nem sempre corresponde ao esforço espendido. Não será porque o trabalho do evangelizador sobre si mesmo é falto de esforço? Vive bastante unido com Deus?... É desapegado das criaturas? Tem uma vida interior suficientemente intensa? As consolações, que não encontra na vida exterior, tem-nas exuberantes no trato íntimo com Deus e no trabalho da própria santificação?

O Padre apóstolo pela caridade

Um Escriba, aproximando-se de Nosso Senhor, perguntou-lhe qual era o primeiro mandamento da lei. Jesus respondeu-lhe: "Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e primeiro mandamento. O segundo, porém, é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo". (Mat. 22, 35) Jesus para se assegurar se o Escriba retivera a lição, convidou-o a repetir a resposta, que ele reproduziu fielmente. E acrescentou: "Amar a Deus e o próximo como a si mesmo vale mais que todos os holocaustos e sacrificios". Nosso Senhor disse-lhe: "Tu não estás longe do reino de Deus". (Marc. 22, 34)

Nosso Senhor em nenhuma virtude insiste tanto no Evangelho como sobre a caridade. Falando, em geral, a todo o povo, proclama desassombradamente a lei do perdão dos inimigos e de fazer bem a quem nos odeia: *Diligite inimicos vestros et benefacite his qui oderunt vos, et orate pro persequentibus et calumniantibus vos.* (Mat. 5, 44) E descendo mais à prática e a coisas que a nós nos parecem minúsculas, diz: "Quem se irar contra seu irmão, será réu no juízo. O que disser a seu irmão "raca" será condenado no conselho, e o que disser, "louco" será condenado ao fogo da geêna. (Mat. 5, 22)

Jesus tem em tanta conta o preceito da caridade, que no dia de juízo final apelará para as Obras de Misericórdia antes de proferir a sentença sobre os bons e os maus. Os que as tiverem observado, serão salvos, e os que as não tiverem observado serão condenados.

Jesus deu tanto valor a este preceito da caridade, que o colocou acima dos sacrificios feitos a Deus: "Se estiveres ao pé do altar para oferecer a Deus algum sacrificio e te lembrares que algum de teus irmãos está intrigado contigo, deixa o teu dom no altar e vai primeiro reconciliar-te com ele. E só depois que fizeste este primeiro sacrificio em honra do próximo, irás oferecer o segundo em honra de Deus". (23, 24) Os dois mandamentos de amar a Deus e o próximo

não parecem estar na mesma linha, e alguém pode dizer com certa aparência de verdade, mas não fora de propósito, que Nosso Senhor pôs a obrigação da caridade acima da obrigação do culto. Na realidade, porém, os dois mandamentos fazem um só. O que se nos manda amar e respeitar é, de uma e outra parte, Deus. Deus em Si mesmo e Deus no próximo; mas nos dois casos, Deus. É este o motivo por que a caridade para com o próximo é uma virtude teologal, por ter a Deus por objeto.

Deus vive, ou quer viver, em cada um de nós. Cada um de nós está, de fato ou em potência, ligado a Cristo Jesus, e por esta ligação participamos da vida de Deus. E porque todos vivemos ou devemos viver a vida divina em Cristo, é que deve reinar em nós a virtude da caridade. Este é o sinal por que devem ser conhecidos os discípulos de Cristo. *Dou-vos um preceito novo: e é que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei a vós... nisto conhecerão os homens que sois meus discípulos.* (Jo. 13, 34)

Nem todo o amor, que os homens têm uns aos outros, é caridade. Tal é o amor de simpatia, que é próprio dos pagãos e até se encontra entre os animais. O amor dos cristãos é caridade, porque se amam como membros de Cristo e por motivo sobrenatural. Os mestres da vida espiritual insistem, com razão, sobre este ponto e nos mandam ver a Deus no próximo. S. Bernardo na formação de seus monges diz: "Nas relações com o próximo põe de parte o homem exterior, e repara só no homem interior criado à imagem de Deus, resgatado com o sangue de Cristo e feito templo do Espírito Santo, morada do Verbo Incarnado e destinado à felicidade eterna".

As almas de fé darão exemplo desta caridade abstraindo das aparências e vendo Jesus Cristo sob os andrajos do pobre. "Muitas vezes, escreve S. Jerônimo, Fabiola transportava aos ombros os infelizes e lhes lavava os pés e pensava as chagas repugnantes, porque via nelas as chagas do Salvador".

S. Martinho, que dividiu com um mendigo a sua capa, S. Luís de Gonzaga, que em seus braços carregava os empestados de Roma para o hospital, S. Pedro Claver, que ia receber às naus os escravos vindos de África e os abraçava um por um, procediam não por simpatia, mas pela verdadeira caridade, tendo presentes as palavras de Cristo: "O que fizerdes a um destes pequeninos, a mim o fazeis". (Mat. 25, 40)

Sobre esta matéria os exemplos se acumulam. S. Margarida-Maria nunca se sentiu tão feliz como quando foi encarregada dos doentes. S. Angela de Foligno desejava de servir de enfermeira ao divino Crucificado, e pensar as feridas abertas de sua santíssima Humanidade, pediu para tratar, num hospital, do doente mais asqueroso e repugnante. Cristiano, homem do mundo, mas de sentimentos profunda-

mente cristãos, forçado por uma doença a acamar-se e não podendo ir visitar Nosso Senhor na igreja, pediu que lhe trouxessem um pobre para ter em seu quarto uma imagem frisante do Salvador.

Em cima da porta do hospital de Berne, na Suíça, lê-se : *Christo in pauperibus*; a Cristo nos pobres. Este pensamento de ver a Cristo em nosso próximo reproduziu o Reitor dum colégio católico, mandando gravar numa grande placa, sobre a porta da entrada, estas palavras: *Christo in adolescentibus* "a Cristo nos jovens". Esta a verdadeira compreensão da caridade cristã. Todo o bem, que fazemos ao próximo, devemos fazê-lo com vistas em Jesus Cristo, ou visitando os doentes no hospital, ou educando meninos no colégio, ou hospedando peregrinos em casa, ou dando esmola a um pobre, é sempre em Jesus Cristo que devemos pensar e que é a Ele que fazemos todos estes obséquios.

Como amar o próximo

É Nosso Senhor que no-lo vai ensinar. Ele podia dizer: "Amai-vos como irmãos". — E nós sabemos como os irmãos se amam. Se, realmente, todos os homens se amassem como irmãos, reinaria no mundo uma verdadeira fraternidade, que destruiria o conflito inevitável entre povos e raças. A humanidade formaria uma só família em que não haveria ódios nem rivalidades, e todos os homens trabalhariam unidos para o seu próprio engrandecimento temporal e eterno.

Outrossim, podia-nos dizer: "Amai-vos como companheiros de armas e lutas, que combatem sob a mesma bandeira". E os que andaram na guerra sabem a união que existe entre os homens que suportaram as mesmas fadigas, correram os mesmos perigos, viveram as mesmas horas já difíceis, já gloriosas.

Ou, então, usando da comparação de S. Paulo. Nosso Senhor podia-nos dizer: "Amai-vos como os membros dum mesmo corpo". E quem não sabe a íntima união, que existe entre os membros do corpo humano? Como todos trabalham harmonicamente para um mesmo fim, e como todos se subordinam a um mesmo princípio vital?

Mas o divino Mestre, deixando de parte qualquer comparação humana, diz absolutamente: "Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei a vós". (Jo. 15, 12) Ora, todos sabemos até que ponto nos amou Jesus Cristo: amou-nos até ao fim, isto é, não só até ao fim de sua vida mas até ao fim do amor, que é dar a vida pelos seus amigos. S. Paulo não entende a caridade sem sacrifício: *Caritas patiens est*.

A caridade consiste em dar não tanto o que se tem, quanto em dar o que se é. Muitas vezes, o nosso próximo não precisa tanto dum pedaço do nosso bem, quanto dum pedaço do nosso coração. O Padre deve dar aos fiéis não tanto o que tem, quanto o que é. Sendo sacer-

dote, deve dar-lhes o seu sacerdócio, isto é, o poder de absolver, quando lhe pedem o perdão dos pecados; o poder de ensinar, quando lhe pedem um conselho ou uma instrução religiosa, o poder de consagrar, quando lhe pedem a esmola do Pão eucarístico. São inúmeras as ocasiões, que tem o Padre, de fazer bem ao próximo quer corporal, quer espiritualmente.

E até que ponto devemos amar o próximo? A perfeição deste preceito exige que o amemos como o Pai e o Filho se amam entre si. Assim nos manda Jesus Cristo no sermão, que fez a seus apóstolos, na última Ceia: *Eu e o Pai somos um só.* (Jo. 10, 30) *Permaneci no meu amor.* Todos os homens deviam estar de tal maneira unidos entre si pela caridade, que imitassem as relações que unem as Três divinas Pessoas numa só divindade. Cada Pessoa, nas relações *ad extra*, não pode agir independentemente das outras duas; assim também seria para desejar que cada um de nós não perdesse de vista, na menor de nossas ações, o interesse de nossos irmãos em Cristo. E se esta união se deve procurar entre todos os cristãos, muito mais entre o clero. Os Padres devem estar tão unidos entre si, que façam uma só frente contra os inimigos da Igreja, ao lado do Papa e do seu superior hierárquico.

Depois da penúltima guerra, os Estadistas fundaram a Sociedade das Nações para criar entre os homens um laço, que os unisse a todos num abraço de paz e fraternidade, e garantisse a tranquilidade dos povos pela supressão das causas de conflitos bélicos. Mas nada disto conseguiram, porque não basta uma fria corrente de solidariedade sem a base da caridade evangélica. É preciso uma corrente de maior tensão e potencial para fundir num só tantos caracteres, tantos egoísmos, tantas opiniões divergentes. Esta união só a produzirá o Evangelho de Cristo e o preceito da caridade, que manda amar o próximo como a nós mesmos.

Frutos

O primeiro fruto da caridade é para aquele que a pratica. Isto se verá melhor com exemplos. Está um pecador hesitante em dar o último passo para se converter. Aconselho-lo a que dê uma esmola com verdadeiro espírito de caridade cristã. Esta esmola que é uma dádiva de si mesmo aos outros, o disporá para se resolver a dar-se a Deus. Deus, que se oculta no próximo, responderá ao dom da esmola com o dom da fé. O pecador se converterá.

Mistral conta-nos em suas memórias a lenda seguinte: Um velho soldado trôpego fez voto de ir a Roma; mas como não podia mais andar, chamou seus filhos e lhes propôs ir algum deles a Roma em seu lugar. Os mais idosos recusaram tomar o bordão de peregrino, que

só o mais novo aceitou. No caminho teve um sonho, em que viu seus irmãos e a mãe mergulhados nas chamas eternas. Como salvá-los? perguntou. E ouviu esta resposta: "Teus irmãos e impossível, porque não obedeceram ao pai. Tua mãe talvez ainda se salve, se antes de morrer fizer três atos de caridade".

O menino na volta de Roma, disfarçou-se em mendigo e foi pedir esmola à casa paterna. A instâncias do marido, a mulher dá por três vezes esmola ao peregrino desconhecido. Está salva. As esmolas, que deu ao pobrezinho, redundaram em seu bem próprio, porque está dito que a esmola cobre a multidão dos pecados: *Elemosina a morte liberat... purgat peccata...* (Tob. 12, 9)

Melhor ainda que esta lenda temos o fato narrado na vida do Beato P. de lá Colombière. Um fidalgo aparece a Maria de Lionne, visitandina de Paray, e diz-lhe: Ah! como Deus é grande! Como é justo e santo! Tudo é julgado, punido e recompensado.

— É que alcançaste misericórdia? perguntou-lhe a religiosa.

— Sim. Por causa da minha caridade com os pobres fui livre do Purgatório.

O segundo fruto da caridade é para aquele que é objeto dela. Uma missionária assistia, num hospital, a uma moribunda, que fora bailarina e agora agonizava tuberculosa. Como chegou a ter um padre à cabeceira? Por uma caridade, que lhe fez uma sua companheira de colégio. Esta sua amiga, ao separarem-se, prevendo os descaminhos de sua companheira, aconselhou-a caridosamente a que rezasse todos os dias uma Ave-Maria. Foi esta caridade que lhe deu a graça da conversão.

Um pecador vem-se confessar. O Padre recebe-o com caridade, facilita-lhe a confissão, aconselha-o, bondosamente, e ele que vinha sem grande disposição de se regenerar, se converte deveras a Deus. Um dia, uns soldados pediram hospedagem em casa de um sacerdote com o fim de o roubar e matar. O Padre recebeu-os caridosamente, serviu-lhes uma boa ceia e mandou-os repousar. Pela manhã, os soldados, ao despedirem-se, declararam a sua má intenção e como-vidos com o bom acolhimento que lhes fizera, prometeram que deixariam a sua má vida e seriam os seus defensores em qualquer perigo.

Quanto mais nos dermos de nós mesmos, maior bem causaremos no próximo. Quando foram procurar Eliseu para ressuscitar o filho de Sunamitis, o profeta ensaiou toda a sorte de meios para dar a vida ao menino: coloca-se diante do cadáver, fala-lhe, toca-o com o bordão, mas o menino continua cadáver. Então Eliseu inclina-se sobre o corpo enregelado, une lábios com lábios e coração com coração, e ao contacto deste hálito ardente e deste coração palpitante, restabelece-se a respiração do menino e o coração começa de novo a pulsar. Ressuscitou. Assim também a nossa caridade quanto mais der do que somos, maiores milagres produzirá.

O homem pode resistir a tudo, ao talento, à ciência, ao raciocínio; mas cede sempre ao bem que se lhe faz, e tanto mais quanto este bem é mais sobrenatural. Então abrem-se-lhe os olhos, o coração desdobra-se, as cóleras abrandam, as dúvidas e desconfianças dissipam-se. E um milagre como este não se opera de repente; muitas vezes até o que o opera não é dele testemunha, pois Deus quer juntar ao mérito o sacrifício. Assim como os torpedos perfuram os coiracados inelhor blindados, a caridade perfura os corações mais duros e os rende à graça.

É preciso também que a nossa caridade seja uma verdadeira virtude *teologal*, isto é, que tenha a Deus por objeto. Este resultado não se poderá obter sem ver a Cristo vivendo em cada um dos membros da grande família de Deus. Geralmente não é caridade que falta mas o espírito de fé na caridade. Muitos fazem caridade ao próximo por ostentação, outros por simpatia, outros por se verem livres dos importunos, outros enfim por motivos humanos. Toda esta caridade é falsa e mais filha de paixões imoderadas do que do genuíno espírito do Evangelho. (Do P. Plus)

O Padre Soldado de Cristo

Entre as várias designações, que a sagrada Escritura dá ao Padre, avultam entre outras as seguintes: o Padre é o sal da terra, a luz do mundo, o mensageiro da paz, o embaixador de Cristo, o homem de Deus, o pastor dos fiéis, o pregador do Evangelho. Mas S. Paulo resume todas estas designações numa só: o Padre é o SOLDADO DE CRISTO; — *Miles Christi*: (2 Tim., 2, 3)

E, de fato, nenhuma lhe quadra tanto ao vivo como esta; pois encerra a essência da vida sacerdotal que é toda de luta, luta contra a própria natureza, luta contra os inimigos de Deus, luta contra os adversários da Igreja.

Ainda que esta designação se diz de todo o cristão, pois, segundo o santo profeta Job, a vida do homem sobre a terra é uma verdadeira milícia, e, segundo S. Paulo, todo o cristão deve ser forte na fé *Fortes in fide*, contudo é mais próprio do Padre que foi escolhido por Cristo para, como seu aliado, conquistar o mundo, à fé do Evangelho.

É soldado, porque Jesus Cristo fundou a sua Igreja sob a forma dum reino, que tem contra si muitos outros reinos, que lhe fazem guerra de morte, contra os quais é preciso combater constantemente para manter, de pé, a sua liberdade e soberania.

E este é o fim do Padre católico: ser soldado de Cristo.

Quem fala de soldado fala de inimigos, de combates, de armas, de vitórias ou derrotas. Vamos, pois, considerar o Padre em relação com todas estas modalidades da vida de soldado.

Inimigos

O maior inimigo da Igreja é o decrescimento da fé em todas as classes sociais. Um fato, que todos podemos constatar, é que o proletariado, na sua totalidade, está cívado de paganismo. É pagã sua mentalidade, pagã sua norma de vida, pagã algum resto de religião, que, por acaso, ainda possua. O proletariado de nossas cidades é, em grande parte, estranho ao espírito cristão, indiferente aos dogmas de nossa fé e zombador das ameaças e condenações das leis da Igreja.

O proletariado de nossos dias, sobretudo alistado nas hordas comunistas, está mais longe de Deus do que os pagãos antigos de Roma e Atenas. Aqueles a quem se dirige S. Paulo, tinham um culto, um senso religioso, até mesmo uma necessidade religiosa bastante exaltada. Os nossos pagãos não têm este senso, esta necessidade. A seus olhos a religião é uma coisa anacrônica e morta. Se os primitivos pagãos encontravam, nos atos religiosos, um certo esplendor, que os enlevava, os contemporâneos vão procurar, em outras coisas, a satisfação de suas sensibilidades imaginárias.

Mas, por mais grave que seja esta constatação, é ainda mais doloroso observar a curva gráfica da religião, que se nota em todos os países e pode dizer-se: *A religião vai-se acabando.*

De uma geração a outra, em quase todos os países, apalpamos o aumento da infidelidade e descristianismo. Todo o nosso esforço está em retardar o seu avanço precipitado. Se algo conseguimos, contra o inimigo da religião, não podemos destruí-lo de todo, porque nos falta a união de todas as forças para obter tão alto resultado.

Num tal estado de coisas só há a adotar uma revolução nos métodos antigos e organizar uma nova tática de combate. O mais é alimentar ilusões.

M. Michonneau de Colombes, em França, crê que a questão não é obrigar estes neo-pagãos a ir assistir à Missa. Seria pôr o carro adiante dos bois, quem convidasse ou obrigasse à prática da religião gente, que não tem o sentido religioso. A participação no culto deve partir não dum engajamento ou convite, mas duma necessidade do espírito, duma convicção religiosa.

O apostolado, pois, nos nossos tempos, não se deve limitar a obras fundadas em areia, mas penetrar, de espírito cristão, um povo, que se deixou invadir pelo indiferentismo religioso.

Se pensamos bem no estado atual do mundo, vemos que nosso processo sacerdotal, nossa liturgia, nossa pregação, nossa política espiritual são concebidas na hipótese duma cristandade, que é preciso conservar em sua fidelidade religiosa. O fato, porém, é que vivemos numa época muito diferente da que nós imaginamos. Parece que não temos o sentido das realidades. Num mundo paganizado como este, em que vivemos, votado a uma vida materialista, quase bestial, as paróquias continuam a funcionar como na idade-média, em que o povo vivia da sua fé, num ambiente saturado de cristianismo.

Urge, pois, organizar um novo processo de ação católica para ressuscitar o espírito cristão na família e na sociedade.

Uma das razões, por que os ensaios de apostolado de muitos Padres não corresponderam proporcionalmente aos esforços espendidos, foi por não serem exercitados sobre a família, pela família e em torno da família. Esta foi a causa que levou o vigário de Colombes, França, a assumir uma atitude revolucionária no emprego de novos métodos de apostolado. O grande erro, julgava ele, era fundar a ação paroquial em meninos, que não passam de areia movediça, e cujas resoluções se desfazem com o primeiro ventar das paixões. Como se não pudesse ter homens, escreve M. Michenneau, lançou-se mão das mulheres. Não se podendo ter os adultos, procurou-se reunir os jovens. Mas como os rapazes são difíceis de apanhar, arrebanharam-se os meninos. Corajosamente o vigário de Colombes relegou para um plano inferior a maior parte das obras com meninos: patronatos, recreatórios, cinemas, teatros, e lançou-se, em cheio, no meio dos adultos e por meio dos adultos infiltrou-se nas famílias. Esforço de penetração lenta, de construção difícil, mas que o futuro reconheceu por obra sólida e duradoira.

Outro meio de despertar a fé e o espírito cristão é trabalhar mais com a coletividade do que com os indivíduos. As obras de associação tendem a juntar o maior número de aderentes possível. O Padre, que só se ocupa de associações, só terá nos atos religiosos associações e estas distribuídas por seus dias determinados. As massas populares, que formam o maior número dos paroquianos, ficam de fora perambulando pelas ruas no tempo dos atos do culto.

Pelo contrário, o Padre que se dedica à coletividade, sem distinção de grandes e pequenos, de ricos e pobres, terá a consolação de ver, no ato central da liturgia, o templo apinhado de assistentes ao santo sacrifício da Missa.

Falei na liturgia. Nela bem explorada tem o Padre um meio poderoso para a renovação espiritual de sua paróquia. Todas as reformas, todos os esforços da renascença litúrgica devem tender a restaurar este caráter de comunidade coletiva, cujo inimigo é o instinto individualista. Neste sentido convém lembrar aos Padres, que o ato litúrgico não é um ato de devoção particular, mas que, espiritual e

materialmente, deve ser inserido na comunidade, e reciprocamente, a comunidade deve participar deste ato quer na oração em comum, quer nos cantos, quer nos gestos e atitudes do corpo, quer sobretudo na participação da Eucaristia.

Não há dúvida que um ato litúrgico cheio de solenidade impressiona vivamente os assistentes. Para isto não é difícil ter um rancho de acólitos bem industriados nas cerimônias da Missa e das Bênçãos. É também fácil encontrar algumas donzelas, meninos e jovens, que se prestam a seguir um curso gregoriano e a constituir uma escola coral apresentável. Sob a direção de um hábil vigário muito se pode conseguir em belos cânticos litúrgicos, que seriam uma grande satisfação para nossos ouvidos e para inspirar nos ouvintes o gosto estético e artístico pela música sacra.

Mas para isto é preciso ter na mão toda a paróquia. Sós, nada conseguiremos.

Todo este trabalho litúrgico tem por fim constituir uma comunidade quente, viva e entusiasmada, uma Igreja, enfim, em movimento, que atrai, que arrasta, que ganha, cada vez mais, adesões daqueles que a visitam e frequentam, ainda que seja por acaso.

E isto é tanto mais necessário, quanto os maus, hoje em dia, procuram afastar da igreja as turbas, promovendo festas ruidosas, recreações teatrais e representações cinematográficas. É uma tática diabólica, de que usa a maçonaria para extinguir no povo o espírito cristão e retirá-lo dos atos religiosos.

O campo, pois, em que o Padre, soldado de Cristo, deve manobrar as armas do seu apostolado, é assinalado pelos seus mesmos inimigos. Onde eles trabalham por implantar o erro, deve o apóstolo trabalhar por pregar a verdade. Onde se levanta um inimigo da Igreja, deve aparecer um soldado de Cristo para o combater. Onde se abre uma escola ateia, deve, ao lado, abrir-se outra católica. Onde surge um núcleo protestante, deve fundar-se um centro catequético.

Se os Padres não fazem uma frente única num só esquadrão contra a avalanche do ateísmo, que vai, dia a dia, ganhando terreno, teremos de ver a ruína total do rebanho de Cristo, e o desaparecimento da civilização cristã. Basta ouvir como fala o órgão do Comunismo: "A natureza mundial de nosso programa, diz, não é palavreado oco, senão realidade que tudo abarca e empapa de sangue. Nosso fim último é o comunismo universal, nossas prevenções para a luta tendem a uma revolução mundial". (Sal Terrae, 1931, p. 340)

É para esta luta que os sacerdotes se armam soldados de Cristo. Eles não estão sós no combate. Sem o chefe divino nada fariam. Jesus, na sua vinda ao mundo, propôs-se conquistá-lo para seu eterno Pai. Para isto chamou para junto de si alguns homens valentes e falou-lhes desta sorte: Chegou para mim o tempo de conquistar a terra. Armai-vos para a luta, vós sereis meus soldados. Vós sereis

também meus amigos; combateremos juntos, teremos a mesma tenda para repousar de nossas fadigas, e no fim repartiremos igualmente os despojos da vitória. Confiança e coragem, pois !

Mas que sucede? Mal tinha Jesus feito este apelo, quando a fortuna se lhe torna adversa. Cai nas mãos de seus inimigos, é amarrado com cordas, é cravado na cruz entre dois ladrões.

Estará tudo perdido? Não, agora é que vai triunfar da morte e de seus inimigos e cobrir-se de glória saindo do sepulcro em toda a sua grandeza e majestade. E esta é também a sorte dos que O seguiram.

No momento solene em que os sacerdotes são arrolados no seu exército, parecem desaparecer, quando prostrados no pó do sagrado templo, como cadáveres sepultados. Mortos ao mundo, de súbito se levantam vencedores do mundo. Revestidos do homem novo, começarão por vencer o homem velho. A natureza protestará, pois não é sem relutância que se é sepultado aos vinte anos. Mas morrer para renascer não é morrer. Não, quem renasce depois de uma tal morte, é para ser sacerdote.

O sacerdote é uma imolação do homem junta à imolação de Deus, disse Lacordaire que se conhecia bem. É por conseguinte verdade que o sacerdote, soldado de Cristo, começa por morrer antes de travar combate; mas, em seguida, que soldado!

Agora está armado para a luta. Soldado de Cristo-Rei, o Padre tem que se multiplicar para enfrentar os inimigos, que de toda a parte se levantam para combater a Igreja. A arma que deve aprender a manobrar com mais desteridade é a palavra. Os vícios não se combatem a canhão, mas à força de raciocínio, desfazendo sofismas, iluminando as inteligências com a luz da verdade, desmascarando os erros, que sob a capa de verdade se propagam em revistas e jornais.

Nisto deve o Padre imitar os filhos das trevas, que dizem a seus correligionários; "Menti, menti, que alguma coisa fica". O mesmo processo devem usar os arautos da verdade: "Pregai, pregai, que nem tudo se perde! Jesus mandando seus apóstolos a combater os erros do paganismo, não lhes deu outra arma senão a palavra: *Praedicate Evangelium omni creaturae*.

Se os cães não ladram, os lobos invadem o rebanho e atassalham as ovelhas. Se o Padre não prega, não exorta, não aconselha, se não explica a doutrina da fé, se não mostra os erros dos protestantes, se não ensina o caminho da virtude, mostra-se um soldado inativo, de que Cristo se envergonhará no dia de juízo. S. Paulo, na propagação do Evangelho, fez mais uso da palavra do que de qualquer outro meio; por isso se pinta com um montante, que significa a espada da palavra de Deus, com que degolou o ídolo do paganismo e fez da Roma pagã a Roma cristã.

Seria um erro deplorável, se algum sacerdote fizesse coro com certos católicos meticulosos, que, por não se incomodarem com reagir contra os inimigos da religião, se metem em casa como o molusco na concha, e se escudam com um — “não te metas nisso!” — “deixa-os lá”.

E assim abandonam o campo aos inimigos da Igreja, que levam a sua procacidade e cinismo aos mais baixos e repelentes processos. Na capital da Rússia, os soviets parodiaram um tribunal e citaram a Deus para comparecer nele. Como O chamassem e Ele não respondesse visivelmente, condenaram-no à morte. Quando é que em povo algum do mundo, por mais bárbaro que seja, se escarneceu assim da Divindade? O Nazismo que praticou semelhante atentado e parodiou a procissão do *Corpus Christi* levando numa custódia a cruz gamada, já pagou o castigo de sua blasfema impiedade. Deus castiga sem pau nem pedra. Miserio ser humano, até onde pode baixar a sua insânia e fatuidade!...

Todo o Padre, pois, se deve armar soldado nesta luta acérrima que se trava hoje no mundo contra Cristo e a Igreja, contra tudo que é santo e sagrado. Se assim o fizer, poderá confiadamente dizer com S. Paulo: *Bonum certamen certavi*: combati o bom combate, não estive ocioso; combati em mim as paixões desordenadas, o demônio em suas astúcias, o mundo em sua tríplice concupiscência; pugnei pela causa de Deus, pregando a sua doutrina, flagelando os vícios, ensinando a verdade; portanto *Cursum consumavi*: concluí a minha carreira, de sacerdote, de apóstolo, de soldado de Cristo; *fidem servavi*: conservei a minha fé nas verdades do Evangelho, nos dogmas católicos, na divindade de Jesus Cristo; guardei a fidelidade aos meus compromissos de filho da Igreja, de ministro do altar, de cooperador de Cristo; *in reliquo reposita est mihi corona justitiae*: no fim de minha vida posso contar com a coroa da eterna glória, que espero receber das mãos de meu Rei e Senhor, coroa que eu mesmo fui preparando desde que iniciei a minha carreira sacerdotal e comecei a lutar sob a bandeira de Cristo.

O Padre e a sobriedade

Sobriedade é uma virtude, que modera todos os nossos atos referentes aos gozos da vida corporal como são o dormir, o comer, o falar, o recrear-se, o beber, e até no fumar, no jogo, em ouvir o rádio, em ler periódicos e novelas deve todo o Padre ser sóbrio e moderado. Isto nos recomendam as sagradas Letras. Eis alguns exemplos:

Serás sóbrio, se beberes moderadamente o vinho. (Eccli., 31, 32)

A bebida sóbria é saúde para o corpo e para a alma. (Ib., 31, 37)

Não durmamos, vigiemos... sejamos sóbrios. (Tess., 5, 6)

O bispo que seja irrepreensível e sóbrio. (1 Tim., 3, 2)

Os velhos que sejam sóbrios. (Tit. 2, 2)

Exorta os jovens, para que sejam sóbrios. (Ib., 2, 6)

As mulheres, pudicas... reservadas, sóbrias. (1 Tim., 3, 11)

A falta de sobriedade desacredita sumamente o clero, pois o povo, que sabe muito bem medir as distâncias e avaliar as dignidades, se escandaliza de que um Padre seja beberrão, comodista, jogador, avarento, esbanjador, quando a sua vida deve ser um modelo para todos, como aconselha o Apóstolo S. Paulo: "Em tudo te mostra exemplar de boas obras". (Tit. 2, 7)

Onde também deve o Padre mostrar-se sóbrio é no uso dos bens deste mundo. O Padre da cidade toma frequentemente ares de suntuosidade, de luxo, de grandeza e de conforto. A sala de visitas é um museu de peças de arte. Pinturas em quadros ricamente emoldurados, ricos tapetes, cortinados de valor, bronzes e mármore. Na sala de jantar uma mesa onerada de ricas baixelas, aparadores com preciosos objetos, vinhos e licores de várias qualidades.

Quando algum homem sério vem a casa deste Padre para se confessar, deve-se sentir um tanto confuso sem saber como se portar no meio de tanta grandeza. E se, porventura, em outras circunstâncias tem de se dirigir a casa de algum religioso, cuja cela pobre não tem outro ornamento que uma mesa de pinho, um genuflexório singelo e sem almofadas, um crucifixo de madeira na parede branca, deve sentir-se mais à vontade nesta morada mais evangélica e mais conforme com a pobreza de Cristo.

Se a condição do Padre o obriga a usar de um pouco mais de luxo e conforto em sua casa, que desterre ao menos dela todas as superfluidades exageradas e mundanas. Que não se vejam lá essas obras de arte de figuras femininas, nenhum desses móveis de que se comprazem os milionários. Assim o manda S. Paulo a seu discípulo Timóteo: *Profana devita*. (II Tim., 2, 16) "Desterra as coisas profanas". E dá a razão, que muito convém gravar na memória: *Multum enim proficiunt ad impietatem*. Concorrem muito para esfriar o espírito de piedade, que se deve respirar em casa de todo o Padre.

Não se deve todavia descer ao excesso de viver numa casa tão pobre e imunda, que destoe da dignidade sacerdotal. Mons. Tabosa, quando vigário em Pacoty, vivia num quarto, em que só havia uma rede para dormir, um caixote para se sentar e um escaninho na parede para guardar alguns objetos. Há destes exemplos, que todos admiramos, mas que nem todos podem imitar.

O Padre sóbrio deve sê-lo em toda a parte: na igreja, na casa paroquial, no quarto de trabalho e de dormir, na rua, na casa dos paroquianos, nas viagens, para que nele se cumpram as palavras do Doutor das Gentes: *Abnegantes saecularia desideria, sobrie, juste et pie vivamus in hoc saeculo.* (Tit. 2, 12)

Em tudo quer S. Paulo, que os ministros do altar se mostrem verdadeiramente sóbrios. E até em ver e observar o que se passa no mundo recomenda que sejam moderados: "A vossa modéstia seja conhecida de todos os homens". (Fil. 4, 5) Todo o Padre deve ser semelhante a Onias, em cuja morte Antioco derramou lágrimas de saudade ao lembrar-se de sua modéstia e sobriedade: *Recordatus modestiam et sobrietatem defuncti lacrymas fudit Antiochus.* (2 Mac. 4, 17)

Até mesmo quando está só deve o Padre guardar esta modéstia e sobriedade, que os Santos tanto recomendam. S. Francisco de Sales foi observado, várias vezes, por seus criados pela fechadura da porta do quarto, e nunca foi surpreendido numa atitude, que desdissesse de sua dignidade sacerdotal. E até se diz que andava ordinariamente de roquete para respeitar a presença de Deus.

Ainda que se costuma dizer que ninguém é grande diante de seus familiares e camareiros, contudo o Padre diante de seus criados e outras pessoas de casa, nunca deve baixar no crédito e respeito, que se deve a sua dignidade nem aparecer de modo que se lhe diminua o acatamento e consideração. Portanto até mesmo em presença de seus parentes e amigos deve mostrar-se sempre Padre digno, honesto, grave, sóbrio e modesto.

Não se acredita que um Padre, em sua casa, não esteja severamente vestido com o hábito eclesiástico e que tome suas refeições na cozinha.

Outro ponto em que se deve guardar a sobriedade é o comer.

Já os antigos diziam, que "se vive bem com pouco". Uma mesa frugal, à qual o Padre se senta por pouco tempo, é a mesa de um Padre laborioso, disciplinado, de vida interior e penitente. Não quero dizer que o Padre deva ser tão sóbrio no comer, que imite os Santos penitentes, que só se alimentavam uma vez por dia. Cada um tem a sua natureza e deve-se alimentar segundo a necessidade, que exige a saúde e o trabalho.

S. Tomás aponta três modos por que se falta à sobriedade no comer, e exprime-os por três advérbios: *studiose, ardentem* e *prae-propere*.

Studiose quer dizer que não devemos usar de iguarias excessivamente acepipadas nem gastronomicamente preparadas.

Ardenter quer dizer sofregamente, e refere-se ao modo de comer ultrapassando as leis do decoro e moderação, lançando-se aos pratos à maneira de quem assalta uma fortaleza.

Praepropere é comer a toda a hora sem regra nem horário e sem dominar a gula.

A virtude da sobriedade tem uma tal extensão, que a tudo se aplica. E onde ela tem melhor cabida é no falar. Para ser sóbrio nesta matéria, convém falar antes menos que mais. Pois, ainda que em ambos os casos se pode errar, aquele erra menos que menos fala. E quando a fala é sobre a vida do próximo, é difícil sair da conversa sem manchas na consciência.

Não só quando falamos uns com os outros devemos ser sóbrios, mas até mesmo quando pregamos ao povo a palavra de Deus. Há muitos sermões, em que se devia cortar trinta por cento do seu contexto. Conta-se de Focion, orador grego, que, antes de subir à tribuna, se detinha algum tempo em profunda reflexão. Perguntando-lhe alguém pela causa de tanta demora, respondeu: "Estou pensando se devo cortar alguma coisa a meu discurso".

Se do púlpito descemos ao confessional, teremos muito mais oportunidade de sermos sóbrios. Sobre este ponto não encontro melhor tratado que um rescrito da Sagrada Congregação dos Sacramentos. Diz assim:

Algumas normas sobre o modo de proceder dos confessores à cerca do VI mandamento do Decálogo.

A Igreja empregou sempre todo o cuidado e solicitude para que o sacramento da Penitência, que, depois de perdida a inocência baptismal, foi pela divina benignidade dado como refúgio, não se converta pela fraude do demônio e pela malícia dos homens, que perversamente abusam dos benefícios de Deus em causa de ruína para os náufragos e míseros pecadores, e o que foi instituído para salvação das almas se torne, pela inconsideração e leviandade dos homens, em detrimento delas e da santidade e dignidade sacerdotal.

Além de outras coisas, deve-se atender ao perigo que há, se o confessor se mostra negligente em interrogar e instruir, cautelosa e circunspectamente, os penitentes à cerca do VI mandamento do Decálogo, como exige a escabrosidade da matéria e a dignidade do Sacramento...

A fim de obstar a tão grande mal, a Suprema Congregação dos Sacramentos teve por oportuno dar as normas, que devem observar os confessores e nas quais devem ser instruídos os futuros sacerdotes nos Seminários. São as seguintes:

1. — O Código do Direito Canônico avisa o confessor, que não detenha o penitente com perguntas curiosas ou inúteis, principalmente, sobre o VI preceito do Decálogo, e sobretudo não interrogue imprudentemente os jovens sobre o que eles ignoram. Portanto, são perguntas inúteis as que não servem para completar a acusação do

penitente nem para conhecer as disposições de sua alma. O penitente por direito divino só está obrigado a confessar todos e cada um dos pecados graves cometidos depois do Batismo, e que tenha na consciência depois de um diligente exame, e de explicar na confissão as circunstâncias, que mudam a espécie de pecado, contanto que tenha conhecido, ao pecar, as suas específicas malícias, as quais, por conseguinte, contraiu. Isto só é o confessor obrigado a perguntar ao penitente, se racionalmente suspeita que as omitiu, por boa ou má fé, na confissão. E se alguma vez acontecer que tenha de suprir totalmente o exame do penitente, não se adiante a perguntar mais do que uma prudente conjectura aconselha, tendo em vista a condição do penitente.

Devem, pois, ser omitidas, como inúteis, molestas e no caso presente cheias de perigo, perguntas sobre pecados, de que não pode haver a menor suspeita no penitente; sobre espécies de pecados, que não é verossímil tenha contraído; sobre pecados materiais, a não ser que o bem do mesmo penitente exija ou aconselhe admoestação; sobre as circunstâncias moralmente indiferentes, e principalmente sobre o modo como foi cometido o pecado. Outrossim, se o penitente espontaneamente ou por ignorância ou por escrúpulo ou finalmente por malícia se exceder no modo de explicar os pecados de luxúria ou as suas tentações, ofendendo com palavras a pudicícia, o confessor com prudência, mas pronta e fortemente, lhe vá à mão e o não deixe prosseguir.

Lembre-se, além disto, o confessor, que o preceito divino da integridade da confissão não obriga com grave dano do penitente ou do confessor, por ser extrínseco à confissão; portanto todas as vezes que se pode temer pudentermente, que da interrogação nasça escândalo para o penitente ou detrimento para o confessor, deve-se abster dela. Na dúvida, porém, tenha-se conta com o conselho comum dos Doutores, que dizem que nesta matéria é melhor faltar, do que exceder com perigo de ruína.

Finalmente, o confessor, perguntando, proceda sempre com muita cautela, fazendo primeiro perguntas gerais, e depois, se o caso exigir, outras mais definidas. Estas, não obstante, sejam sempre breves, discretas, pudicas, evitando absolutamente frases que excitam a fantasia ou ofendam ouvidos piedosos.

2. — Nem de menor prudência e gravidade precisa o confessor, quando em seu munus de *médico e mestre* avisa e ensina. Lembre-se bem que lhe é confiada a cura não dos corpos, mas das almas. Não é, pois, de sua alçada dar aos penitentes conselhos, que se refiram à *medicina* ou *higiene*, e evite absolutamente tudo que pode causar admiração ou escândalo. Se, porém, tais conselhos se julgarem neces-

sários, por causa da consciência, devem ser dados por um homem perito e prudente, instruído na ciência moral, ao qual o penitente deve ser enviado.

Muito menos se atreva o confessor, espontaneamente ou rogado, a instruir os penitentes sobre a natureza e o modo da transmissão da vida, e a isto não se deixe arrastar por nenhum motivo.

Dê, porém, a seus penitentes uma instrução moral e avisos oportunos, segundo a doutrina de autores aprovados, mas sempre com prudência, honestidade e moderação, e não passe além da necessidade do penitente. Nem é fora de propósito advertir, que procede inconsideradamente e não cumpre corretamente o seu ofício aquele confessor que só se mostra solícito em fazer perguntas e dar conselhos sobre estes pecados.

3. — Todos devem saber que o mundo está dominado pelo espírito do mal, e que o sacerdote na sua vida quotidiana está colocado no meio de uma *nação perversa*, como disse Pio X numa exortação ao Clero; de tal forma que no mesmo exercício da caridade pastoral se deve precaver contra as ciladas da serpe infernal. Pelo que, deve andar sempre cauteloso principalmente com as mulheres suas penitentes, evitando tudo que pode favorecer a familiaridade ou uma amizade perigosa. Não seja, pois, curioso em conhecê-las nem ouse investigar direta ou indiretamente o nome delas. Enquanto fala com elas, não empregue o pronome "tu", que geralmente designa trato familiar; não permita que suas confissões se prolonguem mais do que o necessário; abstenha-se, na confissão, de tratar de coisas, que não pertencem à consciência; não aceite mútuas visitas e comércio epistolar com elas sem verdadeira necessidade; nem também longas conversas na sacristia, ou na sala de visitas, ou em qualquer outra parte, nem mesmo sob pretexto de direção espiritual.

De tudo isto deve precaver-se o confessor com toda a vigilância, para que, sob a capa de piedade, não se introduzam e se alimentem na alma afetos humanos de si mesmo ou dos penitentes; mas deve com todo o cuidado esforçar-se, para que, tudo que faz em seu sagrado ministério, o faça sempre segundo Deus e guiado pela fé.

4. — Para que mais fácil e seguramente possam os confessores desempenhar-se de tal ofício, sejam para isto instruídos por seus mestres não só com princípios, mas com experimentos e exercícios, a fim de que saibam bem como sobre o VI mandamento devem ser interrogados os penitentes, meninos, jovens, adultos e principalmente as mulheres; quais as perguntas úteis e necessárias, quais as que se devem omitir e quais as palavras da língua pátria, que se devem empregar.

Dada em Roma na Cúria do S. Ofício, a 16 de Maio de 1943. F. Card. Marchetti Selvaggiani Secretarius.

O Padre Apóstolo pela Eucaristia

Non est alia natio tam grandis quae habeat deos apropinquantes sibi sicut Deus noster adest nobis. (Deut. 4, 7)

Não há nação tão grande que tenha os seus deuses tão perto de si, como Deus está perto de nós. Aplicando estas palavras à classe sacerdotal, podemos dizer: Não há classe que tenha a Deus tão perto de si como a sacerdotal.

Com efeito, o Padre, pelo sacramento da Ordem, aproxima-se tanto de Deus, que se faz seu ministro, seu íntimo, seu comensal: *Tu vero homo unanimes, dux meus et notus meus, qui mecum capiebas cibos.* (Sal. 54, 14) Identifica-se, por assim dizer, com Cristo; pela celebração da Missa, em que oferece a Deus o mesmo sacrifício do Calvário, como se fosse ele o mesmo Cristo, pelas funções sacerdotais, de o consagrar, comungar, transportar aos doentes, distribuir aos fiéis, expor à adoração pública, podendo Cristo dizer de seus sacerdotes: *In manibus tuis sortes meae*: — pela noção mais clara que tem deste sacramento, pelo estudo mais profundo da Eucaristia, pela fé mais viva na presença real: ora, tudo isto o faz viver, necessariamente, mais próximo a Jesus pela mente e pelo coração.

Estas afirmações são de molde a nos infundir a convicção de que a vida sacerdotal deve ser essencialmente inspirada na Eucaristia. Fala-se muito na união do Clero; ora, não há elo mais forte para estabelecer esta unidade, como a Eucaristia, que, assim como une os fiéis numa só alma e num só coração, assim também, e com mais forte razão, deve unir os pastores num só pastor, e os sacerdotes num só sacerdote.

Assim como em nossas igrejas materiais tudo converge para o sacrário, assim nas igrejas vivas, que são as almas sacerdotais, tudo deve concentrar-se num ponto único: a Eucaristia. Meditemos, pois, as razões que nos movem a viver da vida eucarística. É um dever sagrado corresponder, o mais plenamente possível, aos dons de Deus. Ora, se devemos aprofundar algum dom, é certamente o dom inefável da Eucaristia. E que é que Deus nos dá na Eucaristia? A esta pergunta podemos dar uma triplíce resposta, que fará os três pontos desta conferência: Dá-nos a sua presença, a sua companhia e o seu corpo.

I. — Dá-nos a sua presença

A Eucaristia é o prolongamento da Encarnação. Pela Encarnação Deus se fez presente, tangível, misteriosamente visível, Deus conosco, "Emanuel".

A Eucaristia é Deus conosco, pois Deus pela Encarnação fez-se em tudo semelhante a nós. Deus fez que seu amor eterno e invisível se tornasse palpável e visível. E como pode estar mais presente a nós do que tomando a nossa mesma carne e o nosso mesmo sangue?

Deus tornou-se presente não por um modo absolutamente imperceptível e inverificável, mas atingível pelas nossas faculdades. Um objeto pode-nos estar presente sem que o vejamos sempre. Mas como somos corpo e espírito, é mister, para atrair nosso coração, que o vejamos realmente, com os olhos do corpo e com os olhos do espírito.

Deus podia limitar-se a dar-nos a revelação e a graça, e que O vissemos só com os olhos do espírito; mas fez mais: quis que nossas faculdades humanas pudessem de algum modo senti-lo. Ora, ainda que não tivemos a dita de O ver na terra em sua vida mortal, todavia a presença eucarística produz em nós um efeito físico que impressiona as nossas faculdades. Pois, ainda que não vejamos a Jesus na Eucaristia, pelo contacto imediato de sua humanidade na hóstia consagrada, contudo os acidentes, que vemos e sentimos, disfarçam-nO de tal modo que podemos dizer com segurança: *Magister adest.*

E esta presença nós a sentimos por uma impressão particular, quando O tocamos ou levamos daqui para ali nas funções litúrgicas. Quando vemos o altar, onde Ele reside, e diante do qual silenciosamente se consome a mística e simbólica lâmpada do santuário, sentimos uma impressão diferente da que sentimos quando vemos uma igreja sem sacrário ou um altar lateral qualquer, ainda que nele se venerem as imagens mais artísticas e devotas.

Quando entramos num templo, onde se guarda o santíssimo Sacramento, nossa alma sente-se apoderada de uma coisa insólita, que não sentimos noutro lugar profano. E uma voz oculta nos diz *Magister adest.*

Até mesmo as torres das igrejas, que em nossas viagens avistamos ao longe, imprimem em nosso coração um sentimento de reverência, de adoração e de prece, e a voz do sino mais uma vez nos traz aos ouvidos o *Magister adest.* Ali está o Mestre.

Há em nós um como sentido criado pela fé, com o qual conhecemos a presença real de Jesus na Eucaristia. S. Francisco de Borja o possuía tão aperfeiçoado, que sentia a presença de Deus sacramentado, como nós sentimos o perfume das flores.

E assim, convinha que, sendo os sentidos sacrificados e os olhos velados, se exercesse em nossas faculdades uma ação, que suprisse a da vista e do tato. Porque o que se vê e apalpa, torna-se depressa coisa banal, e aquilo a que nos habituamos, acaba por não nos impressionar mais. Para que isto não sucedesse com o Santíssimo Sacramento temos nele a presença do Invisível, que desperta em nós sempre alguma coisa mais que nossos sentidos podem perceber, presença que nos é afirmada pela mais possante força de nossa alma, a fé sobrenatural.

É por isto que a Eucaristia fala sem cessar a nossos sentidos, nunca se torna banal e é sempre uma realidade nova e cheia de interesse.

II. — *Dá-nos a sua companhia*

A esta primeira inteligência do dom inenarrável da Eucaristia, segue-se outra que tem uma nova relação com o Padre.

O Padre é um isolado por vocação de Deus, que o separou dos pecadores. *Segregatus a peccatoribus*; é um isolado como Melquisedec, de quem diz a sagrada Escritura, que não tinha pai, nem mãe, nem genealogia — "*Sine patre, sine matre, sine genealogia*"; isolado pelo ódio que o mundo lhe vota, concentrando-o no seu presbitério, votando-o ao ostracismo e excluindo-o do convívio social; isolado pelo seu ministério, que o obriga a viver entre as paredes do templo e entre as tábuas do confessionário.

Por outro lado, o Espírito Santo olha o isolamento como uma maldição: *Vae soli!* Ai! do que está só! Ora, como podemos estar e não estar sós? Eis um problema, que só resolve a Eucaristia. Estamos sós, porque o mundo nos abandona; não estamos sós, porque temos a Jesus conosco, bem perto de nós, a dois passos da casa paroquial, para O podermos visitar e derramar a seus pés as confidências de nosso coração amargurado.

Jesu dulcis memoria,
Dans vera cordis gaudia,
Sed super mel et omnia
Ejus dulcis presentia.

Se não experimentamos quão verdadeiros são estes gritos da alma aflita, é que não sabemos, ou sabemos mal, quão doce é a presença de Jesus para o sacerdote, na Eucaristia.

III. — *Dá-se em alimento*

A Eucaristia não só nos conforta com a presença real de Jesus, mas é um sacramento, que, não encontrando obstáculo em nossa vontade, apodera-se de nossa natureza espiritual, eleva-a acima de si mesma, fortifica-a e a dispõe para uma íntima união com Deus.

Esta é a terceira inteligência do dom inefável, que temos na Eucaristia. E para o ter completo basta aprofundar estas palavras, que tantas vezes repetimos, sem talvez lhes penetrarmos todo o sentido: *Panem de coelo praestitisti eis.*

A culpa original revolucionou a nossa natureza, e desde então começamos a sentir a luta da carne contra o espírito. Os sentidos empunharam a bandeira da revolta e a alma ficou gemendo sob o jugo de seu cativo. Com o batismo a alma rompeu os laços da escravidão satânica, mas ficou sempre com as faculdades lesadas e menos vigorosas para resistir à luta das paixões. A história de uma alma é a história de lutas incessantes da carne contra o espírito, e quem diz lutas não diz vitória completa da natureza, mas uma sucessão de alternativas já tristes, já alegres, de quedas e ressurgimentos. A vitória final, só com a morte.

Daqui a necessidade de um tonificante, que conserve as energias e comunique à alma a força necessária. Este tonificante temo-lo na Eucaristia, que o Concílio de Trento chama "Antídoto", que, atuando em nós pela virtude do sacramento, nos preserva de quedas mortais. Esta atuação eucarística nas almas é de três espécies :

Atuação na parte inferior, que é a carne ;

Atuação na parte média, que são as paixões ;

Atuação na parte superior, que é a razão.

Na parte inferior. — Quando acabamos de comungar, a nossa carne é enobrecida pelo contacto da carne do Filho de Deus feito homem. Nosso corpo é fortificado tanto para agir como para sofrer. É da comunhão que o mártir aufere seu heroísmo: "*Idoneus esse non potest ad martyrium, qui ab Ecclesia non armatur ad praelium*". (S. Cipriano)

É na comunhão que o Padre sobrecarregado de trabalho renova suas forças, e se mune do viático, que o sustentará no meio das provas e desfalecimentos de seu apostolado. E se isto não sucede, é que para muitos Padres passa despercebida a vitalidade, que não só lhes preserva as almas de cair no pecado, mas lhes assegura a imortalidade dos corpos : *Qui manducat hunc panem vivet in aeternum*. Os Padres que tesouros riquíssimos têm nas mãos, sem pensarem neles! Quantos Padres celebram sua Missa e comungam o Corpo de Cristo sem darem fé do dom inestimável de que estão gozando!

A Eucaristia tem sobre nosso corpo uma dupla influência para o tempo e para a eternidade. Sta. Clara vivia da Eucaristia, não tomando outro alimento no tempo da Quaresma. O nosso corpo tão sujeito à corrupção, tão frágil, tão vil, com a Eucaristia se enobrece, se glorifica, se diviniza. Uma casa, ainda que seja muito pobre, a humilde cabana de um pastor, torna-se, se for habitada por um rei, um palácio e recebe uma dignidade real. Foi o que sucedeu com a gruta de Belém e com a casa de Nazaré, que, por serem habitadas pelo Verbo divino, ficaram sendo um objeto de culto e veneração mundial. Assim, o nosso corpo visitado pela Majestade divina fica

endeusado e transformado num templo. Este pensamento nos deve fazer tratar sempre o nosso corpo com dignidade e conservá-lo como um objeto consagrado a Deus.

Na parte média. — A Eucaristia atua também na parte média de nossa natureza, que é, na linguagem teológica, a parte onde se encontra o apetite concupiscível, e é a sede das paixões. A Eucaristia, recebida com as devidas disposições, vem apaziguar a violência delas pelo aumento da graça santificante e, em igual medida, pela caridade e as virtudes morais, que seguram as rédeas das paixões e mantêm os apetites sujeitos à razão.

Se a mulher, que tocou a fímbria do vestido do Salvador, ficou sã, como não se curará a nossa carne dos movimentos sensuais, se tocarmos com a mesma fé o corpo virginal do Salvador? Se o mais forte atrai o mais fraco, Jesus, que é a mesma santidade, ao entrar em contacto conosco, deve fazer prevalecer a sua pureza sobre a nossa, na medida em que for capaz a nossa natureza.

Todos conheceis a engenhosa comparação, mais poética que científica, de S. Francisco de Sales: “As lebres das mantanhas, diz, tornam-se brancas à força de verem e comerem neve. Assim, à força de comungar o pão dos anjos, a alma do sacerdote se embranquece e angeliza.

Na parte superior. — A Eucaristia atua, enfim, na parte superior do nosso ser, que é a razão. Para nos capacitarmos desta verdade, basta ler S. Tomás, que, afirmando em tese que a Eucaristia confere a graça, diz que o efeito do sacramento se pode considerar sob quatro aspectos :

- Em razão do que encerra, Cristo ;
- Segundo o que representa, a Paixão de Cristo ;
- Segundo o modo por que nos é dada, o sacramento ;
- Segundo o efeito que produz, a graça.

Por todos estes quatro modos, a Eucaristia influi em nossa alma, primeiramente, pelo que encerra, Cristo.

Assim como Cristo, vindo ao mundo nos trouxe a vida da graça, da mesma forma, vindo sacramentalmente a nossas almas nos infunde uma vida nova, a vida da graça, que é Ele mesmo. É impossível, que, sendo Ele o autor da graça, ao entrar em nossa alma, não opere nela obras da graça, e que, sendo o sol que ilumina todo o homem, que vem a este mundo, não ilumine nossa alma de luzes celestiais; sendo o Mestre divino, não desterre as nossas ignorâncias, e sendo o Médico soberano, não nos cure de nossas enfermidades.

Em segundo lugar, pelo que representa, a Paixão. A Eucaristia produz nas almas os efeitos da Paixão de Cristo; por isso a Igreja chama a Eucaristia — *Memoria passionis ejus*. — Cristo pela sua

Paixão obteve a remissão dos pecados do mundo; pela Eucaristia renova nas almas o mesmo sacrifício do Calvário e produz nelas a remissão das culpas, de modo que podemos dizer depois de comungar: *Ipsae lavit nos a peccatis nostris*, porque a Eucaristia foi instituída para remissão dos pecados: *In remissionem peccatorum*.

Em terceiro lugar pelo modo como se dá. — A Eucaristia é-nos dada como comida e bebida: *Caro mea vere est cibus et sanguis meus vere est potus*. Logo todo o efeito, que produz a comida e bebida material, em nossos corpos, produz a Eucaristia em nossas almas aumentando-lhes a vida espiritual, robustecendo-lhes as faculdades para vencer as tentações e confirmando-lhes a saúde do espírito, que é a graça sobrenatural.

Em quarto lugar pelos efeitos que produz. — S Agostinho diz: “Nosso Senhor pôs seu corpo e seu sangue sob coisas, que de muitas que eram, se reduzissem a uma só; porque de muitos grãos de trigo se fez uma só coisa, o pão, e de muitos bagos de uva se produziu um só licor, o vinho. Da mesma forma, a Eucaristia recebida pelos fiéis produz na Igreja um só povo, um só reino, uma só família”.

Por mais que meditemos estes pontos, nunca lhes esgotaremos o sentido e assim a Eucaristia será sempre para nós uma novidade, que nunca diminuirá de interesse, apesar de tão repetida.

O Padre santificado pela Eucaristia

Acabamos de ponderar na meditação passada as razões, que tem o Padre para viver da Eucaristia. Nesta vamos considerar as modalidades desta vida, ou os vários modos como podemos realizar em nós a vida eucarística. Quatro, em particular, se nos apresentam: 1. Conhece-la; 2. dá-la a conhecer; 3. distribuí-la; 4. visitá-la. Discorramos brevemente por cada um destes pontos.

CONHECÊ-LA

É uma obrigação grave. Primeiro, porque um agente consciencioso deve saber o que faz, conhecer as suas atribuições e até onde se estendem. Ora, todo o Padre é um agente de Jesus Cristo, um instrumento da onipotência de Deus para operar o grande milagre da “Transsubstanciação”. Trata-se, sem dúvida, de um mistério sublime, porém o divino Mestre o esclareceu suficientemente para que o papel,

que o Padre exerce ao altar não seja o de um cego. É seu dever penetrar quanto possível o dogma eucarístico, apoderar-se das luzes, que sobre este mistério lhe fornece a sagrada teologia, a fim de se desempenhar, com conhecimento de causa, de sua precípua ação sacerdotal, do tremendo ministério que exerce, cada dia ao altar, como representante e agente de Jesus Cristo ; de outra forma merecerá que lhe seja lançada em rosto a grave censura: "*Nescitis quid tractatis*".

Em segundo lugar, o dogma eucarístico faz parte integrante dos ensinamentos que deve dar às almas. Sendo a Eucaristia o centro para onde convergem todas as atividades da vida cristã, sendo o sol vivificante de toda a ação católica, é também para ela que devem ser dirigidas todas as atenções dos fiéis. Ora, faltam seriamente ao dever pastoral os sacerdotes, que se contentam com lhes comunicar uma doutrina insuficiente, hesitante, incompleta, obscura... E isto sucederá, fatalmente, se não aperfeiçoarem os seus conhecimentos adquiridos nos anos do Seminário, e se se contentam, para falar ao povo, com umas noções resumidas de catecismo. Para ensinar um pouco é preciso saber muito, e isto não se obtém sem trabalho, sem persistência, sem livros, sem zelo e sem muito amor a Jesus Cristo.

Em terceiro lugar, trata-se de Jesus Cristo no meio de nós presente na Eucaristia, em cujo conhecimento está a vida eterna: Para obter a salvação é preciso conhecer a Deus e para conhecer a Deus Pai é preciso conhecer a Deus Filho.

Não se exige do Padre que seja um botânico, um electricista, um matemático, mas que seja um bom teólogo, um bom moralista e um cristólogo consumado.

O meio mais prático de estudar o Filho de Deus é estudá-LO em sua realidade sacramental, onde Ele vive e perpetua a sua vida na terra. Conhecer ou não conhecer a Jesus Cristo é questão de vida ou morte". *Haec est vita aeterna, ut cognoscant te Jesum Christum.*

O desconhecimento de Jesus Cristo implica a condenação eterna, pois, segundo S. Paulo, os que se não salvam, devem ser conformes ao Filho de Deus: *Conformes fieri imagini Filii ejus.* Ora, para chegar a esta conformidade com Jesus Cristo é necessário conhecê-LO, estudá-LO, imitá-LO. Não podemos hesitar: o Padre deve chegar, como diz S. Paulo, ao *scire Jesum Christum* — a saber Jesus Cristo como quem sabe um ponto de exame ou uma lição de aula em qualquer ciência.

E não pensemos que neste ponto estamos em regra. Um Padre, que se limita a um vago e sucinto estudo feito no Seminário sobre o Tratado da Eucaristia, e que ele repassou apenas para escapar no exame, não pode conhecer, como convém, a Eucaristia em toda a sua extensão e profundidade. A ciência eucarística é complicada, é vasta, é imensa; a noção de sacrifício da Missa é delicada e um tanto abs-

trata, muito elevada para certos espíritos e demanda, da parte do pregador, muita preparação, e da parte dos ouvintes muita clareza e exatidão. As questões disciplinares e litúrgicas relativas ao santíssimo Sacramento são múltiplas e complexas. É impossível que possa deslindar suficientemente todas estas questões aquele que se limita a algumas piedosas e inspidas reflexões e se contenta com repassar, de corrida, o capítulo do catecismo referente a esta matéria.

Estudemos a Eucaristia nas suas fontes mais profundas. Nenhum ramo da ciência teológica haverá talvez mais atraente, nenhuma matéria mais interessante e apropriada à vida interior do sacerdote, nenhuma bibliografia mais variada e opulenta, que a santíssima Eucaristia.

Façamos deste estudo um dever de consciência, estudemos orando, estudemos meditando, como S. Boaventura, que estudou no livro do Crucifixo a sua vasta ciência ascética e teológica. A verdadeira ciência eucarística aprende-se na Eucaristia mesma, meditando-a, contemplando-a, amando-a, sobretudo, ardentemente.

DÁ-LA A CONHECER

O Padre não só deve aprofundar a ciência eucarística mas difundí-la, comunicá-la aos fiéis, pregá-la ao povo, explicá-la aos meninos no catecismo. Quanto mais o Padre estiver cheio da Eucaristia, mais dignamente falará dela, porque: "A boca fala da abundância do coração". O Padre é a luz do mundo, e sê-lo-á, se fizer brilhar nas almas o sol da Eucaristia. O Padre é o sal da terra, e é pela Eucaristia, que ele preservará do vício e da corrupção os corações dos homens.

O Padre eucarístico dá a toda a sua pregação um cunho singular, tudo dirige habilmente à grande realidade eucarística. *Ubi fuerit corpus, ibi congregabuntur et aquilae*. Onde estiver o corpo de Cristo, ali estarão os Padres para viver d'Ele, dá-LO a conhecer aos fiéis e orientar as almas para este centro de vida, para esta fonte de graças, para este mistério de amor. Ou direta, ou indiretamente, o Padre, possuído de uma viva fé na Eucaristia, voltará sempre ao mesmo assunto, repisarà na mesma ideia, até que o povo de sua paróquia insensivelmente se vá compenetrando do sublime mistério do altar.

Ao ver a ignorância religiosa, que lavra por toda a parte, a ponto de se desconhecem as verdades mais rudimentares da fé, o Padre não pode deixar de falar de um mistério, que é a sùmula de toda a vida de Cristo, que é o memorial de sua Paixão, que é a maior prova do amor de Deus aos homens.

É, portanto, com summa autoridade que ele pode clamar ao povo arreferido na fé eucarística: "No meio de vós está Quem vós desconheceis". E esta ignorância é causa de males incalculáveis tanto para a sociedade civil, como para a sociedade cristã, pois a Eucaristia é a maior força, que contém o homem no caminho da ordem e do dever e o afasta do vício e da corrupção. Assim como se morre por se não comer, assim se peca, porque não se comunga.

Convém, por conseguinte, dar a conhecer ao povo este meio preservativo do pecado, este antídoto, que combate a enfermidade inicial de todos os nossos males, a concupiscência.

Dar a conhecer a Eucaristia e os seus salutareos efeitos nas almas, é missão de que nenhum Padre se deve eximir. Foi depois de escrever o tratado da Eucaristia, que o Anjo dos Escolas. S. Tomás, mereceu ouvir este inefável testemunho dos lábios de Jesus Cristo: *Bene scripsisti de me, Thoma!* O mesmo dirá Jesus do pregador, que se esforçou por expor ao povo as maravilhas do santíssimo Sacramento. Quando na tarde de seus dias trabalhosos se recolher ao pé do altar antes de ir repousar, ouvirá sair de dentro do sacrário esta doce voz: "Vai em paz, porque falaste hoje muito bem de Mim!"

DISTRIBUÍ-LA

É um dever sagrado, e um dos mais gratos a todo o sacerdote, nome que em si mesmo traduz esta doce missão: *Sacerdos, id est, sacra dans.*

Dar Jesus às almas é fazer o officio de pai, que à mesa eucarística, distribui aos filhos o Pão da vida, é fazer o officio de médico, que propina aos enfermos, filhos de Adão, o antídoto de todos os vícios; é fazer o officio de pastor, que procura para suas ovelhas o pasto da immortalidade. Muitos cristãos têm uma vida anêmica, porque se não alimentam devidamente da Eucaristia; têm a fé morta, porque não vivem do mistério da fé; têm a caridade gelada, porque não se aproximam do fogo do sacramento de amor; sentem vacillante a esperança nos bens futuros, porque se não munem da Eucaristia, que é o penhor da eterna glória. E assim das outras virtudes, sobretudo da castidade, que tem na Eucaristia toda a sua força. Se os Padres procurassem que a juventude se aproximasse devidamente preparada da Eucaristia, ver-se-ia logo subir o termômetro da moralidade numa paróquia, as Congregações Marianas seriam verdadeiros jardins de lírios, e nas famílias germinariam Gemas Galgani, Luises de Gonzaga, Estanislaus de Kostka, Geraldos Majela e outros jovens santos, que engalanam os fastos da Igreja.

Dar Jesus às almas pequeninas é proporcionar-lhes uma das mais doces delicias: "Deixai vir a Mim os meninos". Se nas pessoas adultas

calejadas no pecado encontramos relutância, frieza, indiferença, e até repugnância de um tão grande sacramento, temos nos meninos um campo vasto e apto para semear o Pão da Vida, que desabrochará mais tarde em saborosos frutos de virtude. As Cruzadas eucarísticas são a esperança da Igreja para um futuro de ressurgimento cristão da vida religiosa no centro das paróquias.

Distribuí-la aos enfermos, que consolação para o Padre! Ainda que nisto haja, às vezes, não pequenos sacrifícios pelas longas viagens e intempérie do tempo, contudo, se se toma este trabalho com espírito de fé e caridade, o Padre sente-se inundado de gozo por dar a um moribundo o viático para a eternidade, o único conforto, a única esperança, a única força, do que luta com a morte e está a ponto de empreender a última viagem.

VISITA-LA

Numerosos são os motivos que para isto temos :

a) Nosso Senhor tem suas delícias em estar com os filhos dos homens. *Deliciae meae cum filiis hominum*. E seremos tão ingratos, que Lhe neguemos esta alegria de estar com Ele por alguns momentos? Se de alguém Jesus deve esperar uma visita é dos Padres, que são os seus amigos, os seus familiares, que Ele escolheu para Lhe fazerem companhia.

b) Ele é nosso *hóspede* — *Dulcis hospes animae* — negar-Lhe uma visita seria de nossa parte uma indelicadeza indesculpável, como seria não falarmos com um amigo, que tivéssemos hospedado em nossa casa.

c) Jesus, no sacrário, nos *convida* a ir a Ele e a estar com Ele e a procurar n'Ele alívio em nossos trabalhos: e seremos nós tão duros e descorteses, que rejeitemos o seu convite ?

d) A nossa mesma *necessidade* nos obriga a ir a Jesus e a visitá-LO muitas vezes; e qual é o Padre, que não precisa de luz no meio de tantas dúvidas, e de fogo no meio de tanta frieza, e de conforto no meio de tantas adversidades?...

e) Todos sabemos o valor da *comunhão espiritual*. Por ela diz S. Tomás, se recebe o efeito do Sacramento, que consiste em ser espiritualmente unido a Cristo. Nós a podemos fazer sempre e em toda a parte, mas nenhum lugar é tão próprio, como quando estamos diante do sacrário em nossas visitas ao SSmo. Sacramento.

Decidamo-nos, pois, a viver da Eucaristia. Apliquemos-lhe a palavra de S. Paulo: — *Omnia et in omnibus Christus*. — Tudo e em tudo Cristo.

O Padre Imitador de Jesus Cristo

Cum turbae irruerent in Jesum, ut audirent verbum. (Luc. 5, 1)
Como as turbas se precipitassem sobre Jesus para ouvir a palavra de Deus.

Onde quer que Jesus se apresentava, logo se via rodeado do povo. Se subia com seus discípulos para o monte, logo o seguia a multidão atraída pelo enlevo de sua palavra e sublimidade de sua doutrina. Se ia para a praia de Cafarnaúm, a onda de povo, cada vez mais avolumada, o comprimia de tal maneira, que se via obrigado a subir para a barca de Pedro, para falar de mais alto aquela massa imensa de ouvintes. Se procurava o remanso do deserto para se entreter com seus apóstolos, lá o iam perturbar os cinco mil homens, que teve por ouvintes durante três dias, e que teve de sustentar com o milagre da multiplicação dos pães para os não despedir em jejum. (Marc. 8, 1 - 9)

Onde quer que se encontrava, tinha sempre ouvintes.

O povo é sempre assim: desejoso de ouvir a palavra de Deus, deixa tudo e caminha léguas e léguas para não perder um sermão do Salvador. Não é isto que nós vemos ainda hoje nas missões, que pregam os missionários pelas paróquias de nossos sertões? O povo tem fome de Cristo, quer que lhe falem de Cristo e da salvação, quer viver da sua religião.

É no povo que a fé é mais viva, que o sentimento religioso está mais acentuado. É no povo simples, que se encontram os bons costumes, que se ensina a religião aos filhos, que se vê o culto e a crença no poder dos Santos. Por isso, Jesus Cristo, descendo do Céu à Terra, para salvar os homens, preferiu o povo simples para evangelizar o reino de Deus.

Vamos ao povo, como foi Jesus Cristo.

Os pobres e os simples são a parte escolhida do seu rebanho. Por isso Jesus nunca andava só. Nas suas viagens através das vilas e aldeias da Judeia, da Samaria, da Galileia, andava sempre rodeado de inúmera multidão de povo, a ponto de Zaqueu, para O ver, ter de subir a uma árvore, e, perguntando Jesus quem o tinha tocado na cura da Hemorroíssa, S. Pedro Lhe respondeu: A turba Vos aperta, e perguntais quem Vos tocou? (Marc. 5, 31)

O Padre deve também ser assim: o atrativo do povo, o ímã que arrasta as multidões para Cristo, para Deus, para a Igreja, para os atos do culto católico. E sê-lo-á, se pregar, como Cristo, o reino de Deus. Se nele falar a voz da verdade, com a unção do Espírito Santo. O Padre com o seu verbo eloquente, com a convicção da sua fé, com

o zelo de salvar almas e de dar glória a Deus, pode operar numa freguesia uma completa reforma de costumes. O Padre com o povo constituiu a perfeita democracia. Assim como os políticos se servem do povo para subir no poder, deve o Padre utilizar esta força vital para o engrandecimento da sua paróquia, para a implantação dum governo social e *democrático* em que reine o estremo espírito cristão, baseado nos preceitos da Igreja.

Todos precisamos de ir a Cristo, pois Ele é o caminho, a verdade e a vida. Todos, a começar pelos maiores até aos mais pequenos. Os grandes, que o destino pôs à frente dos povos e das nações, são os que mais precisam de ir a Cristo para com a sua luz resolverem os grandes problemas que agitam as nações. Infelizmente, os que se julgam os árbitros do mundo, estão longe de Cristo, e da Igreja pela heresia ou pela seita acatólica; por isso, o sangue continua a correr na Coreia e, por mais que se reúnam em conclave secreto, nunca chegam a uma solução satisfatória, que ponha termo aos males que afligem as sociedades.

Deus colocou a Igreja como baluarte da paz e da fé, no mundo. Só ela pode solucionar todos os problemas de beligerância pela caridade, com que abraça todos os povos. Só ela está posta como farol no mar agitadíssimo das ideias, que hoje avassalam o mundo, a fim de iluminar as inteligências obcecadas pelos erros do comunismo e dum liberalismo exagerado, que se reflete em todas as classes e condições da vida.

Os chefes do povo judeu repudiaram a Cristo — *Nolumus hunc regnare super nos*. — Não queremos que este reine sobre nós — e por isso atraíram sobre si as maldições de Deus, que lhes destruiu o templo de Jerusalém em sinal de que não Lhe agradavam mais os seus sacrificios. O mesmo sucede com as nações, que se divorciaram de Cristo e da Igreja, e se passaram para os acampamentos de Satã. Por isso vemos nessas nações ateias revoluções, guerras, lutas entre patrões e operários, focos da mais desbragada imoralidade, revoltas das classes inferiores contra as superiores; porque, onde não reina Cristo, não reina a paz e união. E Cristo não reina só nas estátuas, que se lhe levantam nas culminâncias dos montes, mas tem que reinar, sobretudo, nas inteligências, nas vontades e nos corações dos homens.

Todos precisam de ir a Cristo, não só os que governam, mas também os governados. Os pais, que repudiam a Cristo, não educam filhos que os honrem, que os sirvam, que os confortem na velhice. Os filhos, que não bebem, com o leite materno, o conhecimento de Jesus Cristo, ficam toda a vida raquíticos na prática da religião, em que foram batizados.

Sem a fé em Cristo crucificado sem o conhecimento do Evangelho, sem Cristo na Eucaristia, adeus juventude, adeus honestidade, adeus práticas religiosas, e talvez — adeus salvação!... A juventude sem Cristo

é como o navio sem bússola, que o governe no mar tempestuoso da vida. Quando falta o freio da religião e do temor de Deus, que só em Cristo se encontra, não há quem contenha a mocidade na busca do prazer.

Hoje troca-se Cristo pelo ídolo da vaidade, do despudor, da revista pornográfica, do romance erótico, do cinema pagão, do teatro corruptor. O Crucifixo está posto de parte em muitas famílias, quando nelas devia reinar pela entronização de sua imagem, e reunir em volta de Si todos os membros dispersos para os abençoar e unir pelos laços da caridade.

Todos precisam de ir a Cristo, porque é ordem dEle terminante : *Vinde a Mim todos — Venite ad Me omnes*. Todos sem excepção : todos os que vivem carregados de tribulações, todos os que sofrem, todos os que lutam pela vida, e Ele os aliviará. É sua promessa : *Et Ego reficiam vos*.

Assim fizeram os Apóstolos numa grande tribulação.

Singrava, pelo mar de Tiberiades, a nau de Pedro. Ia nela Cristo Nosso Senhor e dormia para repousar do muito trabalho em atender o povo, que O procurava para ouvir a sua palavra e obter a cura dos seus doentes.

O mar, ao princípio, calmo e banzeiro, começou a encrespar-se, e, dentro em breve, desencadeou-se uma tremenda borrasca, que pôs a nau em evidente risco de naufrágio. Os apóstolos lutaram contra a fúria das ondas e dos ventos, mas em vão. Vendo-se impotentes por si sós para salvar as suas vidas e a do divino Mestre, despertaram a Jesus e se valeram do seu poder: “Senhor, salvai-nos, senão perecemos”.

Homens de pouca fé, por que temeis? Onde vai Jesus, vai a salvação. E Este levantando-se, impôs silêncio ao vento e ao mar, que logo se acalmaram, e sobreveio completa serenidade.

Jesus é o remédio de todos os males.

Por isso, um dia, no templo, pôs-se a clamar em alta voz: “Se alguém tem sede, venha ter comigo”. A sede, que devora a muitos, é o prazer, o dinheiro, as honras. Quem possui a Jesus, não tem mais sede destas coisas, pois só Ele pode encher o coração e satisfazer todas as suas aspirações.

Quem mais precisa de ir a Cristo são os Padres.

Os Padres têm que pregar a Cristo, como pregava S. Paulo. E como pregará a Cristo sem O possuir? — sem estar embebido da sua doutrina? — sem ter um conhecimento profundo do Evangelho? — Da abundância do coração fala a boca. *Ex abundantia cordis os loquitur*. Se o coração está seco, se não arde no amor de Cristo, se não vive da vida de Cristo, como há-de falar dEle aos fiéis? como há-de atraí-los ao seu amor?

Se quer ver prosperar a sua paróquia, se quer ter ouvintes à santa Missa, se quer ver frequentada a mesa eucarística, só tendo o coração cheio de Cristo para acender nas almas o fogo de seu amor.

O que alimenta o fervor numa paróquia é o Apostolado da Oração, é a comunhão das primeiras sextas feiras, é a Cruzada Eucarística; mas se o pároco não é o primeiro no culto do Coração de Jesus, como há-de manter essas associações no seu genuíno espírito de amor e reparação ao divino Salvador ?

Há vícios na freguesia? há mal-casados, há bailes, há embriaguez, há ódios, há protestantes, há espíritas, que é preciso combater e extinguir? — não basta lamentar-se, pôr as mãos na cabeça, e deixar correr. É preciso pregar a Jesus Cristo, torná-lo conhecido, adorado e amado. De que maneira? Por todos os meios: pela imprensa, pelas associações, pelo catecismo, pela pregação...

Jesus queixou-se da ingratidão dos homens à sua serva S. Margarida Maria, e do esquecimento e quase desprezo em que O deixam na Eucaristia. Este abandono é devido ao enfraquecimento na fé produzido pela vida material e sensual do nosso século. É ao sacerdote que toca querbrar o gelo da indiferença religiosa e ativar nas almas as chamas da caridade e amor a Jesus Cristo.

Os sacerdotes são os íntimos amigos de Jesus; e quem é o amigo que não promove os interesses do seu amigo? A nossa dedicação deve ir até dar a vida por Ele, pois Ele também a deu por nós.

Tudo com Jesus! Nada sem Jesus!

Com Jesus, a salvação. Sem Jesus, a condenação!

Em Jesus, o Céu. Fora de Jesus, o Inferno.

Em Jesus, a graça. Sem Jesus, o pecado.

Em Jesus, a vida. Sem Jesus, a morte!

O Padre e o Coração de Jesus

O Coração Eucarístico de Jesus quer amigos que O consolem no abandono, em que O deixam os homens. E entre estes amigos devem figurar os Padres em primeira linha. Todo o cristão, mas muito mais o Padre, deve repetir muitas vezes esta jaculatória: "Ó Jesus, eu quero-vos consolar em vossa vida eucarística".

O Padre, que oferece ao divino Sozinho do sacrário um coração ardendo em caridade com frequentes homenagens reparadoras, ao mesmo tempo que O consola, avança rapidamente no caminho da

perfeição e se torna um verdadeiro apóstolo na conversão dos pecadores. É o mesmo Jesus Cristo que no-lo assegura nas Promessas feitas a S. Margarida Maria.

Há ainda outra aspiração, com a qual todo o sacerdote se deve familiarizar, se quer tornar mais fecunda sua vida de Padre. É esta: "Ó Jesus, eu quero viver unido a vós". A vida do Padre que não estiver unida a Jesus Cristo, será uma vida estéril, como é estéril o ramo separado da árvore. Para nos animarmos a esta vida de união com Jesus, meditemos três pontos: 1. O Padre unido a Jesus Cristo pelas visitas ao SSmo. 2. O Padre unido a Jesus Cristo pela Missa. 3. O Padre unido a Jesus Cristo pela vida interior.

I. Pelas visitas ao Santíssimo

Dos muitos meios que tem o Padre para se unir com Jesus Cristo, é, sem dúvida, um dos mais vantajosos a assiduidade em visitar o SSmo. Sacramento. É muito útil pensar em Jesus, quando se está fora da igreja; mas a verdadeira piedade não se contenta com isto. O Padre, semelhante à agulha de marear, que sofre as atrações misteriosas do polo magnético, está sempre orientado para o sacrário. Uma vez que não tenha nenhum obstáculo, que o impeça, cede à sua atração e corre para os pés do divino Mestre. Duas forças, a fé e o amor, o estão puxando para o altar. Os Padres, em quem a fé era mais viva e o amor mais ardente, passavam longas horas do dia e da noite acompanhando o divino prisioneiro de nossos tabernáculos.

O Pe. Eymard, ainda menino, ia frequentemente ajoelhar-se num genuflexório junto ao altar-mór, na igreja paroquial. — "Que fazes aí, Eymard?" perguntou-lhe alguém. — "Faço minha oração, respondeu, mais perto de Jesus, que me está ouvindo". Foi aqui onde preludiou as longas adorações, que o haviam de elevar a tão alta santidade.

Pascoal Ballão, sendo ainda muito pequeno, um dia, sem prévio aviso, saiu da casa paterna. Várias pessoas foram em sua procura, e por fim encontraram-no diante de um sacrário, tanto fora de si, que parecia arrebatado em êxtase. Mais tarde foi visto, cinco horas a fio, ajoelhado diante do SSmo. Sacramento. Enquanto guardava as ovelhas de seu pai, ia com frequência visitar o SSmo. Sacramento, deixando-as aos cuidados de seu Anjo da Guarda.

O B. Pedro Fabro da Companhia de Jesus, quando ia de viagem, visitava em espírito, por não poder fazê-lo corporalmente, o SSmo. Sacramento das igrejas por onde passava.

S. Francisco de Borja confessava de si, que devia a sua vocação religiosa às frequentes visitas que fazia, diariamente, ao SSmo. Sacramento.

S. Francisco de Jerônimo, jesuíta apóstolo incansável da Itália, introduziu, em Roma, o piedoso exercício das visitas ao SSmo. Sacramento, com o que conseguiu um notável melhoramento nos costumes e na vida cristã daquela cidade.

Célebres missionários, como S. Francisco Xavier, S. Francisco de Regis, o Pe. Antônio Vieira e outros muitos, depois de terem trabalhado todo o dia em proveito das almas, passavam as noites em oração diante do SSmo. Sacramento.

O Padre, que anseia por viver unido a Jesus-Hóstia, deve inspirar-se nestes exemplos. As igrejas de nossos sertões e também de nossas cidades estão quase desertas; ninguém, ou muito poucos, se resolvem a entrar nelas para fazer um quarto de hora de companhia ao divino "Sozinho" de nossos altares.

O ministério sacerdotal seria muito mais fecundo em obras de zelo, se os Padres vivessem mais em união com Jesus. "Em vez de fazer muito ruído nos jornais, dizia o Santo Cura d'Ars, fazei mais ruído com vossas orações à porta do sacrário". O Padre, que assim vive unido com Jesus Cristo, pregará, com mais intimativa, das maravilhas da Eucaristia, e pouco a pouco recrutará, até mesmo entre os meninos, um bom número de adoradores.

II. *Pela Missa*

Entretanto, a união com Jesus sacramentado opera-se de um modo mais íntimo e mais perfeito na santa Missa. Na celebração do santo sacrifício, o Padre está como identificado com o Homem-Deus. Se fala, fala em seu nome; se opera, opera com seu poder; as palavras, que pronuncia, produzem maravilhas tão extraordinárias como as que Jesus praticava em sua vida mortal. Sua ação ao altar é toda empregnada do poder divino, toda envolvida no mistério e cheia de um não sei que de divino e celeste, que transporta os sentidos acima de tudo que é terreno.

A união do Padre com Jesus Cristo, durante a Missa, opera-se sobretudo a) pelo mesmo ato sacrificial, em que o sacerdote se reveste da mesma dignidade de Cristo sacrificador, de que não é um simples representante e lugar-tenente, mas o mesmo Cristo, que nele está oferecendo ao Eterno Pai o sacrifício de seu corpo e sangue pelos vivos e pelos mortos; b) pela consagração, em que O faz baixar do céu a suas mãos, em que O trata, toca e manuseia, como a Virgem no Presépio de Belém, em que se inclina sobre Ele, Lhe lembra as suas mais caras intenções pelos que morreram, e Lhe dirige as suas mais ardentes aspirações antes de O receber em seu coração; c) pela comunhão, em que O recebe sacramentalmente nEle se transforma, passando o corpo e sangue de Cristo a fazer parte do corpo e sangue

do sacerdote; d) pela ação de graças, em que o Padre entra em íntima conversação com Deus, tratando com Ele como se tratam dois amigos, que se unem entre si pelos laços da mais íntima amizade. É então que o Padre pode dizer com o rei David: *Adhaerere Deo bonum est*. Oh! como é bom estar aderente a Deus pela sagrada comunhão!

A união do sacerdote com Jesus Cristo é tão estreita, que o mesmo Cristo não teve palavras mais concisas para a expressar, do que estas: *In me manet et ego in eo*. (Jo. 6, 56) Ele fica em mim e eu Nele, como formando um só coração.

Se a dignidade sacerdotal faz do Padre um outro Cristo, a comunhão fá-lo viver a mesma vida de Cristo, como diz S. Paulo: "Não sou eu já o que vivo, mas é Cristo que vive em mim".

Jesus, depois da comunhão, mora na alma do Padre. É nela que Ele quer indenizar-se da muita frieza e ingratição dos homens, pois espera encontrar no sacerdote um coração agradecido e abrasado em seu amor. É lá que Ele quer trabalhar com mais atividade no embelezamento e santificação da alma do seu ministro. É lá que, depois do desaparecimento das espécies sacramentais, quer prolongar sua permanência pelos efeitos misteriosos da graça sacramental.

III. Pela vida interior

Outro meio que une o Padre com o coração eucarístico de Jesus, é o recolhimento e a vida interior. Para chegar a esta vida interior com Jesus Cristo, ajuda considerá-lo sob três aspectos: como Deus, como Senhor e como Mestre. Como Deus, devemos viver unidos a Ele como criaturas; como Senhor, devemos viver unidos a Ele como servos; como Mestre, devemos viver unidos a Ele como discípulos. Portanto, a nossa vida interior com Jesus Cristo funda-se nestas três relações: de criaturas, de servos e de discípulos.

De criaturas. — Jesus está tão unido a nós como Criador, e nós tão unidos a Ele como criaturas, que estamos continuamente em suas mãos, recebendo o influxo de seu poder, que está conservando nossa vida física e intelectual, numa união tão absoluta, que se nos largasse, por um instante, nesse mesmo instante deixaríamos de existir. Como, pois, não andaremos unidos a Jesus Cristo, inteiramente possuídos por Ele, numa contínua dependência de sua vontade, num ato perene de agradecimento e de amor?... Pela relação de criaturas estamos, pois, tão unidos a Jesus Cristo, que nada nos pode separar de seu amor.

De servos. — Jesus é verdadeiramente nosso Senhor. A palavra *senhor* vem do latim *senior* e significa mais velho, mais antigo, superior, e envolve o sentido de deferência, de veneração e respeito.

Este era o nome habitual, que os Apóstolos davam a Cristo, nome que Ele aprovava: "Chamais-me Senhor, e dizeis bem". Ora, este nome implica em Cristo domínio, em nós, servidão. Estamos, pois, unidos a Cristo como o servo a seu senhor, atento a fazer todas as suas vontades. Mas nós estamos unidos a Cristo por um modo mais perfeito, que um servo a seu senhor. Nós somos de Cristo por um triplice direito: de origem, enquanto é um só Deus com o Pai e o Espírito Santo; de resgate, enquanto fomos conquistados por Ele e comprados com o alto preço de seu sangue; de cultura, enquanto que nossa alma fecundada pela graça de Cristo, é ainda cultivada por Ele *ut fructus plus afferat... Dei agricultura estis...* A nossa vida interior com Jesus Cristo deve resumir-se nesta palavra do S. Tomé *Dominus meus et Deus meus*, Meu Senhor e meu Deus.

De discipulos. — Jesus, além de ser nosso Criador e nosso Senhor, é também nosso Mestre, e por este título estamos com Ele na relação de discípulos, de alunos e de aprendizes. Jesus é, realmente, o único mestre, com o qual se vivermos unidos, nunca erraremos. Toda a mestria humana tem suas lacunas, suas limitações e suas reservas. A nossa vida interior consiste em estar aos pés de Jesus a ouvir continuamente sua doutrina, que Ele nos expõe numa meditação atenta e fervorosa. Este era o lugar da Madalena, da qual o divino Mestre disse, que escolheu a melhor parte: — *Optimam partem elegit.*

Esta condição de discípulos é a que devemos optar de preferência para a nossa vida de união com Jesus Cristo. O Pe. Antônio Huonder, S. J., no seu livro "Aos pés do Mestre", diz no prólogo: "É aos pés do Mestre, que se há de formar o sacerdote, é nesta escola que ele há de aprender. É certo que também podemos e devemos frequentar a escola dos Santos; podemos justamente inquirir o que ensinaram Paulo e Apolo e os mestres da escolástica. No entanto, todas estas autoridades não deixam de ser humanas e secundárias. Por que não remontaremos à fonte primária de toda a sabedoria?"

Aos pés do Mestre, pois, em nossa meditação matutina; aos pés do Mestre em nossas visitas ao SSmo. Sacramento; aos pés do Mestre em nossa preparação para a Missa, celebração e ação de graças; aos pés do Mestre em nossas dúvidas, em nossas dificuldades e em nossas tribulações.

Nem vale dizer que a vida do Padre é hoje tão complexa que não dá margem a passar tanto tempo aos pés do Mestre.

Os Padres, que se dão à vida interior, trabalham tanto e mais que os outros, que se entregam demasiadamente à atividade exterior.

A vida interior harmoniza-se perfeitamente com a vida exterior, e o que se tira a uma em nada prejudicará a outra. Os Padres de vida interior e mais unidos com Deus podemos compará-los a certas usinas ocultas em vales longínquos, onde se produzem e se conservam formidáveis reservas de energia elétrica, donde vem para as cidades a luz e a força motriz. Assim nos Padres, unidos com Jesus Cristo, se acumulará um grande potencial de piedade, que se difundirá pelos fiéis e se verão neles os frutos de santidade, como reflexo da santidade de seus pastores.

O Padre e o culto de Maria

O amor mostra-se mais em obras do que em palavras. Maria mostrou quanto nos amava dando-nos dons, cujo valor nunca chegaremos a aprofundar, enquanto estivermos neste mundo. Para não divagarmos sem norte neste mar imenso dos benefícios, que Maria fez ao mundo, consideremos três sobretudo, que mais se relacionam com o sacerdote.

Maria deu-nos Jesus.

Maria deu-nos a Eucaristia.

Maria dá-nos as suas graças.

Deus para vir até nós, quis ter uma Mãe imaculada, que lhe desse o corpo, o sangue e a vida mortal. Maria deu-nos, pois, a Jesus e com Ele todos os bens. Deus-no-IO ocultamente na Incarnação aceitando o encargo difícil de ser sua Mãe, e deu-no-IO visivelmente no Nascimento para no-IO dar na Morte como vítima por nossos pecados. Deus-no-IO na Circuncisão com a primeira gota de sangue, que Lhe fez derramar por nós; deu-no-IO na Apresentação, quando, tendo-O oferecido a Deus, O resgatou de novo para nós por cinco ciclos; deu-no-IO na Fuga para o Egito livrando-O das mãos assassinas de Herodes para no-IO reservar para o sacrifício do Calvário; deu-no-IO, quando, tendo-O perdido no templo de Jerusalém, O andou procurando cheia de dor, para finalmente no-LO dar no Gólgota, quando, postada junto da cruz, O ofereceu ao Eterno Pai para resgate do gênero humano.

Este dom de Maria nunca o avaliaremos ao justo, porque para isto seria preciso conhecer a Deus em Si mesmo, o que escapa ao acume de nossa limitada inteligência. Pensemos, num instante, o que sucederia ao mundo inteiro e a cada um de nós, se Maria tivesse recusado o seu consentimento em aceitar ser Mãe de Deus. E ela

podia-o fazer, pois era livre. Dela dependia nesse instante termos ou não um Redentor, ser ou não restituída à humanidade a vida da graça, abrir-se ou não o céu para receber a raça humana decaída. Reflitamos ainda um momento no sacrifício, que custou à santíssima Virgem tal aceitação. Sabendo que tinha de sacrificar Nosso Senhor, seu Primogênio, para nos salvar a nós pobres miseráveis, e seus filhos adotivos aceitou o martírio de uma vida inteira a criar Jesus para o sacrifício, a fim de que a vida divina perdida por Adão nos fosse restaurada.

Maria é, pois, merecedora de nosso amor, estima e veneração; Ela está tão unida a Jesus e à obra da Redenção como o fruto à árvore. Quem não vê a íntima relação entre o fruto e a árvore? Sem árvore não pode haver fruto e o fruto supõe a árvore. Mas como a bondade do fruto revela a bondade da árvore, segue-se que, sendo Jesus o maior dom que Deus fez ao mundo, a obra-prima do seu poder, a mesma santidade, sabedoria e beleza, Maria, que foi a árvore, deve ser a mais santa e bela criatura que Deus mandou ao mundo.

Maria dando-nos Jesus, deu-nos por via de consequência o que há de mais sublime no plano da Redenção: a vida da graça, que nos eleva a participar da natureza divina; os Sacramentos, que nos são outras tantas fontes de bens celestes; a Igreja, que nos recebe como filhos e nos educa para a santidade; finalmente, o céu, onde se consumará a nossa eterna felicidade. Sem o consentimento de Maria em ser Mãe de Jesus, nada disto possuiríamos, e ainda hoje estaríamos a adorar Júpiter e Venus, Saturno e Diana.

Maria deve, pois, ocupar, como ocupa realmente, um lugar de destaque na liturgia, na veneração dos fiéis, no coração de todos os homens. A sua posição entre os de mais seres do universo é como a do sol entre os astros, que, a nosso modo de ver, os vence a todos em superioridade de luz e calor. Assim Maria excede a todas as criaturas pela magnitude de sua dignidade, que não tem igual nem semelhante em nenhuma dignidade da terra. Não se pode, pois, pensar em Maria sem sair um pouco fora deste mundo de banalidades e medianias e colocar-se num plano de elevações místicas, num mundo superior de nobres ideais e altos pensamentos. Não se pode pensar em Jesus sem pensar em Maria, não se pode falar de Jesus sem falar de Maria, não se pode levantar um templo a Jesus sem construir nele um altar a Maria. Maria é um nome, que ressuma pureza, que eleva o espírito, que desperta sentimentos nobres e generosos; pronunciá-lo faz-nos lembrar uma Rainha, que comparticipa com Jesus do governo do mundo.

De fato, Maria é a Rainha-Mãe do Príncipe dos séculos. Este título foi-lhe justamente conferido pelos escritores eclesiásticos, entre os quais se tem pelo primeiro Santo Efrém, em 373; S. Pedro Crisólogo, em 451; S. João Damasceno, morto em 726. Todos eles exprimem a

tradição oriental, que proclamava, que Maria era verdadeiramente constituída a Soberana Senhora e Rainha do Universo.

Os teólogos, seguindo na pista dos grandes doutores da Igreja, ensinam que Maria não só é Rainha por nascimento, pois era filha dos reis de Judá, mas por direito de conquista, pois se associou a Cristo-Rei na obra da reconstituição do gênero humano. O pensamento cristão consagrou Maria Rainha dos anjos e dos homens. De fato, não temos em nossa língua termo mais elevado para louvar Maria e que exprima melhor a ideia grandiosa, que dela fazemos. Rainha é o último grau da dignidade, a que pode subir uma criatura cá na terra. Deus, fazendo-a Mãe de seu Filho Unigênito, fê-la ao mesmo tempo Rainha, e nós nos comprazemos de a invocar com este glorioso título. Assim faz a Igreja na Ladainha; depois de a ter invocado com quantos títulos o amor, a fé e a piedade lhe inspirou, fecha toda essa série de invocações, pondo-lhe a coroa de Rainha como último expoente de sua glória e grandeza.

Maria, portanto, para nos dar Jesus, se destacou em tudo do comum dos homens, levantou um trono em cada coração cristão, onde recebe o culto, que a piedade dos fiéis lhe dedica, onde é invocada pela fé de seus devotos, onde se mostra verdadeira Mãe de misericórdia, concedendo a seus filhos as graças que lhe pedem.

Maria é um ímã de atração irresistível, e não há quem resista ao feitiço de seus atrativos. A confiança que o seu poder inspira nas almas, põe em movimento as populações, arrastando-as para dentro de seus santuários, nem há meios de transporte que cheguem para conduzir a Lourdes, a Fátima, ao Pilar, a La-Salette, a Guadalupe, a mó de peregrinos, que se apinham em volta dos altares da poderosa Mãe de Deus. Ali é proclamada a sua excelsa dignidade de Mãe de Deus; ali é invocada a poderosa Mãe dos homens; ali é aclamada a bendita entre todas as mulheres, a Cheia de Graça, a Virgem Imaculada.

Maria subiu tão alto no conceito dos homens, que os reis a escolhem para defensora de seus Estados, os Bispos para orago de suas catedrais, os Papas para assunto de suas Encíclicas.

Maria, por ser Mãe de Jesus, suplantou o culto de Diana em Roma e o de Minerva em Atenas, e se fez amar, invocar e venerar de todos os povos, que lhe têm levantado templos suntuosos, capelas e altares magníficos. A sua imagem brilha nos brasões das cidades, nos carimbos e selos nacionais.

Roma levantou no Capitólio uma estátua a Cornélia por ter dado ao império os dois Gracos, que engrandeceram o nome e a história de sua pátria com a promulgação da Lei Agrária. Mas que tem que ver esta honra com a de Maria, que deu ao mundo Jesus Cristo, o divino Legislador, que promulgou a lei da caridade, do amor dos

inimigos, da santidade do matrimônio? Maria beneficiou mais o mundo com lhe dar um Salvador, do que todas as matronas de Roma e Atenas, que deram a seus países oradores famosos como Cícero e Demóstenes, poetas como Horácio e Vergílio, escultores como Fídias e Policleto, pintores como Apeles e Praxíteles, generais como Aníbal e Alexandre. Mas que tem que ver esses homens, que ilustraram a pátria com seus produtos literários e artísticos, com o Filho de Maria, o Homem-Deus, que tirou o mundo do caos da barbárie, que abriu novos caminhos à civilização, aboliu a poligamia e a escravatura, subjugou o império de Satanaz e deu ao gênero humano um novo código de leis morais da mais pura e divina filosofia.

A civilização cristã é, em parte, obra de Maria, que foi a Mãe do supremo Civilizador Jesus Cristo, e todo o progresso, que o Cristianismo introduziu no mundo, deve-se ao poderoso "fiat" que ela pronunciou no dia da Encarnação. Se não fosse Maria a Mãe de Jesus, ainda hoje estaria o mundo gemendo sob a ira e a maldição de Deus.

A Maria, pois, a nossa eterna gratidão.

Se a Igreja canonizou mães gloriosas, que lhe deram filhos santos, como Santa Sílvia, que lhe deu S. Gregório; Santa Branca, que lhe deu S. Luís; Santa Perpétua, que lhe deu sete filhos mártires; Santa Mônica, que lhe deu Santo Agostinho, que honras não escogitou para elevar Maria no conceito e estimação, que dela devem ter todos os homens?

A Maria, pois, mais uma vez, a nossa gratidão.

Deu-nos a Eucaristia

Maria dando-nos a Jesus, deu-nos o nosso irmão maior, Jesus Cristo, que conosco constitui a grande família, de que ela é Mãe. Jesus morrendo por nós transmitiu-nos a vida da graça e fez-nos membros de seu corpo místico. Ele o Salvador, nós os remidos; Ele a videira e nós os sarmentos, Ele a árvore e nós os galhos formamos todos um só todo, um só Cristo, um só corpo, uma só família.

Maria é a Mãe de Jesus por natureza, e nossa Mãe pela graça. A Jesus concebeu-O no dia da Encarnação, a nós no dia da Crucifixão. Maria em Nazaré constituiu uma família composta apenas de três membros; mas no Calvário constituiu a família cristã composta de todos os remidos com o sangue de Cristo. "Eis o teu filho", — disse-lhe Jesus entregando-lhe S. João e na pessoa dele, a todos nós.

Está constituída a família.

A Maria compete alimentá-la. E ela o faz da melhor boa-vontade e com as iguarias mais esquisitas. Ela nos serve o Pão vivo do corpo de seu Filho, e o vinho precioso do seu sangue, pois tanto um como outro ela os preparou em seu seio virginal. A carne do Filho de Deus, que

recebemos na comunhão, é a carne de Maria, da qual ela pode dizer com toda a razão: "Esta é a carne de minha carne". (Gên. 2, 23) O mesmo se diga do sangue precioso, que Lhe transmitiu e agora nos propina na Eucaristia.

Maria não é como o Padre, que celebra ao altar o santo sacrifício da Missa, mas exerce um ministério também sacerdotal, próprio seu, místico, único. O sacerdote renova cada manhã o corpo e o sangue de Cristo, de que ele e os fiéis se alimentam. Maria fez também, na manhã da Redenção, descer do céu a divina Vítima, que se imolou, a primeira vez *moralmente*, ou em desejo, quando disse desde toda a eternidade: *Corpus autem aptasti mihi*. (Hbr. 10, 5) Tu, meu Pai, me preparaste um corpo, disse o Verbo Eterno muito antes de vir ao mundo num desejo ardente de se fazer homem. E a segunda vez quando, chegando a plenitude dos tempos, Maria se houve como um sacerdote, operando, *realmente*, com seu "fiat" poderoso, em seu virginal seio, o que o sacerdote opera no altar com as palavras da consagração.

O "fiat" de Maria foi semelhante ao do Criador. Pronunciou-o uma vez por todas para dar ao mundo o corpo real de Cristo. Os sacerdotes, na Missa, não fazem senão reproduzir o "fiat" de Maria; porém com a diferença de que sua ação é transitória, pois só dura o tempo em que as espécies se conservem incorruptas. O Pão sagrado, que os sacerdotes fazem aparecer no altar e distribuem aos fiéis na mesa eucarística, passou primeiro pelas mãos de Maria, foi, por assim dizer, por ela amassado e preparado durante nove meses. Os sacerdotes apenas se limitam a reproduzi-lo, a manuseá-lo, a localizá-lo, a dividi-lo.

Maria não procede como certas mães comodistas, que para fugir ao trabalho de amamentar seus filhos, os entregam a outras mulheres para os criar. Maria nutre-nos com seu mesmo corpo e com o seu mesmo sangue; pois o corpo e o sangue de Cristo, que recebemos na Eucaristia, que outra coisa é senão o corpo e sangue de Maria? Pois não dizemos que o sangue dos pais corre nas veias dos filhos? e que o filho de um rei tem sangue real? Houve até quem chamasse a seu filho "sanguis meus", meu sangue. *Profice tela manu, sanguis meus*. Do mesmo modo podemos afirmar que a carne e sangue, que recebemos na comunhão, é o sangue e a carne de Maria.

Quando o Criador formou Eva duma costela de Adão e lha apresentou, Adão disse: "Eis o osso de meus ossos e a carne de minha carne". (Gên. 3, 23) Com muito maior razão pode Maria dizer de Jesus: Eis o osso de meus ossos e a carne de minha carne, o corpo de meu corpo, o sangue de meu sangue, os braços de meus braços, os olhos de meus olhos, a vida de minha vida. Por que Cristo não

foi formado duma costela de Maria, mas, por via de geração, de seu mesmo ser, de sua mesma substância, do seu mesmo corpo e de seu mesmo sangue.

Eis como Maria se mostra a Mãe da grande família.

Ela é mais generosa conosco do que com os esposos de Caná. A estes procurou que lhes não faltasse o vinho necessário para concluir alegremente a festa nupcial. Para nós, seus filhos, procurou um vinho, que não embriaga nem tolda a razão, mas um vinho que gera virgens, amortece a concupiscência e conserva a vida da graça, o sangue precioso de seu Filho Jesus Cristo.

Hoje se usa para curar certas doenças a transfusão do sangue de uma pessoa robusta para uma fraca. Maria usa também deste remédio para fortalecer as almas anêmicas. O sangue que se transfundiu das veias de Maria para as de Jesus, por via de geração, é o sangue que se nos oferece como bebida na participação da Eucaristia. *Sanguis meus vere est potus.* (Jo. 6, 56) E como o sangue transfundido começa a ser próprio da pessoa, em que se transfunde, é o próprio sangue de Jesus que recebemos na Eucaristia.

É por este motivo que a Igreja consentiu que se desse a Maria o título de "Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento", cuja imagem se representa com um cális e uma hóstia. Ela, com efeito, está em íntima relação com a Eucaristia. Assiste ao sacrifício da Missa como assistiu, no monte Calvário, ao de seu Filho na cruz. Lá assistiu como corredentora, ao altar como consacerdotisa pela união misteriosa, em que está com Cristo.

Ela continua a oferecê-LO ao Pai com o mesmo amor e espírito com que O ofereceu então pela salvação do mundo. É esta uma grande consolação para os sacerdotes poderem, pelas mãos puríssimas de Maria, oferecer a Deus Altíssimo a Vítima imaculada do altar, e confiar que ela supra as deficiências e distrações, na celebração de tão augusto sacramento.

Maria dá-nos as graças

Jesus deu a Maria largos poderes sobre nós. Confiou-lhe os tesouros divinos, para que os administrasse em nosso proveito. A fonte da vida divina não corre para nós do Coração de Jesus sem passar pelo Coração de Maria.

Mas não exageremos. As graças não vêm por junto e indistintamente às almas pelas mãos da Maria num jacto contínuo. Não é este o método divino. E Maria, que conhece perfeitamente as leis que Deus observa na distribuição das graças, se conforma com elas

em tudo. Assim como numa família é o pai que ganha o pão, e a mãe pertence fazer a distribuição dele, dando a cada filho o que lhe convém, do mesmo modo na família cristã. Jesus é o pai, que tem em seu poder todos os bens; mas é à Mãe que confia distribuí-los a cada filho segundo as precisões de cada um.

José do Egito, por ter ganhado as graças do rei Faraó e alcançado sobre ele grande ascendente pela sua virtude e sabedoria, foi nomeado o primeiro ministro do seu reino e distribuidor de seus tesouros. O mesmo fez Jesus com Maria. A sua dignidade de Mãe, a parte preponderante que teve na redenção, a sublime santidade de suas virtudes mereceu-lhe o primeiro lugar no reino do céu, e quando lá chegam as preces aflitivas dos homens, Jesus entrega-lhe o despacho delas dizendo como Faraó aos Israelitas a respeito de José: "Ide a Maria!"

E esta voz ressoou por toda a terra.

Tanto assim é que a prova está na afluência de fiéis que se precipitam em ondas humanas para os Santuários de Maria a suplicar o remédio de seus males. *Ide a Maria!* é o que nos pregam os ex-votos, que cobrem as paredes de seus templos: *Ide a Maria!* é o que estão bradando tantas capelas embelezando o cume dos montes, construídas em ação de graças por algum favor da Mãe de Deus. *Ide a Maria!* é o que nos dizem as velas ardendo em perpétuas constelações diante do altar, onde se venera a sua imagem. *Ide a Maria!* é a voz da Igreja convidando o povo cristão para o Mês de Maio, para a celebração do Mês do Rosário, para a recepção do Escapulário de Nossa Senhora do Carmo e para outras irmandades, em que a Mãe de misericórdia derrama, a mãos largas, os seus benefícios.

Para tornar mais sensível este mistério da intercessão de Maria, o B. Grignon de Montfort aproveita o apólogo de Rebeca e Jacob.

Jacob pelos cuidados de sua mãe Rebeca recebe do velho pai a bênção, que por direito de primogenitura devia pertencer a Esaú. O expediente maternal de Rebeca pode aplicar-se com toda a verossemelhança ao nosso caso. Nós não merecíamos a bênção do Pai celeste, porque éramos pecadores, mas a Virgem, aceitando ser Mãe de Jesus, cobriu-nos com os méritos de Cristo e assim apresentou-nos ao Pai, que, vendo em nós outros "Jesus", não pôde deixar de nos admitir ao seu amor.

O fato de Caná de Galileia é sintomático na presente questão. Jesus apressa a hora de fazer milagres não por outro motivo senão porque Maria se interpôs entre Ele e os noivos obtendo a conversão da água em vinho. Isto prova o poder de mediação, que Maria tem junto de seu Filho e como Deus quer, em sua Providência, que todas as graças, que há-de conceder aos homens, passem pelas mãos de sua Mãe.

Os Doutores da Igreja, para dar mais força a esta opinião, apoiam-se no famoso texto do Gênesis: "Uma mulher te esmagará a cabeça".

Comparam Eva com Maria.

Maria é a nossa Eva, o pescoço da Igreja, de que Jesus é a cabeça. Da cabeça ao resto do corpo nada passa senão através do pescoço; do mesmo modo, de Jesus para nós as graças devem necessariamente passar por Maria.

Se a Igreja aprovou uma festa de Maria Medianeira de todas as graças, é que há nela um ponto de doutrina, que todos devemos admitir. Reserva-se, todavia, o direito de proclamá-la, um dia, como dogma católico.

A tradição e piedade dos fiéis consagrou esta verdade, de ser Maria a Dispenseira de todas as graças, na imagem que a representa de braços estendidos e mãos abertas despedindo raios luminosos, que simbolizam as graças, que de suas mãos como por canais, estão continuamente correndo para os homens.

Felicitemos, pois, a nossa Mãe do céu e alegremo-nos de que nada nos é dado por Deus, que não passe pelas mãos benditas de Maria. Mesmo quando pedimos a outro Santo ou Santa, Maria lá está presidindo à mercê que nos é feita. Ela se alegra em se ver solicitada por nossas preces e em nos poder ser boa em nossas aflitivas necessidades.

E mais pronta está a nos socorrer, quando o que lhe pedimos tende a nos tornar mais semelhantes a seu divino Filho. Examinemos a nossa devoção a Maria, e vejamos se temos cumprido os deveres, que nos obrigam ao seu culto, persuadindo-nos que nunca seremos verdadeiros imitadores de Cristo sem uma terna devoção a Maria.

O Padre e a devoção do Rosário

Todo o sacerdote se deve orgulhar de ser filho de Maria e por isso com deveres especiais a cumprir para com tão boa Mãe. Ora, todos sabemos que um dos deveres que temos para com ela, é honrá-la com a recitação do santo Rosário. É esta a vontade da Igreja manifestada nas admiráveis Encíclicas de Leão XIII, em que recomenda a todos os fiéis, sem excluir os Padres, a recitação do Rosário. Entre os filhos mais dedicados da Igreja são todos os sacerdotes, que devem servir de exemplo aos fiéis em tudo — *in omnibus* — como diz S. Paulo. (I Tim., IV, 12) Além disto o Concílio Plenário Brasileiro diz no

cânon 7: *Deiparam Virginem tertia saltem parte mariani Rosarii quotidie colant.* (J. C. 125, 2.º)

Para afervorar a classe sacerdotal neste exercício convém meditar que a devoção do Rosário é

gratíssima à Santíssima Virgem,
utilíssima à Igreja,
necessária ao sacerdote.

A devoção do Rosário é gratíssima à Santíssima Virgem por ser ela mesma a sua autora. No tempo em que graçava pelo sul da França a heresia albigense, S. Domingos com seus religiosos pregadores começou a combatê-la, mas sem resultado. Recorrendo à Santíssima Virgem e pedindo-lhe um meio para debelar tão horrível flagelo, a Senhora lhe recomendou que pregasse por toda a parte a recitação do Rosário. Assim o fez o Santo e em breve se extinguiu a funesta heresia.

Para confirmar ainda mais esta sua vontade, a Mãe de Deus nas várias aparições, em que se tem manifestado aos homens, sobretudo em Lourdes e em Fátima, se apresentou com o Rosário pendente do braço, recomendando aos videntes a sua recitação.

Outro motivo por que o Rosário é gratíssimo à Santíssima Virgem, é ser composto de orações feitas pela Santíssima Trindade. Deus é o autor do Padre nosso e Deus o autor da Ave Maria. "E como a obra era tão grande, diz o Pe. Vieira, de tal modo se empenhou nela Deus todo, que todas as Pessoas da Santíssima Trindade a repartiram entre Si. A Pessoa do Filho fez inteiramente o Padre-nosso pronunciando-o por sua própria boca; a Pessoa do Pai começou a Ave-Maria, pronunciada por boca do anjo; e a Pessoa do Espírito Santo a continuou por boca de Santa Isabel e a acabou por boca da Igreja.

E o que dizemos das orações, podemos dizer dos mistérios. Todos eles são de Deus e pertencem à vida, morte e ressurreição de Cristo. E contudo os Gozosos se atribuem particularmente ao Pai, que pela Incarnação nos deu o seu Filho; os Dolorosos particularmente se atribuem ao Filho, que pela Paixão nos deu seu sangue e com ele nos remiu; os Gloriosos particularmente se atribuem ao Espírito Santo, que para nossa justificação se nos deu a Si mesmo descendo do céu.

Um louvor é tanto mais apreciado quanto vem de pessoas mais altamente colocadas. Ora, os louvores que se dão a Maria, na recitação do Rosário, são proferidos pela Santíssima Trindade.

Tendo, pois, o Rosário por autor a Deus e a Deus todo em todas as pessoas divinas, que o ditaram, que devoção, que fé ou que entendimento cristão haverá de tão errado juízo, que anteponha quaisquer outras orações à do Rosário por mais aprovadas e qualificadas que pareçam debaixo de qualquer outro nome? (Vieira, Sermões do Rosário, vol. 10, p. 166)

A este motivo podemos juntar outro que torna o Rosário não menos grato à Santíssima Virgem: é que no Rosário não podemos errar no que pedimos a Deus, nem Deus nos negar o que Lhe pedimos.

S. Paulo diz absolutamente, que nenhum homem, quando ora, sabe o que lhe convém pedir a Deus — *Quid oremus sicut oportet nescimus.* (Rom. 8, 26) Daqui vem o errarem muitos naquilo que pedem a Deus, como erraram os filhos de Zebedeu em pedir duas cadeiras no reino de Cristo. Porque segundo S. João Damasceno, a oração deve ser de coisas decentes: *Oratio est petitio decentium a Deo.* (De Fide orthodoxa, c. 28)

Ora, a oração dos dois discípulos nem era decente da parte de Cristo nem da parte deles. Pois que maior arrogância que pedirem dois pescadores as primeiras cadeiras do seu reino? E que maior inconveniência da parte de Cristo que dar cadeiras temporais a dois apóstolos, a quem tinha prometido as do reino eterno?

O mesmo sucedeu com S. Paulo, que pediu a Deus três vezes que o livrasse das moléstias do demônio, o que o Senhor não lhe quis conceder, porque era mais conveniente à sua perfeição que as padecesse.

E poderá suceder o mesmo aos que rezam o Rosário? De nenhum modo. Porque estes são os privilégios singulares concedidos unicamente às suas orações, e a nenhuma outra. Nem podem errar no que pedem, porque pedem o que lhes ensinou Deus nem lhes pode negar o que pedirem, porque pedem o que o mesmo Deus lhes prometeu. (Ib. p. 371)

Não menos agradam à Mãe de Deus as coisas que no Rosário lhe pedimos, que são as mais altas e necessárias à nossa salvação. Não lhe pedimos nem riquezas, nem honras, nem longa vida, nem coisa alguma da terra, mas que venha a nós o reino de Deus, que se faça a sua vontade, que seja glorificado o seu Nome, que nos perdoe os nossos pecados e que nos assista na hora da nossa morte e que nos leve ao reino do céu.

O que principalmente na recitação do Rosário faz as complacências da Mãe de Deus é a meditação dos mistérios da vida, morte e ressurreição de seu Filho, pois nada lhe foi tão caro na terra, e continua a sê-lo no céu, como a recordação do que Jesus fez por nos salvar.

Nossa Senhora instituindo o Rosário, fê-lo atendendo às duas partes de nossa natureza, corpo e espírito. Ao corpo pertence a recitação vocal, ao espírito a meditação. Pensam erradamente aqueles que se limitam à recitação vocal das orações sem cuidarem na meditação. “Os que assim o rezam, diz o Pe. Vieira, falsamente se arrogam o nome de dovotos da Senhora e do seu Rosário. O Rosário, que a

Senhora instituiu, não é esse; logo não são devotos do Rosário. Pois que são? Quando muito são rezadores, e por isso cegos ou merceiros". (Ib. p. 327).

E como se há-de fazer esta meditação? Parar em cada mistério meditando-o e ouvindo o que Deus nos diz ou argui. Ponhamos exemplo nos mistérios Gozosos.

No mistério da Encarnação diz-me Deus que se fez homem por amor de mim e para me fazer filho de Deus. E de que me argui? De que fazendo por mim o que não fez pelos anjos, e devendo como filho de Deus viver uma vida divina, nem vivo como filho de Deus, nem vivo como anjo, nem vivo como homem, senão talvez como bruto.

No mistério da Visitação, o que me diz é que no mesmo instante em que se viu feito homem, partiu logo para as montanhas da Judeia a santificar o Batista e livrá-lo do pecado original. E de que me argui? De que indo Ele antes de nascer a tirar do pecado um homem, que ainda não era nascido, eu tenha tão pouco horror ao pecado, que me deixe estar e continuar nele sem temor, sem cuidado e sem pena.

No mistério do Nascimento o que me diz é que nasceu em um portal por não ter casa, e esteve reclinado em uma manjedoura por não ter berço. E que me ergui? De que eu me não contente com a comodidade natural e com o necessário para a vida, senão com a superfluidade, com o luxo, com os excessos, esquecido de que nasci para a alma morar no céu e o corpo na sepultura.

No mistério da Apresentação no templo diz-me que obedeceu à lei sem ser obrigado a ela, e que aos quarenta dias de nascido se consagrou todo a Deus. E de que me argui? De que comparados aqueles quarenta dias com os meus quarenta anos e com os meus cinquenta e ainda mais, eu me lembre tão pouco do que prometi quando fui batizado e renunciei a Satanás e a todas as suas pompas.

No mistério, enfim, do Menino bem perdido e melhor achado, o que me diz é que deixou sua própria Mãe por tratar só de Deus e defender sua causa. E de que me argui? De que, quem O perdeu sem culpa, O buscasse com tanta dor, e que não tenha eu dor de O ter perdido tantas vezes, e por tão graves culpas e tão repetidas: que O perca com muito meu gosto, e podendo-O achar tão facilmente, O não busque. (Ib. p. 341)

Para conclusão deste ponto vou mostrar-vos num exemplo quanto a Mãe de Deus se agrada da recitação do Rosário.

Houve um grande rei, conta o Pe. Vieira, mau e vicioso de todos os quatro costados, que são as quatro obrigações de rei para com Deus, para com os vassallos, para com os estranhos e para consigo, às quais todas faltou, vindo a morrer sem emenda. Sendo postas na balança as suas más obras e não tendo nenhuma boa que se contrapesasse, foi condenado. Vindo os demônios para o levar ao inferno, de repente

aparece a Mãe de Deus com um rosário na mão. Coloca-o no outro prato da balança e faz subir o prato das más ações. Foi o casa que aquele rei como único sinal de cristandade trazia um rosário pendente da cinta sem todavia o rezar, mas era causa de que à sua imitação os seus vassalos o trouxessem também não por luxo ou cerimônia, porque todos o rezavam. Este rosário, pois, não rezado, mas ocasião de que outros o rezassem, valeu ao rei a sua salvação. (Ib. p. II do V. II)

Utilíssimo à Igreja

O Espírito Santo disse de sua esposa: "Terrível como um exército em linha de batalha". Maria, a quem se aplicam estas palavras, é verdadeiramente terrível para os inimigos da Igreja e do povo cristão. Temam-na os herejes, pois com seu pé esmagou a hidra de todas as heresias. Temam-na os inimigos da cristandade, pois Maria é a *Torre de David*, donde pendem milhares de escudos. Temam-na os inimigos de Jesus Cristo, pois Maria saberá combater por seu Filho e defender o seu Vigário na terra. Temam-na os espíritos malignos, pois debalde lutarão contra a Mulher Forte, a Virgem Poderosa, que no primeiro instante de seu ser esmagou a cabeça do dragão infernal.

Fiada neste poder de Maria, a Igreja valeu-se de seu patrocínio nos grandes perigos, por que passou nos vinte séculos que tem de existência. Desde que surgiu na cristandade a recitação do Rosário, viram-se logo os inumeráveis frutos, que dele dimanaram para a república cristã.

Entre estes frutos sobressai a vitória, que o Papa Pio V auxiliado com as armas de vários príncipes cristãos ganhou junto das ilhas Equínadas contra o poderosíssimo império da Turquia.

Gregório XIII dando testemunho autêntico desta vitória mandou que em todas as igrejas, em que houvesse um altar de Nossa Senhora do Rosário, se celebrasse perpetuamente o seu Ofício no primeiro domingo de outubro.

O Papa Clemente XI teve por certo também que a vitória ganha em 1716 na Ungria por Carlos VI contra inumeráveis tropas turcas, foi alcançada pelas preces públicas, que a Irmandade do Santíssimo Rosário fazia em Roma. Foi igualmente atribuída ao poder do Rosário a libertação da ilha de Córçira da opressão da Lua Otomana.

A época que atravessamos não é menos infesta à cristandade nem os inimigos da Igreja menos formidáveis. Se não temos que lutar contra turcos e muçulmanos, temos o neo-paganismo moderno, que se introduz sornateiramente na comunidade cristã, temos a imprensa atea e pornográfica, que lança a mãos cheias, para o meio da sociedade, a desmoralização e o ateísmo, temos a nudez das praias,

a corrupção dos cinemas, a indiferença religiosa na escola e na família e tantos outros males, que é preciso combater não com a espada em punho, mas com o Rosário na mão.

O imortal Pontífice Leão XIII, vendo os grandes perigos, que ameaçavam a Igreja, e prevendo as enormes tempestades, que ameaçavam cair sobre a barca de Pedro, exortou toda a cristandade em numerosas Encíclicas à recitação do Rosário no mês de outubro.

Esta é também a voz de nosso Santíssimo Padre Pio XII que confiando na oração da inocência, apela para todos os colégios católicos para dirigir ao céu, durante o mês de outubro, uma cruzada de orações para obter da Rainha e Mãe de misericórdia a cessação dos males que afligem a humanidade.

Nós temos no Evangelho a segurança de obter de Maria tudo que a Igreja precisa nos tempos calamitosos por que está passando. Nas bodas de Caná bastou uma palavra para obter de seu divino Filho o milagre da água convertida em vinho. Foi em atenção à sua prece que Jesus apressou o tempo de manifestar ao mundo o poder de fazer milagres. E Maria será agora menos poderosa em obter para a Igreja as graças que lhe são necessárias? Interessar-se-á menos pela Igreja, esposa diletíssima de seu Filho, do que pelos noivos de Caná?

Oremos. O Rosário é uma força, que é mister utilizar como meio de apostolado. Muitos que não se convertem com a pregação, convertem-se com o Rosário. Quem sabe se os males que há numa paróquia deixariam de existir, se o Vigário fosse mais assíduo em rezar o seu Terço?...

O primeiro uso do Rosário foi para combater as heresias. Hoje a heresia universal é a negação de Deus. Para a combater é preciso que cada vigário seja outro S. Domingos, e que pregue como ele. O Papa Gregório IX referindo os efeitos maravilhosos de sua pregação, diz na Bula da canonização do mesmo Santo, que a sua pregação era como um arco, que despedia setas contra os corações de carne, e que a sua voz era como um trovão do céu, que fulminava raios contra os entendimentos de pedra e fazia tremer a terra das seitas dos hereges. (Vieira, Ser. do Rosário, V. II, p. 157)

Utilíssima ao Sacerdote

A recitação do Rosário é, sem dúvida, para todos os fiéis uma fonte de abundantíssimas graças; mas o sacerdote, pela sua dignidade mais elevada e cópia de luzes mais abundante, costuma tirar desta devoção maiores frutos espirituais, pois a Igreja espera dele uma recitação do santo Rosário mais inteligente, mais fervorosa e mais atenta.

Se a todos os cristãos se recomenda a prática desta devoção à Mãe de Deus pela muita necessidade que todos têm do seu auxílio, quanto mais se deve recomendar aos sacerdotes, que no culto de Maria devem ser os primeiros a dar exemplo aos fiéis? E não têm eles menos necessidades do patrocínio da Virgem do Rosário pelas mais graves obrigações, que têm a cumprir, e pelos muitos perigos e tentações, a que andam expostos.

S. Francisco de Borja temia muito pela perseverança final daqueles que não tinham uma sincera devoção à Mãe de Deus. E segundo um dito de Santo Antônio, aquele que aspira aos favores celestes sem a intercessão de Maria, *sine alis tentat volare* — tenta voar sem asas. Assim o Rosário na mão do sacerdote é um sinal de que nele não se esfriou o calor da piedade e da vida interior, e de que vai num contínuo voo para a perfeição.

O sacerdote, quando recita o Rosário, identifica a sua vida com a do Salvador. O Rosário divide-se em quinze mistérios, Gozosos, Dolorosos e Gloriosos, que resumem a vida do sacerdote, que toda é composta de gozos, de tristezas e de glórias. É, pois, sumamente jucundo ao sacerdote quando medita os misterios Gozosos de Jesus juntar a eles os seus próprios gozos, quando medita os Dolorosos unir aos sofrimentos de Jesus os seus próprios sofrimentos, e quando medita os Gloriosos associar as suas alegrias e triunfos às alegrias e triunfos do Salvador.

E os mesmos sentimentos pode experimentar com relação a Maria, unindo às dela as suas próprias alegrias, dores e glórias. Suponhamos que está meditando os mistérios Gloriosos: Maria alegrou-se intimamente com a Ressurreição de seu Filho. Assim o sacerdote unindo suas alegrias às de Maria, alegra-se pela ressurreição de muitos de seus filhos espirituais, que pelo seu zelo fez sair do sepulcro de seus pecados.

Maria alegrou-se ao presenciar a gloriosa Ascensão de seu Filho ao céu. Assim o sacerdote se alegra docemente com as promessas dos bens eternos, que Deus tem preparado para os que O amam.

Maria alegrou-se com a vinda do Espírito Santo e com os dons que derramou sobre os Apóstolos. Assim o sacerdote se alegra com recordar que também, um dia, baixou sobre ele o Espírito Santo, quando recebeu as Ordens sacras.

Maria, quando viu terminar a sua carreira na terra, foi levada em corpo e alma pelos anjos ao céu. Assim o sacerdote se alenta no meio de seus trabalhos com a esperança de ir também, um dia, receber junto dela o prêmio de suas virtudes.

Maria alegrou-se ao ver-se exaltada acima de todos os anjos e santos e sentada à direita de seu Filho com a coroa da imortalidade.

Assim se alegra o sacerdote com a perspectiva de uma glória eterna que lhe será dada como recompensa do muito que sofreu pela glória de Deus e bem das almas.

No Rosário tem, pois, o sacerdote um excelente modo de oração, em que todos os dias se pode exercitar com sumo proveito para sua alma. É uma oração que põe todo o homem em atividade enquanto os dedos passam as contas e os lábios murmuram as Ave-Marias, o espirito eleva-se até Deus e com Ele se une o coração e a vontade.

Depois de ter rastejado um pouco pela terra, o pensamento eleva-se como o avião que decola do solo, para se engolfar entre as nuvens, onde não dá fé do ruído, que vai pelo mundo. Esta comparação se assemelha à de Santa Teresa de Ávila, que dizia que o Rosário é uma cadeia que prende a terra ao céu.

O Padre e S. José

Representemo-nos S. José, fugindo com sua esposa, para o Egito, a fim de salvar o Menino Jesus das mãos de Herodes.

Peçamos a graça de sermos, a exemplo de S. José, generosos instrumentos nas mãos de Deus.

Ensinam os mestres da vida espiritual, que para alcançar a santidade ajuda muito desempenhar devotamente aqueles cargos, em que mais se exercite a humildade e a caridade; e quanto cada um mais se unir com Deus, e mais liberal se mostrar com sua divina Majestade, tanto mais liberal O experimentará para consigo. Basta, pois, para louvar S. José, meditar quão devotamente se exercitou nos misteres humildes pela glória de Deus, e depois considerar como Nosso Senhor lhe premiou esta devoção com preciosos dons.

1. S. José foi, nas mãos de Deus, um instrumento generoso.

Segundo a doutrina de Santo Tomás, devoção não é outra coisa senão uma vontade prontíssima para fazer tudo que se relacione com o serviço de Deus. Neste sentido a devoção de S. José foi admirável, porque sendo ele de régia estirpe, pois descendia da nobilíssima família dos reis de Judá e casa de David, se fez voluntariamente pobre, e se ocultou numa cidade, que era aos Judeus objeto de zombaria, e lá viveu escondido por toda a vida, tendo por cetro de realza os duros instrumentos de sua arte fabril.

Nós também nos devemos apresentar a Deus como vítimas generosas da sua glória, sacrificando por Ele e pelas almas todos os nossos

gostos, evitando os grandes centros e os aplausos dos homens, e realizando em nós aquelas palavras da Imitação de Cristo: "*Ama nesciri et pro nihilo reputari*".

Em segundo lugar, porque a glória de Deus e o bem de nossa alma exigia, que o Verbo eterno se fizesse homem e passasse a vida na pobreza, no trabalho e na privação. Para isto convinha que seu pai nutrício O acompanhasse nestas características de sua vida mortal. E S. José abraçou, generosamente, esta vida penosa e nela permaneceu, constantemente, sem nunca desfalecer.

Tal deve fazer todo o Padre, se quer ser um instrumento nas mãos de Deus. A pobreza, o trabalho e as privações devem ser companheiros de sua vida apostólica, tomando como ditas a si as palavras que Jesus disse a seus discípulos, quando os mandou pregar: "*Sine auro, sine virga, sine pera, sine duabus tunicis*. (Luc. 9, 3)

Pedia a glória de Deus e a salvação das almas que Jesus, ainda menino, fosse desterrado para o Egito e lá permanecesse por algum tempo em suma privação de tudo. Mas para isto era mister que seu pai putativo fugisse com Ele, de noite, e fosse partilhar com Ele todas as arguras do desterro. E S. José abraçou, generosamente, todas as conseqüências da ordem divina, que não podiam deixar de ser muito penosas.

Também o Padre tem que viver desterrado e peregrino sobre a terra, aceitando, com a resignação de S. José, a ordem de seu bispo, quando o mudar de freguesia e desterrar para alguma paróquia mais afastada e trabalhosa. Então é a ocasião de oferecer a Deus o sacrifício de seus gostos e inclinações pessoais pelo bem das almas.

Pedia a glória de Deus e o bem das almas, que os pais aprendessem a separar-se dos filhos, quando Deus se dignasse chamá-los para vida de maior perfeição; mas para isto era necessário que Jesus, aos doze anos, ficasse em Jerusalém entre os Doutores, sem prevenir os pais, causando-lhes assim uma dor incalculável. S. José, neste mistério, foi submetido a uma das mais dolorosas provas de sua vida; mas a firmeza com que a venceu, manifestou mais uma vez a sua generosidade em se pôr nas mãos de Deus como instrumento de sua glória.

Também o Padre para glória de Deus e bem das almas, deve desapegar o coração de parentes e amigos, e estar pronto a deixar o pai e a mãe para se entregar mais livremente às obras do serviço de Deus e bem das almas, ao exercício da virtude e ao estudo de sua própria santificação.

Pedia a glória de Deus e a salvação do mundo, que a ideia de pai carnal e temporal de Jesus estivesse longe da mente dos Judeus; e, por conseguinte, que S. José de nenhum modo aparecesse durante os três anos da vida pública do Salvador. Por isso permitiu Deus que S. José morresse, segundo é tradição, antes de ver os milagres

de Jesus, de O ver redivivo e ressuscitado do sepulcro e subir glorio-
samente ao céu. Esta morte e esta privação sofreu S. José com toda
a resignação, mostrando-se, até ao fim da vida, um instrumento ge-
neroso nas mãos de Deus.

Também o Padre que se dedica à glória de Deus e quer ser um
instrumento em suas mãos, deve resignar-se a morrer para o mundo
e a todas as suas vaidades, aceitando até a morte real com verdadeira
resignação na vontade divina, desejando que Deus cumpra em si os
planos da sua sabedoria.

Instrumento glorioso

Se José se pôs nas mãos de Deus, como um instrumento generoso,
prestando-se a tudo em que o quisesse empregar, não menos generoso
foi Deus em lhe outorgar os mais preciosos dons, que o elevaram na
terra a uma incomparável glória.

Deus elevou, na terra, S. José a uma glória, que não teve outra
igual criatura alguma, pois constituiu-o esposo da Mãe de Deus e
Pai nutridor de seu Filho Unigênito. Tesouros tão preciosos não os
confiou Deus senão a S. José, pois depositava nele completa confiança
de que se desempenharia cabalmente de sua guarda. A exaltação de
Maria sobre todas as criaturas dá também a S. José um lugar proe-
minente, que o destaca de todos os homens e o eleva, no céu, a uma
glória acima de todos os Santos. Elegendo-o para Pai putativo de
Jesus, deu-lhe a honra de fazer as suas vezes, na terra, junto de seu
Filho.

Além disto, fê-lo Deus participante dos sublimes mistérios da
Redenção. Estando perplexo sobre o estado de sua esposa, mandou-lhe
Deus um anjo que o tirasse desta perplexidade, declarando-lhe o que
nela se operara por obra do Espírito Santo. Ademais, S. José entrava
nos segredos de Deus a respeito da vida infantil do Salvador, rece-
bendo, por intermédio de um anjo, as ordens do Eterno Pai nas oca-
siões em que era mister tomar uma resolução decisiva. É em vista
disto que S. Bernardo diz, que S. José era como o auxilliar fidelissimo
de Deus. Desta confiança, que a SS. Trindade dispensou a S. José,
resultou para ele tanta glória, que mal se pode excogitar maior na
terra. S. José se pode considerar como cooperador de Jesus na obra
de nossa Redenção, pois trabalhou por lhe sustentar a vida, com que
havia de remir o gênero humano. A ele, portanto, cabe parte da
glória que Jesus recebe no céu pela grande obra da regeneração do
mundo.

Outro favor exímio, com que Deus exaltou S. José, foi admiti-lo
ao convívio de Jesus e Maria. Quem não se daria por feliz em viver,
um dia que fosse, em companhia de Jesus e Maria na casa de Nazaré?

Pois S. José viveu, não dias nem meses, mas muitos anos, sob o mesmo teto com o Rei dos reis e com a rainha dos Anjos. Já o santo profeta David, de quem S. José era oriundo, se referiu a esta sua glória, dizendo : "Felizes os que habitam, Senhor, em tua casa". (Sal. 83, 5)

A todas estas jóias, que exornam o seu diadema de glória, junta-se a pérola de uma admirável castidade, que a piedade cristã simboliza no lírio, com que são representadas as imagens do glorioso Patriarca. Era tão casto S. José, que Maria, que se perturbou ao ver entrar em seu aposento um anjo em forma humana, não duvidou, iluminada por luz celeste, viver por tantos anos com seu castíssimo Esposo em perfeita virgindade. Esta pureza sobre-humana era-lhe comunicada pela mesma Senhora e por Jesus, pois era impossível viver em contacto, tantos anos, com pessoas tão puras, sem se lhe apegar a mesma pureza.

Outra pérola que fulgura na coroa de S. José, é o legítimo império, que lhe foi dado sobre o Filho de Deus e sua santíssima Mãe. Deus manda nos ventos e nas tempestades, na vida e na morte, mas José mandou no mesmo Deus, que se submeteu à sua vontade e se deixou guiar por sua prudência em todos os passos de sua vida. Grande foi a glória, que teve José do Egito, quando o rei Faraó lhe confiou todos os seus reinos e vassallos, constituindo-o primeiro ministro de sua corte. Mas que tem que ver esta glória com a de S. José, a quem Deus fez príncipe de todas as suas possessões ?

A estas brilhantíssimas jóias, que aformoseiam a coroa de S. José, vem juntar-se outra de não menos brilho, que é a alta contemplação, com que foi adornado. Deus lhe deu a conhecer os arcanos altíssimos de sua sabedoria, e José se penetrava deles tão profundamente, que nada mais o prendia à terra, mas vivia todo absorvido na contemplação das coisas do céu. Além disto, tinha sempre diante dos olhos o Verbo Eterno, feito menino, e esta vista o conservava sempre em altíssimas elevações mentais, que o inundavam das mais doces consolações do espírito. Concorria, sumamente, para esta vida contemplativa o silêncio e recolhimento, que reinava na casa de Nazaré, e a transformava num verdadeiro templo de oração. Não consta do Evangelho, que S. José dissesse uma só palavra, julgando-se sem fala diante dos seres tão santos, entre os quais vivia, e este silêncio concorria, não pouco, para se não distrair do íntimo trato e familiar conversação com Deus.

Todos estes dons, com que Deus aformoseou o seu instrumento, foram coroados com o maior de todos, que é a perseverança final. A morte de S. José foi a mais doce que se pode ter na terra, pois morreu assistido por Jesus e Maria. Dele se pode dizer, que morreu verdadeiramente no Senhor. "*Beati mortui qui in Domino moriuntur*".

Morte feliz com tal companhia, pois ali não pode ter acesso o demônio para lhe perturbar a consciência. Morte feliz com relação ao passado, pois a alma de José não encontra nada que a inquiete, por ter gasto toda a sua vida fazendo a vontade de Deus. Morte feliz com relação ao futuro, pois não tem que temer o comparecimento no tribunal do divino Juiz, que está à sua cabeceira, ajudando-o a bem morrer. Morte feliz enquanto à segurança da salvação, pois esta não pode faltar a quem morre nos braços de Jesus e Maria. Morte feliz enquanto ao prêmio, pois tendo sido fiel no pouco, Deus o fará príncipe no seu reino e constituirá senhor de sua casa. "*Constituit eum dominum domus suae*". (Sal. 104, 21)

Aproximação entre o Padre e S. José

Também o sacerdote, se for um instrumento generoso nas mãos de Deus, para a salvação das almas, receberá d'Ele dons, senão iguais, ao menos semelhantes aos de S. José.

Deus continuará a honrá-lo com a glória de ser seu ministro, e se dará por contente de repousar em seu coração puro, e de lhe comunicar graças abundantes por meio da Eucaristia e celebração da santa Missa. A honra, que Deus concede ao homem, fazendo-o seu ministro, supera todas as honras da terra e do céu, pois, como diz Cassiano, o Padre só tem a Deus superior a si: *Soli Deo et Creatori tuo inferior es*.

Como a S. José, Deus faz o sacerdote participante dos mistérios, que o Espírito Santo opera nas almas, e serve-se dele como intermediário entre o céu e a terra para reabilitar os pecadores na graça santificante. A glória do sacerdote se colige das funções, que Deus lhe confiou. Ora, Deus escolheu o Padre para, na terra, tratar de seus interesses em bem das almas, de O representar na oblação do sacrifício eucarístico e no tribunal da penitência. Por isso, os padres formam o que S. Cirilo chama a classe aplicada aos divinos ministérios: *Genus divinis ministeriis mancipatum*.

Como José, o Padre, que celebra, é posto em contacto com Jesus, e nisto é mais feliz que S. José, pois este apenas gozava do trato e familiaridade com Deus, da sua presença externa e da suavidade de sua voz; enquanto o Padre se une intimamente com Jesus pela sagrada comunhão, não só O trata com as mãos, no altar, mas recebe-O em seu coração e pode demorar-se com Ele por algum tempo em íntimos colóquios.

Como José, o Padre exerce o seu poder sobre o corpo de Jesus Cristo: já o toma nas mãos, já o coloca sobre o corporal, já o tira

do sacrário, já o dá a comungar aos fiéis, já o leva pelas ruas da cidade em procissão, já, finalmente, o conduz a casa dos doentes para os preparar para a última viagem com o santo Viático. Aos Padres se podem aplicar as palavras do Evangelho a respeito de Jesus a seus pais: "*Et erat subditus illis*". Esta é uma glória, que não há igual na sagrada Escritura. Nela se conta como Deus obedeceu a voz de Josué: *Odebiente Deo voci hominis*", quando fez parar o sol. Mas que tem que ver esta glória com a do Padre, que, com poucas palavras pronunciadas no momento da consagração, vê Deus obedecer-lhe baixando do céu sobre o altar? E S. Lourenço Justiniano o eleva, por este motivo, acima dos anjos: *Hi assistunt Deo, illi autem contrectant manibus, tribuunt et in se recipiunt*.

Como José, o Padre recebe de Deus uma graça especial de ser casto. O contacto divino com o corpo e sangue de Jesus, de que se nutre na comunhão, deve forçosamente produzir na alma do sacerdote um aumento de castidade, pois está escrito que o vinho é gerador de virgens. Um dos efeitos da Eucaristia é amortecer o instinto da concupiscência e diminuir o *fomes peccati*, que nos veio, em herança, do pecado de nossos primeiros pais.

Como José, o Padre, que se oferece a Deus como instrumento de sua glória, recebe o dom da contemplação e da íntima união com Ele. A Missa e o Breviário oferecem-lhe matéria abundante para andar sempre unido com Deus e continuamente em sua presença pelo exercício da fé. É para imitar aquele bom vigário, que sempre que viajava, a cavalo, por esses sertões, tirava o chapéu ao passar junto de alguma árvore carregada de flores ou de frutos, adorando a Deus, que tão liberal se mostrou com o homem em suas criaturas. Ou também o daquele outro vigário, que eu conheço, que santificava as suas viagens rezando o Salmo *Benedicite* ao ver desenrolar-se, diante de seus olhos, o quadro panorâmico da natureza.

Finalmente, como S. José, o Padre, que verdadeiramente se mostrou um generoso instrumento da glória de Deus, verá terminar a sua vida, que toda consagrou aos interesses de Jesus Cristo e ao bem das almas, com uma morte santa e cheia de confiança na misericórdia de Deus. Jesus, que tantas vezes teve nas mãos e deu a comungar aos outros, virá também confortá-lo na última agonia e assistir-lhe na derradeira hora para o levar ao seu reino, porque disse um dia: *Ubi ego sum et minister meus erit*. E depois de o ter feito passar, brevemente, pelo Purgatório, levá-lo-á para o seu reino e o colocará entre a jerarquia dos sacerdotes santos, dizendo-lhe ao impor-lhe a coroa da justiça: *Tu es sacerdos in aeternum*.

O Padre e o Purgatório

Como os nossos olhos descansam mais nas aparências das coisas do que penetram na essência dos objetos, parece-nos, ao vermos morrer alguém, que tudo se acaba com a morte. O fato, porém, é que, precisamente então, tudo começa aos olhos da fé. O que acabou foi nada, foi apenas o ligeiro ato de um drama, que todos representamos no palco deste mundo. Foi o desarmar de uma tenda para mudar de um lugar para outro. Foi o correr do pano, que nos pôs em presença das realidades de um novo mundo, que nós nunca imaginámos e por que andávamos ansiosos de conhecer.

A vida humana compõe-se de uma parcela de tempo e do total da eternidade. Enquanto vivemos neste mundo, estamos como que acampados, à maneira dos filhos de Israel, nas áridas planícies do deserto, às portas da Terra-da-Promissão, suspirando por entrar nesse país de delícias. Porém, só lá chegaremos depois de transpor o Mar-Vermelho, que nos separa dessa região bendita, onde encontraremos o porto final de nosso descanso, a cidade da Jerusalém celeste iluminada pelo eterno Sol da Divindade.

Antes, porém, de transpor o limiar dessa cidade verdadeiramente *maravilhosa*, encontraremos uma estação *intermediária*, onde as almas, que partem deste mundo sem a perfeita caridade, estacionam por algum tempo, antes de serem admitidas à presença de Deus e de se fixarem na eternidade propriamente dita.

Felizes as almas que lograram passar para esta estação intermediária sem naufragar na travessia do Mar-Negro da morte. Este lugar, intermediário entre o tempo e a eternidade propriamente dita, é uma estação de prova, de purificação, de expiação, que pode durar mais ou menos, segundo os méritos, com que sai, cada um, deste mundo. Só depois de terminado este prazo é que as almas entram a ver a Deus por toda a eternidade.

Este tempo preambular é de tristeza e esperança ao mesmo tempo. De tristeza, porque é o lugar do sofrimento, do desterro, da privação da vista de Deus. De esperança, porque todas aquelas almas ali detidas estão seguríssimas de, mais tarde ou mais cedo, irem gozar da visão beatífica.

É um lugar de trevas, pois ali não penetra o mais ténue raio do sol divino, nem o fogo, que atormenta as almas, emite a menor claridade, porque é de natureza muito diferente do nosso.

E é tão triste viver nas trevas!...

É um campo de concentração, onde se juntam todos aqueles que saíram deste mundo com dívidas para com Deus e ali ficarão até pagar o último ceitil. Todos sabemos o que foram os campos de

concentração durante a última guerra. Neles se aglomeravam todas as classes sociais: bispos, padres, religiosos, fiéis, enfim, de todas as designações eclesiásticas e civis. Os sofrimentos físicos e morais eram tantos, que os pobres concentrados preferiam a morte a continuar por mais tempo naquele suplício.

Mas tudo isto acabou com o raiar da aurora da paz.

O Purgatório é muito pior. Os reclusos nos campos de concentração eram, geralmente, vítimas inocentes da prepotência dos grandes e de incontidas vinganças políticas.

No Purgatório ninguém está injustamente. Todos lá descem carregados, mais ou menos, de responsabilidades. Os que neste mundo satisfizeram por suas faltas, têm menos que expiar e a sua demora lá é de poucos instantes. Mas os que partiram com um ato apenas de contrição no leito da morte, que enormes responsabilidades acarretam consigo! Porque diz a Eterna Verdade, que nada ficará sem castigo: *Nihil inultum remanebit.* (Liturgia)

Pois, como não-de reparar tantas omissões no cumprimento dos preceitos divinos, tantas profanações dos Sacramentos da Igreja, tantas injustiças, tantos escândalos, tantas intemperanças? Que responsabilidades pesam ali sobre os pais, que negligenciaram a educação dos filhos; sobre os filhos que negaram obediência aos pais; sobre os esposos, que profanaram o sacramento do matrimônio? E para entrarmos também neste rol, quantos sacerdotes terão ali que expiar o pouco zelo da glória de Deus e da salvação das almas; a negligência no cumprimento dos próprios deveres; o descuido da própria santificação?...

Se nisto somos descuidados, é porque não tomamos o peso a nossas responsabilidades, que só se podem avaliar justamente conhecendo a distância que vai do seio de Deus às humilhações do Calvário. O sangue de Cristo não se derramou em vão, e todos responderão pelo abuso que fizeram dele, ou profanando-o com sacrilégios, ou não o aproveitando para se purificarem de suas culpas.

Deus amou-nos com amor infinito e exige que Lhe paguemos com um amor senão igual, ao menos quanto é possível à criatura. Se não Lhe mostramos este amor, na terra, servindo-O, louvando-O e guardando os seus mandamentos, no Purgatório pagaremos essa dívida, ficando privados da sua vista, que é o maior tormento das almas: amar a Deus sem O ver e possuir.

Deus criou o homem por amor, e exige que a sua criatura viva no amor de quem a criou. Se faltar a este dever, verá diminuída a sua recompensa pelo muito ou pouco bem que fez.

A demora no Purgatório será a consequência.

Os que morrem no puro amor de Deus, não têm demora na antecâmara do céu, mas são logo admitidos ao gozo do Senhor: *Euge, serve bone et fidelis, intra in gaudium Domini tui.*

Por isso, os Mártires, que deram a vida por Deus, que é a maior prova de amor, são logo admitidos ao gozo da Glória, e, como afirma um santo Doutor da Igreja, faz injúria ao Mártir quem ora por ele.

Não será para reparar esta falta de amor, esta frieza e indiferença, em que vivem os homens, que Deus exige tantas vítimas de cataclismos, tanto sangue derramado nas guerras e revoluções, tantas almas crucificadas na cruz do sofrimento? É preciso correr muito sangue nos altares, são precisas muitas Missas para aplacar a divina Justiça irritada com tanta perversidade daqueles que saíram deste mundo sem uma verdadeira penitência. Para indenizar a Deus de tanta glória, que Lhe foi roubada, quantos séculos talvez de penas aguardam as almas túbias e relaxadas, naquela estância da purgação?

A Igreja não é estranha a estas responsabilidades e segue os fiéis defuntos até além-túmulo para os ajudar a desquitar-se das imensas dívidas, com que desceram àquela morada de expiação. Enquanto a vaidade humana se limita a funerais esplendorosos e a cobrir com as flores da saudade o ataúde, que encerra os restos mortais dos entes queridos, a Igreja, mais caridosa e menos sentimentalista, presta aos defuntos o que eles mais precisam, que são os sufrágios e as orações dos vivos. Não são os túmulos de mármore e as essas aparatosas que vão aliviar as almas no fogo expiatório. Que esbanjamento de riqueza, que, convertida em esmolas aos pobres, extinguiriam ou diminuiriam muito o ardor daquelas chamas! . . .

Não é o cúmulo da vaidade guardar em sarcófagos do mais fino mármore um punhado de cinza? Uma abadessa de Portugal, D. Leonor de Vasconcelos mandou rendilhar a cinzel a lousa de seu sepulcro e escrever em cima: *Dominus Deus decoravit me* — o Senhor Deus me adornou, tomando a Deus como autor de sua vaidade. Que insensatez !!!

Mas entremos já no assunto, que me propús: O Purgatório e o Padre. É para este que as almas estão erguendo as mãos suplicantes, pois todas sabem a influência que o Padre pode exercer naquele reino das trevas com a eficácia das suas orações e valor de seus sacrifícios. Falo do Padre e não do homem que é padre. Todo o mundo reconhece o seu poder, e, por isso, é a ele a quem primeiro recorre para acudir a seus mortos. Amigo que foi das almas neste mundo, o Padre continua a sê-lo no outro. Aqui na terra procurou ajudá-las a morrer na graça de Deus; lá libertá-las-á do fogo expiatório até as introduzir no reino da luz.

As almas do Purgatório convencidas que tiveram no Padre o seu maior amigo, que nunca recorreram a ele que não fossem atendidos, apela agora, em seus lamentos, para a sua clemência: *Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos, amici mei.*

E de fato, são os Padres que mais podem contribuir, com o sacrifício da Missa, para aliviar as almas em suas penas. A ação do Padre

sobre os fiéis não termina com a última bênção da terra, que vai receber os despojos mortais de um seu irmão. Não. A sua missão de caridade vai através do invisível, vai até ao Purgatório. Ele foi encarregado de restaurar a imagem de Deus nas almas, e este cuidado dura enquanto nelas faltar algum traço para o seu pleno aperfeiçoamento e assimilação a Jesus Cristo. Por isso, vai até pôr-lhes a última demão para as fazer entrar, perfeitamente purificadas e conformes ao divino Protótipo, na Pátria celeste.

Os Padres fazem o papel daquele Anjo, que descia sobre a piscina de Silóé a mover as águas, para que o primeiro doente que entrasse, fosse curado. Ao Purgatório descem não um só, mas muitos anjos, que são os sacerdotes, que na hora da santa Missa vão aplicar os méritos do sangue de Cristo a uma ou outra alma, que, em virtude do valor infinito do santo sacrifício, logo é levada à vista de Deus.

Por isso, é de grande interesse para as almas que aumente o número dos Padres, pois quanto mais Padres houver, mais vezes chegará ao Purgatório o influxo da sua oração e mais almas se libertarão daquele cárcere para entrar no reino do céu.

Com três ações sobretudo pode o sacerdote exercer, no Purgatório, um benéfico apostolado: a Missa, o Breviário e o Terço. A Missa é sempre um refrigério para as almas do Purgatório, ainda que a intenção primária não seja em favor delas, pois a hóstia, que oferece a Deus pelos vivos e defuntos, o *memento* pelos que descansaram em Cristo, a segunda intenção da Missa fazem baixar ao Purgatório um orvalho refrigerante, que abranda o ardor daquelas chamas, quando não as apagar de todo para algumas determinadas almas.

Com o Breviário pode, igualmente, o Padre prestar grande auxílio às almas dos fiéis defuntos, pela súplica frequente com que implora para elas o descanso eterno no fim de cada Hora canônica. E, se rezar o Breviário diante do Santíssimo Sacramento, ganha uma indulgência plenária, que pode caridosamente dispor em benefício de alguma alma em particular.

Com o Terço, ricamente indulgenciado, tem na mão um meio poderosíssimo para abrir o céu a muitas almas, cedendo-lhes o fruto desta boa obra. O Terço é como a corda de um anzol com que tira daquele mar de fogo as almas padecentes nele mergulhadas.

Além destes, tem o Padre outros meios de ser bom às almas do Purgatório. Se dar uma esmola a um pobre é um ato de suma caridade, os fiéis detidos no Purgatório são os mais pobres dos pobres, os grandes famintos de Deus, que, não se podendo ajudar por si mesmos, esperam dos vivos o óbulo da sua generosidade. São os mais dignos de compaixão, pois nada têm para remir a sua pena e saírem daquele cárcere, nem podem estender a mão à caridade dos fiéis, porque vivem isolados deles sem se poderem comunicar.

Mas dirá alguém: Para que nos preocupar com as almas do Purgatório, se elas têm segura a salvação? Não é melhor empregar toda a atividade com os pecadores, que estão em perigo de condenação?" e deixar as almas como as ovelhas do Bom Pastor a bom recado, e ir em busca da outra ovelha perdida?

Uma coisa não impede a outra. Podemos trabalhar ativamente com os pecadores sem esquecer as almas do Purgatório. A nossa caridade e compaixão deve estender-se a todos que sofrem. Compadecidos da miséria física dos mendigos, fundamos *Conferências* de S. Vicente de Paulo, *Cozinhas* econômicas, *Institutos* para socorro da mendicância. Mas o sofrimento moral não é menos digno de compaixão.

Facilmente nos comovemos com os males do próximo, porque são visíveis. Quando um menino aleijadinho se arrasta na rua, toda a gente se compadece e lhe dá uma esmola. As penas das almas do Purgatório, apesar de invisíveis, não são menos reais e cruciantes, e portanto, merecedoras de que nos compadeçamos delas e as socorramos.

A Igreja, que é Mestra da verdade, dá mais importância às almas do Purgatório do que à conversão dos pecadores. Por elas manda celebrar missas com frequência e concede a todos os sacerdotes, que, no dia dos Fieis Defuntos, celebrem três vezes o santo sacrifício com direito de altar privilegiado, em sufrágio dos mortos, o que não faz com nenhum dos pecadores.

E a razão é porque os pecadores têm meios abundantes para se salvarem, e, se se perdem, é por culpa própria. Pelo contrário, as almas do Purgatório nada podem fazer por si para se libertarem daquelas penas e irem gozar da vista de Deus.

Um célebre orador francês, o Pe. Bourdaloue, fala assim a este respeito: "Quem não admira esses homens apostólicos que atravessam os mares e vão em países bárbaros ganhar almas para Jesus Cristo? Mas sabemos que a dedicação pelas almas do Purgatório é uma espécie de zelo, que, em relação a seu objeto, não fica atrás do que se ocupa da conversão dos gentios e o supera até, em certo ponto, porque estas almas sendo santas, predestinadas e confirmadas em graça, são incomparavelmente mais nobres, mais queridas de Deus e mais dispostas para O glorificar. (Hoornaert, S. J. Face au devoir p.291)

Na Ordem das Mercês, fundada para a redenção dos cativos, os Mercedários levaram a dedicação até se substituírem pelos prisioneiros. Deus não nos exige tal heroísmo, para socorrermos as almas aprisioneadas no Purgatório.

Com pouco podemos auxiliá-las.

Imaginai que um homem está para se afogar, e vós, na praia, não tendes senão uma corda para lhe lançar. Não o faríeis?

Ora, as almas estão mergulhadas num mar de fogo. Quem se recusaria a dar-lhes a mão e tirá-las para fora?

E não precisamos de sacrificar o tempo, que devemos dar à conversão dos pecadores, para socorrer as almas padecentes. Com as mesmas obras que fazemos para bem daqueles podemos ir em socorro destas. Suponde que vos dizem: "Um de vossos parentes está no calabouço. Tomai esta chave e abri-lhe a porta".

Não é isto nenhuma hipótese: é a pura realidade. Todos que estão no Purgatório são nossos irmãos em Cristo. E Deus diz-nos: "Tomai a chave e abri a porta".

Senhor, que chave é esta?

É o voto heróico. É a oração. E', sobretudo, a santa Missa.

Os Padres, que fizeram o ato heróico, podem gozar da concessão de altar privilegiado, todos os dias do ano, isto é, todas as vezes que oferecem o santo sacrifício pelos defuntos, o que, depois do decreto do Santo Ofício de 19 de fevereiro de 1913, lhes é permitido em toda a Missa e com os paramentos de qualquer cor, nos dias não impedidos pelas rubricas. (Bering, Indul. t. I, n.º 830. Act. Ap. Sed. V, 122)

Esta chave é ainda a aplicação das indulgências, das quais assim fala o Direito Canônico: "Todos dêem grande importância às indulgências". (Cân. 911) "Todas as indulgências concedidas pelo Sumo Pontífice são aplicáveis às almas do Purgatório, se não se disser o contrário". (Cân. 930)

"O Vigário ou qualquer outro Padre, assistindo aos doentes, pode-lhes aplicar a bênção apostólica, com indulgência plenária no artigo de morte, segundo a fórmula indicada nos livros aprovados de liturgia; e não negligencie dar esta bênção". (Cân. 468)

Estimemos (sem contudo as considerar como receitas infalíveis e meios cômodos de ganhar o céu sem fazer o resto) as devoções e práticas especialmente enriquecidas de indulgências, como a Via-Sacra, o Escapulário do Carmo, medalhas escapularizadas, e outras.

Não esqueçamos este decreto do Santo Ofício: "Todos os que no primeiro sábado de um mês qualquer, tendo-se confessado e comungado, praticarem, em espírito de reparação, exercícios especiais em honra da Virgem Imaculada, poderão ganhar uma indulgência plenária aplicável às almas dos defuntos. (A. A. S., 30 Sept. 1912, p. 623)

Muitas almas do Purgatório não têm quem ore por elas pessoalmente, e só podem contar com esta oração comum: "As almas dos fiéis defuntos pela misericórdia de Deus descansem em paz". — Dentro em breve também nós seremos deste número. As pessoas, que ainda se lembram de nós, também morrerão e ficaremos compreendidos na rubrica geral: "*Almas do Purgatório*", pelas quais a Igreja continuará rezando até ao fim dos séculos.

O Padre com vistas ao futuro

No mês dos Mortos não é descabida uma vista ao futuro. Ainda que a morte se afigure a alguém muito distante, é certo que um dia virá. Um jovem fazia esta oração: "Meu Deus, fazei que, durante toda a minha vida, eu viva debruçado sobre o túmulo, em que a morte me deporá e abandonará para sempre". S. Silvestre santificou-se deste modo. Debruçado sobre o sepulcro, onde jazia o cadáver de um homem seu parente bem quisto de todos pela sua estranha gentileza, dizia: "O que este é, serei eu". E se retirou a viver vida eremítica. S. Francisco de Borja, num caso idêntico, desenganado do mundo deu uma volta à vida e se sepultou vivo na religião.

De dois modos se deve fazer a preparação para a morte: um *sobrenatural*, outro *natural*.

Sobrenaturalmente se prepara a morte com uma vida santa. Uma vida sem pecados, de perfeita conformidade com os Mandamentos de Deus, e passada no exercício perseverante das virtudes. Os pecados são os únicos obstáculos, que embaraçam e amarguram os últimos momentos da vida. Quem passou a existência longe de Deus, não pode deixar de sentir o espinho do remorso ao ter de responder pelos seus atos no tribunal da divina justiça.

Para isto ajuda pensar na *minha* morte. Na morte dos *outros* pensamos muitas vezes, porque se dá a cada passo e ouvimos no dobre dos sinos ou lemos nos jornais o aviso de seu passamento. Mas a morte dos outros não será a *minha*. Cada um morre como viveu. A morte na sua essência, que é a separação da alma do corpo, é a mesma para todos, mas as circunstâncias, que a acompanham, são geralmente diferentes. São estas que podem tornar a morte *aflitiva*, *perigosa* e *desastrada*.

Aflitiva. A morte, quando não é repentina, é sempre aflitiva. A íntima união da alma e do corpo é tão grande, que a sua separação, sendo naturalmente violenta, não se faz sem grande sofrimento. As doenças, de que se morre, são geralmente acompanhadas de tantas dores, que chegam a tirar o acordo ao moribundo. Para nos prepararmos para qualquer destes casos, convém armazenar em nosso espírito uma grande dose de conformidade com a vontade de Deus.

É aconselhável fazer um exercício de bem morrer enquanto se está em pleno uso dos sentidos. Pode ser que então não tenhamos todo o conhecimento para fazer uma oblação perfeita e consciente de nossa vida. Agora que estamos de posse de todas as nossas faculdades, faremos o que desejaríamos fazer então: o sacrifício de nossa vida e a aceitação resignada da vontade divina a nosso respeito. Para o que pode servir este ato de resignação: "Desejo que a minha morte seja

um ato da mais perfeita submissão, que como criatura possa fazer a meu Criador, que seja um ato da mais profunda adoração de sua Imensa Majestade, e uma alta proclamação dos direitos que tem sobre todo o meu ser. Senhor, ratifico tudo que houverdes por bem quanto ao tempo e quanto ao modo como hei-de morrer, tudo o que Vós quiserdes, como o quiserdes e quando o quiserdes. Ofereço-Vos agora os sofrimentos de então, a diminuição de minhas forças, tudo enfim, para confessar a vossa eterna soberania sobre a vida e a morte.

Perigosa. A morte é perigosa, quando se morre sem uma certeza moral da salvação. Quem passou a vida longe de Deus sem frequentar os sacramentos, sem praticar obras de caridade e morre com uns arremedos de contrição, está em grande perigo de se condenar. É pois de suma prudência afastar toda a causa que possa pôr em perigo a nossa alma e como aconselha S. Pedro tornar certa a nossa salvação: *Satagite ut per bona opera certam vestram vocationem et electionem faciatis.* (2 Petr. 1, 10)

Em negócio tão importante, qual é o da salvação, não convém ter dúvidas sobre o estado de graça de nossa alma.

Os perigos antevêm-se e remedeiam-se.

Se isto faz o homem para os negócios da vida temporal, quanto mais o deve fazer para assegurar os bens eternos!

Desastrada. Morte desastrada é a daqueles que não se preparam para ela com uma vida ajustada pela lei de Deus e morreram em pecado mortal. O desastre não pode ser maior, pois é perder a Deus por toda a eternidade e ser sepultado no inferno.

Para evitar esta qualidade de morte convém andar sempre na graça de Deus e nunca adormecer em pecado mortal, pois ninguém está livre de ser vítima de um colapso repentino.

A preparação sobrenatural deve juntar-se a natural.

Esta consiste em ter tudo em ordem: o livro das missas celebradas e por celebrar, as dívidas pagas, os danos reparados, o testamento feito e as últimas vontades manifestadas. Não convém escrever as disposições acerca do futuro do próprio mobiliário sem ter presente esta sugestão de um bom vigário: "Não quero que por minha morte sejam postos em almoeada os meus despojos. Os meus móveis servirão para ajudar algum neo-sacerdote".

Há também quem prepara o sepulcro e o epitáfio.

Sobre o túmulo de Murilo, na igreja de Santa Cruz em Sevilha, gravaram, a pedido do famoso pintor, estas duas simples palavras: *Vixit moriturus.* Viveu para morrer. Este pensamento se lhe gravou na mente com a meditação do Descimento da Cruz, que ele tinha por costume ir venerar todos os dias na sua igreja matriz. E fazia-o com tanta concentração que uma vez, indo o sacristão fechar a porta e vendo que Murilo não saía, disse-lhe: Então por que espera? Espero,

respondeu, que aqueles santos personagens acabem de desprender o Senhor da Cruz. A morte de Jesus gravou-se-lhe tão profundamente no espírito, que não mais se lhe apagou da mente o pensamento da morte.

Viver para morrer! — que bela resolução para toda a nossa vida! Se a tomássemos, quantas vaidades poríamos de parte, quantas obras praticariamos de verdadeiro mérito para o céu, quanto desprendimento de tudo que passa e morre !

Não menos expressivo é o epitáfio, que escolheu o general de-Sonis, que mandou insculpir, em sua lousa mortuária, estes dois dissilabos: *Miles Christi*. Soldado de Cristo.

E ele o foi.

Como S. Paulo, combateu o bom combate, viveu de sua fé de cristão no meio do ruído das batalhas, creu em Cristo e na imortalidade, e após uma vida cheia de virtudes, glorificou a Deus com uma morte santa.

Na igreja de S. Paulo em Londres lê-se num sepulcro de mármore *Dubius vixi, incertus moriar, quo eam nescio*.

Mons. Oligratti diz que leu este epitáfio : Aqui jaz um imbecil, que não soube donde veio nem o que fez no mundo e nem para onde vai. ("Domingo" 31 de Agosto de 1947).

Não quero passar em silêncio o epitáfio de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que mandou gravar em letras de bronze no seu túmulo de granito: *Bartolomeus hic pulvis est*. Assim pensavam os grandes vultos da história dos séculos de fé. Embebidos no pensamento da morte, empreenderam os grandes feitos, que os tornaram célebres no mundo, porque o pensar na morte faz ver o valor do tempo e a necessidade de bem o empregar.

Também me parece digno de menção o epitáfio de um célebre teólogo, Dumas Scoto, que resumiu nestas quatro palavras todo o programa de sua vida: *Bis mortuus, semel sepultus*. Duas vezes morto e uma só sepultado. Este o pensamento de um teólogo, que, melhor que ninguém, compreendeu o sentido da vida, o valor do tempo e a caducidade das coisas da terra. Para ele a vida já era morte, pois vivia como morto ao mundo e a todas as suas vaidades. Parece ter sido um convertido ou ouvinte do grande orador português, o Pe. Antônio Vieira, que pregava na cidade dos Papas sobre a terribilidade de ser a morte uma só: "Não há dúvida, dizia, que é terrível condição esta da morte; mas para quem terrível? Para quem morre quando morre. Porém quem morre antes de morrer, zomba dessa condição, e ri-se dessa terribilidade. Que se me dá a mim que a morte seja uma, se eu posso fazer que sejam duas? A morte não tem remédio depois, mas tem remédio antes.

E tinha razão, porque não se faz uma obra-prima de uma só vez. Por maioria de razão, a coisa maior de todas, que é bem morrer. Nada se aprende bem senão pelo exercício e pela prática. Como se aprende a pintar? pintando. Como se aprende a nadar? nadando. Assim se aprende a bem morrer, morrendo. Só o meditar na morte, não ensina a morrer, como só o pensar na leitura não ensina a ler. Convém, pois, morrer ao menos uma vez por experiência e para ensaio. Uma ópera nunca sai bem sem muito treino dos executores.

E qual é esta morte de experiência? É imaginar-nos no leito da morte desenganados dos médicos com a vela na mão prestes a aparecer diante de Deus, depois de recebidos todos os sacramentos. Que sentimentos seriam os nossos? Que desejaríamos ter feito? Que é que mais nos pesaria na consciência? E depois de um exame bem ponderado, tomar as resoluções práticas para ordenar a nossa vida.

Outra morte de experiência é considerar-nos agora quais desejaríamos encontrar-nos então. Então desejaríamos estar com a consciência tranquila depois duma confissão bem feita. Pois façamos isto mesmo. Que seja cada confissão como se fosse a última. Então desejaríamos ter empregado o tempo em obras do serviço de Deus e das almas. Pois agora redobremos de fervor em promover os interesses da Igreja e trabalhar pelo triunfo da religião. Então desejaríamos ter celebrado as nossas missas com toda a atenção, rezado o Breviário com mais recolhimento, feito nossa meditação diária com mais fervor e perseverança. Então desejaríamos ter combatido o nosso amor-próprio, resistido às tentações do demônio e da sensualidade. Então desejaríamos ter vivido mais para Deus do que para o mundo, mais para as almas do que para nossas comodidades e interesses. Pois agora é o tempo de tornar práticos esses desejos. *Dum tempus habemus operemur bonum.*

Se assim o fizermos, poderemos dizer como aquele bom vigário, que pediu que, em suas exéquias, se lessem aos fiéis estas palavras: "A morte não me surpreendeu, pois todos os dias a tive presente. Vivi familiarizado com ela e com Deus, e este pensamento foi a minha salva-guarda em todas as dificuldades e perigos de minha vida".

Outra morte de experiência pode ser considerar as palavras, que foram escritas na parede, enquanto o rei Baltazar se banqueteara lautamente: *Mane, Thecel, Phares*, que o profeta Daniel interpretou do modo seguinte :

Mane, foram contados teus dias;

Thecel, foste pesado na balança e encontrado tendo de menos ;

Phares, foi dividido o teu reino e entregue aos Persas.

Foram contados os teus dias: é o mesmo que dizer: acabou a tua vida. Que triste modo de acabar a vida foi o deste rei! No meio de

um banquete, satisfazendo as suas paixões, profanando sacrilegamente os vasos sagrados roubados ao templo de Jerusalém, foi chamado a prestar contas ao divino Juiz.

E se agora me fossem também contados os meus dias, que contas daria eu deles? Os dias valem pelas obras que neles praticamos. Se Deus mandasse contar por um anjo os meus dias, quantos encontraria cheios de boas obras? Talvez bem poucos! De vinte, trinta, quarenta anos, quantos passados na prática das virtudes, no zelo das almas, num intenso serviço de Deus?... Se lhe mandasse contar os dias passados sem culpa alguma, talvez não encontrasse nenhum!...

Para evitarmos uma morte tão lamentável, procuremos que os dias, que ainda nos restam de vida, sejam verdadeiramente dias cheios de virtudes e boas obras. *Et dies pleni invenientur in eis.* (Sal. 72,10)

Foste pesado na balança. — O profeta Daniel interpretando a palavra *Thecel*, disse que Baltazar foi encontrado tendo de menos, isto é, as boas obras não superavam as más, e por isso foi condenado.

Não será este o meu caso? Terei obras suficientes para comprar o céu? Não haverá falta de santidade em minha pessoa, de reta intenção em minhas obras, de atenção em minhas orações, de arrependimento em minhas confissões, de zelo em minhas pregações?... Em quantas de minhas obrigações serei encontrado *minus habens*, tendo de menos o que devia ter de mais? mais pontualidade, mais perfeição, mais reta intenção?

Para que na morte nos não inquietemos com nos vermos de mãos vazias, agora é o tempo de entesourar riquezas para o céu, como nos aconselha o divino Mestre: *Thesaurizate thesauros in coelo.* (Luc., 12, 33)

O teu reino foi dividido e entregue aos Persas.

A morte despoja de tudo. Não há que apegar o coração a bem nenhum deste mundo. O que um possui, será entregue a outro, e cada um só leva consigo as suas boas ou más obras.

O céu é o reino que nos está destinado; mas, se na morte formos encontrados sem obras suficientes para o comprar, veremos outros entrar em sua posse e nós ficaremos de fora. Jesus louvando a fé do Centurião sobre a de seu povo eleito, disse: "Em verdade, em verdade vos digo, que muitos virão do Oriente e do Ocidente e sentar-se-ão com Abraão, Isaac e Jacob no reino dos céus; porém os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes". (Mat., 8, 10)

Ainda que é duro aplicar estas palavras aos sacerdotes, que formam o povo escolhido da Nova-Lei, contudo, servem para nos incutir um santo temor de virmos a perder a herança, que Jesus Cristo

nos conquistou. Pois não se tem visto padres apóstatas, judas trai-
dores, que negaram a fé do Batismo e se passaram para os campos
dos inimigos da Igreja?

São também para ponderar estas palavras do Salvador: "Os Nini-
vitas levantar-se-ão, no dia do juízo, com esta geração e a conde-
narão; porque fizeram penitência com a pregação de Jonas". Aplicando
ao nosso caso, podemos dizer, que muitos pagãos e cristãos leigos
se levantarão no dia do juízo e condenarão muitos sacerdotes, que não
fizeram penitência com a pregação de Jesus Cristo lida tantas vezes
no Evangelho.

"A rainha do Austro, que veio dos confins da terra ouvir a sabe-
doria de Salomão, levantar-se-á, no dia do juízo, e condenará esta
geração, que não quis ouvir a doutrina deste que é mais que Salomão".
(Mat., 12, 41)

É sob esta terceira imagem que Jesus Cristo censura a increduli-
dade do povo judeu, pela qual será condenado no dia do juízo. Cui-
demos, pois, em nossa morte e em assegurar o reino do céu com uma
vida santa, passada na oração e penitência. Não deixemos que outros
nos roubem o reino e a coroa, que Jesus nos preparou com sua morte.
Tene quod habes ut nemo accipiat coronam tuam. (Apoc., 3, 11)

Agora, à guisa de conclusão, vou apresentar um último modo de
morrer por experiência, que é assistir à morte de alguém. Muito se
aprende com isto.

Aprende-se a não temer a morte e a contar com ela como coisa
certa. Tendo morrido no colégio de Coimbra um jovem jesuíta, o
Pe. Jorge Rijo deu várias voltas à roda do cadáver e acabou por dizer:
"Se morrem os cordeiros, que será dos carneiros?" Com este santo
humorismo foi-se também preparando para a sua hora.

Aprende-se a não se apegar à vida e a desejar o céu. Estando
para morrer um estudante no colégio de Coimbra, perguntou-lhe o
Pe. Reitor, se desejava viver ainda alguns anos. Respondeu, em latim
como era regra sua: *Sat vixi mihi, mundo ET PECCATIS MEIS* :
Vivi bastante para mim, para o mundo e para os meus pecados.

Aprende-se a encarar a morte com alegria. Estando o Pe. Manuel
Henriques para morrer e notando o Superior que estava muito brin-
calhão, disse-lhe; que o momento não era para graças, mas muito
sério. Respondeu o Padre: "Pois a quem é que eu servi? Foi a Mafoma?
foi ao demônio? Toda a minha vida servi a Deus e por isso não
tenho de que me entristecer. (*Ano Santo* da Companhia de Jesus).

Aprende-se a resignação e paciência, com que morrem muitos
cristãos. O Pe. Antônio Vaz, jesuíta, morto recentemente, sofria gran-
des dores em sua última doença. Perguntando-lhe os que o visitavam,
como passava, respondia sempre com o sorriso nos lábios: Otimamente!

Aprende-se a andar sempre preparado e com as contas bem ajustadas com Deus. Estando para morrer o Pe. Vasco Pires, um irmão, que fora seu noviço, pediu-lhe que lhe deixasse, por lembrança, algum aviso espiritual. — “Filho, respondeu o padre, o que vos digo é que não deixeis nada para esta hora”.

E outras lições poderemos aprender dos que morrem, que muito nos servirão para nos irmos dispendo para essa hora, pela qual todos havemos de passar.

O Padre e o “Consummatum est”

Imaginemos que estamos atacados de uma doença incurável e que o progresso do mal nos conduziu às portas do túmulo. Um de nossos parentes, o nosso superior ou o nosso confessor aproxima-se do leito para nos preparar para a fatal notícia e diz-nos: É bom pôr-se nas mãos de Deus e estar preparado para o que sua santíssima vontade determinar. Os médicos perderam a esperança de sua melhora e agora só resta preparar-se para receber os últimos sacramentos.

Que devemos fazer ao ouvir tal notícia? Reanimar nossa submissão à vontade de Deus, nossa esperança nos bens do céu e nossa confiança na misericórdia divina. Esquecendo-nos de todo e qualquer outro negócio, só nos resta pensar em nosso último sacrifício para o fazer com toda a perfeição e generosidade possível. A morte não a podemos evitar mais, pois chegou para nós a última hora de nossa vida e é preciso recebê-la com as melhores disposições cristãs.

Ato de submissão.

Logo que a fatal notícia nos for comunicada, submetamo-nos, primeiramente, à ordem de Deus, resignando-nos plenamente em sua santíssima vontade. Para isto, refletamos que tudo, que Deus faz, é bem feito: *Disponit omnia suaviter.* (Sap., 8, 1); que tudo Ele dispõe para nosso maior bem, que, melhor que nós, conhece o que é mais vantajoso para sua glória e para nossa eterna salvação. Saibamos que tudo que sucede no mundo é ordem de Deus, que tem contados os cabelos de nossa cabeça. *Vestri autem capilli capitis omnes numerati sunt. Nolite ergo timere.* (Mat., 20, 30). Se a doença nos prostrou, se a morte nos deve visitar em breve, é porque esta é a vontade de Deus, e daqui só pode resultar o nosso bem espiritual.

Ato de resignação.

Deus é o Senhor soberano de tudo e nós devemos-nos curvar diante de seus altíssimos desígnios. Quando nos anunciarem, pois, a nossa morte próxima, devemos fazer um ato de perfeita resignação na vontade de Deus, e, do fundo de nosso coração, dizer, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo: "Meu Deus, faça-se a vossa vontade e não a minha". *Non mea sed tua voluntas fiat.* (Luc., 22, 42) Meu Deus, fazei de mim o que Vos aprouver. Eu quero o que Vós quereis. Meu coração está pronto, meu Deus, meu coração está pronto. *Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum.* (S., 14, 8)

Quer viva, quer morra, sou de Deus. *Sive vivimus, sive morimur, Domini sumus.* (Rom., 14, 8)

Ato de aceitação.

Mas não nos devemos contentar com um ato de resignação na vontade de Deus. Devemos aceitar, generosamente, a morte como um dom, seu, que, como diz Santo Inácio, não é menor que a saúde. E como se lê na Missa dos Defuntos, *Vita mutatur, non tollitur*, a vida não nos é tirada, mas apenas se muda por outra melhor. Deus não nos vem tirar a vida, vem melhorá-la; por isso se costuma dizer dos que morrem, que "passaram a melhor vida"; ou que, abandonando o invólucro do corpo, emigraram para o Senhor: *Deposito corpore, ad Dominum migravere*. Por isso, convém-nos fazer um ato de aceitação da morte, por nela se nos oferecer uma bela ocasião de praticar as muitas virtudes, que nela se encerram, e para cumular nossa alma de méritos, que nos servirão para abreviar as penas do Purgatório e tornar mais brilhante nossa coroa no céu.

Ato de adoração.

Depois de aceitarmos, assim, generosamente, a morte das mãos de Deus, devemos adorar o seu soberano domínio sobre todo o nosso ser. Dando-nos a vida, o Criador não se privou do poder de no-la tirar de novo. Deu-no-la como um depósito, com direito de no-lo reclamar, quando muito bem lhe parecer. Deu-no-la como um talento para negociarmos com ele e agora vem recolher o capital e mais os juros. Deu-no-la como uma vinha arrendada, e agora vem pedir conta de nossa administração. Adoremos a Deus fazendo-Lhe o sacrifício do nosso ser e entreguemos-Lhe a alma, que d'Ele recebemos, e, prostrando-nos diante d'Ele, reconhecemos o seu supremo domínio sobre nós, como sobre toda a criação.

É certo que não podemos escapar da morte, mas a bondade de Deus é tão grande que quer receber, como uma livre homenagem, o sacrifício, que Lhe fazemos, de nossa vida. Julguemo-nos, pois, por muito felizes por nos podermos oferecer a Deus, como Jesus Cristo, que, morrendo, se ofereceu a seu Pai, vítima da justiça divina pelos pecadores.

Ato de imolação.

Aceitemos a morte, voluntariamente, como uma imolação de amor, e despojemo-nos de tudo que nos é mais caro, em prova de submissão à ordem de Deus. Deus imolou-se por nós na cruz com a morte mais dolorosa de que há memória, mostrando-nos um amor, que ultrapassou todas as medidas, porque foi infinito. Chegou também para nós o momento de nos imolarmos e de mostrarmos, com o último ato de nossa vida, que O amamos com todo o nosso coração, com todas as nossas forças e com toda a nossa alma. (Mat. 22, 37) Não há maior sinal de amor que dar a vida pelos que se amam, disse Jesus Cristo. (Jo., 15, 13) Chegou a hora de realizarmos esta prova de amor a Deus, nosso Pai celeste, e a Jesus nosso divino Redentor. Façamos, pois, o sacrifício de nossos bens, de nossa vida, aceitando a morte como um martírio voluntário, imolando-nos como vítimas por seu amor.

“Se os anjos pudessem desejar alguma coisa, diz S. Agostinho, teriam inveja aos homens de poderem morrer por amor de Deus”. Por outra parte, os Doutores da Igreja nos asseguram, que a intensidade do amor puro e sincero, com o qual oferecemos a Deus o sacrifício de nossa vida, pode chegar a fazer pagar à alma todas as dívidas, que ela contraiu com a justiça divina.

Esforcemo-nos, pois, por ter esta santa disposição. Ao menos peçamos a graça para isto, dizendo de todo o coração com S. Francisco de Assis: “O’ meu Deus, que a doçura e vivacidade de vosso amor consuma de tal maneira minha alma, que possa morrer por vosso amor, pois Vós Vos dignastes morrer por mim”.

Justo castigo.

Aceitemos também a morte como um justo castigo de nossos pecados. Percorrendo, em espírito, as diferentes maneiras por que ofendemos a Deus, depois que nossa razão conheceu, suficientemente, o mal para o cometer, reconheceremos que nos tornámos culpados de muitas faltas. Quantos pecados, quantas negligências no serviço de Deus, quantas injustiças, quantas torpezas, quantos sacrilégios assinalaram a nossa vida! Com toda a verdade podemos dizer com o profeta David, que os nossos pecados ultrapassaram os cabelos de nossa cabeça. *Multiplicatae sunt super capillos capitis mei.* (S. 39, 13)

E para expiar todos estes pecados Jesus, nosso divino Salvador, que é a mesma inocência, teve de sofrer, de agonizar e de morrer na cruz por cada um deles. E como é que não havemos de sentir também nós a necessidade de sofrer e morrer para expiar nossas próprias culpas? Como não experimentarmos uma certa consolação em oferecer a Deus nossa vida em castigo de nossos pecados, como Jesus ofereceu por nós a sua? Curvemo-nos, pois, diante dos altos desígnios de Deus e digamos com toda a humildade: “Justo sois, Senhor, e

dou-Vos graças pelos meus sofrimentos e pelo sacrifício, que exigis de minha vida. Pequei muito. Ah! não me poupeis neste mundo para me fazerdes misericórdia no outro. Voluntariamente Vos ofereço minhas dores, minha agonia e minha morte em expiação por todos os meus pecados.

Nosso último sacrifício.

Aceitando a morte como um sacrifício de expiação, praticaremos um ato religioso dos mais meritórios e santos.

A morte, tomada como nosso último sacrifício e sofrida com espírito de expiação, aparecer-nos-á despida de tudo que a torne amarga e terrível, para tomar um caráter de grandeza e majestade. O espetáculo da desorganização e corrupção, que vemos realizar-se em nosso corpo, não nos revela, somente, o nada e impotência da criatura, mas dá-nos a ideia da imolação de uma vítima, que se está consumindo e oferecendo à honra e glória de Deus.

A morte é um verdadeiro sacrifício. O leito da dor converte-se num altar: o corpo que se decompõe, é a vítima do holocausto; a febre da doença é o fogo, que a consome e devora; a alma, que se oferece aos golpes da divina justiça, em expiação pelos próprios pecados, é o sacerdote cumprindo a função sublime de sacrificador. Depois do sacrifício do Homem-Deus sobre a cruz, morrendo por todos os homens, e sobre o altar renovando, cada dia, esse mesmo sacrifício, a terra não pode apresentar ao céu coisa mais augusta e santa como a morte de um cristão. Ela é a união amorosa da dor humana ao sofrimento de Jesus morto por nosso amor. Ele completa humana ao sofrimento de Jesus morto por nosso amor. Ela completa em nós o que faltou à Paixão de Cristo, como diz S. Paulo : *Adimpleo in me quae desunt passioni Christi*. Como Ele, nós podemos oferecer a Deus também o nosso sacrifício.

Fim dos trabalhos. •

Enfim, aceitaremos a morte voluntariamente e até com alegria, se pensarmos que ela vem pôr termo à nossa vida de imperfeições e pecados, a nossos trabalhos e misérias, a nossas perseguições e sofrimentos, à guerra, enfim, com os inimigos de nossa salvação. Então diremos com S. Paulo : *Cursum consummavi, fidem servavi, in reliquo reposita est mihi corona justitiae*. Então nos acenará Deus com o prêmio, que nos tem preparado pela fidelidade, com que O servimos. *Ego ero merces tua Veni, coronaberis*. Então veremos chegado o tempo de recebermos o salário por termos trabalhado na vinha do Senhor. *Veni, coronaberis*. Então, a coroa da glória.

Desejo do céu.

A vizinhança da morte nos fará esquecer todas as coisas da terra para nos ocuparmos só em desejar os bens eternos. Então nos recor-

daremos daquelas palavras tantas vezes lidas na IMITAÇÃO DE CRISTO: "O' Jesus, quando te irei ver? Quando contemplarei a glória de teu reino? Quando serás para mim tudo em todas as coisas?"

Nesta hora, sobretudo, devemos-nos ocupar nestes santos desejos, pois certas revelações feitas por Deus a alguns Santos e a doutrina de muitos teólogos dizem que há no Purgatório uma pena especial para aqueles que na terra não se ocuparam bastante com o desejo do céu. Aproveitemos nossos retiros mensais para meditar sobre a glória dos bem-aventurados, e para suspirar ardentemente pela felicidade do céu, e para não incorreremos, assim, a pena do Purgatório reservada àqueles que vivem esquecidos do único bem, a que devem aspirar. Se assim o fizermos, teremos eliminado de nossa vida a indiferença em que tantos vivem com respeito à felicidade, que Deus nos tem reservada no Paraíso.

É chegado o tempo de se realizar em nós a palavra da Escritura : *Ibit homo in domum aeternitatis suae*. Não somos mais desta terra. O céu, e só o céu, será a nossa morada. *Et dissoluta terrestri hujus incolatus domo, aeterna in coelis habitatio comparatur*. O céu foi sempre a nossa esperança durante toda a vida, e agora nos vemos perto da sua realização.

Digamos pois com toda a confiança :

Com minha Mãe estarei
Na santa glória um dia,
Junto à Virgem Maria
No céu triunfarei.

Passagem para a outra vida.

A vida é uma viagem mais ou menos longa, que todos temos de fazer por caminhos muito diferentes, mas todos na mesma direção: o encontro final será com Jesus Cristo no limiar da eternidade. A morte é, pois, a passagem da terra para o céu. Com ela se termina a nossa peregrinação neste vale de lágrimas. É a feliz chegada ao porto, depois de uma longa tempestade. É o raiar da aurora do dia, que não conhece ocaso, e que será iluminado pelo Sol da Divindade, dia eterno em que poderemos ver a Deus face a face, e gozar, nesta visão e neste amor, de uma felicidade sem limites.

O Santo viático.

Para esta passagem do tempo para a eternidade precisa o cristão de se munir do santo Viático. Para o recebermos precisamos de nos

Preparar o melhor possível. Lembremo-nos, em primeiro lugar, que vamos receber o nosso Juiz e que nos importa sobremaneira atrair sobre nós a sua misericórdia.

É o último encontro que vamos ter com Jesus neste mundo, é a última visita de um amigo que tantas vezes tivemos nas mãos, que tantas vezes visitámos, e que vem, agora, por Si mesmo pagar todas essas visitas com se nos oferecer por companheiro através da senda tenebrosa da eternidade. É a última comunhão, a mais solene de todas pelas cerimônias impressionantes que a acompanham.

Antes de entrarmos em contacto com as realidades apresentadas pela fé, aguardadas pela esperança, amadas pela caridade, nos servimos, ainda uma vez, da presença e da ação de Cristo, pela Eucaristia, para nos purificarmos e fortalecermos para o último combate. O Verbo humanado põe-se à nossa disposição para ser o nosso alimento no último esforço da vida. A comunhão por Viático é a suprema participação da Missa, desse sacrifício que tantas vezes oferecemos a Deus, e que recorda ao cristão que não há, para ele, esperança de salvação e de ressurreição senão em Cristo e por Cristo. É a última prova de amor que nos dá o Coração Eucarístico de Jesus, que nos vem pagar o pouco que por Ele fizemos em bem das almas.

Extrema-Unção.

Para a agonia, que será o nosso último combate, precisamos de um novo reforço que temos na Extrema-Unção. Os seus efeitos, enquanto à alma, são: fortificar-nos contra as dificuldades e angústias da morte, premunir-nos contra as tentações do demônio, purificar-nos dos últimos vestígios do pecado e diminuir as penas temporais merecidas por nossas faltas. Enquanto ao corpo, a Extrema-Unção confere uma graça particular para nos ajudar a suportar as incomodidades e sofrimentos da doença. Pode até restituir a saúde, se Deus julgar conveniente para bem de nossa alma.

Última agonia.

Depois de todos estes preparativos, chegará, por fim, a hora fatal. Oxalá que os que nos cercam, possam prever, a tempo, este instante para nos recitarem as orações dos agonizantes e nos segredarem os sentimentos de confiança, de amor e de arrependimento, que nós desejaríamos então formular, ao menos de coração, pela última vez.

Quando os sintomas da morte se desenharem em nosso corpo e começar a agonia com todo o cortejo de angústias e dores, então nos devemos unir, em espírito, às orações dos agonizantes, que se estão recitando junto do nosso leito.

Conclusão.

A morte é, pois, o momento de olharmos para o céu e, de dizermos com o real Profeta : *Laetatus sum in his quae dicta sunt mihi. in domum Domini ibimus.* (S., 121, 1) “Como o cervo deseja a fonte das águas puras, minha alma suspira por vós, ó meu Deus”. (S., 41,1) E com S. Paulo : *Cupio dissolvi et esse cum Christo.* (Fil., 1, 23)

Se nos deixarmos penetrar destas considerações, a morte não nos meterá medo, e nos resignaremos a aceitá-la com as disposições de submissão e amor, que a tornarão verdadeiramente santa e meritória.

Obras do mesmo Autor:

Os Domingos de São Luiz

A Moral em Exemplos (1.º vol.)

Psicologia da Oração

Através do Além

O Último Suspiro de Jesus

Reflexões Evangélicas

Conferências a Seminaristas

Deus em Nós (versão)

Em Cristo Jesus

Exercícios Espirituais

Raios de Luz

Perseverança na Companhia de Jesus

Vida de São João Berchmans, S. J.

Vida de São Francisco Xavier, S. J. (versão)

Mês de Maria em Família

Devocionário do Jovem Piedoso

Cânticos Religiosos

Resposta a uma Consulta (Folheto)

LIVROS QUE CONSTITUEM VERDADEIROS AUXILIÁRES PARA O CLERO

REGRESSO AO LAR — por Mariano Pinho, S. J.

2.^a edição, com prefácio do Exmo. e Revmo. Sr. Cardeal Arcebispo Dom Augusto Álvaro da Silva.

Meditando a célebre parábola do "Filho Pródigo", o ilustre autor apresenta, sob os mais variados pontos de vista, as relações entre Deus — nosso Pai celeste — e o Homem, sempre a fugir de Deus e sempre acolhido misericordiosamente pelo seu amantíssimo Criador.

★★

JESUS CRISTO FILHO DE DEUS — por Adolfo Thoosen, O. F. M.

Este livro que nos apresenta os fatos da vida do Divino Mestre em sua ordem cronológica, é uma fonte preciosa na elaboração das homilias.

★★

HEREGES E HERESIAS — por Mariano Diekhans, O. F. M.

É um rico manual para os pregadores, pois, desenvolve, em termos sucintos, a luta da Igreja pelas verdades e pela legítima doutrina da revelação.

★★

A MORAL EM EXEMPLOS — por Alexandrino Monteiro, S. J.

Valiosa coleção de exemplos para as pregações e para o catecismo. Nenhum catequista e missionário pode dispensar este livro.

★★

INÉDITOS E DISPERSOS — sermões do Revmo. Pe. L. Gonzaga Cabral.

O saudoso orador sacro, que em vida defendeu tão ardorosamente o reino de Cristo, continua nas páginas deste livro a exercer sua grande missão: pregar a doutrina de Cristo.

★★

SANTO AGOSTINHO, MESTRE DE NOSSO TEMPO — por Gabriel Riesco, O. S. A.

O doutor da Igreja, que foi o baluarte contra as heresias do seu tempo, continua ainda hoje em dia a ser guia e mestre dos que procuram a verdade.

Faça seu pedido à

EDITORA MENSAGEIRO DA FÉ LTDA.

Caixa Postal, 708

Salvador - Bahia